CAROL WALLACE

BEN-HUR

Uma história dos tempos de Cristo

CAROL WALLACE

Baseado no romance de LEW WALLACE

Tradução Antonio Carlos Vilela

Súmário

- Dedicatória
- Prefácio
- Epígrafe
- PARTE 1
  - 1. Juventude
  - 2. Desastre
  - 3. Água
  - 4. Lacrado
- PARTE 2
  - 5. Embarcado
  - 6. Um escravo
  - 7. Correntes
  - 8. Mar em chamas
  - 9. À deriva
  - 10. romano
- PARTE 3
  - 11. O administrador
  - 12. Muitos deuses
  - 13.Uma donzela
  - 14. Escuridão
  - 15. Segredo
  - 16. Oásis
  - 17. Nas tendas
  - 18. Poeira
  - 19. Sorte
  - 20. Cavalos
  - 21. Sem véu
  - 22. Filho de Hur
  - 23. Quem?
  - 24. O rei que virá
  - 25. Um judeu
  - 26. Filhos do vento
  - 27. Apostas
  - 28. Multidões
  - 29. Velocidade
- PARTE 4
  - 30. Uma mensagem
  - 31. Surpresa
  - 32. Dúvida
  - 33. Retorno
  - 34. Impuras
  - 35. Livres
  - 36. Lar
  - 37. Apedrejadas
  - 38. Cavernas

À memória do meu pai, William Nobel Wallace,
o historiador da família.

Prefácio

Talvez você tenha crescido com a história de *Ben-Hur*. Talvez sua família assistisse ao filme toda Páscoa. É provável que você tenha visto trechos da corrida de quadrigas em premiações na TV – o YouTube está cheio deles. Talvez você tenha formado em sua cabeça, neste momento, uma imagem do logotipo do filme de 1959, com aquelas imensas letras de pedra compondo o título *Ben-Hur*.

Eu também cresci com *Ben-Hur*, mas de um modo diferente, porque meu trisavô escreveu o livro original. *Ben-Hur* foi publicado em 1880 e por mais de 50 anos foi o romance mais vendido dos Estados Unidos. Isso significa que havia cópias do livro espalhadas por todos os cantos da nossa casa, porque as pessoas as davam para nós.

Contudo, isso não significa que nós lemos o romance. Éramos uma família de leitores e devorávamos alegremente qualquer coisa com uma capa, mas *Ben-Hur* era um desafio grande demais. Sabíamos que devia existir uma boa história ali – por que outra razão o livro teria sido adaptado para o palco e o cinema? Nós só não conseguíamos encontrar a diversão que estava enterrada na prosa antiquada de Lew Wallace.

Mas, recentemente, eu peguei uma velha cópia, com uma capa dura azul-escura (e uma inscrição datada de 1892 na contracapa), e me sentei para ler de verdade. Foi um trabalho duro, tenho que admitir. A trama se desenrola bem devagar, e o diálogo foi escrito com a intenção óbvia de parecer antigo. Os personagens praguejam em latim, por exemplo. E mais, as descrições de ambientes e cenários duram muito mais do que seria necessário. Em 1880, antes que boa parte do Oriente Médio fosse fotografada, esses detalhes eram novos e exóticos. Agora eles apenas atrapalham a ação.

Ainda assim eu compreendi, afinal, o apelo duradouro de *Ben-Hur*. Ele é, ao mesmo tempo, empolgante e comovente. Para escrever o romance, Lew Walace, um escritor e advogado de Indiana, inspirou-se como um exercício de sua fé cristã. As aventuras do heroico Judah Ben-Hur dramatizam as escolhas morais e espirituais que se apresentavam com urgência nos primeiros dias do Cristianismo. No romance original, a famosa corrida de carruagem é, com certeza, a cena mais icônica. Mas ela dura apenas onze páginas e aparece a um terço do fim do livro, o que significa que acontecem muitas outras coisas na história do nosso herói. O coração e a alma de Judah Ben-Hur estão em jogo.

Como escritora, eu pude ver o potencial que existia no livro tão amado do meu trisavô. Ele poderia ser atualizado com cortes, reposicionamento de certas passagens, mais profundidade nas personagens femininas, ritmo mais rápido e linguagem contemporânea.

Então, aqui está, uma nova e empolgante narrativa da história que empolgou e iluminou milhões de leitores em todo o mundo por mais de 125 anos.

Carol Wallace

Quando eu finalmente me sentar com as roupas e os chinelos de velho, ajudando o gato a manter a lareira quente, vou olhar para trás e ver Ben-Hur *como meu melhor momento.*

Lew Wallace, 1885

PARTE 1

Era cedo. O pátio continuava na sombra e o ar frio não tinha evaporado a água derramada pelos jardineiros. Judah Ben-Hur saltou uma poça no pé da imensa escadaria. Aos 17 anos ele já era velho demais para ficar pulando como uma criança, mas não conseguia conter sua empolgação: Messala tinha voltado! Judah chegaria muito cedo para o encontro que marcaram, mas isso não importava. Ele queria sair do palácio antes que uma das mulheres o visse e perguntasse aonde estava indo. Mas…

"Judah", chamou Amrah, sua antiga babá, vinda da cozinha. "Aonde você vai tão cedo?"

"Lugar nenhum", ele respondeu. "Vou sair."

"Sua mãe sabe? Quando você vai voltar?"

Ele olhou para o rosto moreno da mulher, enrugado sob o véu.

"Não, ela não sabe. Vou ficar fora o dia todo." Ele percebeu que tinha soado grosseiro, então se inclinou e a beijou no rosto. "Messala voltou, Amrah. Estou indo encontrá-lo. Vou voltar para casa no pôr do sol." E antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, ele puxou o braço da mão dela e escapou pela porta recortada no grande portão, acenando ao passar por Shadrach, o porteiro.

Esse sempre foi o plano. Messala era romano, de uma família rica e poderosa. Seu pai ficou em Jerusalém durante anos como cobrador de impostos. Roma governava seus estados clientes com a ajuda de seus cidadãos mais poderosos, e foi assim que o Príncipe Ithamar da Casa de Hur, um mercador e comerciante com frotas de navios e armazéns por todo o Oriente, conheceu o pai de Messala. E então, os garotos se tornaram amigos. Eles passavam os dias juntos, explorando Jerusalém, fazendo estilingues, contando histórias. Quando completou 14 anos, Messala foi enviado de volta a Roma para terminar sua educação. Cinco anos mais tarde, ele estava de volta, e agora Ben-Hur corria pelas ruas estreitas para encontrá-lo. Ele correu através de blocos de sombra e sol, sentindo a diferença no calor alguns passos depois. Quando se aproximou dos jardins do palácio, diminuiu a marcha. Não queria encontrar Messala estando ofegante.

Uma carroça passou por ele, deixando nuvens de poeira, e Ben-Hur recuou para o arco de uma porta, onde espanou com as mãos sua túnica branca de linho. Ele observou a manga onde Amrah o tinha segurado, e os vincos estavam marcados no tecido fino. Ele deu de ombros e disse para si mesmo que Messala não iria notar.

Minutos depois, ele chegou ao lugar marcado, um banco de mármore perto de um tanque nos jardins do palácio. O lugar estava vazio àquela hora do dia, quando o sol se derramava sobre os terraços de mármore e as palmeiras lançavam longas sombras. Nada de Messala. Ben-Hur se

sentou no banco. Aquilo era uma pedra em sua sandália? Ele remexeu os dedos. Talvez um espinho. Judah soltou a correia e tirou o pé para fora, mas antes que conseguisse encontrar o espinho, ouviu os passos de Messala nos pedriscos e levantou para ver o amigo.

Um homem! A diferença de idade entre eles sempre foi importante. Dois anos é uma eternidade quando um amigo tem 12 anos e o outro 14. Ben-Hur sabia que tinha mudado. Ele cresceu, desenvolveu-se; sua voz tinha mudado. O rosto que ele via no espelho de bronze polido não era mais o de uma criança. Mas Messala! Estava refinado em sua túnica leve de algodão com as bordas vermelhas. Mais alto, forte, bronzeado de sol, mas arrumado com elegância. Quando se abraçaram, Ben-Hur sentiu o cheiro de alguma pomada exótica no cabelo do amigo. Então Messala o afastou para observá-lo. Ben-Hur de repente se sentiu desajeitado, parado em um só pé, com a sandália na mão.

“Então, aqui estamos de novo!”, Messala disse, comovido, e sentou-se no banco. “Venha, sente-se. Tire essa pedra da sandália e fique à vontade.”

Judah sentou e retirou da sandália o espinho longo que tinha ficado preso entre a tira e a sola. Ele o mostrou para Messala.

“Imagino que as estradas pavimentadas romanas estejam sempre muito bem limpas.”

“Sempre”, Messala concordou. “Nossos escravos as varrem. Você pode andar descalço nelas, com conforto.” Então o rosto dele ficou sério. “Sinto muito, Judah. Eu soube da morte do seu pai. Ele era um homem bom.”

“Obrigado”, Judah respondeu, olhando para suas próprias mãos. “Ele era. Nós sentimos falta dele.”

“Tenho certeza de que toda Judeia sente. Como isso aconteceu?”

“Uma tempestade no mar”, Ben-Hur respondeu. “Não deixou sobreviventes, mas parte dos destroços apareceu nas praias da Cirenaica. Soubemos que houve uma tempestade súbita. Alguns dizem que foi uma tromba-d’água.”

“Há quanto tempo?”

“Três anos”, Ben-Hur respondeu.

“E sua mãe?”

“Ainda está sofrendo.”

“E quanto à pequena Tirzah? Com que idade ela está?”

“15 anos.”

“Uma mocinha, então! Deve estar muito bonita.”

Ben-Hur assentiu.

“Está, mas ela não sabe disso. Ainda é praticamente uma criança.”

“Mas já está na hora de pensar em casamento”, Messala disse. “Sua mãe já escolheu um marido para ela?”

“Ainda não. Acho que minha mãe vai querer a companhia dela por algum tempo.”

“Porque você, meu amigo Judah, em breve vai sair para o mundo?”

“Ah, eu não sei”, Ben-Hur se esquivou. “Não é fácil. Minha mãe não diz nada, mas acho que ela quer que eu comece a pensar nos negócios do meu pai. Nós temos um administrador, mas meu pai trabalhou tanto. Alguém na família precisa se interessar por isso.”

“E fazer o dinheiro continuar entrando”, Messala disse, irônico. Judah olhou surpreso para ele. “Bem”, Messala continuou, “todo mundo sabe como os judeus dão importância ao dinheiro”.

Judah sentiu que ficava corado, mas conseguiu retrucar.

“Isso é ridículo! Ainda mais vindo do filho de um cobrador de impostos. Acha que eu não me lembro do seu pai com os cofres cheios de moedas e os livros-caixa?”

Messala ficou em silêncio por um instante.

“Você tem razão”, ele disse, enfim. “Fiquei fora por muito tempo. Esse tipo de coisa não

pode ser dito em Jerusalém”.

“Nem pensado, eu espero”, Judah acrescentou.

“Oh, claro que não”, Messala disse, ficando em pé. “Vamos andar. Eu tinha esquecido de como o sol é quente por aqui.”

Judah se apressou para afivelar a sandália e ficar em pé.

“Como é Roma?”, ele perguntou. “Como cidade, eu quero dizer.”

“Você vai ter que ir até lá algum dia e ver por si mesmo”, Messala lhe disse. “Não existe nada igual no mundo. Não só porque é linda – embora seja. Você nunca viu edificações tão magníficas.”

“Mais do que o templo?”

“O templo que Herodes começou a construir aqui é ótimo para uma capital provinciana com uma religião primitiva”, Messala começou.

“Não”, Judah disse, ficando imóvel. “Lembra? Você não pode dizer isso.”

“Sobre a capital provinciana?”, Messala perguntou. “Ou sobre a religião primitiva?” Ele pôs a mão no ombro de Judah e lhe deu um pequeno empurrão para que continuasse andando. “Tudo bem, me desculpe. É só que todo mundo fala assim em Roma.”

“O que não significa que seja verdade”, Judah retorquiu. Ele pensou que podia estar parecendo mal-humorado, então acrescentou: “Eu sou seu amigo, então sei que não está falando por mal. Mas se os outros o ouvirem… Há um forte sentimento contra os romanos. Você precisa ter cuidado”.

“Tudo bem”, Messala disse, tranquilo. “Aonde nós vamos? Ao bazar?”

“Mas é claro”, Judah respondeu. “Embora lá não vá estar muito mais fresco.”

“Pelo menos vamos ficar na sombra”, Messala disse.

Eles caminharam em silêncio por alguns minutos. Judah observava Messala, comparando seu velho amigo com aquele homem que andava ao seu lado.

“Já sei o que é!”, ele disse, afinal. “Você está andando de um modo diferente!”

Messala soltou uma gargalhada, e pela primeira vez Judah reconheceu o jovem que foi seu amigo.

“Era isso mesmo que eu lembrava de você”, Messala disse. “É tão observador!”

Judah deu de ombros, mas ele gostava de saber que Messala tinha uma opinião a seu respeito.

“Bem… espero que não tenha se ofendido.”

“Não vou me ofender se explicar o que quis dizer.”

“Ah, não é nada de mais. Mas você anda…” Judah parou e endireitou os ombros. “Como um soldado, eu acho.”

“Muito bem! Você adivinhou sem que eu precisasse lhe contar!”

“O que aconteceu, você entrou para o exército?”

“Entrei”, Messala confirmou. “Lembra? Eu sempre quis isso.”

“Eu lembro”, Judah respondeu. “Tudo que nós encontrávamos, transformávamos em armas.”

“Principalmente espadas. Você sabia transformar qualquer coisa em espada. Lembra daquelas folhas imensas? Aquelas coisas enormes do teto do seu palácio?”

Judah riu.

“É, nós fizemos espadas com aquilo. E então o velho Shadrach, o porteiro – aliás, ele continua lá – nos ajudou a deixá-las mais firmes. Com o quê? Lascas de madeira?”

“Isso, porque o portão estava sendo reformado!”, Messala concluiu. “Elas eram mortais! Olhe, eu ainda tenho uma cicatriz.” Ele estendeu o braço e mostrou uma linha de pele mais clara que corria do ombro até quase o cotovelo.

“A única vez em que eu tive sorte”, Judah disse. “Isso era o que você queria, ser um soldado?”

“É”, Messala confirmou. “O exército romano é algo glorioso. Ainda melhor do que eu tinha sonhado.

“Armas reais, pelo menos.”

“Armas reais, treinamento real e oficiais reais. E oportunidades reais, Judah! Você vai ver, eu vou explorar e conquistar novas terras para o império. Quando eu terminar, serei o soberano de toda a Síria! E você poderá se sentar à minha direita, velho amigo.” Ele passou o braço pelo de Judah quando eles saíram do jardim do palácio e se colocaram na direção do bazar. “Foi isso que Roma me ensinou: ambição. Há um mundo imenso lá fora! Você sabia que existem lugares no Norte em que chove o tempo todo, e onde os nativos se pintam de azul? Os romanos estão lá também, construindo estradas e subjugando esses selvagens. E nas colinas de areia ao sul da Líbia, dizem que existem cidades feitas inteiramente de ouro. Por que eles também não devem ser romanos?”

Judah começou a ficar incomodado outra vez.

“E por que eles *devem* ser romanos?”

“Pelo ouro, para começar. Que Roma pode usar melhor do que uma horda de bárbaros. E o domínio de Roma traz benefícios: Lei. Estradas. Edificações. Água. Proteção contra tribos hostis. Você sabe como é a *pax romana*.”

“E se as pessoas não a quiserem?”, Judah perguntou. “Essa paz romana. Aqui, por exemplo. Jerusalém não é povoada por selvagens. Já existia uma cidade aqui quando Roma ainda era um brejo.”

“Judah, você não faz ideia”, Messala retorquiu, meneando a cabeça. “Jerusalém é só um posto avançado. E nem mesmo é muito importante. O que vocês têm aqui? O templo. Colinas áridas. Tribos em conflito. Doutrinas para cá e rituais para lá. Homens debruçados sobre livros, passando os dedos por colunas de sua escrita ao contrário, murmurando sobre este profeta e aquela lei, balançando suas barbas – isso é o que os judeus produzem. Nada de arte, música, retórica, competições atléticas, nenhum grande líder ou descobridor. Apenas seu deus sem nome e esses profetas lunáticos.”

“Lunáticos?”, Ben-Hur protestou.

“Oh, e toda aquela baboseira sobre sarças ardentes e mares que se abrem…”

“Isso dito por um homem cujo povo transforma seus governantes em deuses!”

“Governar Roma e o império é uma tarefa para deuses”, Messala respondeu com frieza. “Se você continuar em Jerusalém, vai acabar se tornando um sacerdote míope, corcunda de ficar curvado sobre os livros. Eu vejo com clareza, Judah. Não existe nada aqui para um garoto como você.”

Judah tirou seu braço do de Messala e recuou um passo. Os dois estavam na beira de uma rua estreita, com muros altos dos dois lados e um trepidar constante produzido pelas carroças que passavam.

“Por que você voltou, então?”, ele perguntou para Messala. “Por que não ficou em Roma?”

Para sua surpresa, Messala ficou corado. Judah não teve certeza a princípio; um carro de boi passou e sua sombra deslizou pelo rosto de Messala, mas, depois que a sombra sumiu, Judah viu com clareza a evidência do constrangimento de seu velho amigo.

“Meu pai me queria aqui”, Messala disse, brusco. “Foi ele que me mandou. Há sempre novas tropas vindo de Roma para cá. Ele providenciou tudo.” Judah só o observava. Messala continuou, com maior fluência. “Minha mãe ficou preocupada. Ela gostaria que eu ficasse por perto mais alguns meses. Não tem como saber para onde eu serei enviado a seguir. Tenho certeza que sua mãe também se preocupa com você.”

“Não”, Judah respondeu. “Acho que ela não se preocupa.”

“É provável que você não lhe dê motivo”, Messala respondeu, e Judah ficou surpreso com a amargura na voz dele. “Você sempre foi um garoto obediente, estudioso. Um judeu típico, na

verdade.” Ele ficou observando Judah enquanto dizia isso com pura malícia nos olhos. Ele parecia estar esperando uma reação.

Mas Judah ficou atordoado demais para responder. Essa era a mesma pessoa que tinha sido seu amigo? Messala costumava ir com frequência ao palácio dos Hur. Ele provocava Tirzah. A mãe de Judah, Naomi, cantava para ele. Até os criados gostavam de Messala, embora Judah lembrasse, naquele momento, que Amrah sempre se manteve distante. Será que ela tinha percebido alguma coisa que desaprovava na personalidade de Messala?

O silêncio entre eles se estendeu; então Messala se virou e começou a se afastar. Mas antes de dar três passos, ele se voltou.

“Eu queria muito rever você hoje, mas estou vendo que não podemos ser amigos. Meu pai tinha me alertado sobre isso. Ele disse que as coisas seriam diferentes agora, e estava certo.”

Ele fez uma pausa. Judah esperou que seu amigo dissesse algo sobre arrependimento, amizade perdida… algo gentil. Mas Messala continuou.

“O novo procurador chega hoje. Você sabia? Aposto que você odeia isso. Ouvir as tropas marchando em frente à sua velha casa caindo aos pedaços… Vendo os soldados encher as ruas de sarjeta a sarjeta com suas armas reluzentes. Você, tendo que esperar, às vezes por vários minutos, enquanto eles passam diante de sua porta, antes que possa sair. Assim é a vida em Jerusalém nos nossos dias. E você sabe, Judah, que não está vivendo nos dias de glória de Salomão e seu templo. Você vive *agora*, sob o domínio de César Augusto e seus sucessores.”

Judah ficou imóvel, esforçando-se para manter o rosto impassível. Messala estava indo embora. Deixe-o ir. Ignore-o; faça-o desaparecer. Reagir só serviria para fazê-lo continuar ali. Messala o encarou por mais alguns segundos, então girou e se afastou. O sol brilhou em seu cabelo preto e seu manto de gaze azul.

Messala virou a esquina e sumiu de vista. Judah ficou ao lado da rua, encostado em um muro, olhando para o chão, até um garotinho passar com um rebanho de cabras, incomum de tão grande. As cabras o tiraram do caminho.

Capítulo 2

DESASTRE

Judah Ben-Hur não foi diretamente para casa. No palácio de sua família havia muitos olhos femininos perspicazes que notariam seu estado de espírito. E ele precisava pensar, então Judah caminhou.

Messala teria razão? Jerusalém era provinciana? Ou era uma fortaleza do povo escolhido? Será que as duas coisas poderiam ser verdade? O que havia de errado em ser provinciano, afinal? Ele, Judah, nunca tinha viajado. Ele viu o mar uma vez, antes da morte de seu pai. Eles tinham ido juntos a Jafa visitar um dos barcos de seu pai, e Judah ficou encantado com a água que se estendia para além do horizonte. Mas, de acordo com Messala, Jafa não tinha importância. Judah conhecia os mapas. Ele sabia que Roma ficava no centro do Mar do Meio da Terra. Messala sonhava em lutar e explorar os cantos distantes do Império Romano. Judah quase conseguia imaginar: homens estrangeiros, em ambientes assustadores, domesticados pelo jugo romano. Havia certa verdade no que Messala disse: Jerusalém criava homens para estudar, não para lutar. Lutar era sempre errado?

Judah vagou pela cidade por toda a tarde, olhando e pensando. Seus pés ficaram doloridos, então ele parou um pouco, sentou em um bloco de construção e ficou observando os pedreiros no templo. Poeira e um coro de marteladas enchiam o ar enquanto os sacerdotes e fiéis iam e voltavam do santuário. Ele ficou com fome e comprou figos em uma barraca de rua. Caminhou até a Porta de Damasco, onde assistiu a um comboio de camelos entrar, seguido por vários rebanhos de bodes de pelo longo. Um comerciante ao lado da porta tinha pendurado uma pele de leão em um bastidor de madeira, e um cachorro esquelético latia para aquilo. Judah sentiu as mãos pegajosas; suor escorria por sua coluna. Ele se virou para casa, pensando nas fontes do pátio e em beber um copo de água fresca à sombra.

Por que Messala estava tão diferente? Ele sempre foi assim tão seguro de si? Ele sempre foi tão cruel? Judah se sentia tão menor agora do que quando saiu do Palácio Hur pela manhã. Jerusalém também parecia menor. Ele quase podia senti-la se encolhendo sob seus pés, reduzida de Cidade Sagrada a um posto avançado no interior – ou um brinquedo romano! E os romanos estavam por toda parte com seus capacetes brilhantes e suas saias de tiras de couro curtas e oscilantes.

Quanto mais perto de casa ele chegava, mais soldados romanos havia nas ruas. Messala, um soldado. Era fácil para Ben-Hur imaginar isso. Messala era alto e forte; ele sempre teve um ar de comando. Um oficial passou marchando por Ben-Hur, empurrando-o contra o muro de uma casa, sem nem olhar para trás. Poeira cobriu seus olhos por um segundo e tudo que ele conseguia ver eram formas amarronzadas pontuadas pelo vermelho romano. Quando sua visão clareou, ele viu

que grupos de soldados convergiam para a Fortaleza Antônia, a grande edificação imperial. Messala tinha lhe dito que o novo procurador estava acrescentando mais uma tropa aos legionários já guarnecidos ali. Judah ouviu aquela notícia alguns dias antes sem reagir. Agora, contudo, aquilo o deixou irritado.

O crepúsculo se transformava em noite quando Judah, finalmente, retornou ao palácio da família. Ele abriu o postigo do portão em silêncio, desejando poder entrar sem chamar atenção, mas é claro que isso não seria possível. O velho porteiro Shadrach fez uma reverência e o cumprimentou. Estava acabando de trancar o postigo quando Amrah apareceu em um canto da casa com uma jarra e uma toalha. Ela indicou com a cabeça um banco perto da cabine do porteiro e Judah se sentou. Primeiro, ele estendeu as mãos e Amrah despejou água sobre elas. Ele percebeu que a água estava adoçada com ervas e aguçada com limão. Então Amrah se ajoelhou e pegou a bacia que ficava ao lado do portão. Judah tirou as sandálias e deixou Amrah lavar seus pés, embora o limão fizesse arder suas várias bolhas.

“O que foi isso?”, ela perguntou, passando os dedos sobre a perfuração do espinho.

“Nada. Foi um espinho.”

Ela olhou para ele. Se Judah estivesse prestando atenção, teria visto o rosto dela abrandar. Amrah estava preparada para ralhar com ele, mas o olhar distante do jovem a deteve.

“Sua mãe está na cobertura”, ela disse. “Vou trazer o jantar para você.”

“Não, obrigado”, ele respondeu. “Vou trocar de túnica e depois encontrar minha mãe.”

“Um homem precisa comer”, Amrah disse, secando os pés do jovem. Ela se levantou e curvou para esvaziar a bacia, mas ele a impediu, tomando de suas mãos e jogando a água no jardim atrás de si. Um coro de grasnidos indignados o alertou que ele havia perturbado os passarinhos que se abrigavam ali para passar a noite. Amrah tirou a bacia de suas mãos.

“Vá, Judah”, ela disse. “Sua mãe estava preocupada.”

* * *

Quando Ben-Hur chegou ao gazebo no topo do palácio, sua mãe, Naomi, já sabia o que precisava saber. Judah tinha saído de casa logo cedo, ficado fora o dia todo, retornando exausto e sisudo. Ela se recostou no divã estofado, grata à escuridão. Seria mais fácil para Judah lhe contar suas aflições se ele não pudesse ver o rosto da mãe. Pela milésima vez ela imaginou como seu marido, Ithamar, teria lidado com Judah. Ele era um garoto tão intenso, com tanto potencial! Com certeza não era apenas seu amor de mãe que a fazia acreditar que o filho poderia ser um grande homem. Mas um judeu poderia ser grande em uma Jerusalém romana?

E talvez esse não fosse o problema de Judah. Ele só tinha 17 anos. Seus professores o elogiavam, ele era bondoso com a irmã e atencioso no templo. Talvez fosse apenas a agitação da idade. Mas quando Naomi ouviu os passos do filho se aproximando, ela soube que havia algo naquele andar pesado.

Ela não se moveu, permanecendo recostada em seu canto sombrio, iluminada apenas por uma pequena lanterna sobre a mesa baixa ao lado.

“Boa noite, Judah”, ela manteve a voz neutra. “Quer se sentar um pouco comigo? Acho que talvez este seja o lugar mais fresco de Jerusalém.”

Ele arrastou uma almofada grande pelos ladrilhos e sentou no chão ao lado dela.

“Acho que você tem razão, mãe”, ele respondeu. “E hoje eu vi uma boa parte da nossa cidade.”

“E por que você fez isso?”, ela perguntou.

Nenhuma resposta, a não ser um suspiro demorado. Ela pegou um leque e o abriu, colocando-o depois ao lado no divã.

Judah estendeu o braço e tocou as penas com a ponta dos dedos.

“Eu vi Messala pela manhã”, ele disse.
“Seu velho amigo? Aquele garoto romano?”
“Ele não é mais um garoto”, Judah respondeu.
“Certo. Ele é o que, três anos mais velho que você?”
“Dois.” Ele não disse mais nada e virou o rosto para o lado. Os dois ficaram observando o jardim da cobertura, onde a lua nascente começava a pratear as touceiras de pequenas palmeiras e a fonte borbulhava. Três sapos tinham começado sua canção rítmica, e uma corrente de ar conduziu o aroma do jasmim noturno até o gazebo.
“Ele tinha voltado para Roma, não é?”, Naomi disse, afinal, para romper o silêncio entre eles.
“Ficou lá por cinco anos”, Judah respondeu.
“E o que você achou dele?”
“Está completamente romano, agora. Desdenhoso. Ele acredita que nada pode ser bom se não vier de Roma.”
“São arrogantes, esses romanos”, Naomi concordou. “E o que ele vai fazer, agora que está em Jerusalém?”
“Ele é um soldado.”
Silêncio de novo. Naomi esperou vários minutos. Ela pegou o leque e o agitou para mover o ar.
Judah suspirou de novo.
“Mãe, o que *eu* vou fazer?”
“O que você quer dizer com isso?”
“Nós, homens judeus, precisamos ter uma profissão. Devo me tornar um erudito, mercador ou fazendeiro?”
“Você quer ser alguma dessas coisas?”
“Não.” Outra pausa.
“E assumir o negócio do seu pai? Isso é algo que o atrai?”
“É isso que eu devo fazer, mãe? Seria algo útil?”
Naomi fechou o leque e alinhou as penas.
“Isso é importante para você?”
“Sim”, Judah afirmou. “Eu quero ser útil.” Mas ela percebeu algo na voz do filho que contradizia suas palavras.
“Mais nada?”
Ele se encostou no divã, a cabeça descansando no joelho da mãe.
“São tantos os limites na vida de um judeu!”, ele exclamou. “Se eu for um escultor, não poderei retratar um atleta ou um herói. Se eu for um filósofo, só poderei pensar e escrever sobre a nossa relação com nosso Deus. Nós não podemos ser curiosos?”
“O que você quer saber?”
“Eu quero saber o que eu não sei!”, ele respondeu. “Eu quero me surpreender! O mundo é grande e Jerusalém é pequena. Mas não tenho permissão de olhar além.”
Naomi teve certeza de ouvir a voz de Messala nas palavras do filho. Aquela amizade sempre a preocupou, mas de certo modo, ela percebia seu valor. Tanto ela quanto o marido, enquanto este vivia, tinham compreendido a necessidade de conviver com romanos e outros gentios. Messala era arrogante quando garoto, mas nunca desrespeitou a fé dos judeus. Adulto, ao que parecia, ele tinha abandonado essa cortesia. Pior, ela tinha ouvido boatos a respeito dele. Estavam dizendo que ele foi mandado de volta para Jerusalém porque se desencaminhou em Roma. Uma fonte disse jogatina, outra, mulheres. As duas coisas podiam ser verdade, ou nenhuma, mas Naomi não queria julgá-lo.
“Messala sempre foi ambicioso”, ela observou, mantendo a voz neutra. “Quais são os planos

dele?”

“Ele quer conquistar novos territórios para Roma. Ele já planejou tudo: exploração, conquistas, ascensão. Ele quer governar toda a Síria.”

“O que inclui a Judeia.”

“Essa é a ambição dele”, Judah disse com amargura. “Ele disse que eu poderia compartilhar da fortuna e da glória dele.”

“E como você respondeu a essa sugestão?”

“Eu não sabia o que responder.” Judah se levantou e saiu do gazebo. Sua mãe viu a silhueta do filho, produzida pelo luar, perto da fonte, onde um rouxinol começou a cantar. Ela queria ir até ele e envolvê-lo em seus braços, mas o tempo para isso já tinha passado.

Ele deu mais alguns passos e se debruçou sobre o parapeito ladrilhado, olhando para a rua. À esquerda, a grande Fortaleza Antônia bloqueava as estrelas. Ele ficou ali por alguns minutos, com os olhos no edifício.

“Eles estão agitados esta noite. Messala disse que o novo procurador, Valerius Gratus, transferiu mais uma tropa de soldados para lá. Acredito que Messala esteja de plantão neste momento”, ele disse para a mãe e voltou para o gazebo.

“Gratus vai fazer sua entrada cerimonial amanhã”, Naomi contou para o filho. “O desfile vai passar bem na nossa porta.”

“Os romanos em toda sua glória”, ele disse. “Com seus tambores, plumas e cavalos, espadas e lanças.” Ele andou de um lado para outro dentro do gazebo, tocando objetos que lhe eram tão familiares quanto suas próprias mãos – um vaso de bronze, a pátera dourada sobre a mesa com tampo de mármore, o xale de sua mãe.

Então, ele voltou para perto de Naomi e sentou, dessa vez aos seus pés, no divã.

“Qual é a nossa glória?”

“A preferência do Senhor por nós”, ela respondeu no mesmo instante. “Pense nisso, Judah! Tente compreender essa ideia como se nunca a tivesse ouvido antes. Como seu amigo lhe disse, o mundo é cheio de tribos e nações. Mas nosso Deus é o único Deus verdadeiro, e nós, judeus, somos o povo que ele salvou e cuidou. O *único* povo. Não posso deixar de pensar que, comparada à preferência de Deus, uma espada não é nada.”

Judah ficou em silêncio enquanto tentava absorver a ideia.

“Se ele prefere os judeus, por que deixa que outros povos nos persigam? Por que Jerusalém está dominada pelos romanos?”

“Você está questionando a sabedoria do Deus todo-poderoso?”, Naomi retrucou.

“Eu acho que sim”, ele respondeu pausadamente. “Eu sei que isso é errado, mas… nós não podemos questionar essas coisas? Não estou nem pensando em mim mesmo. Nós, a família de Hur, não temos do que reclamar. Mas os judeus têm sofrido milhares de anos de insultos, dominação e até escravidão. Parece um modo cruel de demonstrar preferência.”

“Sim, eu entendo que você pense assim”, Naomi admitiu. “Eu suponho que todos nós, de tempos em tempos, fazemos essa pergunta. Talvez você deva ir ao templo e pedir uma explicação a Simeão. A questão é que nós, como povo, resistimos há milhares de anos, e mantivemos nossas escrituras e nossos valores. Nós duramos mais que os egípcios e os babilônios, e com certeza vamos durar mais que os romanos. Outros povos adoram muitos deuses. Ou transformam seus soberanos em divindades, como fazem os romanos. Nós, judeus, temos um pacto com o primeiro e único Deus. Sabendo disso, não existe nada mais para se querer.” Naomi fez uma pausa. O brilho do luar jazia sobre as mãos do filho apoiadas no próprio joelho. Ele ainda tinha as articulações grandes demais, típicas de um garoto cujos músculos ainda não cresceram de acordo com os ossos. Ele bateu um dedo no outro, distraído, e ela percebeu que ele estava tentando assimilar o que ela lhe disse.

Ele era tão jovem. Às vezes era difícil lembrar o que isso significava.

“Se você pudesse fazer qualquer coisa”, ela começou, apoiando uma mão carinhosa no ombro dele, “se pudesse escolher qualquer ocupação… qual seria?”.

Ele ergueu a mão ossuda de garoto e cobriu a da mãe, envolvendo-a por completo.

“Eu seria um soldado.”

“Como seu amigo Messala”, Naomi disse, sem expressão.

“Não. Eu já estava pensando nisso antes. Mas não queria contar para você.”

“Por que não?”

Judah se virou para sorrir para ela com a doçura que sempre lhe tocava o coração.

“Porque nenhuma mãe quer que o filho pegue em armas. Eu compreendo isso.”

“Mas toda mãe quer que seu filho persiga sua ambição”, ela respondeu, retribuindo o sorriso. “Eu nunca o impediria de fazer algo de que você goste. E o povo escolhido de Deus precisa tanto de soldados quanto de eruditos.”

Ele apertou a mão dela e a soltou.

“Eu teria gostado de deixar meu pai orgulhoso”, ele disse em voz baixa.

Naomi deu uma batidinha no ombro dele antes de retirar a mão.

“Eu sei. Com frequência eu penso em como ele estaria orgulhoso de você. Pode acreditar nisso.” Ela desceu as pernas do divã e pegou o leque e o véu. “Acho que já esfriou o bastante para que eu consiga dormir no meu quarto. E você?”

“Eu vou continuar aqui, por enquanto. Você pede para Amrah me acordar de manhã, antes do desfile começar?”

“Eu duvido que você consiga dormir durante essa baderna”, Naomi disse, seca. “Em todo caso, vou pedir para Amrah chamá-lo.”

* * *

Mas na manhã seguinte não foi nenhuma das duas mulheres que acordou Judah. Ele apenas percebeu que estava sonhando, e nesse sonho uma harpa era tocada. Primeiro foi o pastor Rei Davi; então, de algum modo, no sonho, seu pai escutava o Rei Davi; mas, enfim, ele percebeu, sem abrir os olhos, que estava acordado, e era sua irmã, Tirzah, quem tocava o instrumento. Ele continuou deitado por um longo momento, sentindo uma brisa leve em seus dedos dos pés. Ele tentou adivinhar a hora pelo calor nos joelhos; o sol penetrava no gazebo e chegava ao divã somente de manhã cedo.

“Eu sei que você está acordado”, Tirzah disse, continuando a tocar. “Você fechou a boca, o que foi bom. Uma mosca estava voando por perto e você acabaria engolindo.”

“Não. Isso é impossível”, ele respondeu.

“Como você sabe?”

“Porque mesmo dormindo eu sou belo como uma estátua viva, e minha boca nunca ficaria aberta. Acho que essa corda está desafinada”, ele acresceu. “Com meus olhos fechados eu consigo ouvir melhor… Essa… não, essa aí.”

Tirzah encostou a palma da mão nas cordas, silenciando-as.

“Estão todas muito bem afinadas. Mas você deveria levantar. Há uma multidão imensa na rua.”

Em um instante, Judah se colocou em pé e caminhou até o parapeito. No trajeto, ele parou para jogar um pouco de água da fonte no rosto e no pescoço, deixando longos veios molhados na túnica amarrotada.

Ele chegou ao parapeito e olhou para baixo. Tirzah tinha razão, a rua já estava lotada. Ele podia ver turbantes, véus e barretes, todo tipo de artefato de cabeça, comum nas ruas de Jerusalém, apertados contra as laterais dos edifícios por reluzentes capacetes romanos.

Então, um novo som se sobrepôs ao rumor baixo da multidão. Primeiro veio a marcha

ritmada dos soldados, seguida pela fanfarra das trombetas. Tirzah se juntou ao irmão, ainda segurando sua harpa.

"Tão cedo para um desfile!", ela disse.

"Provavelmente para evitar problemas", Judah lhe disse, esticando o pescoço por sobre o parapeito ladrilhado. "Eles transferiram mais soldados para a fortaleza. Talvez estejam esperando um levante."

"Vou chamar a mamãe." Tirzah se afastou, deixando um aroma suave e doce de jasmim ao lado dele. Judah virou a cabeça para provocá-la devido ao novo perfume, mas Tirzah já não conseguiria ouvi-lo com o clamor que vinha da rua. Tudo que ele conseguiu ver foi o corpo esguio dela em um vestido verde-claro e um véu transparente flutuando atrás.

Ele se virou para o espetáculo abaixo. Era impossível não admirar as tropas romanas. Os guardas na rua permaneciam a distâncias exatas um do outro, imóveis apesar da multidão que continuava a crescer. Àquela altura, os topos das casas estavam cheios de espectadores. O povo de Jerusalém estava curioso a respeito de seu novo procurador. A batida percussiva da marcha dos soldados foi ficando mais alta e os murmúrios da população foram diminuindo à medida que as tropas se tornavam visíveis. Primeiro, a bandeira vermelha e dourada, presa a uma lança extralonga encimada por uma águia. O porta-bandeira marchava sozinho, marcando o ritmo do desfile. Conforme ele dava seus passos medidos, a multidão foi ficando em silêncio.

Atrás dele vinham os soldados. Judah estava tão acostumado à presença romana em Jerusalém que tinha se esquecido da mensagem de poder que era transmitida na rua abaixo. Eram tantos soldados, marchando ombro a ombro e em fileiras tão próximas que, se um homem caísse, o seguinte estaria em cima dele num instante. Quando uma perna era projetada à frente, todas as pernas eram projetadas. Eles se moviam como uma criatura gigantesca, e cada rosto mantinha a mesma expressão impassível de confiança e concentração que fazia com que todos se parecessem.

E como eles brilhavam naquele sol oblíquo da manhã! Os raios reluziam nos capacetes, pontas de lanças, armaduras e fivelas. Judah olhou da tropa em vermelho e dourado para a multidão de espectadores, em sua maioria maltrapilhos, silenciosos e intimidados.

O fluxo de homens marchando foi interrompido. Estranhamente, a multidão continuou em silêncio quando os passos cessaram, de modo que, quando as trombetas soaram, tiveram o impacto de um trovão. Um, dois, três trombeteiros viraram a esquina, vindos da fortaleza, seguidos por mais uma bandeira e uma unidade de cavalaria que montava animais pretos idênticos. Judah olhou para a escada que vinha do térreo, esperando ver a irmã e a mãe. Tirzah adorava cavalos.

Seguindo a cavalaria veio uma unidade de guardas fortemente armados, carregando não apenas lanças e espadas, mas também escudos altos e curvos. Judah olhou para eles com certa inveja. Em batalha eles podiam se mover em formações pequenas, compactas, cobertos por cima e pelos lados por seus escudos, mas deixando de fora as temíveis pontas de suas lanças. Ele se perguntou quanto pesavam aqueles escudos. Quanto tempo um homem conseguiria marchar carregando um daqueles?

Judah estava tão absorto que, a princípio, não reparou no som da multidão. Do silêncio nasceu um murmúrio, então um zumbido que se transformou em vaias. A formação das tropas deixou um intervalo entre a guarda e um homem a cavalo que acabava de dobrar a esquina. Aquela distância cerimonial tornava-o mais fácil de ser visto, para que seus súditos o reconhecessem. Ele montava um imenso garanhão castanho, e controlava com facilidade o animal com apenas uma mão nas rédeas. Sua armadura era dourada, o xairel vermelho e, em vez de capacete, ostentava uma coroa de louros na cabeça.

Então, Judah entendeu que aquele era Valerius Gratus, o novo procurador. Nesse mesmo instante, uma voz da multidão gritou "Romanos, vão embora!" e foi saudada com vivas.

A atmosfera mudou em um átimo. O espaço ao redor de Valerius Gratus foi fechado pelos guardas, que o rodearam e ergueram seus escudos, formando uma barreira móvel. O ritmo da procissão aumentou. Mais gritos vieram dos espectadores, seguidos por assobios. “Tirano!”, uma mulher exclamou e atirou sua sandália. Ela errou o procurador mas acertou a anca do cavalo, que se assustou, andando de lado e espalhando os guardas antes que Valerius Gratus conseguisse controlá-lo. A multidão começou a uivar de alegria e mais projéteis foram lançados sobre eles: meia dúzia de sapatos, um melão podre, o conteúdo de um penico. O rosto de Gratus era uma carranca quando ele chegou em frente ao palácio dos Hur.

Judah se inclinou para a frente. Aproveitando que a guarda passava, ele queria ver como os soldados seguravam o escudo – eram duas alças do lado de dentro? Sua mão estendida pousou sobre uma telha do parapeito, e ele sentiu a peça se mover.

A telha caiu lá de cima. O ângulo do parapeito era ideal para lançá-lo no ar. Judah ficou boquiaberto observando a telha cortar o ar e explodir contra a testa de Valerius Gratus.

Todas as cabeças se viraram. Todos os homens e mulheres puderam ver o jovem na cobertura do palácio com o braço ainda esticado. Dedos foram apontados, gritos ecoaram. Gratus, vertendo sangue, desabou e caiu no chão. Seu cavalo empinou, soltando um relincho desesperado. Os guardas formaram um quadrado, alguns em pé, outros agachados, protegendo o procurador com os escudos.

Judah não conseguiu se mexer. Ele estava paralisado. Sua mão, afinal, caiu ao lado de seu corpo, mas todos o tinham visto. Devia ter parecido que ele atirou a telha. E o procurador foi ao chão! Estaria morto?

A cobertura de escudos se desfez e os guardas recuaram. Gratus se levantou. Sangue escorria por seu rosto, mas ele gritou algumas ordens e logo montou de novo em seu cavalo. Ele pegou uma ponta de sua capa vermelha para limpar o rosto. Um soldado recolheu a coroa de louros no chão poeirento e a sacudiu, limpando-a, antes de entregá-la ao procurador.

Conforme a procissão seguia em frente, Judah viu dez soldados se destacarem da tropa. Na multidão atrás de onde eles estavam, um rosto familiar se ergueu para ele. Por um instante, seus olhos encontraram os de Messala; então, Judah viu o velho amigo se movimentar e cruzar a rua em frente a uma unidade de cavalaria.

No mesmo momento, um baque imenso sacudiu a cobertura do palácio. Todos os pássaros saíram voando e um guincho veio lá de baixo.

Judah saiu correndo lá de cima e desceu a escada.

“Tirzah! Mãe!”, ele chamou, descendo dois degraus por vez. Ele ouviu outro baque e um grito antes de chegar ao pátio. Dezenas de soldados romanos tinham derrubado o portão. Eles estavam por toda parte, gritando, com as espadas desembainhadas. Os criados se recolheram no canto, intimidados, abraçando-se e olhando fixamente para o corpo do velho porteiro, que jazia sobre uma poça de seu sangue. A mão dele, cortada, com os dedos fechados sobre a palma, jazia a alguns metros de distância do punho, até que um dos soldados, impaciente, a pegou e jogou dentro do chafariz.

Mas Judah Ben-Hur não viu isso. Sua atenção estava fixa na cena pavorosa de sua mãe e irmã nas mãos dos romanos. Seu olhar encontrou o da mãe. Ela estava pálida como cinza, os olhos arregalados. Ela parecia não ter consciência de que seu cabelo lustroso estava solto sobre os ombros nem do risco de sangue que marcava a maçã do seu rosto. Ela não falou, mas uma mensagem poderosa passou dela para o filho: “*Seja corajoso. Não se esqueça de nós. Lembre-se do seu pai; lembre-se do seu Deus*”.

* * *

Naomi teria dito essas palavras em voz alta, mas ela sabia que o homem que a segurava

poderia lhe cortar a garganta. Uma olhada rápida para Tirzah, ao seu lado, fez com que ela percebesse que as duas estavam à beira de uma espiral de violência. O homem que segurava sua filha tinha enrolado no pulso o cabelo avermelhado de Tirzah. Os braços nus da menina já mostravam hematomas, e seu vestido estava rasgado. Naomi olhou de novo para o filho.

“O que significa isto?”, ele exclamou. “Quem está no comando? Por que invadiram nossa casa?”

Um soldado alto, com uma crista emplumada no capacete, passou pelo portão derrubado, conduzindo um cavalo preto.

“Eu estou no comando”, ele respondeu. “Quem é você, garoto? Alguém nesta casa assassinou o novo procurador!”

“Mas eu vi quando ele montou de novo e seguiu em frente!”, Judah protestou e Naomi sentiu um aperto no coração. Ele tinha acabado de se entregar.

“E eu vi quando você jogou uma telha nele”, disse outra voz. Messala passou por cima dos fragmentos do portão despedaçado. Naomi olhou para ele, chocada. Ela não conseguia ver naquele homem presunçoso o jovem romano, amigo de seu filho.

“Messala”, Judah exclamou, esperançoso. “Você pode explicar. Eu só me debrucei… Eu queria ver os escudos. Minha mão soltou uma telha. Foi um acidente.”

Messala olhou para o comandante.

“Está vendo?”, ele disse. “Ele ainda confessa.”

“Mas é só um garoto”, o oficial protestou.

Messala se empertigou.

“Garoto ou homem, ele odeia o bastante para matar. Estou vendo que você já deteve a mãe e a irmã dele. É a família toda.”

“Mas Messala!”, Judah gritou. “Você sabe que eu nunca faria isso!”

“Sei?”, o velho amigo respondeu. Messala acenou para o oficial comandante e voltou por onde veio. Naomi olhou para o rosto de Judah e viu, naquele instante, a juventude de seu filho acabar. Os olhos dele seguiram, descrentes, o ex-amigo. Judah se endireitou, debatendo-se contra as mãos dos soldados que o seguravam. Ele olhou para a mãe. Ela tentou colocar todo seu amor e encorajamento no olhar, mas não ousou falar. Judah se virou para o oficial comandante.

“Pelo menos poupem minha mãe e minha irmã”, ele disse em um tom de voz que Naomi ainda não conhecia. Ele falou como um homem. “Eu sei que o Império Romano se sustenta na lei. A lei irá mostrar que eu não fiz nada de errado. Foi um acidente e o procurador irá sobreviver.”

O comandante falou com seus homens, sem responder a Judah.

“Acorrentem o garoto.” Ele atravessou o pátio até onde Naomi e Tirzah estavam, ainda nas mãos dos soldados. Ele as examinou, então recuou para examinar o palácio. Os criados e seus dependentes estavam amontoados em um canto, de olhos arregalados e abraçando-se. Da rua veio outro alarde de trombetas e uma série de gritos de ordens. “Você”, o oficial ordenou, apontando para o homem que segurava Tirzah. “Solte o cabelo dela. Nós vamos levar as mulheres para a Fortaleza Antônia.” Ele olhou para os criados e exclamou: “Alguém providencie uma capa para a garota”. Para Naomi ele disse, “Prenda o cabelo e cubra-o. Nós vamos sair na rua. Você não deve ser vista assim”.

Naomi soltou os braços do homem que a segurava e rapidamente prendeu o cabelo com um nó. Ela usava um broche de ouro para prender sua faixa. Então ela o soltou e usou para segurar o cabelo. Um pedaço de tecido cinzento grosseiro estava jogado em seus ombros e ela o puxou para a cabeça, sem saber de onde aquilo tinha vindo.

“Agora”, o oficial exclamou, “seis homens para escoltar as mulheres!”.

Em um instante elas foram rodeadas e Naomi se virou, mas só conseguiu ver ombros largos com carapaças e capas vermelhas. Judah – ela não conseguiu dar o último olhar para seu filho!

“Senhor!”, ela exclamou, estendendo a mão para o oficial. “Não posso me despedir do meu filho?”

“Não”, ele respondeu, indiferente. “Você não vai querer vê-lo acorrentado.”

“O que vão fazer com ele?”, ela perguntou, quase gritando.

“Galés”, ele respondeu. “Marchem!”

Mas Naomi não podia marchar. Ela tinha desmaiado.

Capítulo 3
ÁGUA

Dois dias depois, por volta do meio-dia, um decurião com seu comando de dez cavaleiros chegou a um vilarejo, vindo da direção de Jerusalém. Algumas casas de teto reto se espalhavam ao longo de uma trilha estreita em que pedras e esterco jaziam lado a lado sobre a terra batida. À distância, além do vale marcado a esmo por campos e pomares, estava o brilho azul do Mediterrâneo.

Nazaré era tão insignificante que o surgimento de quaisquer estranhos tirava todos os moradores de casa para observar o espetáculo, mesmo debaixo daquele calor todo. É claro que os nazarenos temiam e detestavam os soldados romanos, elevando-se sobre seus cavalos imensos, com o estrondo de suas armaduras, gritando em sua língua incompreensível, assustando as crianças. Mas a curiosidade também é forte. E os romanos, ao que parecia, tinham um prisioneiro.

Ele estava rodeado pelos cavalos e engasgava com a nuvem de poeira ocre que os cascos dos animais levantavam do solo. Ele cambaleou para frente, sem reparar nos aldeões assustados. Suas mãos estavam amarradas às costas, e um legionário montado segurava, despreocupado, a corda que o prendia. Seus joelhos ensanguentados mostravam que ele caía com frequência na estrada, mas parecia indiferente à dor, assim como parecia indiferente às costas queimadas pelo sol, à poeira, à proximidade ameaçadora dos cascos dos cavalos, aos olhos dos nazarenos.

Os romanos seguiam a caminho do poço, é claro. Os cavalos precisavam de água. Os aldeões formaram um grupo esfarrapado atrás deles, enquanto murmuravam entre si. Quem poderia ser aquele prisioneiro? O que ele teria feito para merecer uma escolta tão poderosa? Aonde o estavam levando? “Ele era tão jovem”, disse uma mãe. “Ele era tão lindo”, disse sua filha.

Um dos legionários recebeu a ordem para tirar água do poço e obedeceu com rapidez, passando um jarro de barro para os companheiros e enchendo o coche para os cavalos. O prisioneiro, ignorado, desabou no solo rochoso e ficou embolado, de rosto na terra. Os aldeões se entreolhavam com crescente desconforto. Eles não deveriam ajudar aquele homem? Ousariam fazê-lo? Então um deles sussurrou:

“Olhem! Lá vem o carpinteiro. Ele vai saber o que fazer.”

Um velho tinha acabado de fazer a curva na estrada. Por baixo do turbante, seu longo cabelo branco se juntava à barba e lhe chegava ao peito, quase cobrindo sua túnica cinza de tecido grosseiro. Ele carregava um conjunto de ferramentas rudimentares – um machado e uma serra – que quase pareciam pesadas demais para um homem da sua idade. Quando se aproximou do poço, ele parou e largou as ferramentas no chão por um instante.

“Oh, Senhor José”, uma mulher exclamou, correndo até ele. “Eles têm um prisioneiro. Pergunte aos soldados sobre ele! Nós estamos nos perguntando quem é ele, o que fez e para onde o estão levando.”

O rosto do ancião estava impassível, mas, depois de um momento, ele se afastou de suas ferramentas e se aproximou do oficial.

“Que a paz do Senhor esteja consigo”, ele disse, calmo.

“E a paz dos deuses com você”, o decurião respondeu, inclinando a cabeça.

“Vocês vêm de Jerusalém?”

“Sim.”

“Seu prisioneiro é jovem”, comentou.

“Apenas em anos”, o oficial lhe disse. “É um criminoso desumano.”

“O que ele fez?”

“Ele é um assassino”, o oficial respondeu sem emoção, olhando para o prisioneiro. O jovem continuava de olhos fechados, embora à sua volta os aldeões sussurrassem uns com os outros de olhos arregalados.

“Ele é um filho de Israel?”, José continuou.

“Ele é judeu”, disse o romano. “Eu não entendo das suas tribos, mas ele vem de uma boa família. Talvez você tenha ouvido falar de um príncipe de Jerusalém chamado Ithamar da Casa de Hur? Ele viveu na época de Herodes e morreu alguns anos atrás.”

O velho homem assentiu.

“Eu o vi uma vez.”

“Este é o filho dele.”

Os aldeões arregalaram ainda mais os olhos. Como podia aquele jovem, pouco mais que um garoto, ser um assassino? Como podia aquele prisioneiro esfarrapado ser o herdeiro de um príncipe? Os sussurros cresceram e o decurião ergueu sua voz.

“Nas ruas de Jerusalém, há apenas dois dias, ele quase matou o nobre procurador Valerius Gratus. Ele jogou uma telha do parapeito da cobertura do palácio da família na cabeça do procurador. Foi sentenciado às galés.”

Pela primeira vez a compostura do carpinteiro se abalou. Seus olhos procuraram a figura amontoada no chão.

“Ele matou esse Gratus?”, ele perguntou ao decurião.

“Não”, o oficial respondeu. “Se tivesse matado, a esta altura não estaria vivo.” Ele deu um passo adiante e, com o pé calçado, empurrou o jovem para que ficasse virado para cima. Um dos supercílios estava partido e havia sangue coagulado sobre o olho. Seus lábios estavam ressecados, a boca entreaberta, a respiração curta. “Ele vai dar um bom remador”, o romano disse, dando de ombros. Ele olhou ao redor para seus homens, que responderam ao seu olhar afastando os cavalos do coche e preparando-se para montar.

Mas de repente apareceu outro homem no meio do grupo. Ele também era jovem, quase da idade do prisioneiro, com cabelo longo como o ancião e um notável ar de dignidade. Ele tinha vindo da esquina atrás de José e colocou seu próprio machado junto com as outras ferramentas. Então, ele pegou o jarro que estava na beira do poço e, sem nem olhar para os romanos, encheu-o de água e se ajoelhou na terra. Ele passou um braço por baixo dos ombros do prisioneiro e levou o jarro até seus lábios. O oficial tomou fôlego, como se fosse detê-lo, mas, por algum motivo, não continuou.

O prisioneiro abriu os olhos. O jovem carpinteiro mergulhou a ponta da sua manga no jarro e limpou, com delicadeza, o sangue do olho de Ben-Hur. Os dois jovens trocaram um longo olhar; então, o prisioneiro bebeu de novo. Reanimado, ele se sentou, e a mão do carpinteiro subiu de seu ombro para seu cabelo empoeirado. Ela ficou ali por um longo momento – longo o bastante para dizer, ou ouvir, uma bênção, embora nenhuma palavra tivesse rompido o silêncio. Ben-Hur

olhou de novo para o homem que o ajudava e pareceu receber uma mensagem. Ele se colocou de pé, restaurado.

O jovem carpinteiro recolocou o jarro na beira do poço e recolheu todas as ferramentas, parando ao lado de José, aparentemente sem perceber que todo mundo observava seus movimentos. O decurião se viu pegando a corda que prendia os pulsos de Ben-Hur e o conduzindo até o cavalo mais pesado. Com um gesto ele indicou que o prisioneiro deveria cavalgar atrás de um dos soldados. Em silêncio a tropa partiu, e em silêncio os nazarenos se separaram.

Essa foi a primeira vez que Judah Ben-Hur encontrou o filho de Maria.

Capítulo 4

LACRADO

Dias se passaram. Em Jerusalém, a população se acalmou. Depois do desfile de Valerius Gratus, foram punidos homens suficientes para restabelecer a tranquilidade. Não houve mais gritaria ou arremesso de coisas, apenas um silêncio contrafeito enquanto as tropas romanas marchavam pela cidade. O corte na cabeça de Gratus sarou.

O Palácio Hur foi fechado. Placas foram pregadas em ambos os portões dizendo *Propriedade do Imperador.* Os moradores e criados foram expulsos da casa e tudo de valor – animais, estoques de alimentos, joias – foi levado para a Fortaleza Antônia, para ser vendido ou enviado ao imperador.

Ele atravessou o corredor diante de si e saiu para um grande pátio central, onde ficou por algum tempo olhando ao redor. A poeira começava a se acumular. As folhas grossas das palmeiras permaneciam onde tinham caído. As fontes estavam secas e cada arbusto e planta tinha amarelado e perdido suas flores.

Ele cruzou o pátio até o portão frontal e parou onde estava naquele dia. Ele não tinha certeza do motivo que o fez ir até ali. Ele supunha, apenas para ver. Para ver o que tinha acontecido com o imponente palácio da família Hur. O que acontecia com os judeus que desafiavam Roma.

As mulheres foram arrastadas a poucos passos dele. A pequena Tirzah soluçava embaixo de sua capa, mas Naomi parou um instante e olhou para ele. Ele sentiu de novo o mesmo choque de quando os olhos dela encontraram os seus. O que foi aquilo? Ódio? Ele queria acreditar nisso. Tristeza, talvez. Medo, é óbvio. Medo seria normal. Mas às vezes ele se perguntava se aquele não tinha sido um olhar de desprezo.

A lembrança daquele olhar fez com que ele quisesse se mexer, então, ele atravessou o pátio e correu escada acima. Ele vasculhou os aposentos que tinha conhecido quando garoto, aposentos em que a família comia, dormia e se reunia. A mobília continuava lá, embora estivesse danificada. Havia fragmentos de coisas nos cantos: pedaços de cerâmica, a perna de uma mesa. Ele vagou mais longe, às dependências de serviço, onde não havia nada digno do imperador. Ali, os soldados simplesmente destruíram quase tudo que ficou para trás. Um banco, uma caixa. Roupas de cama permaneciam empilhadas nos cantos, onde começava a cheirar mal. Devia haver ratos por ali. Ratazanas.

Ele ouviu alguma coisa? Estava mais escuro na escadaria que levava à cobertura. Algo sendo arrastado? Um passo?

Claro que não. Ele emergiu no topo do palácio. Qualquer passo só podia ser dele. Os portões estavam trancados e lacrados. Ninguém, além dele, sabia daquela entrada secreta. Os criados tinham sido pagos e expulsos de Jerusalém.

O jardim na cobertura estava com pior aspecto que o pátio. Antes, havia sempre vários jardineiros trabalhando lá em cima, arrancando ervas daninhas e flores amarronzadas, aparando galhos. Messala verificou o tanque ladrilhado, agora cheio de um lodo marrom e fedido. Os peixes, claro, mortos e apodrecendo.

As árvores estavam carregadas de pássaros, e os excrementos deles formavam círculos ao redor dos troncos. Um bando de papagaios tinha tomado uma das palmeiras e voava em círculos ao redor dela, tagarelando. Messala cruzou o espaço e olhou para a rua.

Ele se deu conta de que era por isso que tinha ido até lá, para ver onde Judah fez aquilo.

A luz diminuía e a rua estava vazia, exceto por um par de judeus que caminhava, de braços dados, cabeças com solidéus oscilando em sincronia. Não era como naquela manhã em que o sol brilhava e fileiras de soldados em vermelho e dourado marchavam pela rua. Judah deve ter tido uma boa visão.

Onde Judah estava? Messala se aproximou do parapeito. Ali? Ele se inclinou para ver a Fortaleza Antônia. Talvez um pouco mais perto? Ele andou para o lado.

Atrás dele um bando de andorinhões alçou voo e descreveu um círculo, para depois pousar no telhado do gazebo.

Ele se inclinou para a frente, como Judah tinha feito. Apoiou-se na mão. Faltava uma telha ali. Ele se mexeu de leve, inclinando-se mais além. Messala sentiu a terracota áspera se mexer em sua mão e, antes que pudesse fazer qualquer coisa, uma telha escorregou do parapeito e caiu. Segundos depois ele a ouviu se estilhaçar lá embaixo.

Ninguém se virou na rua. Ele mexeu a mão de novo e outra telha caiu. E mais outra.

Estúpido, deixar a casa maltratada daquele modo, Messala pensou. Pessoas podiam se machucar. Ele deu as costas para a rua e olhou para o jardim com suas árvores agora em silhueta contra o céu.

Será que Judah tinha jogado a telha? É provável que não.

Ele atravessou a cobertura na direção da escada, chutando uma banqueta enquanto passava. Dentro do gazebo, alguém tinha rasgado as almofadas dos divãs. Penas marrons e brancas tinham sido tiradas para fora e espalhadas. Debaixo delas, algo reluziu e Messala se abaixou, pegando o objeto: uma presilha de cabelo de ouro. Ele a mordeu: ouro sólido. Bem, aquilo valia alguma coisa. Messala devia dinheiro para alguém. Era uma pena que compreendesse como o dinheiro fluía, mas não conseguisse juntar o bastante. Ele não era como certas pessoas. Não era como a família Hur.

Depois de um segundo, atirou a presilha brilhante na fonte. Ele tinha visto, de novo, o olhar de desprezo no rosto de Naomi.

Messala desceu correndo a escada e saiu pela porta secreta.

PARTE 2

CAPÍTULO 5

EMBARCADO

Bem cedo em uma manhã de setembro, três anos mais tarde, o tribuno romano Quintus Arrius caminhava com dois amigos pelo amplo quebra-mar em Miseno, no Mar Tirreno, não muito longe de Nápoles. O Sol ainda não tinha irrompido no horizonte, mas diante de Quintus o céu brilhava rosado por trás da silhueta dos mastros da frota romana. O ar trazia o aroma forte de nardo egípcio queimado nas tochas carregadas pela escolta. À esquerda de Arrius, Lentulus cambaleou e trombou com a tocha mais próxima. Arrius estendeu a mão e segurou Lentulus pelo cotovelo.

Do outro lado, Caius, seu amigo mais sóbrio, falou:

“Você quase não ficou tempo bastante para se acostumar com a terra firme. Deveria ficar em Miseno pelo menos até recuperar o que perdeu na noite passada.”

“É óbvio que a deusa Fortuna só favorece Quintus Arrius no mar”, Lentulus murmurou.

“Bem, de qualquer modo, ela está sendo boa comigo esta manhã”, Arrius respondeu. “Vejam, o vento de oeste trouxe o meu barco.” Ele largou os braços dos companheiros e saiu do círculo de tochas, inalando profundamente o ar marinho. Uma brisa forte soprou a coroa de murta que ele usava, e Arrius a segurou, distraído, enquanto observava o porto. Deslizando pela água azul, com a vela rosada pela luz da alvorada, vinha uma galé, iluminada pelos primeiros raios de sol. As duas fileiras de remos mergulhavam, levantavam, pausavam… então mergulhavam de novo na água cintilante. “Ele se move como um pássaro”, Arrius disse, com a voz suave.

“E para onde você vai em seu novo comando?”, Caius perguntou, protegendo os olhos com a mão contra o brilho repentino do imenso Sol dourado que se elevava na baía.

“Nós vamos para o Egeu”, Arrius respondeu, os olhos ainda fixos na embarcação.

Lentulus, que estava vomitando na água do porto, endireitou-se e limpou a boca.

“Por que ir tão longe em busca da glória, Arrius? Por que não fica conosco e assume um comando mais fácil?”

Arrius se virou para encarar os amigos.

“Por que é disso que o imperador precisa. Há uma frota de piratas da Crimeia atacando os mercadores de grãos nos mares orientais. Eles saíram do Mar de Mármara para o Egeu. Cem galés saem de Ravena hoje para ir ao encontro deles e subjugá-los. Vou me juntar à frota com o *Astraea*. Como comandante.” Ele apontou o barco que vinha na direção deles.

“Bem, isso *é* uma honra!”, Caius exclamou. “Logo vamos saber que você será promovido a duúnviro.”

Arrius encarou o amigo e tirou um pergaminho da toga. Ele o estendeu sem dizer nada, e Caius o desenrolou, deixando que Lentulus lesse em voz alta:

“Sejano para C. Cecílio Rufo, duúnviro,
César recebeu boas informações a respeito do tribuno Quintus Arrius, principalmente de sua coragem nos mares ocidentais. Ele deseja que Quintus seja transferido para o Oriente, onde irá comandar a frota contra os piratas que apareceram no Egeu.”

Enquanto isso, Arrius observava a aproximação da galé. Ele ergueu no ar a ponta de sua toga com a faixa vermelha. Segundos depois, uma bandeira vermelha foi desfraldada na popa da embarcação. Vários homens trabalharam no cordame e a grande vela foi recolhida enquanto a proa do barco se aproximava. O ritmo dos remos aumentou e o barco se aproximou do vasto cais de pedra, na direção de Arrius e seus amigos. Ele observou a manobra com satisfação – a resposta imediata do barco ao seu sinal, sua velocidade e eficiência; tudo sugeria que teria bom desempenho em combate.

Lentulus bateu no cotovelo dele com o pergaminho enrolado.

“Nós não podemos mais provocar você quanto à sua grandeza futura, Arrius”, ele disse. “É óbvio que você já é grande. Que outras surpresas tem para nós?”

Arrius guardou o pergaminho na toga.

“Nenhuma”, ele respondeu. “Minhas ordens detalhadas estão a bordo, dentro de um pacote lacrado. Mas se você pretende fazer oferendas em algum templo hoje, peça aos deuses por um amigo no mar, em algum lugar perto da Sicília.” Ele olhou de novo para o porto e protegeu os olhos.

Conforme a galé se aproximava do quebra-mar, seus detalhes se tornavam mais nítidos. A proa cortava a água com tanta rapidez que lançava ondas para os dois lados, a água quase atingindo o convés, duas vezes a altura de um homem a partir da superfície do mar. As linhas do casco eram longas, baixas e elegantes, sugerindo velocidade e perigo. Os três homens ali reunidos sabiam – como qualquer inimigo sabia – que velocidade e capacidade de manobrar não eram as únicas armas da galé: estendendo-se a partir da proa havia o bico blindado, um tipo de lança submarina que era usado em batalha para abalroar e penetrar cascos de embarcações inimigas.

Mas é claro que eram os remos, que brilhavam sob o sol matutino, que definiam a galé. Cento e vinte unidades se moviam como uma só, cortando o mar e impulsionando o barco impetuosamente para frente. Logo, mais detalhes ficaram visíveis: as costuras na grande vela quadrada, as amarras e anilhas que mantinham o mastro único em pé, o punhado de marinheiros pendurados na retranca para recolher a vela, o solitário homem armado na proa. O som regular dos remos cortando a água ficou audível, junto com a batida rítmica que ditava a velocidade para os remadores. Um dos homens da escolta exclamou ao ver a galé se aproximar em velocidade vertiginosa.

Então, passado o ponto em que uma colisão com o quebra-mar parecia inevitável, o homem na proa ergueu sua mão. De repente, todos os remos subiram, ficaram um momento parados no ar e então caíram de uma vez. A água ferveu ao redor deles e cada tábua da galé tremeu quando seu impulso foi interrompido. Outro gesto de mão, e mais uma vez os remos subiram, rodaram e caíram. Mas dessa vez os remos a estibordo caíram na direção da popa e empurraram para frente, enquanto os remos a bombordo foram baixados na direção da proa e remaram para trás. Três movimentos e a galé girou de lado, para então parar suavemente junto ao quebra-mar.

Lentulus, ainda um pouco embriagado, começou a aplaudir, mas Caius pediu silêncio quando uma trombeta ecoou no convés. Dos alçapões do barco saiu uma tropa de soldados navais com capacetes e armaduras de bronze brilhantes, armados com lanças e escudos. Mais soldados

correram descalços pelo convés e subiram nas vergas. Os amigos de Arrius entenderam: aquela era a saudação de boas-vindas da nova tripulação dele. Parado ali no meio dos dois, com a brisa refrescante agitando seu cabelo, ele não era mais o afável companheiro de jogatina. Arrius tirou a coroa de murta da cabeça e a entregou para Caius.

“Se eu voltar, vou querer revanche nos dados. Mas se eu não destruir os piratas, você não vai me ver de novo. Pendure isto no seu átrio até saber do meu destino.”

Uma prancha de embarque foi baixada com a mesma eficiência silenciosa que parecia marcar o novo comando de Arrius. A tripulação dele o esperava, pronta para saudá-lo.

“Que os deuses o acompanhem, Arrius”, Lentulus disse. O tribuno assentiu e virou para subir a prancha. Assim que seu pé tocou a madeira, as trombetas soaram novamente e na popa da embarcação uma bandeira púrpura foi hasteada, a flâmula do comandante da frota.

Quintus Arrius tinha passado a noite na mesa de dados, arriscando com pouco sucesso seu ouro, apesar de suas frequentes e generosas oferendas nos altares da deusa Fortuna. No mar, contudo, ele depositava menos confiança nela. Ele sabia que sua vida agora dependeria de seus oficiais e sua tripulação. Então, assim que ele leu suas ordens e instruiu o piloto quanto ao curso, Arrius foi inspecionar seu comando. Ele vasculhou o convés da proa à popa, com seus olhos experientes avaliando cada nó no cordame, cada gesto dos homens que manejavam a vela.

Arrius conversou com o comandante dos soldados navais, o intendente, o chefe das máquinas de guerra, o chefe dos remadores e o mestre da vela. Embora não tivesse mencionado isso para os amigos, esse comando era mais do que uma honra, era também muito perigoso. Como Arrius tinha testemunhado várias vezes, o menor erro ou defeito no equipamento podia afundar um barco durante uma batalha. A frota pirata que aterrorizava os navios mercantes no Oriente devia ser bem equipada e tripulada. Sorte – distribuída pela deusa Fortuna – certamente teria influência, mas Arrius tinha certeza de que a disciplina e o treinamento romanos, tão evidentes a bordo do *Astraea,* o impulsionariam na direção da vitória.

Ao meio-dia a galé riscava o mar na costa de Pesto, com o vento ainda vindo de oeste. Um altar foi construído no convés dianteiro e polvilhado com sal e cevada. Arrius fez oferendas solenes para Júpiter, Netuno e todas as divindades do oceano. Ele rezou pedindo sucesso e acendeu incenso para que suas orações subissem ao céu. Mas, enquanto ele executava o ritual, sua mente vagou para o convés inferior, para as fileiras de remadores.

As galés eram remadas por escravos. Homens que vinham de todo o Império Romano. Alguns eram capturados em batalhas, outros tinham tentado fugir de um senhor cruel. A maioria deles tinha violado a lei, e era uma prática romana usar esses criminosos em vez de simplesmente executá-los. Poucos homens sobreviviam nas galés por mais do que um ou dois anos, mas valia a pena alimentá-los durante esse tempo. A marinha romana era responsável por manter a paz no Mar Mediterrâneo e além. O trabalho não podia ser feito sem a velocidade e a confiabilidade das galés; ventos podiam parar ou mudar de direção, mas homens com remos sempre conseguiam manter o barco na rota. Quando morriam, eram substituídos, pois havia muitos escravos.

Quando o Sol passou do apogeu e a cor do mar adquiriu um tom mais escuro de azul, Arrius refletiu sobre o que tinha visto. Seu barco era novo em folha, bem abastecido e equipado. Seus oficiais e marinheiros pareciam capazes. Os soldados, enquanto combatentes navais, só poderiam ser avaliados durante uma batalha, mas Arrius tinha passado bastante tempo entre guerreiros para saber que aqueles eram veteranos experientes. Mas nada disso importaria se a galé não fosse capaz de manobrar com rapidez e precisão sob as piores condições. Assim, depois de olhar para o céu brilhante, ele desceu para a cabine principal no convés inferior.

Aquele era o coração do navio, um compartimento com 20 metros de comprimento e 10 de largura. O sol que entrava pelas escotilhas gradeadas no convés fornecia toda a luz que chegava lá embaixo. Um pouco atrás do centro, o mastro imenso atravessava o espaço, rodeado por

prateleiras cheias de machados, lanças e dardos.

Mas foi o cheiro que incomodou Arrius, que antes respirava o ar fresco do mar sobre o convés. Ele ficou espantado por um instante – como poderia ter se esquecido? 60 homens sujos que suavam enquanto puxavam aqueles remos imensos em turnos de seis horas; não havia espaço nem tempo para necessidades fisiológicas; não havia água nem descanso. O fedor era chocante.

Atrás de tudo, de frente para os escravos, ficava o chefe dos remadores, sobre uma plataforma baixa, ditando o ritmo dos remos em sua mesa com uma marreta grande e quadrada. Arrius caminhou na direção dele, olhando as costas dos remadores dos dois lados. Os músculos se movimentavam sob a pele enquanto os homens movimentavam suas imensas pás pela água, levantavam-nas e as mergulhavam outra vez para o próximo impulso. Era uma luta constante entre homem e matéria, água e madeira, galé e mar.

Além da plataforma do chefe, elevado por alguns degraus, ficava o alojamento do tribuno, separado dos remadores por uma grade dourada e decorado com elegância, contando com um sofá, uma mesa e uma poltrona. Virando-se para encarar os escravos, Arrius sentou e se recostou, as pernas esticadas diante de si.

O chefe dos remadores ignorou a presença do comandante e continuou batendo o ritmo. Como em outras birremes, os remadores ficavam escalonados em bancos, alguns sentados e outros em pé, de maneira que coubesse o máximo possível de homens – e remos – dentro do casco. O arranjo era repetido em outra cabine abaixo com mais 60 homens. Todos se moviam em sincronia, lançando as lâminas do remo à frente, puxando-as, erguendo-as e repetindo o movimento automático, inexorável, para frente e para trás, como um tear enorme.

O Império Romano abarcava a maior parte do mundo conhecido, e cada parte dele estava representada nos bancos da galé: bretões e tártaros, líbios e citas, godos e longobardos. As cores de pele iam do escuro ao leitoso, marcadas por cicatrizes e ferimentos produzidos por chicotadas. Arrius viu cabelos claros como trigo e escuros como a asa do corvo; barbas longas e embaraçadas e também faces mal marcadas por uma penugem clara.

Cada um deles tinha aprendido um idioma diferente quando criança, e poucos poderiam conversar entre si em outros ambientes, mas conversa não fazia parte da vida de um escravo nas galés. Não havia nada para ele além de seu banco e seu remo. Ele remava além da exaustão; depois da troca de turnos o escravo devorava sua ração, e dormia o máximo que lhe era permitido. Ele não tinha nome; era conhecido pelo número do seu assento. Um escravo era levado para a galé como se para seu túmulo; ele deixava sua identidade para trás.

Mesmo assim, sentado em silêncio, seus olhos percorrendo os bancos, Arrius notou diferenças entre os homens. Alguns começavam a definhar devido a doenças e a fome, e logo morreriam. Seus corpos seriam jogados ao mar e outros homens os substituiriam, como o número 33 ou o número 8. Se a próxima batalha transcorresse bem, Arrius pensou, os piratas mais fortes capturados poderiam substituir alguns dos escravos mais fracos.

Houve uma perturbação momentânea no movimento do barco e o olhar de Arrius procurou o problema, um remo abandonado, cujo remador ruivo tinha subitamente desabado no chão. Um remo solto podia ser uma calamidade, enroscando nos outros, caindo no mar, mudando a rota do navio; mas Arrius viu que um homem de cabelo escuro pegou o remo solto, enquanto, de algum modo, mantinha o seu próprio sob controle. Em um instante o corpo inerte do escravo caído foi puxado de lado e o alçapão para o convés inferior foi aberto. Um homem musculoso de pele dourada com uma longa trança preta sentou no banco e pegou o remo. Em segundos tudo voltou ao normal.

Arrius continuou observando o conjunto de escravos. Seus olhos examinando a escuridão eram atraídos aqui e ali por um raio de luz em um ombro que brilhava de suor ou por dentes que apareciam em uma careta quando o escravo puxava seu remo em mais um movimento. O

rangido regular dos remos se sobrepunha às batidas rítmicas do chefe dos remadores martelando o ritmo. A tripulação, para Arrius, era uma unidade: 120 escravos formando uma ferramenta que impulsionava sua galé para leste rumo à batalha que os aguardava. Ainda assim, ele se viu olhando de novo para um homem, o escravo que havia recuperado o remo solto. O banco do sujeito ficava perto da plataforma de Arrius, e a cada movimento que fazia com o cabo do remo, seu rosto entrava em uma coluna de luz que vinha do convés superior. Ele ficava ali por um instante, seus punhos girando o grande cilindro de madeira para posicionar a lâmina e assim baixá-la perpendicular à água, então seu corpo ia para trás, e, enquanto ele puxava, os músculos em seus braços e seu peito ondulavam.

Ele era muito novo, alto e com menos de 20 anos. Mechas escuras eram mantidas longe dos seus olhos e ombros por um trapo imundo, enquanto suas bochechas e seu queixo eram obscurecidos por uma barba rala. Ele se movia com certa elegância econômica, e Arrius notou a magreza que revelava cada músculo em seu tronco.

Ele deve ter sentido o olhar de Arrius sobre si, pois seus olhos escuros encontraram os do tribuno. Com um sobressalto, Arrius percebeu que o jovem era judeu, algo incomum nas galés. De sua parte, o escravo parecia igualmente assustado, pois hesitou e sua elegância o abandonou por um instante. Ele fez uma pausa longa, deixou o remo cair na posição errada e só deu meia remada, mas se recuperou. Ele manteve os olhos nas mãos depois disso.

O que ele estaria fazendo nas galés?, Arrius se perguntou. Sob o domínio romano, o povo judeu em geral trabalhava duro e respeitava as leis. O olhar de Arrius vagou de novo pelos bancos lotados de remadores. Nenhum deles parecia ser muito mais que um animal. Mas o olhar fugaz daquele homem revelou um espírito ativo e… Poderia ele ser alguém com conhecimento?

Uma voz o chamou no convés e Arrius subiu os degraus para responder. O ar salgado, soprado pela brisa firme, nunca cheirou tão bem. À distância, uma coluna de fumaça do monte Etna riscava o azul vívido do céu. Arrius respondeu a pergunta do mestre da vela e estabeleceu o novo curso, depois continuou no convés pelas próximas horas, enquanto a galé atravessava o Estreito de Messina e contornava a costa da Calábria. De tempos em tempos, ele pensava no jovem escravo judeu, mas, quando retornou para sua cabine, tinha havido uma troca de turno e o jovem não estava à vista.

Capítulo 6

UM ESCRAVO

Três dias mais tarde, o *Astraea* navegava para leste nas águas do Mar Jônico. Arrius queria alcançar a grande frota romana antes de chegar à ilha de Citera, então ele passava a maior parte dos dias no convés, ajudando o mestre da vela a atingir a maior velocidade possível na combinação de vela e remos. Periodicamente ele descia à cabine para descansar ou conversar com o chefe dos remadores. Às vezes, o jovem judeu estava em seu remo, às vezes não. Até que, sem conseguir conter sua curiosidade, ele perguntou:

"O que você sabe a respeito do escravo que senta no banco 60?"

"Ao longo do dia, Excelência, passam vários homens por ali. A qual se refere?"

"O jovem judeu", Arrius respondeu.

O chefe concordou com a cabeça.

"Pensei mesmo que era esse que chamou sua atenção. Ele é nosso melhor remador."

"Algo além disso?"

"Lembre-se de que o navio só tem um mês, e todos somos novos aqui. Esse escravo trabalha duro, isso eu posso dizer. E uma vez ele me pediu para trocá-lo do lado direito para o esquerdo. Ele acredita que os homens que remam de um lado só ficam deformados. E que em uma tempestade repentina, ou batalha, pode ser importante transferir os homens de um lado para outro. Ele acha que os remadores devem ser capazes de remar dos dois lados da galé."

Arrius assentiu, espantado pela ideia.

"Ele pode ter razão. Algo mais?"

"Ele se esforça muito para ficar limpo. Alguns dos outros…", o chefe meneou a cabeça, "são quase animais".

Arrius ignorou o comentário.

"Você sabe alguma coisa sobre o passado dele? Por que está aqui?"

O chefe dos remadores deu de ombros.

"Com todo respeito, senhor, deve se lembrar: eles são escravos. Eles remam, morrem e nós os jogamos ao mar. Tudo o que eu sei sobre qualquer um deles é o modo como manejam seus remos."

"Bem, esse me deixou curioso", Arrius insistiu. "Quando for a próxima folga dele, mande-o conversar comigo. Sozinho."

Duas horas mais tarde, Arrius estava no convés junto à popa. Era um momento tranquilo. Um marinheiro estava de vigia na verga, mas vários outros dormiam à sombra da vela. O remador saiu pelo alçapão e caminhou em silêncio em direção a Arrius, mas parou um instante

para olhar o céu azul e a vela cheia. Quando se aproximou, ele curvou a cabeça antes de falar.

"Disseram-me que o senhor queria me ver."

Antes de falar, Arrius estudou o jovem, que, sob a ofuscante luz mediterrânea, era ainda mais notável. O próprio Arrius não era pequeno, mas o remador era ainda mais alto. Ele não vestia nada além de uma tanga esfarrapada, e seus cabelos pretos embaraçados lhe caíam sobre os olhos. Ainda assim, ele se mantinha ereto, oscilando tranquilamente de acordo com o balanço do navio, com um ar de autoconfiança que surpreendeu o tribuno. Em seus anos de atuação naval, ele tinha encontrado escravos raivosos, carrancudos, ressentidos, violentos, aterrorizados e alguns tão aflitos que mal exibiam uma fagulha de humanidade nos olhos. Aquele homem, por outro lado, olhava de frente para ele com uma desconfiança curiosa. Seu corpo era jovem, mas o rosto mostrava as marcas de uma dor – ou raiva – antiga.

"O chefe me disse que você é o melhor remador", Arrius começou, surpreso por se sentir, de algum modo, inferior.

"Ele é gentil", o criado respondeu sem emoção. Cortês, mas só na superfície. A raiva ardia quase à flor da pele.

"Está nisso há muito tempo?", Arrius perguntou.

"Cerca de três anos."

"Todos eles nos remos?"

"Cada um dos dias", o remador respondeu, enfatizando cada uma das palavras.

"Sério?", Arrius exclamou. "Poucos homens sobrevivem mais que um ano."

O remador fez uma pausa e seus olhos procuraram os de Arrius antes de responder.

"Senhor, o chefe me disse que é um tribuno, de nome Quintus Arrius, e que é um oficial naval. Então é natural que saiba como é nossa vida." Arrius ficou surpreso que o outro lhe respondesse quase como um igual, mas ele assentiu para encorajar o remador. "O espírito pode aumentar a resistência", o jovem continuou. "Eu vi homens fracos sobreviverem enquanto homens fisicamente mais fortes fraquejaram e morreram." Ele não disse mais nada, mas a implicação era clara: ele tinha escolhido viver.

"Estou certo em pensar que você é judeu?", Arrius perguntou.

"Eu sou", o jovem respondeu. "Meus ancestrais eram hebreus antes mesmo de Roma existir."

"E você exibe o orgulho deles", Arrius respondeu, surpreso.

"O orgulho fica mais exaltado sob correntes."

"E que motivo você tem para se orgulhar?"

"Eu sou judeu", o remador respondeu.

Arrius sorriu.

"Eu nunca estive em Jerusalém, mas já ouvi falar de seus príncipes. Até mesmo conheci um deles. Era um mercador naval. Ele era rico, culto e tão orgulhoso quanto um rei." Arrius olhou para as pequenas ondas que se formavam na proa, com espaçamento regular na água borbulhante. "Qual é sua posição na vida?"

"Minha posição", o jovem disse, com um tom amargo na voz, "é a de um escravo de galé. Eu sou um escravo de galé", ele repetiu, então olhou ao longe, como Arrius tinha feito, e sua voz quase foi levada pelo vento forte e contínuo. "Meu pai foi um mercador naval, rico e culto. Ele provavelmente passou pelo Estreito de Messina dezenas de vezes. Enquanto estou no meu remo, eu penso nele com frequência, no convés de seu navio, com sua carga preciosa, navegando por estes mares. Minha mãe dizia que ele era convidado frequente de Augusto em Roma." A brisa soprou o cabelo do rosto dele e, por um instante, o jovem apertou os olhos.

"Qual era o nome dele?"

"Ithamar, da Casa de Hur."

"Você é filho de Hur?", Arrius exclamou. "Como isso é possível? Como você se tornou

escravo?”

A resposta demorou um longo momento. Arrius viu Ben-Hur inspirar fundo uma vez, depois outra, em um grande esforço para se controlar. Aquelas mãos grandes se fecharam em punhos, mas a voz dele estava calma quando ele se virou para Arrius e falou:

“Eu fui acusado de tentar assassinar o procurador Valerius Gratus em Jerusalém”.

“Foi você?” Arrius percebeu que tinha recuado um passo, para longe do remador, e se empertigou para compensar. “Roma só falou disso por dias. Eu mesmo ouvi a notícia a bordo, no Mar Ibérico.”

Os dois homens, velho e jovem, tribuno e escravo, ficaram em silêncio, cada um estudando o outro. Para Arrius, o cabelo comprido e a barba desgrenhada, os músculos proeminentes e os pés descalços pareciam disfarçar um homem diferente, o filho de um mercador nobre que ele havia conhecido. Ele notou as feições refinadas e disse para si mesmo que conseguia enxergar o pai naquele filho, enquanto Judah, por sua vez, viu-se conversando não com um comandante, mas com o homem que havia conhecido sua família em outra vida, completamente diferente. Uma vida real.

Arrius falou primeiro.

“Eu pensei que a família Hur tivesse sumido da Terra.”

Os olhos de Ben-Hur voaram para o rosto do outro.

“Mas você soube alguma coisa da minha mãe ou da minha irmã? Elas foram levadas por causa do que eu fiz…”

“Não”, Arrius respondeu. Ben-Hur se aproximou e suas imensas mãos calejadas tocaram a capa de Arrius, que pendia do ombro do tribuno. A sensação momentânea de ameaça desapareceu e o romano sentiu uma pontada de compaixão. Ben-Hur devia ser pouco mais que um adolescente desengonçado quando foi levado às galés. A justiça romana era rápida e impiedosa – como tinha que ser, Arrius sabia, para controlar o vasto império ao redor do Mediterrâneo. Ele nunca tinha pensado nessa justiça, contudo, do ponto de vista daqueles que não eram romanos.

O jovem baixou os olhos para suas mãos e soltou o fino tecido púrpura, recuando meio passo. Mas ele continuou falando, como se não pudesse parar, com um novo tom de desespero.

“Já faz três anos, e cada hora é uma vida de angústia – uma vida em um poço sem fundo na qual o único alívio é ficar entorpecido pelo trabalho árduo. Durante todo esse tempo eu não soube nada a respeito da minha família. Nem um sussurro.” Ele sacudiu a cabeça. “Eu sei que fui esquecido pelo mundo e às vezes parece que fiz por merecer. Eliminado do mundo como se a família de Hur, príncipes de Israel, nunca tivesse existido. Tudo por uma ação minha! Mas…” Ele desviou o olhar de Arrius, apertando os olhos para o Sol na tentativa de controlar suas emoções. “Eu posso estar esquecido, mas não me esqueço”, ele continuou com mais tranquilidade. “Meu pai estava morto e eu era o homem da família. Minha mãe e minha irmã foram arrastadas e olharam para trás, implorando, esperando que eu as ajudasse.” Ele olhou para Arrius com uma expressão gelada. “Eu não preciso lhe dizer todas as formas em que a morte chega nas galés. Pode-se morrer em combate, de fome, exaustão, doenças, fogo. Eu vi homens caírem de seus remos e se afogarem em centímetros de esgoto. Eu os vi ser açoitados até a morte por um chefe perverso, e os invejei.” Ele olhou para as palmas e as esfregou uma na outra. “Nós nos tornamos animais, você sabe. Mas esses três anos teriam sido mais toleráveis se eu fosse mesmo o animal embrutecido que o chefe dos remadores enxerga. Então, eu não me lembraria dos olhos da minha irmã nos meus enquanto dois soldados romanos a pegavam e a arrastavam para um destino que eu…” Ele parou de falar e acrescentou, quase em um sussurro: “Eu ficaria feliz de saber que minha mãe e Tirzah estão mortas. Duas mulheres que viviam uma vida protegida agora à mercê de… e tudo por minha culpa”.

“Você admite sua culpa? Esse é um crime capital”, Arrius observou, ríspido.

O rosto de Ben-Hur ficou duro.

“Não, não admito. Pelo Deus dos meus pais, juro que sou inocente.”

Arrius lhe deu as costas e andou alguns passos na direção da proa, então se voltou para ele outra vez.

“Você se declarou inocente no julgamento.”

“Não houve julgamento.”

“O quê? A lei romana…”, Arrius começou. “Não houve acusação? Testemunhas? Quem deu a sentença?”

Ben-Hur deu de ombros.

“Eles acorrentaram minhas mãos para trás e me levaram para uma cela na Fortaleza Antônia. Não vi ninguém. Ninguém falou comigo. No dia seguinte os soldados me levaram para o porto e eu tenho remado desde então.”

“Você poderia ter provado sua inocência?”

“Foi um acidente! Eu estava na cobertura, assistindo ao desfile de Gratus entrando na cidade. Eu me inclinei para frente e desloquei uma telha. A peça caiu… Gratus caiu. Que jeito ridículo de tentar matar alguém, não é? Em plena luz do dia, rodeado por soldados, todos bem armados. E eu tinha tanto a perder! Tribuno, você entende dessas coisas. Roma governa com a cooperação de pessoas como meu pai. Nós tínhamos uma grande propriedade. Eu era só um garoto. Por que iria arruinar uma vida tão boa?”

“Mas existe alguma prova? Quem estava com você?”

“Ninguém. Minha irmã, Tirzah, tinha acabado de sair do meu lado”, Ben-Hur respondeu, os olhos no convés. “Ela tinha 15 anos. Doce. Bonita. Inocente. Ela não sabia nada do mundo; ela não saía do palácio sem minha mãe ou uma criada. Não posso imaginá-la sobrevivendo à prisão.” Ele encarou Arrius. “Senhor, como é um tribuno, não poderia descobrir?” Mas ele logo viu que tinha falado demais. Tinha ido longe demais. “Não”, Ben-Hur disse. “É claro que não. Desculpe-me.”

Arrius continuava olhando, sério, para ele. O tribuno estava abalado pela história de Ben-Hur. Ele tinha dedicado a vida a serviço de Roma e acreditava no império. Sabia que as leis eram severas, mas também sabia que o domínio romano levava ordem e prosperidade às terras que dominava. Se aquele judeu dizia a verdade – e era sabido que escravos mentiam –, então uma família inteira tinha sido destruída como punição por algo que poderia ter sido um acidente.

“É o bastante”, Arrius disse. “Volte para baixo.”

Ben-Hur curvou a cabeça para o tribuno e se virou. Depois de alguns passos silenciosos ele se voltou e disse:

“Mas eu peço que se lembre de que não pedi nada para mim. Só pedi notícias da minha família”.

Arrius o observou percorrer o convés, movendo-se com a leveza de um atleta. Que competidor ele seria na arena! Ele possuía o equilíbrio, a energia, a fortaleza mental e a força física que poderiam torná-lo um gladiador invencível.

“Espere!”, Arrius exclamou e o seguiu. “O que você faria se fosse livre?”

Ben-Hur apertou os olhos.

“Não zombe de mim, tribuno. Eu sei que vou morrer escravo.”

“Não… é uma pergunta séria.”

“Então eu não descansaria até devolver para minha mãe e Tirzah a vida que elas conheciam. Eu lhes devo tudo que perderam; eu recuperaria tudo, de algum modo. Nosso palácio, nossos navios, parceiros comerciais, armazéns, fardos de seda, barris de especiarias, tudo… até a última presilha de cabelo da minha mãe. Eu lhes devolveria tudo. E serviria a essas mulheres noite e dia, com maior fidelidade do que qualquer escravo.”

“E se você descobrisse que elas estão mortas?”

A resposta demorou um momento, enquanto Ben-Hur contemplava as tábuas limpas do convés. Então ele suspirou.

“Na noite antes do acidente, eu tinha tomado uma decisão”, ele disse, “e a manteria hoje. Eu treinaria para ser um soldado. E em todo mundo só existe um lugar para aprender essa profissão, mesmo para um judeu”.

“Em uma palestra romana!”, Arrius exclamou.

Ben-Hur meneou a cabeça.

“Em um acampamento militar romano.”

“Você precisaria aprender a usar as armas”, Arrius comentou, então avistou um marinheiro que poderia ouvi-los. Ele tinha se deixado levar. Como comandante do navio ele não deveria estar discutindo o futuro com um escravo, nem mesmo aquele, que era admirável. Aquele homem era seu melhor remador. A galé devia alcançar Citera e se juntar à frota o mais rapidamente possível, e nenhum homem podia ser tratado como nada além de um elemento de uma máquina de guerra. Ainda assim, ele não resistiu a fazer um último comentário.

“Apenas pense nisto. Não pode existir glória para um soldado que não seja cidadão romano, e isso é impossível para um judeu. Mas um gladiador, de qualquer origem, pode conquistar honra, riqueza e reconhecimento do imperador. Volte para seu banco agora e assuma seu remo. Não pense muito nesta conversa. Ela é fruto de um momento de devaneio.”

Mas Judah Ben-Hur voltou para o convés inferior com um minúsculo ponto de esperança em seu coração.

O sol riscava a superfície azulada do Egeu, produzindo faixas cintilantes onde o vento fraturava as ondas. À distância, véus de neblina cobriam uma ou outra ilha, mas o povo de Naxos, do alto de sua colina, dirigia os olhares para o sul, onde a frota romana estava reunida. Os moradores da ilha nunca tinham visto algo assim em todos os seus anos de atividades náuticas. As galés navegavam em formação precisa, quatro à frente, em direção ao leste, depois, girando para o norte. Pareciam fileiras de cavalaria, com cada linha de galés virando no mesmo ponto. Bandeiras e flâmulas esvoaçavam nos mastros, mas, acima de tudo, era notável a precisão inexorável dos remos que impeliam cada navio.

“São tantos!”, um pastor exclamou, esforçando-se para respirar enquanto subia a colina. Ele protegeu os olhos do sol poente e contou as colunas que deslizavam em sua direção. “Eles vão destruir os piratas?”

“Ou serão destruídos”, respondeu o homem ao seu lado.

“Deve haver dezenas deles”, o primeiro continuou, somando com os dedos ao se virar para os barcos que agora via pela popa.

“Uma centena. E a frota pirata, dizem, tem 60 navios. Birremes e trirremes – duas e três ordens de remos.”

“Então os romanos irão vencer.”

“Os piratas são verdadeiros desesperados, você sabe disso. Eles comem homens além do Bósforo. Eles comem bebês para fazer com que suas barbas cresçam.”

“Dizem que todo inimigo come bebês. E os romanos não vão deixar um bando de corsários ladrões chegar perto deles. Eles vão usar essas galés para abalroar e afundar os navios piratas; depois vão despejar óleo na água e tocar fogo.”

“Eu esqueci do óleo. Você já viu isso acontecer?”

“Não. Só ouvi falar. O mesmo com a coisa de comer bebês. É provável que não seja verdade. Veja, o Sol está se pondo.”

A luz ficava cada vez mais vermelha, e o alcance dos raios diminuía. Só havia mais três fileiras de velas para virar à esquerda na marca invisível e rumar para o norte.

“Vamos. Eu detesto essa encosta depois de escurecer.”

“Mas eu acabei de chegar”, o pastor protestou.

“O que você vai conseguir ver depois que escurecer?”, o amigo perguntou, partindo.

“Eu gostaria de ver a batalha, você não?”, o pastor disse enquanto eles desciam pela trilha estreita.

“Gostaria, mas ouvi dizer que os piratas foram para o norte. Se eu fosse um chefe pirata, fugiria para o canal entre Eubeia e Grécia. Existem muitas cidades ricas ali; a frota pode ir de uma para a outra, fazendo saques pelo caminho.”

“O que você sabe de cidades ricas, Grécia e saques?”, o pastor debochou.

“Pelo menos já estive fora desta ilha”, o amigo retorquiu. “E uma vez fomos soprados para o norte em uma tempestade. Através das Cíclades, até Atenas. A baía lá se estreita, foi o que me disseram, e vai assim até a costa, como um dedo de água. A frota pirata pode se esconder dos romanos ali.”

O pastor demorou um instante para responder, enquanto passava por uma rocha íngreme.

“O problema com um esconderijo é que ele pode se transformar em uma armadilha”, ele disse. “Acontece o tempo todo com as ovelhas. Elas entram em uma ravina e se sentem seguras e abrigadas, só que depois não conseguem sair. Talvez isso também possa acontecer com os piratas.”

“Seria muita sorte dos romanos se acontecesse”, concordou o amigo.

* * *

Quando Arrius recebeu a notícia de que a frota pirata tinha mesmo se retirado para o canal entre Eubeia e Grécia, ele teve certeza de que a deusa Fortuna estava sorrindo para ele. Arrius poderia dividir sua frota, estacionando metade na entrada do canal, no sul, e enviando a outra para o norte, na direção de Termópilas, pegando os piratas em uma armadilha, como o pastor de Naxos havia previsto.

Depois que a frota passou por Naxos, foi dada a ordem para seguir na maior velocidade possível em direção ao noroeste, atravessando o arquipélago no Egeu até o Monte Ocha surgir, escuro, em contraste com o céu do poente. Um sinal foi dado e a frota descansou seus remos; então barcos pequenos foram de navio em navio para garantir que todos os capitães tivessem entendido as ordens. Arrius deveria liderar um grupo até a embocadura do canal, enquanto o resto do esquadrão seguiria para o norte pela costa da Eubeia, então virando para o sul, de frente para o canal, e assim aprisionar os saqueadores entre as duas forças romanas. Não haveria escapatória para os piratas.

* * *

Enquanto isso, Ben-Hur e os outros escravos permaneceram em suas posições. Ninguém falou com eles. Ninguém explicou aonde estavam indo e nem por quê. Ninguém mencionou a frota imensa e organizada atrás deles, com cada galé impulsionada por dezenas de escravos. A noite caiu e o ritmo ditado pelo chefe não diminuiu, mas um novo cheiro desceu do passadiço: incenso. Ben-Hur fechou os olhos por um instante, ignorando as trevas da cabine e o rosto impassível do chefe dos remadores. Incenso! Isso significava que um altar tinha sido erguido na proa e o tribuno havia feito um sacrifício. Em todos os navios em que Ben-Hur remou, esse era o primeiro passo na preparação para a batalha.

Nos bancos à volta dele, Judah sentiu um novo estado de alerta. A luta perpétua com o remo mantinha todas as partes do corpo ocupadas. Não havia nem como se virar para olhar um colega remador. Mas, enquanto empurrava a lâmina do seu remo através da água escura lá fora, ele ouviu algumas palavras sussurradas entre os bancos, pois os remadores entenderam o que os esperava. Para um marinheiro, ou para os soldados navais a bordo, uma batalha significava luta, perigo, agitação, glória, ferimentos ou morte. Para os escravos nas galés, havia muito mais em jogo. Se o navio fosse capturado, os escravos mudariam de mãos. Eles teriam um novo mestre, para o bem ou para o mal. Eles poderiam até ser libertados. Por outro lado, durante uma batalha,

os escravos ficavam acorrentados ao banco. Se o navio afundasse ou pegasse fogo, os homens que puxavam os remos sofreriam o mesmo destino que as tábuas do casco. Isso era o que todos mais temiam, aquele mergulho impotente no mar, acorrentados à madeira. Afundando, debatendo-se por ar, mergulhando nas águas mais escuras… Ben-Hur estremeceu e tentou redirecionar seus pensamentos. Ele não tinha dito a Arrius que desejava morrer? Então por que estremecia com a possível proximidade da morte?

Logo um marinheiro trouxe lanternas para a cabine e as pendurou nos pilares que sustentavam o convés. Os soldados desceram a escada em silêncio e começaram a montar as máquinas de guerra, catapultas leves e uma prancha de abordagem. Lanças e dardos, bem como grandes feixes de flechas, foram distribuídos; armaduras e capacetes foram colocados. Finalmente, grandes potes de óleo foram levados para cima, junto com cestas de fardos de algodão que seriam mergulhados no óleo, acesos e atirados no inimigo.

Mas o pior momento para os piratas ainda estava por vir. Os olhos de Ben-Hur seguiram o tribuno enquanto este se recolhia para sua plataforma, onde seu capacete e sua armadura o esperavam. Um soldado desceu e mostrou para Arrius uma chave grande; o tribuno assentiu. O soldado caminhou até o espaço entre as fileiras de escravos, atrás de Ben-Hur, e começou a acorrentá-los. As correntes tilintavam e a chave produzia um estalo distinto quando cada pesado anel de ferro era preso em volta de um tornozelo. Ben-Hur tentou não contar os estalos conforme o soldado se aproximava dele: dois estalos para cada remador, três de cada lado do corredor, dez fileiras da proa à popa. Ele ficou olhando para Arrius, que afivelava o cinto e embainhava a espada.

Nesse momento, Ben-Hur se sentiu grato por seu remo. Ele sentiu o grão do carvalho, alisado por suas mãos no curto período de um mês desde que o navio foi lançado. Enquanto puxava a longa haste de madeira pela água, pressionava o cabo para baixo e o levantava, ele pensou no peso de chumbo em seu centro e como aquilo contrabalançava a extensão da haste. Havia um momento em cada ciclo de remada em que o longo cilindro ficava perfeitamente equilibrado. Ben-Hur se concentrou nisso, tentando enxergar, dentro de sua cabeça, o instante em que o remo, encaixado no tolete, parecia não ter peso, quando a lâmina ficava paralela à água, antes que ele virasse os pulsos e o mergulhasse e o puxasse de novo. Era um movimento que ele havia feito tantas vezes, que mal tinha consciência disso. Mas, naquela noite, com o incenso do altar descendo pela cabine, o barulho das armas sendo carregadas para o convés cada vez mais próximo dos grilhões, ele tentou pensar apenas em seu remo.

Ele tentou não ter esperança. Arrius tinha sido descuidado ao conversar com ele. Como comandante, o tribuno não deveria ter se dirigido a um escravo. Como humano, não deveria ter falado de futuro com um homem que podia ser acorrentado a um banco, sem esperança de escapar. Ben-Hur sentiu a raiva crescendo nele e a mesma amargura que sentiu nos seus primeiros dias nas galés. Ele pensou que tinha conseguido dominar esses sentimentos.

Contra sua vontade, olhou novamente para o tribuno, que agora estava deitado em seu sofá com os olhos fechados. O soldado com a chave chegou ao lado de Ben-Hur quando Arrius se ergueu e fez um sinal. O soldado se afastou, deixando as correntes e os grilhões caídos no assoalho ao lado do banco.

Nada tinha mudado. Ainda assim, ele não estava acorrentado. Ben-Hur continuou remando, atacando o mar salgado e escuro com sua longa haste de carvalho, tentando não sentir esperança. Ele continuava sendo um dos 120 escravos que trabalhavam duro para impulsionar um navio frágil para combater um inimigo que ele não conseguia identificar nem imaginar. No convés, os homens afiavam suas lâminas e as pontas farpadas de suas lanças. Um deles gritou quando o jarro de óleo inclinou, ameaçando derramar. Arrius vestiu sua capa a alguns metros de distância, descansando enquanto podia, mas todos os homens estavam alertas e apreensivos. Embora tudo continuasse igual, Ben-Hur se sentia um novo homem. O tribuno romano o tinha escolhido e o

reconhecido como indivíduo. Com certeza o Deus de seus pais estava sorrindo para ele naquele instante.

Mas conforme as horas passavam, a sensação de boa sorte de Ben-Hur foi diminuindo. Os escravos das galés nunca eram nada além de uma peça na máquina de guerra romana durante uma batalha, já que a capacidade de manobrar um navio com precisão e velocidade podia mudar o curso da luta. Mas, nesses momentos, eles tinham ainda mais incentivo para tentar fugir. Os longos meses de trabalho repetitivo podiam tirar deles toda a iniciativa, mas quando eram expostos ao perigo de morte, um instinto animal aflorava e eles arriscavam qualquer coisa para sobreviver. Escravizados por Roma, eles eram tão inimigos do império quanto os adversários que os atacavam – que podiam até ser seus compatriotas. Para escravos e senhores, a batalha ameaçava o equilíbrio de poder. Por isso as correntes. Enquanto os preparativos continuavam, a sensação de perigo de todos os homens aumentava. A armadura de combate foi pendurada nas laterais do navio. Mas que proteção ela poderia oferecer se o casco fosse abalroado? Baldes de água foram dispostos ao lado dos tanques de óleo e bolas de fogo; redes foram esticadas sobre o convés. Os soldados navais tinham seus escudos, armaduras e capacetes. Mas o inimigo se preparava de modo semelhante. E o maior perigo – um que os soldados nunca enfrentavam em terra – era a água, ao redor de todos eles, um inimigo tanto dos piratas quanto dos romanos.

Os escravos, tanto os remadores quanto os substitutos, estavam atulhados embaixo do convés, rodeados por guardas, usando apenas tangas esfarrapadas e correntes. O navio balançou de repente e houve gritos no convés, mas o silêncio logo voltou. Ben-Hur pensou ouvir um novo som, mais baixo – talvez o cordame de outra galé ou a batida de seus remos na água. O *Astraea* estava sozinho no mar quando Arrius o chamou no convés, mas agora parecia ter se juntado a uma frota. Ben-Hur sabia que Arrius, como tribuno, seria o comandante em exercício, e o navio desfraldaria a flâmula púrpura de comando. Isso o tornaria um alvo proeminente.

Com um sinal vindo do convés, os remadores pararam a galé, então recomeçaram a remar lentamente. O ritmo lento e o silêncio lá em cima pareciam um tipo de aviso; cada homem tencionou seus músculos. Até o navio parecia estar segurando a respiração.

De repente, no convés, trombetas soaram um acorde de comando. O chefe dos remadores reagiu martelando sua tábua e os escravos se inclinaram para frente. Eles mergulharam os remos na água e puxaram com toda força. A galé deu tal pulo à frente que todos em pé cambalearam. Antes que recuperassem o equilíbrio, um coro de trombetas ecoou atrás dos remadores, mas foi abafado e misturado com o que poderia ser o clamor de vozes.

Mais uma remada; então, um golpe violento acertou o navio. Homens caíram e se agarraram uns nos outros para levantar, mas os escravos nos bancos agarraram seus remos e se esforçaram para manter o navio em movimento. Houve um gemido tremendo, um momento infinitamente longo em que cada homem forçou seu remo até quase vergar; a galé, afinal, deu mais um salto à frente, mais rápida do que nunca, deixando atrás de si um coro de gritos desumanos.

Terror, agonia, madeira batendo em madeira, metal encontrando carne, membros destroçados, uma confusão infernal de sons e imagens além do casco do navio – mas dentro dele não havia nada para se ver a não ser as fileiras ordeiras de escravos puxando seus remos e seus substitutos de prontidão. Mas os homens estavam aterrorizados. Olhos revirados, cenhos franzidos. A morte e a destruição causadas pelo *Astraea* podiam ser invisíveis para eles, mas continuavam sendo muito reais. Pior, a qualquer momento a embarcação deles podia sofrer o mesmo. Lá fora, mais gritos, mais trombetas; Ben-Hur sentiu uma batida e rangidos debaixo da quilha. Alguma coisa tinha quebrado. Algo irregular tinha arranhado todo o comprimento do casco. Um uivo borbulhante demorado cresceu e cresceu, então, parou de repente com um baque. Cada homem a bordo imaginou um crânio batendo no leme do navio.

Naquele instante, a galé ficou livre, voltou a se mover com agilidade e gritos de alegria ecoaram no convés. O *Astraea*, com seu bico mortal, tinha afundado um navio inimigo. Mas não

havia tempo a perder; soldados desceram correndo pelo passadiço e começaram a mergulhar fardos de algodão nos vasos de óleo, depois os passaram, pingando, até o convés. Clamor acima e uma palavra de alerta, seguida por vivas: a catapulta tinha acertado o inimigo.

Ben-Hur continuava firme em seu remo, ouvindo o tumulto. Ele conseguia distinguir a vibração das cordas do arco, o rangido das máquinas de guerra e, acreditava, não muito longe, o chefe dos remadores de outro navio, gritando enquanto ditava o ritmo de seus homens. De repente, o *Astraea* inclinou tanto que os remos de estibordo não alcançaram mais a água. As madeiras gemeram e, no convés, os soldados deram vivas, mas gritos fracos também foram ouvidos, junto com o chiado de um molinete. Uma galé inimiga tinha se colocado ao alcance dos ganchos de abordagem do *Astraea* e estava sendo erguida pela proa, jogando homens e armas na água enquanto era levantada. O braço do guindaste seria estendido ao máximo, pendurando a embarcação inimiga sobre a superfície do mar como um peixe no anzol, até que, afinal, ela seria solta e mergulharia verticalmente na água, o que inundaria seu casco e a afundaria. Todos os homens a bordo morreriam.

O barulho estava em todos os lugares agora, barulho e coisa pior. Soldados feridos eram levados para baixo, para longe da luta. Seus gemidos e uivos tão próximos, o sangue escorrendo por baixo dos bancos enquanto a carne rasgada das feridas ficava sem atendimento ao mesmo tempo em que os escravos continuavam remando e a batalha seguia lá em cima. Outras galés também tinham lançado bolas de fogo, e uma fumaça amarelada entrou na cabine dos remadores. Ela trazia o cheiro desconcertante de carne queimada, e mais de um homem ficou pálido. Eles tinham passado através dos restos de uma galé incendiada, na qual escravos morreram acorrentados a seus bancos.

“Oh, deuses, deixem-me morrer afogado em vez disso”, murmurou um homem atrás de Ben-Hur.

“Silêncio!”, gritou o soldado mais próximo.

Com um estrondo, o navio parou. Remos foram arrancados das mãos dos remadores quando eles caíram dos bancos, e um som de atropelo no convés foi logo abafado por um rangido no casco que podia ser sentido e ouvido. A galé tinha trombado com outro navio e as duas embarcações estavam presas em um abraço violento. O martelo do chefe parou, e quando voltou, mal podia ser ouvido por cima da algazarra de gritos e baques que irrompeu acima.

Mas os golpes regulares do martelo na mesa de madeira não puderam restaurar a ordem. Alguns escravos olhavam para cima, como se pudessem enxergar a batalha através das pranchas de madeira do convés; outros olhavam ao redor, procurando uma rota de fuga, esquecendo-se dos grilhões nas pernas. Outro soldado desceu correndo pelo alçapão, mas, dessa vez, Ben-Hur viu, ele não era romano. Uma espessa barba preta divida seu rosto claro em dois, enquanto seu escudo era feito de madeira e couro. De onde ele tinha vindo?

De repente, Ben-Hur compreendeu: eles tinham sido abordados. O casco pressionado contra o *Astraea* pertencia a piratas. Pelo tumulto no convés, a luta era impiedosa. Então, uma sequência de gritos altos e desesperados foi ouvida, acompanhada de pés correndo. Três soldados romanos foram empurrados parcialmente para baixo, então contra-atacaram e voltaram para cima. O tempo todo o chefe não parou de martelar o ritmo para os remadores.

Mas nenhum escravo tocou seu remo. O pânico tinha superado a disciplina. Ben-Hur olhou ao redor e viu que cada homem só pensava em si mesmo e em como conseguiria fugir ou sobreviver. No convés acima, o que estaria acontecendo com Arrius? Uma agulha gelada de medo penetrou na mente de Ben-Hur. Arrius o tinha visto como homem, não escravo. E se o tribuno fosse morto ou ferido? E se os piratas bárbaros o levassem prisioneiro?

Ben-Hur se colocou em movimento antes de concluir o pensamento. Arrius o deixou desacorrentado, um ato que poderia salvar sua vida. Mas ele continuava sendo um escravo. Se Arrius morresse, ele nunca seria nada além disso. Se vivesse, ele poderia ter um futuro.

Enquanto subia a escada, viu mais uma vez a imagem que o assombrava há tanto tempo: sua irmã e sua mãe arrastadas por soldados enquanto ele gritava. Sua mãe desmaiada, a irmã gritando, os captores sem expressão – ele nunca poderia apagar essa visão sem a ajuda do comandante romano.

Ele viu um céu vermelho e lúgubre. Sua mão tocou no convés e deslizou sobre uma mistura pavorosa de óleo e sangue. O ar estava espesso com cinzas, fazendo arder os olhos e a garganta. Com outro passo para cima ele viu barcos dos dois lados, despedaçados ou queimando. Perto dele, homens batalhavam em uma luta sem sentido, para frente e para trás com gritos e gemidos, perto demais uns dos outros para que pudessem usar suas armas.

Então, o apoio de seus pés cedeu abruptamente. O convés pareceu estar se levantando e quebrando em pedaços. Em um instante, apenas o casco partiu em dois, e como se estivesse só esperando, o mar chiou e espumou por cima das pranchas despedaçadas. Ele cobriu homens e armas, mastro e vela, engolindo tudo, e Ben-Hur só viu escuridão.

A água o sugou em um redemoinho implacável, batendo-o contra destroços e corpos. Seus pulmões queimavam cada vez mais. Uma corrente estranha o colocou de cabeça para baixo. Ele estava para se render à pressão e abrir a boca para o líquido insistente quando sua cabeça irrompeu a superfície e ele pôde respirar.

Seus olhos ardiam, turvados pelo sal e pelo óleo que flutuava na superfície. Ele não conseguia entender o que via. Brilhos lampejavam na escuridão. Havia algo imenso e escuro sobre ele, bloqueando a luz errática, que então o atingiu com tanta força na cabeça que ele viu estrelas e afundou por um instante. Mas com um gesto mais rápido que o pensamento, ele esticou seus longos braços de remador até a borda daquela massa flutuante. Um prego cortou sua mão, e Ben-Hur procurou um ponto de apoio melhor. Após inspirar algumas vezes com dificuldade, ele puxou o tronco para cima daquele destroço e deitou o rosto na madeira molhada, sentindo ânsia de vômito. À toda sua volta ele ouvia gritos, explosões, estalos e chiados, um rugido de agonia e as batidas constantes da água no pedaço de casco em que ele estava agarrado.

Uma mão surgiu e agarrou seu pulso, seguida por um rosto pálido e barbado. O homem gritou algo para ele e brandiu uma lâmina em forma de lua crescente. Judah viu sua própria mão se estender, arrancar a adaga do homem e enfiá-la no rosto dele. Antes que Judah se desse conta, o homem tinha afundado em um redemoinho de bolhas tingidas de vermelho. Ben-Hur olhou para sua própria mão, ainda segurando a adaga. Ele tinha acabado de matar um homem? Sem nem pensar? Havia sangue em sua mão. Ele tinha contrariado um dos mandamentos. O que mais poderia ter feito?

Ele rolou o corpo, deitando de costas, e ofegante, observou o céu. À sua direita, não muito longe, um navio ardia e as silhuetas escuras de soldados caíam se contorcendo no mar enquanto os escravos da galé berravam na cabine. Uma mão segurou seu tornozelo e um rosto o encarou com um olho azul, enquanto o outro estava pendurado em um buraco vermelho na face. Ben-Hur ergueu a adaga curva e a mão o soltou. Uma nuvem de fumaça desceu, tão acre que ele tossiu em espasmos. Após ficar isolado por alguns segundos, ele emergiu no meio de uma batalha feroz na superfície do mar. Os romanos atacavam furiosamente com suas espadas um bando de piratas que se protegia com escudos de couro, agarrados a um pedaço de mastro e parte de uma vela. Ele foi visto por homens dos dois lados, que se viraram e tentaram agarrar o pedaço de casco em que Ben-Hur estava, distraídos por um instante de sua luta.

Naquele momento Ben-Hur entendeu sua posição. Ele era inimigo de todos. A sorte, do seu lado pela primeira vez, tinha lhe fornecido um pedaço de madeira que o manteria vivo em meio

àquele confronto furioso na qual a batalha naval tinha se transformado – mas só se ele se agarrasse ao seu destroço e afastasse todos os outros. Ele tirou as pernas da água e as colocou debaixo do corpo. Olhando por sobre o ombro, ele percebeu uma grande onda vindo. A montanha de água carregava muitos destroços. Ben-Hur viu um cilindro liso deslizando na frente da onda e, como um relâmpago, segurou a adaga com os dentes.

Todos os anos no banco de remador aguçaram seus reflexos. Seus olhos e corpo reconheceram um fragmento de remo e se prepararam para o peso, de modo que, quando suas mãos se fecharam ao redor da haste do remo, suas pernas e tronco aceitaram o esforço imposto pelo núcleo de chumbo. Um dos romanos estava quase alcançando o flutuador de Ben-Hur com o braço, então este fez um movimento para atingi-lo com o remo. O braço do romano se quebrou e ele berrou, deslizando de volta ao mar. O urro logo foi interrompido, quando ele afundou.

Mas não houve descanso. Um novo som de água correndo e uma conhecida batida regular veio de sua direita. Um véu de fumaça foi rompido e apareceu uma galé de dois andares, seguindo na direção de Judah. Ele se deitou para tentar remar sua prancha. O fragmento de remo não tinha lâmina, então ele o guardou debaixo do corpo e usou as mãos em conchas para mover a água. A galé se aproximou, produzindo uma onda alta com a proa. Sobre o convés, armaduras romanas cintilavam ao refletir a luz de manchas de óleo que queimavam sobre a água. O ritmo ditado pelo chefe dos remadores acelerou, e Ben-Hur se viu obedecendo-o, remando para escapar à ameaça que se aproximava. O bico de ferro fez a água borbulhar antes da proa, e Ben-Hur enfiou as mãos na água o máximo que conseguiu, puxando com o mesmo esforço que usava apenas alguns minutos antes no banco de remador.

O bico passou por baixo dele e sua sorte continuou: a proa bateu na extremidade de sua prancha, jogando-o de lado, de modo que, no momento mais estranho daquela noite lúgubre, ele deslizou sobre a prancha entre o casco imenso e as lâminas dos remos. Acima dele, as hastes dos remos iam para frente e para trás, puxadas pelos escravos; ao seu lado, as lâminas mergulhavam e viravam; uma batida, duas, três… e a galé se foi, deixando um rastro brilhante na água escura.

Ben-Hur desabou sobre a superfície de sua prancha, arfando por ar. Ele ficou estremecendo durante um longo minuto. Perto e longe ele ouvia o alarido da batalha: baques e estrondos, gritos, uivos, água borbulhando. Ele mal notou a batida abafada quando sua prancha atingiu outro objeto flutuante, mas um gemido se seguiu e ele ergueu a cabeça. Ben-Hur precisava ser vigilante. Sua preciosa prancha poderia mantê-lo vivo durante a noite, mas todo homem no mar que ainda conseguisse usar a cabeça teria a mesma ideia. Havia mais homens que pranchas; ele poderia ser jogado no mar a qualquer instante. Ben-Hur olhou para a água.

Havia um romano afundando ao lado dele, a capa vermelha enrolada em seu rosto. O capacete mergulhado na água. Uma armadura com desenhos elaborados subiu, depois afundou de novo. O rosto emergiu na superfície e a boca se abriu. Judah percebeu que sua mente se movia devagar quando aquele rosto se afastou e mergulhou na água outra vez. Espere… Ele estendeu a mão. Aquele rosto… Ele fez um esforço para frente, pegou a capa e puxou. O corpo se virou. A capa foi arrancada da armadura. Com a ponta dos dedos, ele agarrou a parte de trás do capacete, inclinando-se para fora da prancha, e conseguiu virar o corpo e trazer o rosto para a superfície.

Era Arrius. Os dedos de Ben-Hur foram mais inteligentes que seu cérebro e tatearam em busca do fecho da tira do capacete. Ele o soltou e tirou, deixando o bronze polido afundar nas profundezas. Então, ele se inclinou mais, tentando alcançar as fivelas da armadura. Uma fivela, duas; ele lutava com o couro molhado para soltar o metal forjado. Todo aquele trabalho, todo aquele dourado, a grandiosidade do império… não restou nada além de um brilho tênue seguindo o capacete rumo à escuridão. Agora, Arrius era apenas um homem de carne e osso como Ben-Hur. Fácil de segurar pelas axilas. Ele tirou a cabeça do tribuno romano de dentro da água. Mais um esforço e os ombros dele ficaram sobre a prancha de Ben-Hur.

Tudo demorou menos de um minuto, e os dois homens ficaram semissubmersos na prancha, que deslizava abaixo da superfície. Ben-Hur se permitiu algumas inspirações para se recuperar e então puxou Arrius mais para perto. Arrius! O único homem a bordo do *Astraea* que o viu como um ser humano! O único homem que valia a pena salvar, em meio às centenas agonizantes que flutuavam por perto. Ben-Hur olhou para o rosto pálido do romano e encostou a orelha no peito dele. O coração de Arrius batia acelerado, mas o homem continuava respirando. Que sorte que os caprichos das correntes entregaram Arrius na jangada improvisada de Ben-Hur! Ou será que seu Deus ainda cuidava dele?

À sua direita, a galé que quase o atropelou empalou um navio pirata, e os sons da batalha ecoaram sobre a água: batidas e estouros, guinchos e gemidos. Os piratas bradaram um grito de guerra rítmico que atravessou a noite. Arrius tossiu e arfou junto ao cotovelo de Ben-Hur, depois vomitou água do mar. Ben-Hur o virou de lado, para que o vômito escorresse para o mar, e então olhou de novo para os navios em combate, bem a tempo de ver as chamas engolirem a vela e o cordame da embarcação pirata.

Em um instante, o navio romano pegou fogo. Fuzileiros sobre o cordame começaram a bater, frenéticos, as chamas que lambiam a vela. No convés, soldados aos pares jogavam os barris de óleo ao mar. O chefe dos remadores urrava tão alto que Ben-Hur quase conseguia entender as palavras; o homem ordenava que os escravos remassem para trás, afastando-se do inimigo. Os navios estavam presos por ganchos e o bico de ferro, mas agora eles precisavam se separar ou afundar junto com os piratas. Ben-Hur não conseguia tirar os olhos daquela cena. Se as chamas alcançassem o óleo, estaria terminado. Os dois navios arderiam, talvez até explodissem. Ele percebeu que a prancha estava se aproximando demais da batalha e se deitou, para tentar manobrá-la para longe.

O aviso veio na forma de um clarão e um som que parecia de uma rajada de vento, seguido pela explosão de romper os tímpanos. Ben-Hur se jogou sobre o peito de Arrius para protegê-lo dos destroços voadores. Ele abriu os braços e agarrou as bordas da prancha com o máximo de força que conseguiu reunir, esperando pelo que a água fosse provocar. Eles foram para baixo, cobertos de novo por uma onda. Mas ela recuou com um arrasto longo, deixando Ben-Hur e Arrius onde estavam. O lugar em que os navios permaneciam tinha se transformado em uma fogueira flutuante, iluminando a noite ao redor em um grande círculo laranja. Ben-Hur sentiu movimento debaixo de si e olhou. Arrius estava abrindo os olhos.

Ele saiu de cima do peito do romano, mas continuou a segurá-lo pelo braço; outra explosão poderia acontecer. Arrius meneou a cabeça de leve e murmurou algo. À luz dos navios em chamas, Ben-Hur pôde ver que o cabelo grisalho de Arrius estava escuro em um ponto acima da orelha e se espalhava com rapidez, devido ao ferimento que abriu. Ele tateou com cuidado e encontrou as bordas da pele aberta. O osso logo abaixo parecia intacto, mas o rasgo era comprido e sangrava muito.

Ben-Hur olhou ao redor. O caos imperava. A superfície da água estava coberta de formas escuras que subiam e afundavam. Aqui e ali ele conseguiu distinguir um braço, um pé, um pedaço qualquer de músculo, mas nada disso flutuava por muito tempo. O fogo estalava e chiava enquanto ao seu redor homens feridos gemiam e uivavam. O odor acre do fogo deu lugar ao cheiro de carne assada. Mais à distância, Judah pensou ter visto outros clarões. A cena de morte e destruição diante dele devia estar se repetindo por todo aquele estreito marinho.

O que fazer a seguir? Ele olhou para Arrius, inconsciente outra vez. Ele sobreviveria àquela noite? O que aconteceria no dia seguinte? E se os piratas vencessem e o capturassem? Provavelmente pediriam resgate por Arrius, mas Ben-Hur continuaria um escravo. E se os romanos vencessem? Arrius voltaria para Roma… Ben-Hur interrompeu o pensamento. E se eles não fossem encontrados? Isso era o mais provável. Os vencedores de uma batalha naval tentavam recolher os sobreviventes, mas isso demoraria dias. Arrius não sobreviveria vários dias

naquelas condições.

Contudo, estava quente, Judah disse para si mesmo. Ele tinha ouvido falar de homens que caíam em um mar tão frio que em poucas horas adormeciam e afundavam. Isso não aconteceria com ele. Sua boa sorte – seu Deus – o colocou naquele pedaço de madeira e lhe enviou o único homem que poderia mudar sua vida. Tinha que existir um motivo para isso!

Capítulo 9
À DERIVA

Nas horas seguintes, os navios queimaram até consumir tudo o que havia acima da água e o fogo apagou. Os gritos dos escravos moribundos cessaram, mas o odor de queimado continuou no ar. O vento parou e a água ficou imóvel. A fumaça subiu ao céu e as estrelas apareceram. Uma vez ou duas, um clarão distante iluminava o horizonte, para depois se apagar enquanto a batalha continuava longe dali.

Ben-Hur soube que a noite estava quase no fim quando os pássaros voltaram. Um a um, depois em bandos, eles começaram a voar ao redor dos destroços flutuantes quando o céu clareou. Quando o horizonte estava claro, os pássaros começaram a vasculhar a superfície, bicando tudo que estivesse flutuando. Judah tentou se convencer de que as aves estavam encontrando restos das rações dos marinheiros, mas foi mais difícil acreditar nisso depois que uma mão passou flutuando e um pelicano mergulhou do céu para abocanhá-la. Quando o pássaro levantou a cabeça, um par de dedos estava para fora do seu bico. Depois de fixar seu olho redondo e amarelo em Ben-Hur, a ave bateu as asas com força e levantou voo. Ela deixou um forte odor de peixe para trás. Segundos depois, a mão caiu de volta na água, rejeitada pelo pelicano.

Quando o Sol estava bem acima do horizonte, Arrius falou. Primeiro ele murmurou, acordando Judah de uma soneca. Ele rolou a cabeça de um lado para outro e estremeceu.

“Espere; tenha cuidado. Você foi ferido”, Ben-Hur disse, colocando a mão na testa de Arrius. O tribuno franziu o cenho para ele, fechou os olhos e retornou à inconsciência.

Mas, algum tempo depois, Ben-Hur olhou para baixo e viu que Arrius o estudava em silêncio. Quando o olhar de Judah encontrou o do tribuno, este abriu um sorriso irônico.

“Parece que minha sorte de comandante acabou. Minhas oferendas no altar de Fortuna não foram suficientes. O que aconteceu?”

“Os piratas afundaram o *Astraea*”, Ben-Hur respondeu. “Eu subi ao convés no momento em que o navio se despedaçou e tudo caiu na água. Esta prancha estava por perto, então eu a peguei e pouco depois encontrei você. Isso é tudo. Só que se eu estivesse acorrentado ao banco, como os outros escravos, estaria morto. Então eu lhe devo a minha vida.”

“E eu lhe devo a minha por me recolher, então estamos quites.” Arrius puxou os cotovelos e tentou levantar a cabeça, mas fechou os olhos e a deitou outra vez. “Minha cabeça foi atingida?”

“Deve ter sido. Tem um corte grande acima da orelha.”

“Dizem que água salgada é boa para ferimentos”, Arrius comentou. “Você viu mais alguma coisa da batalha?”

“Uma galé romana afundou junto com um navio pirata perto do *Astraea*, mas você deve ter

visto isso. Foi antes de afundarmos. Tarde da noite a batalha continuava ao longe, mas não deu para ver muito. E os destroços não revelam muita coisa.”

“Não há nenhum navio por perto?”

“Nem uma única vela.”

Arrius ficou em silêncio por um longo momento.

“Eu acho que seremos resgatados”, ele disse. “O estreito é pequeno. É fácil para um navio vasculhar de costa a costa.” A voz estava fraca e ele tinha que fazer pausas para respirar.

“Talvez fosse melhor você não falar”, Ben-Hur disse.

“Não, eu preciso…” A voz dele sumiu. Ele ficou imóvel, então procurou reunir forças. “Costelas quebradas, eu acho.” Ele passou a mão no próprio flanco. “Isso… aqui e aqui. Sinta.”

Judah hesitou. Uma coisa era pegar um Arrius inconsciente, tirá-lo da água e examinar suas feridas. Mas quando o homem estava falando… Três anos nas galés não sumiam assim tão depressa. Arrius continuava sendo o tribuno, falando latim, vestindo vermelho. Era ele que dava as ordens. Mas ele percebeu a situação.

“Não digo isso como um mestre se dirigindo ao escravo”, Arrius acrescentou. “Eu acho que a noite que enfrentamos apagou tudo isso.”

Ben-Hur concordou e estendeu as mãos grandes sobre o peito de Arrius. Ele tentou ser delicado, mas ainda assim Arrius ficou rígido quando suas mãos tocaram o tórax do tribuno.

“Você está conseguindo respirar?”, Ben-Hur perguntou.

“Não tão bem quanto de costume”, Arrius admitiu.

“Então temos que torcer pelo resgate”, Ben-Hur disse. Na verdade, os ferimentos de Arrius não importavam. Eles morreriam de fome ou sede dentro de alguns dias. Arrius mencionou que navios iriam resgatá-los, mas Ben-Hur achava isso improvável. Essa era a diferença entre um tribuno e um escravo: o tribuno ainda esperava que a sorte o salvasse.

Arrius se recostou na prancha, mas suas mãos se moveram para os lados. Ele parecia estar medindo as bordas da madeira em que ele e Ben-Hur estavam. Um sorriso curvou seu lábio.

“Você é mesmo filho do Príncipe Ithamar da Casa de Hur, não é?”, ele perguntou.

“É claro que sou. Por que eu mentiria sobre isso?”, Judah respondeu.

“Eu conhecia bem o seu pai, sabe”, Arrius disse. “Nós éramos bons amigos. Ele teria visto logo a piada desta situação.”

“Que piada pode existir aqui?”, Ben-Hur perguntou.

“Você sabe no que estamos deitados? É parte de um banco de remador. Às vezes os deuses debocham de nós dessa forma.”

“Os seus deuses, não o meu”, Ben-Hur disse. “Não se esqueça que sou judeu.”

“É claro”, Arrius disse. “Eu devia ter me lembrado.”

“E meu Deus não debocha.”

“Não”, Arrius concordou. “Mas os meus são conhecidos por fazerem isso.”

O silêncio se interpôs entre eles por algum tempo. O Sol subiu mais. O calor aumentou. Ben-Hur sentiu sua pele secar e a sede começar. Ele já tinha sentido sede e fome antes, mas se perguntou como Arrius iria tolerar o desconforto. Como um soldado romano, sem dúvida.

“Sou grato pelo que você fez”, Arrius disse, de repente. “Eu sei que, ao me salvar, você colocou sua própria vida em risco. Não há muito espaço neste banco, e nosso peso combinado pode fazer com que afunde.”

“Eu não poderia deixá-lo…”, Ben-Hur começou, mas Arrius levantou a mão.

“Não. Deixe-me terminar. Pegue o anel do meu dedo.” Ele estendeu a mão para Judah. Era um imenso anel de sinete com uma pedra entalhada no meio. “Aqui… ponha-o. Se eu não sobreviver, leve-o até minha propriedade em Miseno. O capataz irá lhe dar o que você pedir, quando contar como conseguiu isto.”

Ben-Hur tomou fôlego para falar, mas Arrius continuou.

“Se eu sobreviver, é claro, vou poder fazer mais por você. Irei libertá-lo. E o mandarei de volta para Jerusalém, se você quiser. Eu posso ajudá-lo a encontrar sua família, ou pelo menos a descobrir o que aconteceu com ela.”

De novo Judah começou a falar, mas Arrius sacudiu a cabeça.

“É o mínimo que posso fazer. Eu tenho algum valor para o império, e não pedi muito pelos meus serviços ao longo dos anos. Eu não tenho mulher nem filhos. Terei prazer em servir ao filho do meu amigo, o Príncipe Hur.”

Ben-Hur observou Arrius, que agora estava deitado com os olhos fechados. A mão com o anel cintilante de ouro descansava sobre seu peito. O sol refletia no metal amarelo quando Arrius respirava.

“Pegue o anel”, Arrius disse. Ele ergueu a mão e Ben-Hur retirou o objeto e o colocou em seu próprio dedo indicador.

“Mas eu tenho um pedido”, Arrius disse. Ele tomou ar algumas vezes. “Talvez você saiba que nós romanos não podemos sobreviver ao nosso fracasso. Você está vendo alguma vela?”

Ben-Hur fez sombra nos olhos com a mão e vasculhou todo o horizonte.

“Pode ter uma vela ao norte, mas também pode ser uma nuvem.”

“Logo nós vamos saber. Se for uma vela, teremos que esperar para ver se é romana. Se não for, eu serei um homem morto.”

“Você deve ter algum valor como refém, não?”

“Isso não pode acontecer”, Arrius disse e sua voz soou mais clara e confiante. “Essa é a promessa que quero ouvir de você. Jure pelos deuses…”

“Por Deus”, Ben-Hur o interrompeu. “Meu Deus, não os seus deuses.”

“Pelo seu deus”, Arrius continuou, “que se um navio pirata nos encontrar antes dos romanos, você irá me empurrar desta jangada e me deixar afundar”.

“Não”, Ben-Hur disse no mesmo instante e começou a tirar o anel do dedo. “O dom da vida é de Deus. Não podemos tirá-la.”

“Você nunca matou um homem? Talvez na noite passada, em meio à escuridão e ao fogo, enquanto tentava salvar sua própria vida?”

Ben-Hur não respondeu de imediato, mas lembrou da nuvem vermelha de sangue no mar, enquanto observava o homem que ele matou afundar.

“Matei”, Ben-Hur admitiu, afinal. “Isso pesará contra mim, eu sei. Mas não vou ajudá-lo a fazer isso.”

Arrius suspirou.

“Você me lembra seu pai. Ele também era inflexível. Você não vê a vergonha que é para mim, como romano, ser sujeito ao cativeiro? Sucesso e honra são tudo para nós!”

“Mas não para nós, tribuno. Nós temos leis. Eu salvei sua vida e agora sou responsável por ela. Pegue o anel de volta.”

“E se eu lhe ordenasse?”

“Você não pode. Pelo menos por enquanto, não sou um escravo. Talvez eu volte a ser. Acho que é mesmo uma vela ao norte. Eu sei que os piratas me colocariam de novo no banco. Mas neste momento não tenho que obedecer ao seu comando e escolho não honrar seu pedido. Neste momento sou um judeu obedecendo às minhas leis. Então vou lhe devolver o anel.” Ele o tirou e estendeu para Arrius. Este sacudiu a cabeça e Judah abriu a mão. Nenhuma resposta do tribuno. Então Ben-Hur virou a mão espalmada e o anel caiu na água turva. Ele brilhou por um instante e então desapareceu.

“Isso foi um erro”, Arrius disse. “Não poderei fazer nada por você, se eu morrer.”

“Tribuno, você já me mostrou mais bondade do que pensa. Durante três anos eu não fui nada mais que um animal para todas as pessoas que conheci.” Ele fez uma pausa. “Não, teve outra pessoa: um homem da minha idade me deu água em Nazaré, dois dias depois que tudo

aconteceu. Mas desde aquele momento, nada, até você falar comigo da minha família. Como eu poderia matá-lo depois disso?”

“Eu não preciso da sua ajuda para morrer, sabe”, Arrius disse. “Eu posso simplesmente escorregar desta prancha. Vai ficar mais fácil ao longo do dia.”

“Então por que me pediu?”

“É o jeito romano”, Arrius disse, dando de ombros. “E grego. Quando Sócrates quis morrer, alguém lhe deu cicuta.”

Ben-Hur sacudiu a cabeça.

“Isso não tem nada a ver comigo. E acho que nós vamos saber, muito antes do fim do dia, qual vai ser o nosso destino. Aquela vela está vindo na nossa direção.”

A noite anterior pareceu longa, mas não se comparava àquela manhã. Arrius estava machucado demais para fazer outra coisa que não permanecer deitado. O orgulho o impedia de crivar Ben-Hur com perguntas, mas ele estava ansioso e agitado. Ben-Hur estava desesperado para observar melhor o navio distante, mas o banco inundado era estreito e instável demais para permitir que ele levantasse a cabeça muito além da linha da água. Isso colocava outra questão; se o navio realmente se aproximasse, como fazer para que Ben-Hur e Arrius fossem vistos? Ben-Hur estava arrependido de ter deixado o capacete e a armadura de Arrius afundar quando resgatou o homem; o sol, refletindo no metal forjado, poderia ter atraído a atenção para eles.

Mas e se fosse o navio errado? Ben-Hur olhou para Arrius, agora com os olhos fechados. Ele estava mais pálido do que antes? Será que sobreviveria àquele dia?

“Tribuno, como posso distinguir um navio romano de um corsário?”

Arrius pareceu espantado.

“Você não sabe?”

“A única vez que eu subi ao convés foi para passar de um navio para outro”, Ben-Hur o lembrou. “Tudo que eu conheço é o lado de dentro do casco. E todo navio que eu vi era romano.”

“Navios romanos carregam sempre um capacete no alto do mastro”, Arrius respondeu. “E… você vê alguma bandeira?”

“Ainda está muito longe.”

“Bandeiras significariam um navio romano comemorando a vitória.”

“Espero que seja isso que apareça, então.” Ben-Hur olhou para o tribuno. “Mas ainda vai demorar algum tempo. Podemos rasgar sua túnica para proteger seu rosto do sol? Ele vai ser implacável. E será mais fácil suportar a sede se você estiver coberto.”

Arrius levantou a barra da túnica e tentou rasgá-la.

“Você é mais forte que eu. Veja o que pode fazer.”

“Como eu me recusei a tirar sua vida, continuo me sentindo responsável por você”, Judah disse com um pequeno sorriso. Ele se debruçou para puxar a bainha. Era um tecido ótimo, sem costura, e se recusou a ceder. Ben-Hur tentou rasgá-lo com os dentes, mas a borda resistiu.

“Tecido romano”, Arrius disse. “Feito parar durar para sempre. Como o império.”

“Seria uma pena se a roupa durasse mais do que a pessoa que a veste”, Ben-Hur disse.

“Isso agora está nas mãos dos deuses”, Arrius respondeu e fechou os olhos.

Ele podia estar dormindo. Ou apenas querendo descansar. Ben-Hur não podia culpá-lo. As chances de sobrevivência pareciam ínfimas. Na água, ao redor deles, Ben-Hur só via destroços. A destruição reinava: tábuas chamuscadas, cordas desfiadas, vigas quebradas. Muito do material flutuante não podia ser identificado, embora parte dele devesse ser humano. Aquilo acabaria apodrecendo e afundando. Ou os carniceiros do mar acabariam engolindo tudo, abaixo ou acima da superfície. Ao pensar nisso, Judah teve que se conter para não puxar os pés, que estavam dentro da água. Isso poderia desequilibrar o estado precário da prancha e dar a Arrius o fim que ele parecia querer.

Ben-Hur pensou se queria morrer. Ainda não, é claro. Ele não tinha sobrevivido a três anos como escravo nas galés para deixar aquela oportunidade escapar. Ainda assim, havia algo de impressionante na determinação de Arrius. Ben-Hur admirava a ideia de que um homem podia controlar seu próprio destino. A escolha entre sucesso e morte parecia razoável. Até atraente. Mas não era assim para o povo escolhido.

Ele ergueu a cabeça o mais alto que conseguiu. A galé distante continuava rumando na direção deles, mas Judah não conseguia distinguir nenhuma característica especial. Como era a aparência das galés bárbaras? Seria útil se elas tivessem características distintivas, como velas listradas ou cascos coloridos. Isso seria útil também em combate, Ben-Hur pensou, para diferenciar inimigos de aliados em meio ao caos da batalha.

Ele se virou e vasculhou o horizonte outra vez. Uma brisa estava soprando, agitando a superfície da água e produzindo pequenas ondas e, conforme a prancha chegou ao alto de uma delas, ele viu uma vela se aproximando de outra direção. Muito mais próxima do que a galé que ele e Arrius estiveram observando chegar com velocidade.

Ele tocou o ombro de Arrius.

“Tribuno, tem uma vela mais próxima de nós. Pode ser romana, mas não consigo dizer.”

Arrius levantou a cabeça.

“Onde?”

“Ali… atrás de você.”

“Não arrisco me mexer”, o tribuno respondeu. “Estou me sentindo fraco. Não preciso lhe pedir que me empurre da prancha”, ele acrescentou. “Acho que posso conseguir a morte sozinho.”

O mastro ficava visível quando eles chegavam ao pico de cada onda. Estava se aproximando, e uma parte maior da vela ficava visível toda vez que a prancha era erguida pelas ondas. Mas não havia nada mais que Judah conseguisse ver. Se a galé mantivesse seu curso, passaria bem à direita deles, e talvez não fossem vistos. Valeria fazer um esforço se houvesse uma possibilidade de resgate. Mas e se o navio pertencesse aos piratas? Ben-Hur olhou para suas mãos grandes e calejadas. Ele parecia um escravo de galé e voltaria a sê-lo. Arrius… o tribuno estava deitado de olhos fechados e boca aberta, balançando ligeiramente enquanto a prancha oscilava sobre as ondulações. A pele dele já estava ficando vermelha do sol e a ferida sobre a orelha brilhava. Talvez ainda estivesse sangrando.

Ele devia arriscar? Fazer um esforço para saudar o navio mais próximo ou esperar pelo que estava distante? Aquele também poderia ser dos piratas. A questão, Ben-Hur percebeu, era tentar se comunicar com um navio logo ou depois, e logo era a escolha mais óbvia. Ele começou a bater os pés, com cuidado a princípio, para ver como a prancha reagia. Era um movimento contínuo, e Arrius continuou imóvel. Ben-Hur deslizou para a água para ver se isso ajudava; a prancha pareceu subir um pouco, mas ele conseguia ver menos. Ele conseguiria manter o curso? Conseguiria manobrar?

Ele bateu mais as pernas, reparando que não estava tão forte como de hábito. Ou talvez suas pernas não fossem tão fortes quanto os braços. Mas, para puxar um remo, é preciso se apoiar nas pernas. Quando o chefe batia o ritmo para um ataque, os homens se levantavam dos bancos a cada remada, apoiando o peso inteiro do corpo no remo. Ele deveria ser mais forte do que aquilo, pois não estava conduzindo a prancha a lugar algum. Ele deslizou com cuidado de volta à prancha para ganhar alguns centímetros de altura que lhe permitissem ver um pouco mais da vela. Eles tinham se aproximado? Estariam na trajetória da galé?

Uma onda maior foi na direção deles. Arrius dormia profundamente, ou talvez estivesse inconsciente; a cabeça dele rolava de um lado para outro quando a prancha se movia. Ben-Hur segurou Arrius pelo ombro quando eles chegaram ao alto da onda – estava fácil para o tribuno se afogar naquele momento, quando o resgate poderia estar próximo. A onda os ergueu o bastante

para Ben-Hur ficar aliviado: a galé estava indo na direção deles. Mas havia algo preocupante naquela visão. A vela estava cheia o suficiente? Ben-Hur não entendia de navegação. Isso ficava a cargo dos homens no convés. Talvez fosse normal.

Havia outra coisa ausente: as batidas regulares do martelo do chefe dos remadores. Ele já não deveria estar ouvindo?

A próxima onda o levantou ainda mais e deixou a vela da galé à vista. Ben-Hur decidiu que era romana. Ele não sabia dizer por que achava isso – talvez alguma coisa na vela branca e limpa e o… Era um capacete no alto do mastro? Ben-Hur apertou os olhos, esperando que eles confirmassem. Havia algo, com certeza um objeto arredondado, cujo lugar não parecia ser aquele.

Cada onda trazia o navio para mais perto, mas Ben-Hur ficou mais intrigado quando a vela ficou totalmente à vista. Ela estava frouxa? Será que experientes marinheiros romanos deixariam que a vela desperdiçasse vento? Ele olhou por sobre o ombro para verificar o curso da primeira galé que tinham avistado. Ele não conseguiu ver, mas outra onda mostrou a escota da embarcação mais próxima, solta em uma curva frouxa… sem ninguém para cuidar dela.

A galé devia estar sem tripulação! Como podia? Seria uma armadilha? Ben-Hur rejeitou esse pensamento. Armadilha para quem? Ainda assim, havia algo de misterioso no navio flutuando sem direção. Logo ele pôde ver o convés vazio, então a fileira de remos, abandonados como um punhado de caniços em ângulos malucos.

“Nada de bandeira”, pronunciou a voz de Arrius.

“Não”, Ben-Hur concordou. “Nem tripulação. Por quê?”

“Pode ser muita coisa”, Arrius disse. “Feridos, mortos, a maioria dos homens levados para tripular outro navio. Pode haver uma tripulação mínima a bordo.”

“Eles não deixariam a vela estendida e os remos para fora”, Ben-Hur contrapôs.

“A menos que seja alguma armadilha.” Arrius suspirou. “E a outra galé? A primeira?”

“Ainda está lá. Longe.”

“Um vigia daquele navio pode enxergar este?”

Ben-Hur meneou a cabeça.

“Não sei. Eu não sei a distância que é possível se enxergar do alto de um mastro.”

“Não, é claro que não.” Depois de uma pausa, Arrius acrescentou, “Uma boa distância”.

O que fazer então?, Ben-Hur se perguntou. Tentar chegar à galé vazia? Havia alguma vantagem nisso? Ele observou o navio e imaginou se haveria algum modo de escalar o casco… mas Arrius estava fraco demais. Isso estava fora de questão.

A galé que estava mais longe poderia vir investigar esta. Se aquele fosse um navio romano, tudo ficaria bem. Caso contrário, eles estariam em perigo. Ben-Hur esticou o pescoço de novo. Será que o navio distante…? Sim. Como remador, ele sabia. O ritmo dos remos tinha acelerado. Ele os observou, centelhas distantes quando o sol refletia nas lâminas molhadas sobre as ondas. O barco vinha com rapidez. Alguém tinha ordenado velocidade.

Provavelmente não demorou uma hora. Menos que metade disso para a galé distante alcançar a que estava mais próxima. E tinha, no caminho, respondido à saudação de Ben-Hur. Ambos os navios, afinal, eram romanos. A embarcação distante tinha se aproximado para investigar a abandonada – e encontrou os dois homens à deriva no mar.

Capítulo 10

ROMANO

Foi difícil transferir Arrius para o bote. Um dos marujos o reconheceu como o tribuno e comandante da frota e, por respeito, os marinheiros ficaram tímidos demais para pegá-lo e removê-lo da prancha inundada. Judah teve que tomar a iniciativa, debruçando-se sobre a borda e usando seus braços longos e sua força para levantar o romano e colocá-lo no fundo do bote.

“E quem é você?”, o capitão do barco perguntou. “Você parece ser um escravo de galé.”

“Ele salvou minha vida”, Arrius sussurrou. “Mostrem-lhe o devido respeito.” Ele não falou mais e os homens remaram em silêncio de volta à galé.

Foi um momento estranho para Ben-Hur quando subiu no convés daquele navio. Em instantes um soldado se aproximou com um robe. Logo depois, lhe serviram uma refeição e, em seguida, esquentaram água para que ele e Arrius pudessem se lavar. Um médico foi chamado para cuidar da ferida do tribuno e insistiu em passar um unguento nos cortes nas mãos de Ben-Hur. O médico viu os calos nas mãos dele e olhou para seu rosto, mas não fez perguntas. A essa altura todo mundo sabia que Ben-Hur devia ser tratado como protegido de Arrius. Ele podia ouvir o chefe dos remadores no convés inferior. À noite, às vezes, ele estremecia ao escutar a batida, o ranger dos remos. Era estranho, mas Ben-Hur tinha dificuldade para dormir em um sofá, e ele, com frequência, se enrolava em um cobertor e adormecia no chão.

Arrius se recuperou rapidamente do ferimento e assumiu o comando do navio. Quando se reuniram à frota, ele e Judah foram transferidos para a maior galé, uma trirreme, onde hastearam a bandeira do tribuno. A bordo da nova embarcação, ele comandou a ação que capturou toda a frota pirata. Ben-Hur ficou fascinado ao ver como ele comandava tanto homens quanto navios. Quando a frota romana e os navios atracaram em Miseno, os dois homens já tinham passado horas discutindo filosofias de guerra e liderança. Quando desceram a prancha para o quebra-mar em Miseno, havia um evidente afeto entre eles. Depois da recepção oficial, das trombetas, dos troféus, discursos e apresentações, dois homens ficaram para receber Arrius com abraços e risos calorosos. Um deles carregava uma coroa de louros que tentou colocar na cabeça do tribuno.

“Não, Caius”, Arrius disse, rindo. “O homem que merece os louros é este! De hoje em diante ele será conhecido como Arrius, o jovem, porque vou adotá-lo como meu filho. Ele me pescou depois que o *Astraea* afundou e me manteve flutuando em um pedaço de navio até sermos resgatados.”

“Muito bem, então, aqui está”, Caius disse, virando-se para Ben-Hur. “Você pode inclinar a cabeça? Não consigo alcançar. Só Arrius mesmo para ter a sorte de ser resgatado de um navio em chamas.”

Ben-Hur sorriu e colocou a coroa de louros em sua própria cabeça com uma mão. Mas quando eles passaram diante de um altar dedicado a Fortuna, ele viu o olhar de Arrius e tirou a coroa da cabeça. Arrius fez um sinal para Ben-Hur e este a depositou como tributo no altar.

* * *

Acabou ficando claro que aquele gesto foi típico de um jovem. Arrius soube, logo que conheceu Judah, que ele era inteligente, mas seu protegido tinha uma noção espantosa do que era esperado dele. Cuidadoso, Judah sabia observar, escutar e agir perfeitamente. Ele falava pouco até dominar o estilo de latim que era falado na casa de Arrius. Ele retomou seus estudos, o que fazia principalmente em grego, como os outros estudiosos. Ele se vestia como um romano e acompanhava Arrius em sua devoção. Algum tempo depois, o tribuno o adotou e Judah ficou conhecido em toda Roma como Arrius, o jovem.

Arrius não era dado a examinar os motivos dos outros, mas ele se perguntava, de vez em quando, porque o ex-escravo continuava com ele. Gratidão? Obrigação? Ambição? Ou apenas porque não tinha para onde ir? Logo que eles voltaram para Roma, Arrius, naturalmente, inquiriu sobre o destino da família Hur, mas nenhuma informação veio de Jerusalém, e nem mesmo uma investigação particular encontrou respostas. Assim, talvez, para aquele seu filho tardio, a vida em Roma fosse a melhor escolha.

Com certeza Judah aproveitou bem suas oportunidades. Gratidão mútua, os dois homens descobriram, podia ser a base para uma amizade. Frequentemente, Arrius falava de sua posição no governo romano e Ben-Hur prestava atenção. Não demorou para que ele passasse muitas horas por dia na famosa palestra romana, que treinava soldados para batalhas ou competições atléticas – que eram batalhas ritualizadas.

Para orgulho e prazer de Arrius, Ben-Hur se tornou um competidor agressivo e lutador habilidoso. Ele tinha fome de conhecimento. Às suas horas na palestra, ele adicionava semanas em acampamentos militares, observando os jovens oficiais e, a certa altura, ingressando em suas fileiras. Ele era admirado, mas não despertava muita simpatia. Ele sorria pouco e quase nunca ria.

Se não fosse pelos cavalos, Arrius pensou, Ben-Hur teria se tornado um homem endurecido muito cedo. Jerusalém não era uma cidade equestre, era seca demais, congestionada demais; e os judeus se sentiam mais à vontade com burros. Mas o exército romano dependia de sua cavalaria, e Ben-Hur se revelou um autêntico cavaleiro. Ele possuía uma atitude calma e via cada cavalo novo com um ar de curiosidade respeitosa. Aprendeu a cavalgar e conduzir carros, e logo adquiriu o nível de destreza que esperava de si mesmo – o domínio completo. E isso não surpreendeu Arrius. Mas ele também pensava que o cuidado de Ben-Hur com os animais alimentava algo essencial no jovem. Outros condutores saltavam de seus carros e jogavam as rédeas para um cavalariço, mas Ben-Hur sempre caminhava com os cavalos até estes esfriarem, e aproveitava para observar seu trote, sua respiração, a comunicação entre eles. Às vezes, ele próprio escovava os animais. O silêncio dos estábulos, o simples prazer tátil de encostar no grande animal quente, dava-lhe a sensação reconfortante de um universo benigno. Mas ele nunca conectou isso com o conforto e a rotina que tinha no Palácio Hur, em Jerusalém.

Quanto ao resto, ele observava e aprendia, adquirindo habilidades mortíferas. Judah mantinha-se atento às menções a Messala, cuja carreira militar parecia não progredir, pois era transferido de um posto remoto para outro. Cinco anos se passaram assim, e quando Arrius morreu, ele deixou toda sua imensa fortuna para Ben-Hur. Foram necessários vários meses para regularizar a propriedade, e durante esse tempo Ben-Hur fez seus preparativos, colocando um administrador na casa de campo em Miseno. Com educação, recusou as sugestões para que concorresse a algum posto político; as pessoas tinham se esquecido que ele era judeu e nunca

poderia ser um cidadão romano. E, um dia, simplesmente desapareceu de Roma. Ele tinha passado cinco anos aproveitando o melhor do treinamento militar romano, agora, pela primeira vez desde que Valerius Gratus desabou ao chão diante do Palácio Hur, Judah estava livre. Então, ele pegou um navio e foi para o Oriente. Seu pai tinha um administrador em Antióquia, um porto às margens do Mediterrâneo para onde convergiam as rotas da seda e das especiarias. Esse tal de Simonides podia ter alguma notícia de Naomi e Tirzah. Era uma longa viagem para uma diminuta esperança.

PARTE 3

Capítulo 11

O ADMINISTRADOR

Esther podia dizer que aquele seria um bom dia para seu pai. Ele nunca reclamava, mas não conseguia controlar o tom cinzento que sua pele assumia quando seus ferimentos o incomodavam. Simonides nunca admitia a dor, é claro, e depois que se recuperou por completo da segunda surra, não permitiu mais que ela cuidasse dele. Mas Esther sabia de tudo. Ele estava inconsciente quando o trouxeram de volta da segunda vez, e, durante dias, esteve perto da morte, enquanto ela, os criados e os curadores faziam o que podiam para consertar o corpo espancado. Pareceu para Esther, naquele momento, que seu pai estava decidindo se queria viver ou não. Ou talvez ele esperasse para ver que força poderia emergir e lhe permitir sobreviver. Na maior parte do tempo ela pensava que essa força era raiva, que ardia como uma chama minúscula e feroz em algum lugar dentro dele.

Assim, nos dias em que o criado o levava até o átrio e os olhos pretos dele brilhavam, ela ficava feliz. Em um dia desses ele comia um pouco mais. E podia até deixar a filha empurrá-lo para o terraço com vista para o Rio Orontes, para observar os navios de sua frota que estavam ancorados abaixo. Para agradá-la, Simonides até fechava os olhos e descansava no meio da tarde, durante as horas mormacentas em que ninguém, em toda Antióquia, fazia nada mais cansativo do que agitar lentamente um leque. Ele podia até provocar Esther um pouco, com delicadeza.

Neste dia, um de seus navios tinha retornado de um canto distante do mundo com um carregamento impressionante de especiarias. Quando Esther empurrou a cadeira de rodas do pai para o escritório, Malluch, o assistente dele, já estava lá, arrumando uma série de caixinhas de marfim sobre a grande mesa de trabalho. Ele estava cheirando vários pós marrons e castanhos, e soltava exclamações sobre pureza e frescor. Aromas de canela e cúrcuma começaram a se sobrepor aos odores familiares de algas marinhas e lodo que subiam do porto abaixo.

A empresa não era a principal preocupação de Esther. Enquanto seu pai e Malluch reviravam um maço de papéis, ela andava pela casa, da cobertura ao porão. A preocupação dela era simples: o conforto e a saúde do pai. Cuidar da casa não era tão fácil quando se vivia sobre um armazém ao lado de um cais. Mas Simonides ficava sentado no terraço e assistia às caixas, fardos e barris passarem de um navio recém-chegado para o imenso armazém, e depois via tudo isso partir novamente em carroças, camelos ou navios menores destinados a portos do Mediterrâneo. Em um dia muito bom ele até permitia que o carregassem escada abaixo e o descessem em um barco pequeno para que Malluch o levasse por entre os navios e ancorasse no rio. Ele afirmava que podia aprender muita coisa sobre seus capitães pelo estado dos cascos dos

navios.

Assim, Esther lutava contra a poeira e a desordem, o barulho e os odores. A satisfação do pai cada vez que um de seus navios chegava era sua recompensa. Eles hasteavam pequenas bandeiras amarelo-canário no alto do mastro quando voltavam de uma viagem de negócios para sinalizar, de longe, que tiveram sucesso. Esther não conseguia lembrar da última vez que um dos navios do pai retornou sem a bandeira amarela. Ela tinha ouvido um concorrente brincar sobre isso no mercado: “Os camelos dele só morrem de velhice; seus navios nunca afundam; seus escravos nunca o enganam”.

Era verdade. Mas ele nunca mais poderia andar nem viver sem dor. Esther achava que os triunfos comerciais do pai eram um prêmio de consolação insuficiente. Mas era imensa a admiração que tinha por ele. O pai guardou seu segredo durante a primeira surra, embora os romanos o tivessem deixado inconsciente e sangrando. Meses depois, eles voltaram. A mãe de Esther implorou ao marido que revelasse o segredo. Esther não ouviu a resposta – era uma adolescente na época, espionando do lado de fora do quarto dos pais –, embora soubesse do que se tratava. A propriedade havia sido confiada para ele administrar. E ele só a daria para o herdeiro legítimo e ninguém mais.

Enquanto descia a escada até o pátio, onde os escravos batiam os tapetes, Esther pensou que provavelmente faria o mesmo que o pai. Mas quem podia dizer onde terminaria a coragem deles? E quem desejaria pôr isso à prova?

Ela correu do pátio à cozinha, e dali de volta à cobertura, onde o pai trabalhava em um pequeno gazebo rodeado por um jardim, oculto do tumulto das docas. Ela espremeu algumas laranjas e serviu o suco para seu pai e Malluch, acompanhado de um prato de tâmaras e outro de amêndoas clareadas. Ela e Malluch tinham um acordo: Malluch comia na esperança de que Simonides, distraído, o imitasse. Até então, só o assistente havia engordado, mas Esther não era de desistir tão fácil.

Ela desceu a escada correndo e entrou no armazém, onde ratos tinham sido vistos em um canto escuro. Esther percorreu seu caminho sem pensar nos corredores de barris e prateleiras, rolos de tecido e sacos de grãos. Em um canto, um escravo recolhia uma pilha de pimentas com um papel, virando-se para espirrar e assim não perder nem um grão.

Ela quase trombou em um homem, quando virou depois de uma pilha alta de tapetes. Ele caminhava devagar, olhando para tudo com evidente fascinação. Esther deu um salto para trás, assustada, e, no mesmo instante, sentiu duas mãos grandes em seus ombros, segurando-a.

“Desculpe-me!”, uma voz grave disse. “Não havia ninguém para eu perguntar…”

Esther se soltou dele antes de responder.

“Como eu posso ajudá-lo?”

“Disseram-me que eu encontraria Simonides aqui”, o estranho respondeu. Ela olhou além dele, para onde o vigia deveria estar, na entrada do armazém.

“Não havia ninguém no portão?”, ela perguntou. “Ninguém na porta?”

“Não, mas tem muitos homens na doca. Alguma coisa deu errado no descarregamento. Um burro caiu na água.”

Foi então que o vigia voltou, seguido por meia dúzia de outros trabalhadores, e Esther acenou para ele. Então ela recuou mais meio passo do estranho e o observou direito pela primeira vez.

“Esta é a casa de Simonides. Posso saber quem o está procurando?” Era alto aquele homem, e impressionante de tão lindo. O cabelo e os olhos escuros sugeriam que era judeu; o robe de linho fino e as sandálias de couro macio indicavam riqueza.

“Perdão”, o homem disse, “mas eu prefiro contar minha história para Simonides. É complicado.”

Esther hesitou. Seu pai detestava receber estranhos em seu escritório. Ele dizia que os

romanos continuavam a espioná-lo para descobrir onde estava a fortuna de seu mestre. Mas o homem diante dela não parecia romano.

“Venha comigo, então”, ela disse e o conduziu pelas escadas. Enquanto subiam, Malluch descia, e parou no patamar para que eles passassem. Ele arqueou as sobrancelhas para Esther, que apenas continuou subindo. Ela reparou que o homem atrás dela não estava ofegante, embora a maioria dos visitantes considerasse a escada íngreme e alta.

Seu pai deve ter ouvido os dois conjuntos de passos, um dos quais era novo para ele. Quando Esther e o estranho chegaram ao escritório na cobertura, a cadeira de Simonides estava no centro da sala, debaixo da claraboia de mica púrpura. Esther estava olhando para o pai quando este viu o rosto do homem atrás dela, e, por um instante, ele ficou mais pálido que o normal, enquanto sua mão apertava uma dobra do pesado robe de seda. Mas logo se recuperou.

“Quem é este?”, perguntou, sereno.

Tendo trazido o estranho até o escritório, Esther foi se colocar atrás da cadeira do pai e pousou a mão no ombro torto dele. Havia uma tensão no ambiente que ela não compreendia. O homem alto olhava para o pai dela com um tipo de ansiedade.

“Eu sou o filho de Ithamar da Casa de Hur, um príncipe de Jerusalém”, ele disse, e Esther sentiu um choque estremecer seu pai. “Que a paz do nosso Deus esteja com você e os seus.”

“Que a paz esteja consigo”, Simonides respondeu com a voz calma. “Esther, um assento para o jovem?”

Ela pegou um banco de sândalo incrustado de madrepérola e ia colocá-lo ao lado do homem, mas este o pegou de suas mãos e colocou a peça a uma distância respeitável de Simonides. Mas não se sentou.

“Peço desculpas por aparecer sem avisar”, ele disse. “Eu cheguei a Antióquia na noite passada. Enquanto subíamos o rio, nós passamos por um de seus navios, e um passageiro me contou muita coisa, sobre você. Então, é claro que, como conheceu meu pai…” A voz dele falhou.

“Com certeza eu conheci o Príncipe Hur”, Simonides disse. “Por favor, não quer se sentar? E, Esther, pode servir uma taça de vinho para nosso visitante?”

Ela andou até uma mesa próxima e despejou vinho em uma taça de prata e entregou para o jovem. Mas ele continuou imóvel e não bebeu.

“Estou certo que você administrava os negócios do meu pai?”

Simonides demorou para responder. Esther tinha ido ficar ao lado dele, de frente para o visitante. Ela viu que o homem estudava o rosto de seu pai como se este pudesse lhe fornecer a resposta para um enigma.

“De fato, eu administrava os negócios do Príncipe Hur”, Simonides respondeu.

“E continua a fazê-lo?”

“Por que você quer saber isso?”

O visitante pareceu confuso.

“Porque eu sou o filho de Ithamar. Se você estiver a cargo dos negócios do meu pai…”

“Então agora é tudo seu?”, Simonides o interrompeu. “Você acredita mesmo que é a primeira pessoa que aparece fazendo essa afirmação, não é?” Esther se aproximou da cadeira do pai. A voz dele – normalmente tão clara, tão medida – tinha subido um tom. “O príncipe deixou uma fortuna substancial quando morreu”, Simonides continuou. “E quando a desgraça caiu sobre a família, os romanos quiseram se apropriar dela. Eles…” Simonides não conseguiu falar, mas gesticulou para a cadeira de rodas e seu corpo torto. “Eles tentaram me fazer dizer onde estava tudo”, ele continuou. “Duas vezes.”

O visitante olhou para a taça em sua mão e deu dois longos passos para recolocá-la ao lado da jarra, sobre a mesa.

“Desculpe-me”, ele disse. “É claro que eu não sabia. Eu passei muitos anos em Roma.

Cometi um erro. Percebo agora que parece que eu vim reclamar o dinheiro do meu pai, mas não é o caso. Eu fui adotado por um tribuno romano que me tornou seu herdeiro. Eu já sou rico. Só vim para saber se você sabe alguma coisa sobre a minha família."

"Que família?", Simonides perguntou, fazendo-se de desentendido.

"Quando os romanos vieram me pegar, levaram também minha mãe e minha irmã, Tirzah. Mas eu fui parar nas galés e minha família parece ter desaparecido por completo."

"As galés?"

"Aquele dia, o dia da nossa desgraça…" Ele fez uma pausa. "Eu deveria me explicar. Eu estava na cobertura do nosso palácio em Jerusalém assistindo à entrada do novo procurador. Eu derrubei uma telha do parapeito, que atingiu o procurador. Ele ficou só um pouco machucado, mas seus guardas invadiram o palácio e nos prenderam. Eu fui levado para o mar. Mas não sei o que aconteceu com minha mãe e minha irmã."

"E o palácio?", Simonides perguntou. "Quem ficou com ele?'

"O imperador tomou posse. Isso eu consegui descobrir. Parece que está vazio." O estranho fez uma pausa e olhou ao redor por um instante, como se tivesse esquecido por que estava ali. "Desculpe-me", ele disse. "Não estou entendendo. Se você é Simonides e serviu ao Príncipe Ithamar de Hur… por que você não…? Eu sou o filho dele", o homem disse, levando as mãos ao peito.

Esther ficou comovida. Ele parecia tão confuso, até mesmo magoado. Mas ela não falou. Nos assuntos de negócios, seu pai sempre conduzia as conversas.

"Você tem alguma prova?", Simonides perguntou, a voz calma.

O homem deixou as mãos caírem e apenas olhou para Simonides. Era óbvio que ele não tinha pensado nisso.

"Não", ele respondeu, meneando a cabeça. Esther quase podia vê-lo estudando as possibilidades. "Arrius… ele me conheceu quando eu era um escravo em sua galé. Eu já tinha servido por três anos. Eu não possuía nada, nem roupas. E antes disso, eles me levaram…"

"Alguém pode confirmar o que você diz?" A voz de Simonides continuava impassível e Esther começou a ficar impaciente com o pai. Ele não podia ver que aquele homem estava sofrendo?

"Não", o jovem respondeu. "Não. Eu não tenho ninguém daquela vida. Se eu pudesse encontrar minha família, é claro… Talvez os criados de nosso palácio em Jerusalém, mas tenho certeza de que eles se dispersaram… Aqueles que não foram mortos pelos romanos."

"Bem", Simonides disse secamente, "é uma infelicidade. E eu sou compreensivo. Mas você entende, não posso me arriscar. Ithamar da Casa de Hur deixou um patrimônio imenso. Os romanos tomaram tudo o que conseguiram – navios, armazéns, estoques. Mas não conseguiram localizar o ouro. Um negócio como o de Ithamar precisava contar com uma grande quantidade de várias moedas, em muitos lugares. Se eu soubesse onde isso está – e não estou dizendo que sei –, só iria transferir esse tesouro para o herdeiro genuíno da Casa de Hur. Os romanos", ele acrescentou, "continuam procurando o ouro. Isso é um fato".

O homenzarrão sentou, afinal, no banquinho.

"É claro", ele disse. "Eu entendo."

"E tem algo mais", Simonides acrescentou. "Você talvez não tenha pensado nisso." Ele inspirou fundo e endireitou a coluna o máximo que pôde. "O Príncipe Ithamar era meu dono. Eu era seu escravo. Minha filha, Esther, também é uma escrava. Como você serviu nas galés, deve compreender isso melhor do que a maioria dos homens que vêm de Roma. Mas pense nisto: se um legítimo herdeiro da Casa de Hur de fato sobrevivesse, ele seria meu dono. Seria o dono da minha filha, que é tudo que restou da minha família. Ele seria o dono da minha casa, do meu armazém, de cada um dos meus navios e de tudo que estes contêm, até o último prego. Para não falar de todos os *meus* escravos. Então, como está vendo, não é tão simples. Você está me

pedindo que lhe dê tudo. E eu não sei quem você é.”

O estranho permaneceu sentado por um longo momento. Então ele assentiu e se levantou devagar.

“Certo. Eu não tinha pensado nisso.” Ele parecia estar desconcertado. Ele fez uma reverência e disse: “Perdoe-me. Vou ter que pensar…”. Ele pareceu perder a linha de raciocínio e sua voz sumiu. Depois de alguns instantes ele continuou, “…vou ter que pensar em alguma coisa. Posso procurá-lo de novo, se conseguir provar?”.

“É claro”, Simonides disse, e dessa vez Esther pensou ter notado uma nota de simpatia na voz do pai. “Estou sempre aqui.”

O jovem permaneceu imóvel por alguns segundos, perdido em pensamentos. Esther sentiu que ele estava se recuperando do choque causado pela decepção. Então ele se endireitou e virou para ir embora.

Depois de alguns passos, ele se voltou.

“Que a paz esteja com você e os seus”, ele disse para Simonides e curvou a cabeça. “Obrigado por falar comigo.”

“Que a paz esteja consigo”, Simonides respondeu.

Conforme os passos do homem foram sumindo escada abaixo, Esther se virou para encarar o pai.

“Por que você foi tão cruel com ele?”, ela perguntou. “E tão duro?”

Para seu assombro, o rosto do pai estava vermelho.

“Querida Esther, eu fui cruel porque precisei. Eu tenho que ter certeza absoluta. Se aquele jovem for quem eu penso que é, ele vai encontrar um modo de provar sua identidade. Mas foi um choque terrível quando entrou. Ele é a própria imagem do pai.”

“Você não poderia ter sido mais simpático?”

“Venha aqui”, ele disse. “Do meu lado. Sente-se.” Ela puxou o banquinho que o estranho tinha usado e se sentou aos pés do pai. Ele pegou as mãos dela nas suas e Esther sentiu a tortuosidade dos dedos dele. “Eu esperava por este dia. Nunca pensei que fosse chegar, mas tudo que eu fiz nos últimos oito anos foi esperar por esse momento que acabou de passar. Tudo!” Ele largou as mãos dela e juntou as dele. Esther ficou assustada ao ver um par de lágrimas escorrer pela face dele, mas Simonides as enxugou. “É difícil lidar com isso. Eu nunca pensei que o jovem Judah pudesse ter sobrevivido. O que esse homem deve ter passado!”

“Jovem Judah?”, Esther repetiu. “Ele não lhe disse o nome.”

“O pai falava muito dele. Tinha muito orgulho do garoto.”

Esther começou a protestar.

“Mas…”

“Não.” O pai a interrompeu, meneando a cabeça. “Pense, Esther. Se aquele homem é quem eu penso, você pertence a ele. Assim como eu e tudo o que nós vemos aqui, lá embaixo e nas docas, no porto e além, nos mares ocidentais. *Ele é seu dono*. Quanto a mim, não me importo. Se ele for mesmo Judah Ben-Hur, meu trabalho terminou. Mas pelo seu bem, eu devo ter certeza de que ele é filho do pai também no caráter, além de ser na aparência. Chame Malluch. Eu vou mandá-lo atrás do jovem Judah. Ele é novo em Antióquia. Imagino que vá visitar o Bosque de Dafne. Não existe lugar melhor para testar a fibra moral de um homem.”

Capítulo 12

MUITOS DEUSES

Ben-Hur desceu a escadaria o mais rápido que pôde, depois encontrou o caminho em meio ao armazém até sair para as docas. Sem pensar, atravessou as ruas estreitas e lotadas, afastando-se do litoral, dos odores, do rangido dos cascos contra as docas, do barulho do cordame, do coro constante de gritos e dos corpos seminus dos escravos carregando e descarregando mercadorias. Afastando-se de tudo que o lembrava de seus próprios anos de escravidão. Quando seu único alento era pensar na família.

Ele continuou andando, sem destino, mas com rapidez. Caminhando para não ter que pensar. Vasculhando as ruas, observando as multidões. Antióquia era o centro comercial daquela extremidade do Mediterrâneo. As rotas da seda, vindas do Oriente, terminavam ali, no porto do Rio Orontes. Ben-Hur estava acostumado com a agitação e as multidões de Roma, mas Antióquia tinha um sabor diferente, uma paleta mais rica. Chapéus de pele passaram por ele, ao lado de turbantes, lenços de cabeça e solidéus. Aqui uma túnica magenta, ali um volumoso robe preto. Cada homem andava concentrado, preocupado com seus próprios negócios.

E qual deveria ser o negócio *dele*?, Ben-Hur se perguntou. O que ele faria a seguir? Como poderia provar quem ele era?

Ele não podia culpar Simonides, Judah disse para si mesmo, mas um impulso de raiva o percorreu mesmo assim. A palavra dele não era boa o bastante? Aquele era o fim da sua esperança?

Então lhe surgiu a imagem da filha. Também uma escrava. Que pertencia a *ele*, se pudesse provar sua identidade. Modesta, afável, competente. Ela tinha uma voz linda. E olhos verdes. O pai dela ficou aleijado para proteger a propriedade de Hur. Aleijado pelos romanos.

Sem se dar conta, Ben-Hur aumentou suas passadas. Mais de uma vez ele trombou com alguém da multidão, mas um olhar para o rosto fechado dele sufocava qualquer reclamação. Judah percebeu que estava com os punhos crispados e se forçou a relaxá-los. Ele e Simonides tinham tanto em comum! Por que o homem não reconhecia isso?

Ele continuou caminhando, só que mais devagar. As ruas ficaram mais largas e ele se viu em uma estrada pavimentada e reta, digna de Roma, com faixas destinadas a pedestres, carros e homens a cavalo. A própria estrada era pontuada por estátuas de mármore, e à distância havia uma colina verde coroada por um templo.

A multidão ao redor dele também tinha mudado. Aqueles não eram indivíduos cuidando de negócios, mas grupos em busca de lazer. Alguns cantavam, outros dançavam. Flautas, tambores e sinos competiam uns com os outros. Um par de jovens passou por ele; elas não vestiam nada

além de uma ou duas camadas de gaze rosada e puxavam duas cabras brancas. É claro: Judah tinha encontrado o caminho para o famoso Bosque de Dafne.

Ele tinha ouvido falar a respeito em Roma. Às vezes, os jovens da palestra se gabavam de dias passados ali, cantando, bebendo e relacionando-se com as servas do templo. Parecia não haver limites aos prazeres. Contava-se histórias de homens que nunca retornaram, pois escolheram passar a vida a serviço de um ou outro deus. O bosque era dedicado a Apolo, mas todo o panteão romano era adorado, bem como algumas das divindades anteriores, espíritos da madeira e da água. Diziam que Pã vagava por ali com seus sátiros. Baco era celebrado.

Baco, deus do vinho. Pã, que conduzia seus seguidores em aventuras sem limites, correndo livre para satisfazer todos os desejos. Como seria algo assim?

Nada parecido com as galés, Ben-Hur pensou, inflamado. Nada parecido com os anos sombrios, cruéis e desesperados ao remo. Seu olhar caiu em um touro branco à sua frente que carregava cestas de uvas. Um garoto loiro e gorducho seguia tranquilo no lombo do animal, espremendo as uvas em uma taça dourada que oferecia a todos que passavam.

Mesmo em Roma, Ben-Hur levou uma vida comedida. Uma vida masculina, com horas de exercícios militares, trabalhando sua habilidade crescente com armas, um esforço constante para obter mais força. As conversas à mesa de Arrius eram sérias. A dominação do Mar Mediterrâneo por Roma, a governança das colônias, táticas navais, os problemas de abastecimento das tropas, exploração financeira – esses eram os assuntos que Arrius apreciava. Algumas pessoas achavam que Roma estava se arrastando para a decadência, mas a Roma de Arrius era séria e correta. Antióquia parecia ser o oposto disso.

A estrada para o bosque terminava em uma campina exuberante, recoberta por uma grama tão verde que machucava os olhos. Ben-Hur ergueu os olhos para as árvores altas e viu dezenas que não conhecia. Algumas tinham flores cor-de-rosa ou brancas. Uma brisa fresca carregava um odor muito doce, quase intenso demais para ser agradável. Regatos serpenteavam entre as árvores, juntando-se em lagos ou correndo para formar cascatas artísticas. Um jovem vestindo apenas uma tanga saiu correndo de uma clareira, seguido por três jovens de cabelos compridos que carregavam guirlandas de flores. Elas soltavam gritinhos e ele ria. Elas o capturaram e o derrubaram, formando uma pilha de membros reluzentes. O jovem ergueu os olhos para Ben-Hur.

“Junte-se a nós!”, ele convidou.

E por que não? O que mais havia? Ben-Hur continuou andando, mas não parou de se questionar. Quem saberia se ele se entregasse à devassidão? E se ele passasse a tarde rolando naquela grama macia? E se alguma garota de cabelos dourados tocasse lira para ele e lhe desse uvas na boca? E se ele dormisse sobre o verde, acordasse no crepúsculo e seguisse Pã? Quem se importaria?

Ninguém. Ele não conhecia ninguém em Antióquia – e parece que ninguém o conhecia. Simonides era a última ligação com sua família, mas se recusou a reconhecê-lo como Judah Ben-Hur. Aquilo bastava! Ele estava farto da retidão romana, da paciência e fé no futuro judaicas. Em toda sua volta, as multidões se dispersavam pelas trilhas tortuosas, desaparecendo entre as árvores, participando de danças. Se ele não era reconhecido como Judah Ben-Hur, quem ele era? E por que continuar seguindo a fé de seus pais? Dez mandamentos! Quantos ele tinha quebrado, afinal, enquanto vivia como romano? Adorando múltiplos deuses, ignorando o sabá… e matando. Ele tinha matado, sem hesitação, enquanto flutuava naquela prancha precária no mar em chamas.

Então, por que não aproveitar o que era oferecido com tanta naturalidade nesse local? Por que se abster desses prazeres exibidos à vontade e aparentemente tão normais?

Judah saiu da trilha e sentiu a grama macia, fofa como uma almofada, mas fria, sob suas sandálias. Ele se viu diante de uma cidreira cuja casca lisa envolvia um tronco que tinha

assumido naturalmente o formato de uma poltrona. De repente Ben-Hur se sentiu cansado. A tensão da viagem desde Roma, a ansiedade de encontrar Simonides e a decepção vieram à tona. A grama à volta toda estava manchada de sol e sombra, e o ar se movia apenas o suficiente para criar um sopro suave na pele. Ele sentou debaixo da árvore, esticando as pernas compridas diante de si. Um olhar para cima mostrou flores, frutas e pequenos fragmentos de céu azul por entre a folhagem. Ele se recostou e em poucos instantes estava dormindo.

* * *

Malluch tinha assistido a tudo. O jovem podia ser ou não o Príncipe Hur, mas de qualquer modo, chamava atenção sem perceber. Caminhando alguns passos atrás, Malluch viu como os transeuntes observavam aquele jovem com curiosidade, admiração e algo mais. As mulheres, em particular, não conseguiam despregar os olhos dele.

Não era só isso; Malluch conseguia ler as emoções do jovem pelo modo como andava. Primeiro com raiva, absorto, querendo se distanciar, indo para qualquer lugar. Depois se acalmou, resignado, mais curioso com seu entorno. E então, no Bosque de Dafne… Bem, o jovem estava sucumbindo, não estava? Era quase engraçado o modo como olhava para as coisas. Dava a impressão de que ele nunca tinha visto uma mulher nua. E, parecendo chocado, deu as costas, para o casal sobre o tapete de pele de tigre.

O bosque atraía as pessoas dessa forma. Qualquer prazer disponível, sob a aparência de adoração aos deuses. Não era de admirar que o jovem tivesse adormecido. Era um modo de afastar as tentações. E não era uma má ideia naquele dia quente. Então Malluch o imitou, deitando na grama a alguns metros dele.

As trombetas acordaram ambos. Malluch se sentou devagar, ajeitando o solidéu na cabeça e puxando o robe por sobre os joelhos. O jovem estava encarando-o, assustado.

“Desculpe-me”, Malluch disse. “Eu vi um homem da minha fé dormindo debaixo de uma árvore e pensei que parecia uma boa ideia. Que a paz esteja com você.”

“E com você também”, o jovem respondeu. “Você ouviu as trombetas? Ou eu estava sonhando?” Enquanto ele falava, elas ecoaram de novo, uma fanfarra penetrante.

“É o que você está ouvindo”, Malluch disse. “E vão tocá-las ainda mais uma vez.”

“Por quê? Um som militar desses, em um lugar como este…”

“Estão chamando para o estádio.” Malluch se levantou e alisou o robe. “Nós dormimos durante o período quente do dia. Agora que está mais fresco eles vão começar a competição.”

“Que competição?”

Malluch ficou impressionado ao ver a agilidade com que o jovem levantou, quase saltando.

“A corrida de carros. Esta é sua primeira visita ao bosque?”

“É sim. Você sabe o caminho até o estádio?”

“Ah, claro. Eu moro em Antióquia. Meu nome é Malluch e sou comerciante. Vou ficar feliz de lhe fazer companhia.”

“Meu nome é Judah”, o homem alto disse. “Nos últimos cinco anos eu morei em Roma, onde aprendi a conduzir esses carros, então é óbvio que estou curioso para conhecer seus cavalos orientais.”

Eles foram até o estádio por uma alameda de ciprestes em um espaço entre duas colinas. O sol do fim de tarde clareava metade da pista de corrida, enquanto os dois pavilhões para espectadores ficavam na sombra.

“O estádio segue o padrão romano”, Judah disse, parecendo surpreso.

“Ah, sim. Acredito que as medidas foram tiradas do Circo Máximo. Aqui nós estamos longe do centro do império, mas os costumes romanos dominam.”

“Estou vendo”, Judah comentou quando um carro puxado por quatro cavalos entrou na pista.

“Eles correm com quatro cavalos? Os condutores têm que ser habilidosos”, ele acrescentou.

“Esporte romano, padrões romanos”, Malluch disse, dando de ombros. “Olhe, as outras quadrigas estão entrando. Vamos sentar.”

Eles encontraram dois assentos no alto da arquibancada, de onde toda a pista era visível. Malluch observou Judah, que estava concentrado nos animais, os olhos pulando de um para outro, comparando, admirando, duvidando. Alguns trotavam; outros marchavam. Um condutor desceu para ajustar o arreio simples, então andou lentamente até a frente dos animais, ajeitando uma rédea aqui, um cabresto ali, soltando um punhado de crina.

“Esses cinzentos são calmos demais”, disse Judah. “E muito grandes. Cavalos militares, talvez, treinados para combate. São fortes o bastante para carregar um homem armado, tranquilos para tolerar a batalha. Mas não podem ser rápidos nem ágeis.”

Quando ele terminou de falar, uma nova quadriga entrou no estádio e começou a trotar pela pista de fora.

“Agora, olhe esses cavalos!”, Judah disse. “Você viu? Esses são verdadeiros árabes. Duvido que o próprio imperador tenha animais melhores.” Até Malluch, que com frequência passava dias sem olhar para um cavalo, conseguia ver como eles eram esplêndidos. Baios perfeitamente iguais, com pelagem castanha escurecendo até o preto nas pernas e no focinho. Quase pareciam pequenos demais para a tarefa. Mas o que não tinham em altura compensavam com músculos: os pescoços arqueados, os peitos profundos, ancas arredondadas – tudo sugeria poder comprimido, enquanto as pelagens brilhantes e as crinas longas sinalizavam tratamento perfeito.

De fato, eles eram difíceis de segurar. O condutor estava em pé no carro, as rédeas esticadas em suas mãos com as pontas amarradas ao redor de seu corpo, mas apesar disso, os dois cavalos de dentro começaram a querer correr. Um dos animais de fora se juntou a eles; o quarto ainda trotava, mas logo desistiu. Em um átimo todos os quatro estavam galopando, mas suas passadas não combinavam. O condutor se inclinou ainda mais para trás, puxando as rédeas com todo seu peso. Ainda assim, não conseguiu controlar a velocidade. Na pista, as quadrigas mais lentas saíram do caminho. Judah abandonou Malluch e desceu correndo pelos assentos, chegando à corda pendurada entre lanças verticais que marcavam o limite da arquibancada. Os baios fizeram a curva e se aproximaram, agora com passadas iguais, devorando a pista. Mas o condutor estava impotente.

“Aiiiiêêê!”, veio uma voz do outro lado da arquibancada. “Detenha-os!” Judah olhou na direção do grito e viu um homem pequeno, um árabe de barba branca e roupa preta. “Vão! Segurem as cabeças”, ele gritou para o grupo de homens ao seu redor. “Eles não vão conseguir fazer a próxima curva!” Em um instante, seis jovens altos correram para a pista e se espalharam, fechando o caminho.

“Eles vão ser mortos!”, Malluch exclamou ao chegar ao lado de Judah.

“Não, veja”, Judah respondeu. “Os cavalos o conhecem.” O mais pesado dos homens – um sujeito robusto de cabelo curto, vestido de branco – pegou as rédeas do baio de fora. Correndo ao lado do cavalo por apenas alguns instantes, ele refreou o ímpeto do animal. Em alguns segundos cada um deles estava com um homem a seu lado, falando palavras tranquilizadoras, correndo junto, depois trotando.

Quando a quadriga chegou ao ponto em que o homem de barba branca estava sentado, ele desceu para a pista. Ele se colocou diante dos animais e os outros homens se retiraram. Um a um, os cavalos se aproximaram dele, completamente calmos, e esfregaram as cabeças no peito do homem, os focinhos nos ombros. Ele falou com cada um dos animais em voz baixa e passou a mão por suas pernas esguias. Então se endireitou. Os cavalos não se moveram, apenas o observavam com atenção.

Então, o dono dos cavalos andou até atrás do carro, onde o condutor estava em pé, ofegante, sobre a pista de terra. Seu braço esquerdo, que tinha segurado as rédeas, parecia machucado. Ele

colocou um dedo do pé na marca de um casco.

Ninguém pôde ouvir o que o árabe disse para o condutor, mas Malluch e Judah estavam próximos o bastante para ver o rosto do homem ficar vermelho. Ele concordou, então entregou o chicote para o árabe e se afastou. O velho estalou os dedos e um de seus homens subiu no carro e fez os cavalos saírem em um passo decente.

“Quem é ele?”, Judah perguntou. “Algum líder do deserto?”

“Isso mesmo”, Malluch respondeu. “Sheik Ilderim. Ele controla um território imenso além do Moabe, com cáfilas de camelos e acesso a muitos oásis. Como você pode imaginar, ele é rico… Oh, muito rico. Seus cavalos são legendários. A linhagem deles ascende aos estábulos do primeiro faraó. Os cavalos moram na mesma tenda que o sheik, e ele os trata praticamente como filhos.”

“E você conhece esse condutor azarado?”

“Não. Cavaleiros romanos costumam aparecer por aqui, na esperança de ganhar a vida nas corridas. Veteranos do exército, na maioria. E por falar de romanos, aí vem outro.”

Mesmo à distância, dava para dizer. Seria o dourado do carro? Com certeza aqueles eram os únicos cavalos com caudas e crinas aparadas, o que lhes conferia uma aparência severa, quase artificial, como se fossem objetos de decoração. No centro vinham dois animais pretos; os de fora eram brancos. Todos tinham fitas vermelhas e amarelas amarradas nos tufos curtos de suas crinas. As pessoas aplaudiram na arquibancada quando a quadriga se aproximou. As calotas das rodas eram de bronze e os aros de presas de elefante. O lugar do condutor era feito de ramos de salgueiro trançados e dourados. Judah estava admirando aquele conjunto quando algo no condutor chamou sua atenção. Seria a postura? A posição dos ombros? Ele conduzia com facilidade, oscilando com o movimento do carro leve, sua túnica de lã vermelha tremulando à altura dos joelhos. Com um estalo de seu chicote, ele fez os cavalos começarem um trote e depois um meio galope.

Foi quando a quadriga fez a curva e correu diretamente na direção dele que Judah viu o rosto do condutor. Era Messala.

Capítulo 13

UMA DONZELA

Messala! Judah não conseguia tirar os olhos daquele homem. Cabelos escuros, bem-apessoado, esguio, ele conduzia os cavalos quase parecendo descuidado. Ainda assim, ele possuía um ar de comando, como se usasse uma coroa de louros invisível. A multidão continuou a aplaudir, e então, enquanto sua quadriga passava diante das arquibancadas a meio galope, muitos espectadores se levantaram e gritaram seu nome:

“Mes-sa-la! Mes-sa-la!”

“O público gosta desse homem”, Judah observou, feliz por sua voz soar despreocupada.

“É o que parece”, Malluch respondeu. “Outro romano rico. O que você acha dos cavalos dele?”

“São impressionantes. Vejo que são árabes, também. Mas é uma pena que ele corte as caudas e crinas. Ele é um bom condutor. O carro é um pouco pomposo.”

“Pomposo é um bom modo de descrevê-lo. Digno do próprio Apolo”, murmurou Malluch.

Mas nesse momento um dos homens do Sheik Ilderim entrou na pista vazia e gritou para as arquibancadas.

“Homens do Oriente e do Ocidente, eu tenho uma mensagem do Sheik Ilderim! Vocês acabaram de ver os lindos cavalos baios dele. Vocês viram que o condutor não conseguiu controlá-los. O Sheik procura um novo condutor para a corrida daqui a seis dias. Como prêmio, ele oferece riquezas incalculáveis. Espalhem essa notícia para os homens de toda Antióquia: aquele que acredita que pode controlar os Filhos do Vento deve se apresentar ao Sheik Ilderim, o Generoso.”

A multidão fervilhou ao ouvir aquilo, mas Malluch reparou que seu novo amigo, Judah, ficou imóvel, como se estivesse pensando. Como se a mensagem fosse para ele. Mas Judah se virou para Malluch e disse:

“Existe algo mais que eu deva conhecer? Algo pelo qual o bosque seja famoso?”.

“Existe uma tradição que diz que a pessoa que vem pela primeira vez não pode ir embora sem tirar a sorte”, Malluch respondeu.

“Minha sorte!”, Judah exclamou. “O que, eu devo consultar alguma sibila antiga em um templo e ouvir algo que não compreenderei?”

“Não, não, nada é assim tão simples aqui no bosque. Nós temos a Fonte de Castália. Você compra um pedaço de papiro de um sacerdote e o mergulha na fonte. No mesmo instante, aparece uma escrita em verso no papiro dizendo qual é o seu futuro.”

“Eu ouvi falar dessa fonte, e imagino que o verso custe uma moeda. Embora eu não tenha

certeza se acredito nessas coisas. Esse não é o caso em que se faz uma pergunta para uma divindade?”

“Não”, Malluch admitiu. “Não é assim que funciona.”

“Tudo bem”, Judah disse, começando a descer os degraus. “Vamos dar uma olhada nessa famosa fonte.”

Mas ele ficou em silêncio enquanto caminhavam. A trilha os fez passar por uma colina íngreme, de onde uma série de fontes jogava água lá de cima em um pequeno lago, onde barquinhos podiam ser remados com imensas folhas de palmeira. Judah pareceu não reparar, como também não reparou no bando de sacerdotisas andando em procissão atrás de um par de tamborins tocados por duas garotinhas. Seu interesse e atração pelas cenas proporcionadas pelo bosque pareciam ter desaparecido. Malluch ficou preocupado. No curto tempo que passaram juntos, ele gostou do estranho. Simonides queria saber o que o homem fez no bosque, se encontrou com alguém, como reagiu. Mas Malluch percebeu que foram os cavalos que o divertiram. Será que ele estava pensando em aceitar o desafio do Sheik Ilderim? Malluch sentiu o coração apertar. Pelo que tinha visto, aqueles baios eram impossíveis de conduzir, ainda mais em uma corrida. A competição de quadrigas era violenta, provocando, com frequência, lesões. Mortes, até, não eram raras. Será que o jovem estava atrás do dinheiro?

* * *

Judah teria rido se ouvisse os pensamentos de Malluch. Dinheiro! De que isso lhe servia? Como filho adotivo de Arrius, ele possuía terras e ouro em Roma, e a vila de Arrius em Miseno estava à espera dele, com os criados preparados para recebê-lo a qualquer momento. Ele gastaria o quanto fosse preciso para encontrar sua mãe e irmã. Esse era seu único objetivo.

E então, ele viu Messala! A cabeça dele, enquanto passeava com Malluch pelas lindas trilhas do Bosque de Dafne, estava focada inteiramente em seu inimigo romano. O inimigo que prosperava.

Os anos tinham sido, obviamente, bondosos com Messala. Judah sabia o quanto custavam cavalos como aqueles, e também sabia que para manter quatro deles na pista era necessário ter muitos outros em treinamento ou se recuperando de lesões. O cesto de ramos trançados no carro de Messala era leve, mas frágil – ele devia precisar de um novo toda vez que os animais se exercitavam. Os estábulos, cavalariços, treinadores, arreios… tudo aquilo tinha um custo elevado. E Messala gostava disso, era evidente. Ele gostava da admiração do público.

Ele parecia ser um homem que nunca soube o que era ter dúvida. Ou dor. Ou ser obrigado a enfrentar uma vida de perigo. Muito menos escravidão. Ou a solidão terrível. Ou ainda, sentir culpa por ter provocado uma catástrofe para a mãe e a irmã.

Só que foi Messala quem provocou tudo isso! Messala apareceu no pátio do Palácio Hur em Jerusalém, acusou seu amigo Judah de assassinato e permitiu que fosse acorrentado. Messala era talvez o único que soubesse o destino de sua mãe e irmã.

Enquanto Ben-Hur caminhava pelo Bosque de Dafne com Malluch ao seu lado, ele mal enxergou as árvores, as fontes, os gramados, os templos, a beleza e a sedução. Sua mente estava concentrada em vingança.

Finalmente, os dois chegaram à Fonte de Castália e o interesse de Judah pelo local voltou. Ele se aproximou da multidão ao redor da fonte e examinou um rosto de granito do qual fluía um jato de água. Embaixo, ficava uma bacia em forma de concha, feita de mármore preto, onde a água rodopiava e borbulhava antes de escoar. Ao lado da concha, um velho recebia moedas e entregava as folhas de papiro para o comprador. Parecia que a sorte brotava mesmo, porque, de vez em quando, um homem mergulhava sua folha na água, lia, e depois exclamava e contava sua sorte para um amigo.

Judah, junto com Malluch, se aproximou do sacerdote e entregou algumas moedas para o homem. Ben-Hur pegou a folha de papiro e a mergulhou na água clara da fonte. Mas nesse exato momento, algo chamou a sua atenção. No alto da estrada que descia até a fonte surgiu um rosto altivo, de olhos pretos, aproximando-se em um ritmo lânguido. Em seguida, um pescoço comprido, um peito largo e uma linda liteira apareceram – era o maior camelo branco que aquelas pessoas já tinham visto.

Alto, sedoso e respeitável, o camelo trotou em silêncio até a fonte e as pessoas se afastaram. Camelos são antipáticos, todo mundo sabia disso, e aquele animal, grandioso em todos os sentidos, devia ser ainda mais. Ele era conduzido por um núbio enorme que vinha à frente em um cavalo e se mantinha bem longe daquela boca ágil. Quando o grupo chegou mais perto, foi possível ver os ocupantes da liteira. Até Judah ficou olhando.

A primeira coisa que se diria a respeito do homem é que ele era velho. E não havia muito o que acrescentar, pois ele era minúsculo, enrugado e de aparência frágil. Ele usava um imenso turbante de seda verde que parecia que iria esmagar sua cabeça. Mas seus olhos, Judah reparou, eram brilhantes, tão escuros quanto os do camelo, mas muito mais vivos.

Os olhos de Judah se demoraram no velho, mas ninguém mais prestou atenção, pois o outro passageiro era uma mulher. E mesmo no Bosque de Dafne, onde os encantos femininos eram exibidos sem preocupação, ela era notável. Normalmente, mulheres na posição social dela não eram vistas em público. Sua beleza era reservada às suas famílias. A mãe de Judah nunca saiu do Palácio de Hur sem cobrir o cabelo e o rosto com um véu. Mas aquela mulher era ousada. Ela estava empertigada na liteira, olhando para a multidão com um interesse despreocupado, e seus olhos passaram de rosto em rosto até pararem na fonte e no sacerdote, sem parecer se importar com os olhares que tinha sobre si. Um cabelo liso muito preto emoldurava seu rosto e então lhe caía sobre os ombros e as costas. Sua pele era pálida, mas ainda assim parecia quente, seus olhos escuros, suas feições refinadas, enfatizadas pelo delineador ao redor dos olhos e o vermelho nos lábios e nas bochechas. Ela usava braceletes de ouro em formato de víbora que prendiam a cauda com a boca acima dos cotovelos, e pequenas moedas douradas entrelaçadas a uma rede brilhante recobriam seu cabelo com algo que poderia ser um véu, mas que mais revelava do que escondia sua beleza.

Ela falou algumas palavras para o núbio, que freou o cavalo e apeou. O camelo também parou e então se colocou de joelhos com sua graça indolente. A mulher estendeu a mão que segurava uma taça de ouro para o escravo. Alguém estava com sede.

A multidão em volta da fonte abriu espaço para deixar o núbio se aproximar, ficando em silêncio para apreciar aquele espetáculo incomum. Até o sacerdote o observou encher a taça. Mas quando o núbio se virou para o camelo e os ocupantes da liteira, seu cavalo relinchou e se moveu.

Ben-Hur virou com rapidez, franzindo a testa, e a multidão fez o mesmo. Todos ouviram o mesmo som, e então enxergaram o que o produziu: um carro corria na direção deles, puxado por quatro cavalos a galope, dois brancos, dois pretos e o condutor estalava o chicote sobre a cabeça deles.

A multidão se dispersou num instante, mas nenhum camelo reage com essa rapidez. O núbio deixou o cálice cair na fonte, mas antes que ele pudesse alcançar seu mestre, Ben-Hur pulou para frente. Com duas grandes passadas, alcançou o grupo de quatro cavalos e agarrou os arreios mais perto dele. Ele firmou as pernas e segurou firme enquanto o cavalo empinava, puxando seu companheiro mais próximo com ele.

O suporte da quadriga que segura os animais subiu, desequilibrando o cesto. Em um instante o condutor cortou as rédeas enroladas no peito e pulou, escapando do acidente. Ele olhou para Ben-Hur e caminhou, com confiança, até o camelo.

“Minhas desculpas!”, ele exclamou ao se aproximar. “Eu não vi vocês na multidão. Eu

planejava parar a tempo.” Ele sorriu para os ocupantes da liteira. “Eu admito que estava querendo fazer uma brincadeira com essas boas pessoas, assustando-as um pouco, sabe como é. Fazendo com que corressem como galinhas. Mas parece que quem se deu mal fui eu.” Ele olhou para Ben-Hur e acrescentou, “Obrigado, bom homem, por sua ação rápida”.

Então ele se virou para a liteira.

“Meu nome é Messala e peço, com sinceridade, seu perdão. Senhor, lamento tê-lo incomodado. E você também, linda moça, por sua beleza. Por favor, digam-me que me perdoam!” Ben-Hur viu como os olhos do romano fitaram o rosto da mulher e se detiveram nos braços nus dela, mas a moça pareceu não se incomodar. Em vez de lhe responder, ela falou com Ben-Hur, que continuava junto aos cavalos.

“Senhor”, ela disse, “meu pai está com sede”. Ela estendeu outra taça dourada, idêntica à que caiu na fonte. “Pode pegar água para ele? Nós dois lhe seremos gratos.”

Messala riu.

“Estou vendo que fui ignorado. Tudo bem, minha donzela. Mas irei procurá-la e conhecê-la melhor. Não existe mulher mais linda em Antióquia, eu juro.” Ele foi até Ben-Hur e pegou a rédea de seu cavalo. Os dois homens ficaram frente a frente, as mãos quase se tocando no arreio por um instante.

Malluch estava perto o bastante para ver que Ben-Hur ficou rígido, como se estivesse se contendo, e seu rosto continuava pálido e pétreo quando ele se virou para a liteira. Durante alguns segundos, ele pareceu ser um homem muito mais velho. Então, Ben-Hur soltou a rédea e se aproximou do camelo.

“Fico feliz em servi-la”, ele disse para a mulher, pegando a taça. Malluch reparou que enquanto Ben-Hur caminhava até a fonte, a mulher observou Messala, então ocupado com os arreios dos seus cavalos. Ela não pareceu ficar nem um pouco constrangida com os modos dele. Malluch lembrou da filha de Simonides, Esther, que nunca agiria dessa forma tão ousada, e se perguntou de que país aquela beleza teria vindo.

Quando Ben-Hur retornou para perto do camelo com a taça cheia, ele a entregou para a mulher. Ela a passou para o pai e o ajudou a segurá-la enquanto ele bebia com as mãos trêmulas. Quando terminou, ela entregou a taça para Ben-Hur.

“Obrigada”, ela disse. “A taça é sua, cheia de nossas bênçãos.” Com um sinal do núbio, o camelo estendeu as pernas e ficou em pé, impassível como sempre, e então começou a se afastar.

“Espere”, o velho disse em voz baixa, mas firme. Ele olhou para fora da liteira na direção de Ben-Hur. “Fico grato por sua intervenção e lhe agradeço em nome do único Deus. Sou Baltazar, o egípcio. Não muito longe daqui fica o Grande Pomar das Palmeiras. Minha filha e eu somos hóspedes do Sheik Ilderim. Espero que venha nos visitar para que eu possa manifestar melhor minha gratidão.”

Então o camelo se moveu em silêncio, seguindo o escravo núbio em seu cavalo. Ben-Hur reparou, pela primeira vez, que o cavalo do núbio era outro belo árabe. Ele se virou para Malluch.

“Acho que vou ter que ir até esse Pomar das Palmeiras, não é? Se não for por causa de Baltazar, o egípcio, irei pelos cavalos do Sheik.”

Malluch sorriu. Mas ele pensou que a mulher também poderia ser motivo de atração para seu novo amigo.

CAPÍTULO 14

ESCURIDÃO

Quando um sentido fica inutilizado, os outros se tornam mais fortes. A audição, por exemplo. Ninguém pensaria que a pele nua na pedra bruta faz barulho. Mas faz.

Respiração. Se você compartilha um espaço pequeno com outro humano, passa a conhecer a respiração dessa pessoa. Inspirar, expirar. Silêncio. Você reconhece pela audição quando estão dormindo. Você pode ouvir quando não estão.

O cabelo tem seu próprio som. Tirzah não tinha certeza, mas acreditava que os cabelos de sua mãe tinham ficado brancos. Como ela sabia disso? Soava mais pesado? Mais grosso?

Os cabelos eram importantes e elas tentavam mantê-lo sob controle. Não tinham pentes, é claro, mas passavam algum tempo, todos os dias, cuidando uma da outra. Era algo para se fazer. Isso trazia algum consolo. Cada uma tinha sua vez de apoiar as costas nos joelhos da outra. Elas curvavam os dedos e passavam as mãos pelas madeixas embaraçadas, trabalhando com paciência para desfazer os nós e os emaranhados.

Com paciência, meu Deus! Paciência! Não havia pressa ali. Onde quer que *ali* fosse.

No início, elas conversavam sobre isso: para onde tinham sido levadas, qual era o tamanho daquele lugar, a grossura das paredes. Elas foram vendadas ao serem retiradas do Palácio Hur, mas Tirzah quase conseguia rir quando pensava o quanto ela e a mãe poderiam ter descoberto se soubessem como. Elas poderiam ter contado os passos, ter prestado atenção nos sons, ter reparado nas ordens.

Elas não foram colocadas sobre cavalos. Naomi pensou ter ouvido cascos na rua, mas Tirzah não tinha certeza. Afinal, elas não estavam prestando atenção. Alguém tinha mencionado a Fortaleza Antônia? Elas não deveriam se lembrar disso? Aquele lugar onde estavam não parecia uma fortaleza. Mas cada lembrança daquele momento violento era confusa.

Tudo foi muito repentino, uma manhã ensolarada em Jerusalém despedaçada. Vidas viradas de cabeça para baixo. Sangue nos ladrilhos. Tanto fazia estarem vendadas ou não. Afinal, não importava onde elas estavam, porque onde quer que fosse, elas nunca sairiam dali.

Passos se aproximando. Tirzah ouviu a mãe acordar.

Talvez elas não ouvissem tanto quanto sentiam: a porta da cela ao lado sendo aberta enviou uma corrente de ar pela portinhola. Tirzah ouviu Naomi se arrastar, a pele na pedra, até a portinhola e colocar ali o prato de madeira. E o jarro.

A portinhola foi aberta e o prato deslizou por ali. O cheiro mudou com o ar vindo da cela ao lado. Comida no prato de madeira empurrado para dentro. Peixe, provavelmente.

Tirzah sentiu a saliva se formando na boca. Na verdade, era espantoso, depois de todo esse

tempo. Vários anos – elas tinham calculado. Todo esse tempo e o corpo dela ainda queria sobreviver. Tirzah, por sua vez, não tinha tanta certeza. Mas ela ainda não tinha encontrado um modo de se matar no escuro.

Capítulo 15

SEGREDO

Onde há um porto, existem tavernas. Algumas são animadas, iluminadas, limpas, honestas. Outras não. Porque onde há um porto, o dinheiro muda de mão em um ritmo incessante. Ele assume muitas formas, e apenas uma delas é a moeda. Pode ser uma carga que acaba no lugar errado. Podem ser humanos – seus corpos ou suas mentes – vendidos por si mesmos ou por terceiros. Pode ser informação. Tavernas oferecem um mercado livre de escrutínio. Qualquer homem pode ir a uma e encontrar outro homem, como se fosse por acaso.

Qualquer homem pode se sentar diante de uma mesa lascada com uma caneca de cerâmica diante de si. Ele pode se encostar em um canto, ver sem ser visto e observar.

Entretanto, apenas um romano entraria num lugar desses como se fosse o dono. Apenas um romano vestiria, despreocupado, uma capa sobre uma túnica fina de lã para visitar o lado sórdido da cidade. Em um porto onde todos sabem como avaliar de imediato um tecido, ou o formato da adaga no volume sob a capa, ou um anel de ouro. Ouro de verdade – nada tem o mesmo brilho.

O romano encontrou quem procurava, abriu caminho entre as mesas até ele e então se sentou de costas para o salão. O homem sentado suspirou e esperou que fosse pago antes de o romano ser esfaqueado.

Ele estava agitado. Isso também não era bom. Espionagem é um trabalho feito melhor sem emoção, para pessoas que também sabem se controlar. Esse romano, Messala, já tinha demonstrado ser vaidoso e imprudente. O espião se perguntava se ele também não era estúpido.

“Simonides recebeu um visitante”, o espião anunciou.

“Só isso? Pelo que você me contou, ele recebe visitantes o tempo todo”, Messala respondeu, irritado.

“É verdade, mas a esta altura eu já identifiquei todos. O de hoje era diferente.”

“E?”

“E você não tem ideia de como este trabalho é difícil. Eu já lhe disse e repeti, Simonides é cuidadoso. A maior parte do tempo eu fico em uma sala do armazém com minha lousa, contando as coisas. O que você está procurando, afinal? Eu poderia trabalhar melhor se soubesse o que é.”

Sem erguer os olhos, o romano sinalizou para o criado da taverna. Dois dedos: duas canecas de vinho, que chegaram pingando sobre a mesa. O criado ficou ali, esperando o pagamento. Messala olhou para ele. O homem era alto, com olhos fundos e um nariz quebrado. O romano encontrou algumas moedas, que colocou sobre a mesa. Ele empurrou uma caneca para o espião e tomou um grande gole da sua. Pela cara que fez, o espião pensou que aquele não era o tipo de vinho que Messala estava acostumado a tomar.

“Muito bem, quem é esse visitante que o deixou tão agitado?”

“Um judeu alto, possivelmente novo em Antióquia. Ele teve que pedir informações. Primeiro ele foi até a doca. Depois ao armazém. Como o vigia não estava no portão – que mais tarde acabou levando uma bronca daquele cachorro do Malluch, – o homem entrou direto.”

“Você o observou? Foi atrás dele?”

“É claro que sim. Para que você está me pagando?”

“E?”

“Ele só olhou em volta, como se nunca tivesse visto um armazém antes. Não tocou em nada. Então a filha o encontrou. Ele perguntou do pai dela pelo nome. E ela o levou escada acima.”

“O que tem lá em cima?”

“A cobertura, onde Simonides fica a maior parte do tempo. Quase ninguém vai lá. Ele não é bobo, o velho.”

“Você os seguiu? Ouviu alguma coisa?”, Messala esvaziou sua caneca e ficou olhando ao redor para encontrar o criado.

“Não, é isso que estou lhe dizendo! Não tem como chegar perto dele!”

Messala se virou e encarou o espião.

“Bem, para que você serve, então?”

“Você não quer esperar e me deixar dizer o que eu descobri?”, o espião perguntou. “Ou talvez seja melhor você me pagar antes.” Ele terminou sua primeira caneca de vinho e tomou um gole da segunda.

Messala se mexeu. Talvez ele fosse se levantar e ir embora. O espião ficou sentado, refletindo. Ele tinha informações novas. Messala era um cliente nervoso, difícil. O espião estava cansado dele. E, de qualquer modo, o que Messala procurava não parecia estar lá. Ouro que não vinha dos navios mercantes? Registros relativos a uma empresa em Jerusalém? O espião era bom em seu trabalho e essas coisas não existiam na casa junto ao rio.

Então o que significava aquele soldado romano estar tão…? O que ele estava?, o espião pensou, observando Messala virar sua segunda caneca de vinho. Tenso? Agitado, na verdade. Agitado por causa do judeu alto que visitou Simonides. Judeu. Jerusalém. Hum.

Ele se endireitou na cadeira enquanto esses pensamentos passavam rapidamente por sua cabeça. Na verdade, não importava se Messala o estava escutando ou não; ele seria pago pelo que tinha descoberto.

“Você não é o único que está atrás dele”, o espião improvisou. Uma mentira, mas que poderia extrair mais dinheiro de Messala. “E ele chama atenção.” Não que aquilo fosse importante, mas Messala não sabia disso.

“Tudo bem.” Messala colocou uma moeda sobre a mesa. O espião a pegou e a expôs sob um feixe de luz. O rosto de César. Era sempre bom ser pago em moedas romanas, ele pensou. Digam o que quiserem deles, seu dinheiro mantém o valor.

“Esse sujeito chegou hoje a Antióquia. E qual foi a primeira coisa que ele fez? Ir falar com o comerciante judeu. Eu estava do lado de fora quando ele saiu. O que quer que tenha ido buscar, não conseguiu. Ele saiu furioso de lá.” O espião parou e bebeu mais vinho.

“Só isso?”, Messala perguntou, afastando o banco para sair.

“Não”, o espião respondeu, tranquilo. “Porque eu fiquei esperando um pouco mais, contando os barris, parecendo ocupado. Então, quando Malluch saiu, cinco minutos depois, nem reparou em mim. Mas ele seguiu o judeu alto.”

“Descreva-o.”

“Malluch? Ele não tem nada de especial. Falando sério, esse sujeito desaparece…”

“Não, seu tolo, o judeu. Como ele é?”

Uma pergunta repetida. Interessante.

“Eu não fiquei perto dele, sabe como é, mas no geral… muito alto. Cabelo escuro. Jovem, a mesma idade que você, acho. Roupas simples, robe de linho e sandálias, mas de boa qualidade.

Parece rico, mas não se preocupa com isso, eu acho. É ágil. E forte.”

“Parece rico?”, Messala perguntou. “O que você quer dizer com isso?”

“Bem, como você. Limpo, forte. Anda de cabeça erguida, como se fosse dono da rua.”

Messala levantou.

“Não é possível. Nenhum judeu pode ser dono da rua”, ele disse, ríspido. Messala olhou para o espião. “Tudo bem. Faça-me saber se mais alguma coisa acontecer.”

O espião concordou e se recostou, então observou seu cliente ir embora. Ele observou os homens que olharam para Messala. Alguns deles apertaram os olhos. Um deles cuspiu. Aquela não era uma taverna em que os romanos fossem bem-vindos. O espião se perguntou se, como romano, o sujeito se acostuma a ser odiado.

O Pomar das Palmeiras ficava ao leste do Bosque de Dafne. Conforme Malluch explicou para Ben-Hur, a distância podia ser coberta em duas horas a cavalo ou em uma montado em um camelo.

Ben-Hur olhou para o céu.

“Eu diria que mais rápido é melhor, não acha? Corremos o risco de passar a noite lá?”

“Ah, não”, Malluch disse. “Eu vou voltar para Antióquia logo depois e vou chegar antes que esteja realmente escuro.”

“Mas como? Por que você iria até o oásis para ir embora em seguida?”

“Por que eu não conheço o lugar”, Malluch respondeu. “Não é todo mundo que é convidado para visitar o Sheik. Além disso, os judeus precisam se ajudar.”

Ben-Hur deu um tapa nas costas do novo amigo e Malluch cambaleou. O homem parecia não conhecer a própria força. E quando chegou a hora de barganhar com o sujeito que alugava camelos, Ben-Hur regateou até conseguir o preço que Malluch sabia ser o correto. Uma habilidade útil, pensou Malluch.

Os dois animais eram idênticos e só lembravam o enorme camelo branco do bosque nas características básicas: olhos grandes, expressão altiva e um modo de andar oscilante, desconfortável. Ben-Hur não conseguiu se acomodar na sela, a princípio. Malluch o observou, concentrado, mudando de posição, resistindo, depois aceitando, os passos longos, cambaleantes. Ben-Hur olhou para ele.

“Não é muito parecido com um cavalo, não é?”

“Você nunca andou de camelo em Roma?”

“Por que eu faria isso, quando é possível cavalgar com conforto nos cavalos mais rápidos do mundo? Os estábulos do imperador são famosos, e do que ele gosta, todos os romanos gostam.” Ben-Hur ajustou sua posição na sela de madeira e acrescentou, “E por falar em cavalos, o que mais você sabe do Sheik Ilderim?”.

Malluch assentiu. Ele já esperava essa pergunta.

“Como você deve imaginar, o povo dele é nômade. Controlam grandes extensões de terra. Eles não possuem e administram a propriedade como nós. Na verdade, a terra só tem valor porque fornece pasto para seus rebanhos e as pessoas têm que lhe pagar para atravessá-la.”

“Por que Ilderim inscreveu os cavalos nessa corrida se não tem um condutor para eles?”

“Você faz boas perguntas”, Malluch respondeu, olhando de lado para Ben-Hur. “Nós todos temos nossas fraquezas. Ilderim tem a reputação de ser prudente, só tomando decisões que beneficiem sua tribo. Mas quando se trata de Roma, ele é diferente.”

“Eu me pergunto se isso não se aplica a todas as pessoas nesta parte do mundo”, Ben-Hur sugeriu.

“Claro que não”, Malluch negou. “Muitas pessoas se saem muito bem sob o domínio dos romanos. As estradas são magníficas, os impostos são recolhidos, as pequenas batalhas entre povos vizinhos são suprimidas, o comércio prospera. Pode-se conseguir de tudo em qualquer lugar.” Ele não continuou, e Ben-Hur o olhou com curiosidade.

“Mas?”, ele perguntou. “Muitas pessoas se saem bem, mas o quê?” Malluch não respondeu e Ben-Hur continuou. “Ah, eu entendo. Eu tenho vivido como romano! Então você acredita que eu penso como um?” Ele riu, mas com um tom amargo. “Não, Malluch, eu posso lhe garantir que gosto ainda menos dos romanos do que o Sheik. Termine a história dele e então, se ainda tivermos tempo, eu lhe contarei a minha. Mas se Roma for o vilão dessa história, não vou ficar triste. Nem surpreso.”

“Tudo bem. Quando digo que Ilderim controla o território, parte desse controle significa que ele garante a segurança das pessoas que o atravessam. Em seus oásis, nos desfiladeiros entre as colinas, nas longas planícies do deserto, os viajantes não precisam temer bandidos se estiverem sob a proteção do Sheik. Por um preço, é claro. Então, é óbvio que os cobradores de impostos romanos viajam através das terras dele quando é possível. Você pode imaginar a tentação: caravanas de camelos carregadas de caixas de ouro. É necessária a força do Sheik Ilderim para mantê-las a salvo.”

“O que aconteceria se, por exemplo, um grupo de bandidos capturasse uma dessas caravanas de camelos?”

“Ilderim tem seu próprio… não dá para chamar de exército, porque para mim isso significa fileiras de romanos marchando atrás de suas bandeiras. Ilderim arma, treina e mantém uns grupos de… bem, para ser honesto, eles próprios são bandidos. Só que são os bandidos de Ilderim, ferozes e disciplinados. Normalmente, a consequência de um ataque dentro da terra de Ilderim seria um contra-ataque dentro do território do invasor.”

“Isso poderia se tornar um tipo de guerra de fronteira.”

“Poderia. E às vezes se torna. Pode acreditar, o Sheik é impiedoso, como era o pai dele, e também o pai de seu pai. Você o verá com os cavalos. Ele quase parece um bobo com seus animais. Mas você não vai ver o arsenal que viaja com a tribo, até mesmo para o Pomar das Palmeiras. Ele sempre carrega um grande número de armas muito afiadas, que podem ser entregues num instante a pessoas que sabem muito bem como usá-las.”

“E os romanos?”

“Agem como era de se esperar. Uma caravana de cobradores de impostos foi atacada na terra de Ilderim e os romanos o consideraram responsável.”

“O que é justo, em certo sentido”, Ben-Hur disse, relutante.

“Em certo sentido”, Malluch concordou. “Ilderim lhes restituiu cada sestércio, e ainda, usando as estimativas dos romanos quanto ao que teriam perdido, que com certeza foram exageradas. Mas eles também exigiram os cavalos dele. Todos os potros daquele ano foram levados para Roma.”

“O quê?” Ben-Hur ficou chocado. “Como? De navio?”

“Não sei os detalhes. Ouvi dizer que alguns foram por terra. Muitos dos cavalos enviados pelo mar morreram. Mas um número suficiente para satisfazer o imperador chegou a Roma.”

Ben-Hur se endireitou.

“Ah! Eu me lembro! Eu me lembro de quando eles chegaram! Foi um escândalo. Não entendi muito bem na época. Eu era novo em Roma. Alguns tinham sido maltratados. Mas outros se recuperaram e participaram das corridas. E procriaram. Eram magníficos.”

“E as crias voltam para cá de tempos em tempos. Aquele romano de hoje, que tentou atropelar a multidão na fonte? É provável que aqueles animais sejam descendentes dos cavalos

de Ilderim.”

“E aquele cachorro do Messala quer usá-los para correr contra os lindos baios!” Ben-Hur explodiu e Malluch ficou espantado.

“Aquele cachorro? Você o conhece? Ou é só porque ele é romano…?”

“Eu o conheço, Malluch”, Ben-Hur disse. “Vou lhe contar dentro de um instante.”

“Mas ele olhou para você! De frente. Estava mais perto de você do que eu estou agora! Como ele não o reconheceu?”

“Eu mudei”, Ben-Hur disse com amargura. “Da última vez que ele me viu, eu era um garoto. É provável que pense que eu morri.”

Malluch se virou na sela, de frente, para olhar Ben-Hur. Os camelos estavam cruzando um campo imenso de grama verde e alta. Na estrada adiante, além de umas colinas, a copa das palmeiras anunciava que eles se aproximavam de seu destino.

“Olhe! O Pomar das Palmeiras. Está vendo como a estrada serpenteia? O pomar estará bem guardado. Ilderim mantém seu povo em segurança.”

“E seus cavalos também, imagino. Depois que os romanos o humilharam.”

“Sim”, Malluch confirmou. “Eu acho que essa foi a pior parte daquele episódio. Ser o Sheik Ilderim é proteger o que é seu. E Roma o transformou em mentiroso. Agora conte-me sua história, e rápido, antes de chegarmos.”

Ben-Hur narrou o acontecido de modo sucinto e sem emoção: o desfile, a telha, a prisão, a separação da irmã e da mãe. As galés, a batalha naval, os anos em Roma como filho adotado de Arrius.

Um sentinela se adiantou para bloquear a estrada quando ele terminou.

“E Messala?”, Malluch perguntou. “Qual foi o papel dele em tudo isso?”

“Ele era meu melhor amigo”, Ben-Hur disse. “E me entregou para os romanos.”

Os homens só tiveram tempo para trocar um longo olhar antes que o sentinela os interpelasse. Ben-Hur não se preocupou em responder à interpelação. Ele apenas mostrou a taça de ouro para que o sentinela a visse. Malluch achou engraçado: seu novo amigo podia detestar Roma, mas tinha aprendido o comportamento altivo dos romanos.

Capítulo 17
NAS TENDAS

Mesmo o chefe nômade mais violento do deserto pode ter um oásis favorito. Mas nunca admitiria essa fraqueza, é claro. Como nômade, todos os lugares, verdejantes ou áridos, expostos ou protegidos, deveriam ser iguais para ele. Mas sempre que a extensa caravana de camelos, cavalos, rebanhos e humanos de Ilderim chegava ao Pomar das Palmeiras, havia um ar de alegria em sua tribo. Até mesmo o próprio Sheik, quando enfiava sua espada na grama macia para mostrar onde sua tenda deveria ser erguida, abria um grande sorriso para os homens e mulheres que o rodeavam. No Pomar, eles podiam baixar a guarda. Rodeado por colinas, com um acesso fácil de vigiar, perto de um lago, o local fornecia segurança, água e alimentação farta para os animais. A vida era tranquila ali.

E aquele ano também estava se mostrando interessante. Havia as transações comerciais de sempre em Antióquia: até um chefe do deserto tinha que lidar com dinheiro, suprimentos e acordos comerciais. Enquanto estava ali, Ilderim passaria muitas horas com Simonides negociando o modo mais prudente de transportar mercadorias do Oriente através das áreas perigosas sob controle do Sheik. Os dois homens se divertiam com provocações e barganhas.

Havia ainda, neste ano, o prazer inesperado da presença de Baltazar – embora a filha deste, Ilderim acreditava, estivesse criando certa tensão em seu povo. Se pelo menos ela usasse *de verdade* um véu para se cobrir como as outras mulheres! E parasse de caminhar sozinha às margens do lago com os braços descobertos. Parado junto à entrada de sua tenda, Ilderim se perguntou se adiantaria falar com o pai dela. Ele começou a pensar no que dizer, mas nenhuma frase adequada lhe veio à mente.

Um hálito quente soprou em sua orelha e um dos cavalos deitou a cabeça em seu ombro. Essa era a melhor coisa do Pomar, Ilderim pensou: os cavalos adoravam aquele lugar. Todo ano, quando chegavam, eles se deitavam na grama e rolavam.

Mas a corrida! Ele inspirou fundo ao se lembrar do incidente mais cedo, na pista. Os cavalos não se machucaram. Pelo menos isso. Ele sentiu um empurrão nas costas – outro cavalo, curioso, sem querer perder nada. Mas quem os conduziria agora? Ele tinha sido um tolo de confiar naquele romano. Mas depois que seu condutor quebrou a perna, o que poderia fazer? E ele queria muito ganhar a corrida! Ele nunca teve uma tropa melhor. Nunca haveria público maior, não fora de Roma. E nenhum dos homens dele… Ilderim apertou os olhos, tentando decidir como dizer aquilo. Nenhum de seus homens tinha conquistado o respeito dos cavalos. Então, apertou os olhos de novo. Visitantes? Sua visão à distância estava começando a falhar. Outra coisa com que se preocupar.

Sim, visitantes. Dois camelos mal-ajambrados, animais sobre os quais ele teria vergonha de ser visto. Sobre um deles vinha o empregado de Simonides, Malluch. O outro era um estranho. O sentinela os deixou passar sem avisar. Interessante.

Então Ilderim saiu da entrada de sua tenda, seguido por dois de seus cavalos baios que marcharam com graciosidade pela grama.

O camelo de Malluch se ajoelhou, mas o do estranho se recusou. O homem riu, passou a perna por sobre a sela, depois deu um salto leve até o chão.

“Nunca mais, Malluch, eu juro. Nunca mais vou andar de camelo”, Ilderim ouviu o homem dizer.

“Que a paz esteja com vocês”, Ilderim exclamou. “São bem-vindos entre nós.”

“Que a paz esteja consigo”, os dois responderam.

Então, para surpresa de Ilderim, os cavalos se adiantaram. O homem alto estendeu as mãos e deixou que os focinhos aveludados as cheirassem. Um dos baios deu mais um passo e esfregou a cabeça no peito do estranho.

“Ei, Aldebaran”, Ilderim chamou. “Não precisa assustar nossos convidados.”

“Estou agradecido, na verdade”, disse o homem. “Eu admirei estes rapazes no bosque, hoje.” Ele passou a mão pelo pescoço de Aldebaran, alisando a pelagem acetinada e murmurando algumas palavras. O cavalo levantou as orelhas – eles se entenderam.

“Vossa Excelência”, Malluch disse, puxando o Sheik de lado, “perdoe-me, mas vim apenas para mostrar o caminho. Nós encontramos Baltazar hoje no Bosque de Dafne e meu amigo aqui realizou um serviço para ele. Baltazar o convocou até aqui.”

“Melhor ainda”, Ilderim respondeu. “É claro que um serviço feito para meu hóspede é um serviço feito para mim. Mas você não me dará a honra de entrar na minha tenda?”

“Infelizmente, não. Sou esperado em Antióquia. Mas vou retornar ao Pomar amanhã.”

“Obrigado, Malluch”, Ben-Hur disse. “Sinto-me grato por nossos caminhos terem se cruzado hoje. Posso abusar um pouco mais da sua bondade?”

“É claro”, Malluch respondeu.

“Você poderia levar esse animal de volta para Antióquia com você?”, Ben-Hur apontou para o camelo. “E talvez me mandar um cavalo selado para substituí-lo?”

“Você não gosta dos nossos navios do deserto?”, Ilderim perguntou.

“Acho que meu navio parecia mais com uma jangada”, Ben-Hur respondeu. “Nunca encontrei animal que me causasse mais aversão, e prefiro voltar andando descalço para Antióquia do que montá-lo outra vez.”

“Sinto que isso não será necessário”, Ilderim disse. “Agora, por favor, entre na minha tenda. Aldebaran, Rígel, mostrem-lhe.” Ele estalou a língua e fez um gesto. Empurrando o recém-chegado com os focinhos, os baios o fizeram passar pela entrada da tenda, onde um criado os esperava na borda de um tapete vasto e magnífico.

Os cavalos abriram caminho por uma cortina que dividia a tenda, enquanto os dois homens deixaram que o criado tirasse seus calçados e robes. Uma jovem apareceu com robes limpos de linho branco, e outra trouxe uma tigela de água. Os homens se sentaram em um banco largo que percorria três lados da tenda com muitos travesseiros e almofadas e as mulheres lhes lavaram os pés. Ilderim notou que os olhos do convidado esquadrinhavam a tenda.

“Você nunca esteve na moradia de um nômade?”, ele perguntou.

“Não”, o convidado respondeu. “Admiro muito suas instalações.” Ele olhou para a estaca central e o teto bem esticado. “Quanto tempo demora para desmontar?”

“Em caso de ataque, você quer dizer? Isso depende de quantos homens eu tenho”, Ilderim respondeu. “Mas sabemos ser rápidos quando é necessário.”

“E o tecido… é feito com suas ovelhas?”

“Com as cabras. É mais durável. Mas isto…”, ele passou a mão pelo revestimento amarelo

do banco, "…não precisa ser tão resistente. Vem das nossas ovelhas. Que não são amarelas, é claro. Eu acredito que usem cúrcuma para tingir".

"E perdoe a minha curiosidade", Ben-Hur continuou, "mas é comum compartilhar a tenda com os cavalos?"

"Não", Ilderim respondeu, "mas como você parece ter compreendido, estes cavalos em particular são mais que animais para mim". Ele se virou para o criado e disse: "Vá até a tenda em que o egípcio está ficando e diga-lhe que o convidado chegou. Esperamos que ele se junte a nós". E para Ben-Hur, ele continuou: "Eu ficaria mais do que honrado se você passasse a noite conosco. Ou, na verdade, o tempo que quiser nos honrar com sua presença. De qualquer modo, tenho certeza de que irá jantar. Mas se você precisar voltar para Antióquia ainda esta noite, eu mandarei uma escolta acompanhá-lo. A cavalo".

"Obrigado", Ben-Hur respondeu. "Sua bondade me faz entender por que a hospitalidade do deserto é famosa."

"E agora, se perdoa a *minha* curiosidade, posso saber algo a seu respeito? Nós aprendemos a julgar rapidamente as pessoas no deserto, mas admito estar confuso. Malluch não o apresentou."

Ben-Hur fez uma pausa antes de responder.

"Meu nome é Judah", ele disse, afinal.

O Sheik Ilderim deveria estar esperando mais que apenas um primeiro nome.

"Um judeu, então", ele disse. "Nunca conheci um que ficasse amigo de um cavalo com tanta rapidez."

"Sou judeu", Ben-Hur respondeu, "mas passei os últimos anos em Roma. E uma boa parte desse tempo", ele acrescentou com um sorriso, "perto dos estábulos. Dos estábulos do imperador, na verdade".

"Ah", Ilderim respondeu. "Fazendo o quê?"

"Competindo, eu diria."

Então Ilderim observou seu convidado com mais atenção. Fazia sentido, afinal: ele tinha a constituição de um atleta; alto e ágil, com braços longos e mãos enormes. As melhores para segurar as rédeas, Ilderim pensou.

Como se lesse a mente do Sheik, Ben-Hur estendeu as mãos com as palmas para cima.

"Sim", ele disse. "Você está vendo os calos. Eu conduzi quadrigas no circo de Roma."

Ilderim franziu o cenho.

"Mas eu não me lembro de um condutor judeu", ele disse.

"Não", Ben-Hur respondeu. "Em Roma eu era conhecido como Arrius, nome do meu pai adotivo. Mas ele morreu recentemente e eu retomei meu nome original."

"E o que o traz a Antióquia?", Ilderim perguntou.

Mas naquele momento Baltazar apareceu na entrada da tenda, seguido pela filha. Ilderim sentiu uma pontada de aborrecimento; com certeza as mulheres no Egito não iam a todos os lugares que os homens iam. Mas ele se levantou de imediato, assim como Ben-Hur. E quando eles se sentaram de novo, com uma almofada especial para os pés nus de Iras, Ilderim ficou surpreso quando Ben-Hur mostrou uma taça de ouro em sua mão.

Ele atravessou o tapete e a estendeu para ela.

"Quando eu a vi no Bosque de Dafne", ele disse, "fiquei espantado com sua bondade e não pensei em recusar isto. Mas é claro que não posso aceitar este presente. Ajudá-la foi um privilégio para mim."

"O que eu dou, não pego de volta", Iras disse, olhando para ele. "Se você decidir não ficar com ela, não posso fazer nada."

"Seu agradecimento é o que tem valor para mim." Ele colocou a taça ao lado dela, sobre o banco. Então, com dignidade considerável, Judah retornou ao assento perto de Ilderim.

"E quem vai me explicar isso?", o Sheik perguntou.

“Hoje, no bosque”, Baltazar começou com sua voz débil, “nós quase fomos atropelados por um fanfarrão romano. Tínhamos parado na Fonte de Castália para beber água e aquele sujeito açoitou seus cavalos, fazendo-os galopar só para ter o prazer de assustar a multidão. O camelo, é claro, não se moveu. Mas este homem”, ele apontou Ben-Hur, “pegou o arreio do líder e fez a tropa parar. Não existem muitos homens com força ou coragem para fazer isso”, ele disse diretamente a Ben-Hur. “Talvez eu precise achar outro modo de expressar meu agradecimento.”

“Na verdade, meu senhor”, Ben-Hur disse, “está exagerando o que foi um impulso do momento”.

“Mas quem é o romano fanfarrão?”, Ilderim perguntou estreitando os olhos. “Eu só vi um romano na pista hoje, conduzindo a tropa preta e branca. Na verdade, eu me pergunto se aqueles cavalos não são da minha linhagem.”

“Eu me pergunto a mesma coisa”, Ben-Hur se apressou a dizer. “Eles se parecem muito com os baios. Não são tão belos, é claro. Mas o modo como mantêm a cabeça e a força nas pernas traseiras…”

“E como é que os romanos têm cavalos do deserto?”, Baltazar perguntou.

“Ah, meu amigo, despojos romanos”, Ilderim respondeu. “Você sabe muito bem como é.”

“Eu sei”, Baltazar respondeu, concordando. Ele se virou para Ben-Hur. “Embora eu seja egípcio, passei um ano vivendo com o Sheik nos cantos mais distantes do deserto. Os romanos deixam seus rastros por toda parte.”

“Eu tinha percebido que você era egípcio”, Ben-Hur disse. “Está bem longe de casa.”

“É verdade.” Baltazar olhou para Ilderim e sorriu. “Devo lhe contar minha história?”

* * *

Ilderim olhou para seu jovem convidado e Ben-Hur sentiu, por um momento, que estava sendo avaliado, embora não soubesse por quê.

“Sim, eu acho que deve”, Ilderim respondeu com um pequeno sorriso. “Eu acho que este é um homem que gostaria de ouvir sua história.”

“Muitos anos atrás…”, Baltazar começou. “Mas talvez eu deva começar ainda antes. Só vou lhe dizer que durante algum tempo eu procurei a sabedoria. Lendo, estudando. Procurando a verdade nos escritos de gregos, egípcios e outros homens sábios. Mas eu sentia que não a tinha encontrado. Existe um deus? Ou são muitos? O que os homens devem fazer enquanto estão na Terra? Existe vida após a morte? Os romanos veneram seus grandes homens como deuses, mas os homens podem ser ou se tornar divinos? Todas essas perguntas eram um tormento para mim.”

Baltazar fez uma pausa, então continuou:

“A certa altura eu soube. Não qual era a verdade, longe disso. Mas eu soube que deveria sair para encontrá-la.” Ele baixou os olhos para as mãos, unidas sobre suas pernas. “Eu já era velho, sabe. Velho demais para sair em uma busca daquilo. Mas eu passei muito tempo conjecturando, e essa vontade era muito clara. Então, eu parti.” Ele meneou a cabeça. “Foi uma coisa muito estranha. Eu sabia o que deveria levar comigo e de que forma. Só um camelo – o que você conheceu esta tarde. Não era nem meu animal favorito. Ele é uma criatura desagradável até mesmo para um camelo. Mas tinha que ser aquele. Eu precisava levar certos suprimentos e deveria seguir um caminho determinado. Eu não tinha ideia aonde estava indo – para o leste, é claro, depois para o norte. Eu sabia devido à posição do sol, mas nunca soube, no início, aonde aquela trilha me levaria. O camelo parecia ter entendido, então deixei que ele encontrasse o caminho. Um dia, encontrei outros dois homens. Você sabe como as pessoas dizem, ‘no meio do nada’? Foi, de fato, no meio do nada. Mas lá estavam eles, cada um sobre um camelo que parecia ser irmão do meu.”

Baltazar fez outra pausa e Ben-Hur reparou que a filha dele tinha saído sem que ninguém

percebesse. Provavelmente, ela já tinha ouvido aquela história antes.

"Um deles era grego e o outro vinha da Índia. Nenhum de nós falava a língua do outro, mas *conseguíamos nos entender.*" Baltazar ergueu as mãos e as deixou cair sobre as pernas. "Nós não sabíamos como. E nós três estávamos na mesma missão. Todos procurávamos a verdade: como sermos homens bons, imagino, tirar o melhor das nossas vidas. E se existe alguma esperança de uma vida além desta." Ele inclinou a cabeça e a pena de pavão em seu turbante veio para frente.

"É uma longa história", ele disse para Ben-Hur. "E minha filha, Iras, já a ouviu muitas vezes. Ela não gosta de pensar na insensatez do pai, porque para qualquer pessoa sensata, isso foi uma loucura. Mas como você vê, eu sobrevivi."

Baltazar ficou calado por um instante e não percebeu quando um criado entrou em silêncio na tenda. Ben-Hur viu pela abertura que lá fora a luz do sol no lago estava ficando dourada, e as palmeiras lançavam sombras compridas na grama. Ilderim falou com o criado, e Baltazar olhou em volta, como se tivesse esquecido onde estava.

"Nós três viajamos juntos,", ele continuou sua história. "Até que apareceu uma estrela para nos guiar. Parece tolice, mas vou lhe contar exatamente como aconteceu essa parte da história. Uma estrela apareceu e nos guiou, e nós soubemos, de algum modo, que iríamos encontrar um salvador. Você entende o que estou dizendo?", ele perguntou, olhando para cada um deles. Enquanto contava a história ele foi ganhando estatura e autoridade. "Um salvador que seria nosso Redentor."

"Mas você quer dizer…", Ben-Hur fez uma pausa. "Você está falando do Messias?"

Baltazar concordou, sério.

"No Egito nós não temos essa crença. Os gregos também não, nem os hindus. Nós três vínhamos de terras onde muitos deuses são adorados. Contudo, nós três passamos a acreditar em um Deus. Como o Deus dos judeus", ele acrescentou, gesticulando para Ben-Hur. "Um Deus, grande e todo-poderoso. Que estava triste com seu povo e queria livrá-lo de seus maus hábitos. E nós três tínhamos sido enviados para encontrar o novo líder que ele nos deu. "E nós encontramos", continuou Baltazar. "Acredito nisso firmemente. O Salvador era um bebê que nasceu de um casal de judeus em uma pousada em Belém. Nós vimos o bebê. Eles estavam em um estábulo. Nós o adoramos. Não posso descrever. Mas eu daria minha vida para estar diante dele outra vez."

Houve mais um longo silêncio. Nem Ilderim nem Ben-Hur se mexeram. Depois de um tempo, Baltazar inspirou fundo e disse:

"Então, aqui estou eu. Em sonho, nós recebemos uma mensagem enquanto estávamos em Jerusalém. Nós deveríamos procurar Herodes e perguntar, 'Onde está aquele que nasceu Rei dos Judeus?'."

"Espere", Ben-Hur o interrompeu. "Você pode repetir isso? Você disse 'aquele que é rei dos judeus'?"

"Não." Baltazar negou com a cabeça. "'Aquele que *nasceu* Rei dos Judeus'."

"E Herodes, que era rei dos judeus, foi indicado por Roma", concluiu Ben-Hur. "E você disse isso na frente dele?"

Baltazar deu de ombros.

"Foi o que nos disseram. O que poderíamos fazer? E depois que adoramos o bebê, nós partimos."

"Quando foi isso?", Ben-Hur perguntou.

"Quantos anos você tem?", Baltazar perguntou.

"25 anos", Ben-Hur respondeu.

Baltazar assentiu.

"Afinal, esse Rei dos Judeus deve ter a mesma idade que você. Se ele vai nos liderar, está na hora, não acha? Já é um homem maduro, mas ainda jovem o bastante para estabelecer um longo

reinado. Acredito que irá se mostrar em breve, e eu não poderia estar no Egito quando ele aparecer. Iras está furiosa. Ela acredita que eu sou um velho senil, que está ficando louco antes de morrer, e veio comigo para garantir que eu não faria nenhuma tolice. Mas é claro que toda essa empreitada é uma tolice", acrescentou com uma risada rouca. "Eu acredito que o tempo dele está chegando, o tempo em que se fará conhecer. E isso não vai acontecer no Egito. Vai ser em algum lugar da Judeia. E eu quero estar lá. Quero vê-lo outra vez antes de morrer."

Capítulo 18

POEIRA

Conforme o crepúsculo descia sobre o Pomar das Palmeiras, Malluch chegava à periferia de Antióquia com os dois camelos mal-ajambrados. Na casa de Simonides as portas estavam todas trancadas para a noite, mas o proprietário continuava sentado no topo, observando os últimos raios de sol brilharem na superfície do rio. O silêncio ocupou o Bosque de Dafne, interrompido, de vez em quando, por fragmentos de música e risos abafados.

* * *

A léguas de distância, em Jerusalém, o pátio do Palácio Hur estava quase silencioso. Os pássaros se acomodavam em seus ninhos no telhado naquela noite sem vento. Nem uma única folha de palmeira se movia – mas soou um ruído constante de algo raspando na escada.

Após tanto tempo, aquilo tinha se tornado uma rotina para Amrah. Toda noite, limpar as escadas. Apenas o suficiente para tirar as teias de aranha e ela poder subir e descer sem deixar vestígios. De tempos em tempos, um destacamento romano vinha da fortaleza para vasculhar os aposentos. Eles quebravam o lacre no portão da frente, colocavam guardas, andavam por tudo gritando um com outro e lacravam o portão novamente, quando iam embora.

Eles nunca pegavam nem quebravam nada. Sempre havia um oficial de olho nisso. A ordem era que o cuidado tinha que ser total. Além do que foi destruído naquele primeiro dia, o palácio ficou do mesmo jeito por anos, imperturbado. Era quase como se estivesse pronto para alguém se mudar para lá.

Só que ele não estava, de fato, imperturbado. Os soldados não sabiam disso. Havia sótãos e depósitos que eles nunca encontraram e que mostravam como uma casa vazia fica, verdadeiramente, após anos de abandono. Ela adquire aquele cheiro de morte. Os chãos rangem quando se anda neles e as teias de aranha grudam no rosto, fazendo com que passe longos minutos tentando tirar algo que praticamente não está lá.

Amrah não estava mantendo a casa limpa para a família. Ela sabia que só um milagre poderia trazê-la de volta. Judah, com certeza, estava morto. Ninguém sobrevivia às galés. A senhora e Tirzah também deviam estar mortas. Era o que ela pensava.

Mas os romanos não tomaram o palácio de verdade. Eles planejavam vendê-lo? Em caso afirmativo, nenhum comprador tinha aparecido. Então a casa continuava vazia a não ser por Amrah. E só, ela dizia para si mesma, só para o caso de alguém aparecer, ela permanecia ali. Para contar a história, talvez. Contar para alguém sobre as pessoas que viveram ali, prosperaram, cuidaram uns dos outros, amaram uns aos outros, e foram despedaçadas pelas mãos cruéis de

Roma. Ela não se permitia pensar nisso, mas de vez em quando a visão surgia em sua cabeça. Alguém bateria na porta. Não apenas arrancaria o lacre e entraria, mas bateria com educação. Alguém chamaria: “Olá?”, de modo a não perturbar quem estivesse morando ali. Alguém andaria pelo palácio abertamente, olhando sem tocar, chamando sem parar.

Não alguém como Messala. Como ele a assustou anos atrás, entrando daquele jeito sorrateiro! Durante semanas, depois do susto, o coração dela disparava sempre que Amrah se aproximava da porta secreta, para entrar ou sair. Faltou pouco para ser descoberta. Ela quase trombou com ele quando Messala subiu pela escada até a cobertura.

Mas ele não esperava vê-la, então não a viu.

Do mesmo modo que, no terrível dia em que tudo aconteceu, um soldado descuidado não a viu agachada atrás de uma fileira de barris no depósito. Ele já estava cansado àquela altura, Amrah percebeu – quantas salas ele já tinha vasculhado? Não haveria um despojo para ele – nenhum gole de vinho escondido, nem moedas de prata para pegar. Apenas uma longa caminhada por corredores sem fim, com portas pesadas de madeira, inspecionando dentro dos aposentos, para garantir que todos os ocupantes do palácio tinham sido expulsos.

Ela ficou naquele depósito durante vários dias. Ou talvez não. A espera pareceu longa, mas estava escuro o tempo todo. Depois disso, passou pelo menos um dia, antes de ela subir a escada. Amrah só se arriscou porque precisava comer.

Precisava comer porque tinha que continuar viva. Isso estava claro. Comer, beber e continuar escondida. Só para o caso de alguém aparecer. Felizmente, não necessitava de muita coisa. Sua senhora sempre riu de como ela comia pouco: “Amrah, você é como um passarinho!”, ela dizia. Isso acabou sendo uma coisa boa. Durante um longo tempo, sobreviveu com o que sobrou na cozinha: grãos, frutas secas e nozes. Não havia água, pois os romanos tinham envenenado a cisterna. Ela vagou pelo palácio naqueles dias, só observando o que os romanos tinham feito. O que quebraram, o que levaram. Objetos, na verdade. Nada que importasse, se comparado à família.

Mas um dia, viu uma pegada em um canto empoeirado e ficou aterrorizada, até perceber que era dela mesma. Depois disso, sua rotina mudou. Amrah se movia em alguma direção, e, em seguida varria, de leve, só para que pudesse passar sem rastros. Deixou as aranhas à vontade, só mantendo o centro das passagens livres. E também permitiu que os ratos fizessem ninhos nas almofadas, mas retirava seus esqueletos.

Até que chegou o momento em que teve que sair do palácio. Amrah tinha comido a maior parte dos suprimentos deixados e sua roupa estava esfarrapada. Ela saiu antes da alvorada e ficou espantada com a amplidão, o céu enorme, os sons, o ar puro a sua volta. E entrou em um mercado modesto, comprou o que precisava com algumas moedas encontradas nos cantos ocultos do palácio e então voltou para casa.

Entrando e saindo, vagando em silêncio como a brisa, Amrah se acostumou com sua vida invisível. Às vezes ela sentia desespero, mas sempre havia algo para se fazer. Tentava não olhar para o futuro nem para o passado. Ela apenas precisava estar lá. Só para o caso de alguém aparecer.

Capítulo 19
SORTE

Na margem de Simonides, no Rio Orontes, o comércio dominava, com seus desembarcadouros, armazéns e tráfego constante de barcos. Mas na margem oposta erguia-se um palácio imenso, tão imponente como qualquer outro no Oriente. Foi nesse lugar, claro, que os romanos estabeleceram seu quartel-general em Antióquia. Ele continha estábulos e arsenais, um vasto salão para cerimônias oficiais, pátios e dormitórios, depósitos e cozinhas. Havia madeira e ladrilhos, mármore e bronze, serragem no chão dos locais cobertos para treinamento dos cavalos.

Em um salão grande de um andar superior, havia cinco lustres de bronze que derramavam um brilho quente do teto abobadado. Janelas altas deixariam entrar a brisa, se houvesse uma. Garotos escravos seguravam grandes leques, mas os homens na sala não paravam quietos para serem abanados. Soldados precisam de movimento.

Eles formavam um belo grupo – jovens, saudáveis, prósperos. Tinham passado o dia marchando, treinando, cavalgando, conduzindo carros, jogando lanças, gritando com recrutas ou lutando entre si com suas espadas. Era de bom tom ignorar ferimentos ou machucados, mas alguns dos rostos e membros bronzeados exibiam cicatrizes ou curativos.

Eles também eram barulhentos. As superfícies lisas da sala devolviam o som de suas vozes, e essas vozes eram treinadas para serem ouvidas em meio a operações militares. Havia certa cantoria, embora ainda fosse cedo para isso. Por baixo das vozes, vinham os estalidos secos dos dados nas mesas por toda a sala. Criados circulavam com jarras de vinho e pratos de frutas, mas essas eram praticamente ignoradas.

Messala estava em uma mesa perto da janela, jogando um par de dados de uma mão para outra.

“Ninguém vai jogar?”, ele exclamou. “Vamos lá, é por isso que se chama jogo! Flavius?”

O homem ao lado dele suspirou.

“Eu poderia colocar um denário, mas sei que você não vai rolar os dados só por isso.”

“É claro que não; onde está sua coragem? Myrtilus, traga mais vinho para Flavius. Estou decidido a separar este homem de sua cautela esta noite.”

“Me separar do meu salário miserável, você quer dizer”, Flavius respondeu.

“Eu aceito sua cinta de espada com aquele belo fecho”, Messala sugeriu.

“Primeiro preciso recuperá-la no penhor”, Flavius disse.

“Eu sei; você não confia na sua mão com os dados. Vamos apostar que horas o Cônsul Maxentius vai chegar amanhã. Eu digo que vai ser ao meio-dia, para que aqueles almofadinhas dos seus guardas desabem de calor enquanto esperam o navio atracar.”

Os homens que o ouviam soltaram um viva. As tropas romanas recém-chegadas não tinham feito amizade com os homens atracados no Orontes.

“Vamos apostar quantos deles vão desmaiar antes que o cônsul desembarque!”, gritou uma voz. Risadas ecoaram, mas foram sumindo à medida que um novo grupo de homens se juntou a eles.

A aparência deles tinha uma diferença sutil. Menos bronzeados, com músculos menos evidentes. Messala e seus amigos vestiam túnicas leves, com mangas e saias mais curtas que o decoro permitia. Os recém-chegados estavam com calor, era óbvio. Eles não tinham pensado na humidade de Antióquia e suas túnicas grudavam em seus corpos. A maioria era mais velha e alerta. Eles sorriram, mas sem alegria.

“Eu esperava encontrar algo em que apostar aqui”, disse o mais alto, um homem cujo cabelo já estava escasseando. “Meu nome é Cecilius, estou na comitiva do cônsul. Vocês podem apostar que eu serei o primeiro a desmaiar sob o Sol amanhã.” Seu sorriso ficou mais largo e ele mostrou os dentes.

“Eu não acho”, disse Flavius. “Vocês, homens altos e esguios, aguentam qualquer coisa. Vocês vão ficar lá, retinhos, até o Sol se pôr.”

O grupo em volta de Cecilius riu. Flavius tinha acertado, era evidente.

“Dados, então?”, Cecilius sugeriu. “Eu não quero apostar nas corridas até ver alguma ação.”

“Você corre?”, Messala perguntou, endireitando-se.

Cecilius assentiu.

“Sim, mas não espero vencer.”

Risadas irromperam pela sala.

“É claro que ele espera vencer”, disse uma voz baixa.

“Eu não o reconheço”, Messala disse. “E eu conheço a maioria dos condutores romanos.”

“Ah! Você deve ser Messala, então!”, Cecilius exclamou. “Eu lhe trago os cumprimentos de todos os cavaleiros de Roma. Eles disseram que você é o homem a ser vencido aqui. Eu cheguei a Roma pouco depois que você partiu.”

“E onde você corria antes?”

“Em Tessalônica, na Grécia. Eu tive muito o que aprender quando voltei para casa.” O sorriso apareceu de novo. Com certeza não era amistoso, mas Messala pareceu não perceber.

“Seus cavalos estão aqui?”, ele perguntou.

Cecilius concordou.

“Eu os enviei por terra. Essa é a melhor coisa de se fazer parte da comitiva do cônsul. Tudo que demonstra a importância dele… feito! Sim, senhor! Mais cavalos? Um carro? Ração? Enviar tudo com a caravana para Antióquia? Sim, senhor!”

“Cecilius gosta de ser *senhor*”, acrescentou a voz baixa. Isso extraiu dele um sorriso verdadeiro.

Messala olhou em volta, de repente parecendo incomodado.

“Bem, vamos nos encontrar na pista, então. Talvez um ou dois galopes amigáveis antes da corrida na semana que vem.”

“Amigável.” Cecilius repetiu. “Ótimo. Pode ser que eu precise de umas dicas.”

Messala tentou seu próprio sorriso irônico.

“Eu não dou dicas. Eu corro para vencer”, ele disse.

Foi a vez de os amigos dele rirem.

“É uma pena que Arrius não esteja aqui”, disse um dos recém-chegados. “Isso seria algo interessante de se ver.”

“Uma corrida digna do cônsul”, concordou outro. “Três dos melhores condutores do império!”

Messala franziu o cenho.

“Quem é esse Arrius? Não havia nenhum condutor com esse nome quando eu estava em Roma.”

“Há quanto tempo você está em Antióquia?”, Cecilius perguntou, educado.

“Quatro anos”, Messala respondeu. “Tempo demais. Estou esperando uma transferência.”

“É tempo demais para se ficar longe de Roma”, Cecilius disse com aparente simpatia. “Eles devem precisar de você aqui, então. E antes disso?”

“Em Tarraco”, disse Messala enquanto jogava os dados de uma mão para a outra.

“Homem corajoso! Com certeza agora vão levá-lo para a capital. Eles precisam de homens que saibam como é, de fato, administrar um império. Mas isso explica por que você não conhece Arrius. Vocês dois têm muito em comum, eu acho.”

“Eles até são parecidos”, disse um dos homens de Roma. “Cabelos escuros, fortes, mais ou menos da mesma idade…”

“Como a maioria dos homens nesta sala”, disse Messala. “Ainda assim, estou surpreso. Eu corri durante muitos anos antes de partir. Pensei que conhecesse todos os condutores, até os mais novos, que estavam começando a treinar.”

“O estranho sobre esse Arrius”, disse Cecilius, “é que ele simplesmente apareceu. Ele foi resgatado de um navio pelo tribuno Quintus Arrius. Você deve se lembrar dele”.

Myrtilus assentiu.

“Algo sobre uma batalha naval… não me lembro direito. O jovem salvou a vida de Arrius e o tribuno o adotou, embora ele fosse, obviamente, um judeu. Não que ele tenha tentado esconder isso. Mas aprendeu nossa língua e costumes. Ganhou todas as corridas no circo durante vários anos, depois se dedicou à palestra. Eu perdi contato com ele, depois disso.”

“Ele aprendeu a lutar como um gladiador”, disse um jovem esbelto vestindo uma túnica com uma faixa púrpura na barra.

“E como é que você sabe disso?”, Cecilius perguntou, rindo.

O jovem ficou corado.

“Meu pai disse. Os gladiadores gostavam dele porque era muito corajoso. Eles diziam que Arrius poderia enfrentar um leão.”

“Quem é esse modelo de perfeição de quem estão falando?”, perguntou Flavius, que tinha se afastado para buscar mais vinho. “Quem deveria lutar com um leão? Além do nosso Messala, é claro.”

“Você ouviu falar do jovem Arrius, em Roma?”, Messala perguntou ao amigo.

“É claro”, Flavius respondeu. “Ele é, de fato, um modelo de perfeição. E o melhor é que ele está aqui em Antióquia.” Flavius continuou, entusiasmado com a surpresa de todos. “Estão vendo, eu posso não ser o melhor condutor, nem o melhor espadachim, mas sempre tenho os melhores boatos.”

“Bem, isso não importa”, Messala disse, agitado. Ele passou os olhos pela sala. “Nós estamos aqui para jogar, não fofocar! Se não consigo convencer nenhum de vocês a apostar contra mim, vou ter que arrumar alguém.”

“Ah, ficarei feliz de jogar com você”, Cecilius disse. “Mas diga-me…”, ele se virou para Flavius, “o que mais você sabe sobre o jovem Arrius? Ele veio para a corrida?”.

“Essa é a parte interessante”, Flavius respondeu. “Ele chegou com muita discrição em um navio cargueiro, vestindo roupas judias. Se ele viesse com o cônsul, isso não seria surpresa. Mas não está hospedado aqui, no palácio.”

“Bem, o tribuno não morreu?”, Messala perguntou. “Então pode ser que esse sujeito adotado esteja voltando para seu povo. O que é, contudo, um retrocesso. Nem sei por que estamos falando dele; nenhum de nós nunca o conheceu.”

“Acontece”, Cecilius começou, “que ele é o herdeiro do tribuno. Ele poderia comprar e vender todos nós juntos. Confesso que tenho inveja desse homem”.

Messala olhou para ele.
“Mas por quê? É só mais um judeu rico.”
“Pode ser”, Cecilius respondeu com as sobrancelhas arqueadas. “Mas ele dirige como um demônio. Eu admiro sua coragem.”
Messala sacudiu os dados de novo.
“Muito bem. Está na hora de jogarmos. O que vamos apostar, um sestércio?”
Cecilius olhou com frieza para ele.
“Bem que tinham me dito que as apostas eram altas em Antióquia, mas eu não fazia ideia de quão altas eram. Você tem muita coragem de apostar tudo isso nos dados.”
Messala encarou Cecilius.
“É o meu lema: ninguém se arrisca como eu.” Ele disse e jogou os dados.

Capítulo 20
CAVALOS

Não tinha jogos de dados na tenda de Ilderim. Nada de dados, barulho, vinho, gritos, bebedeira, música, vômitos ou sangue no chão depois de alguém bater a cabeça ao cair. Nada de servos esguios, nada de homens ficando pálidos quando perdiam suas apostas. A aba da tenda estava aberta e a lua se levantou sobre o lago, derramando uma linha branca e brilhante sobre a água escura. O jantar foi servido e consumido, e a louça, tirada. Baltazar foi para sua tenda de braços dados com o núbio alto, para quem teria sido mais fácil carregá-lo.

Ilderim olhou para seu convidado.

“Eu normalmente levo os cavalos até o lago para que bebam água antes de dormir”, ele disse. “Você gostaria de nos acompanhar?”

O rosto de Ben-Hur se iluminou.

“Mais do que qualquer coisa”, ele disse. “Nossa conversa esta noite foi fascinante, mas confesso que também prestei atenção nos seus companheiros de tenda.”

“Sim, eles são sociáveis. Você viu o perfil deles quando apertaram o corpo contra a cortina que divide os ambientes?”, o Sheik perguntou enquanto segurava o robe para se levantar.

“Eu vi. E também os focinhos na cortina perto do chão. Você costuma deixar que entrem aqui?”

Ilderim olhou para ele com um sorriso contrito.

“Eu sei que não deveria. E nunca deixo quando estou com convidados. Mas admito que às vezes, quando estou sozinho, eles me acompanham no jantar.” Ele meneou a cabeça. “Eu sempre fui mais severo com meus filhos do que com esses cavalos.” Ele estalou a língua e desamarrou a fita que prendia os baios. Um deles respondeu com um relincho baixo e os dois saíram da tenda para a grama, rodeando o Sheik.

“Este aqui, que você já conheceu, com a estrela, é o Aldebaran. Ele é o mais novo dos quatro. Todos têm nomes de estrelas. Este com a chama é Antares. Rígel não tem marcas. E Altair… é difícil ver ao luar, mas ele tem pontos escuros muito pronunciados.”

“A não ser pelas marcas, eles são quase idênticos”, Ben-Hur disse, andando ao redor deles. “Todos têm o mesmo pai?”

“Não, a mesma mãe: Mira. Meus ancestrais sempre tiveram uma matriz chamada Mira, a mais rápida, corajosa e linda do rebanho.”

“Você já correu com eles antes?”

“Não”, Ilderim respondeu. Ele se virou e começou a andar na direção do lago. “Não em público, pelo menos. Isso, eu admito, foi por vaidade. Eu queria treinar os cavalos no deserto para então aparecer publicamente em Antióquia e destruir aqueles cachorros ladrões romanos.”

“Quem os conduziu no treinamento?”

“Um dos meus filhos. Um bom garoto, muito corajoso. Mas eu me pergunto se ele era forte o bastante. De qualquer modo, ele sofreu um acidente. Não ficou muito machucado, mas ainda está se recuperando. A mãe dele está furiosa comigo.” O sorriso de Ilderim brilhou ao luar.

“Como você escolheu o condutor que eu vi hoje?”

Ilderim meneou a cabeça e Rígel bateu o casco no chão como resposta.

“Oh, veja, agora você sabe o pior: eu ensino truques bobos para eles.” Ele balançou a cabeça de novo e Rígel bateu novamente. “Não é muito digno.”

Ben-Hur riu.

“Não. Mas é óbvio que eles são inteligentes.”

“Você não faz ideia. Nós temos que mudar o nó que fecha a tenda toda semana, porque eles aprendem a desamarrar.”

“E ainda assim eles correm.”

“Sim. São verdadeiros Filhos do Vento. Dóceis como crianças quando brincam comigo, mas adoram galopar.” Ele suspirou. “Perder essa corrida partiria o coração deles. E embora eu queira ganhar, partiria meu coração partir o deles.”

“Malluch me disse que as regras são as de Roma.”

Eles chegaram à beira do lago e os cavalos se espalharam pela margem para beber água. As ondulações causadas pelo movimento deles agitaram a cobertura prateada da água iluminada pelo luar.

“Sim. Na verdade, tudo tem que ser exatamente como em Roma. Você sabe que essa corrida é em homenagem ao Cônsul Maxentius, que chega amanhã. Ele está preparando uma campanha contra os partas. Vai haver um desfile e outras competições; luta, corridas a pé e arremesso de dardo… Oh, mas você está vindo de Roma. Já sabe como é isso.”

Ben-Hur assentiu.

“Sei. Parte do pessoal dele estava no meu navio; o navio que peguei em Roma. Mas então percebi que estava cansado dos romanos e desembarquei em Ravena, onde esperei por um navio sírio.”

“Você não gosta dos romanos?”

“Eu gostava de um”, Ben-Hur disse. “Mas só um, e ele morreu.”

“Perdoe minha curiosidade”, Ilderim disse. “Mas você poderia me contar sua história? Eu nunca conheci um judeu que conseguisse se passar com tanta facilidade por romano. Oh, veja, lá vai Altair. O único cavalo que eu já tive que gosta de nadar.” A cabeça e o pescoço do baio cortaram a água enluarada por um instante; então ele voltou. Quando saiu do lago, os outros três cavalos se afastaram dele enquanto Altair sacudia a água de sua cabeça, arremessando gotas de sua crina para o alto. Do nada apareceu um criado com um comprido cobertor cheio de borlas e começou a secar o pelo de Altair.

Ben-Hur fez um resumo de sua história, observando o cuidado com o cavalo enquanto contava os fatos principais: a amizade com Messala, a telha, a traição, as galés, Arrius. “Eu cheguei a Antióquia hoje”, ele disse. “Fui imediatamente visitar o administrador do meu pai, Simonides. Nunca o conheci quando era garoto, mas consegui encontrá-lo.” Ele olhou para as estrelas. “Eu esperava que ele pudesse me conhecer. Ou pelo menos reconhecer quem eu sou. Mas…” Ele engoliu em seco e olhou para Ilderim. “Ele tem uma filha, Esther. E me lembrou que os dois são escravos. Meu pai era o dono deles. Então, se eu for quem digo ser…”

“Você é dono dele. E de Esther”, Ilderim completou a frase. Houve uma pausa enquanto ele pensava. “Eu conheço Simonides muito bem”, ele disse, afinal. “E Esther, claro. Houve também a morte da esposa dele, depois do segundo espancamento. Aqueles homens eram cruéis. E talvez seja apenas um hábito do Simonides. Ele tem guardado a fortuna de Hur há tanto tempo que não consegue pensar em outra forma de viver.”

“É possível”, Ben-Hur disse.

“E você sabe, meu jovem…”, Ilderim olhou de lado para ele, “para algumas pessoas que já sofreram muito, a esperança é uma coisa terrível. Elas conseguem resistir, e para isso precisam… o quê? Um tipo de controle”. Ilderim trouxe os braços para os lados do corpo e pareceu mais magro por baixo do robe. “Então, ter esperança, inspirar fundo e olhar para frente, pensar em uma mudança que pode acontecer… isso é muito difícil. Talvez Simonides não tenha a coragem necessária para se arriscar.”

“Talvez”, Ben-Hur respondeu, desanimado.

“Mas isso pode mudar”, Ilderim concluiu. Ele se virou para a tenda e estalou os dedos. Os cavalos saíram do lago espirrando água e se aproximaram dele. Ben-Hur ficou comovido com o calor de um deles ao seu lado – Antares, o garanhão com a mancha. Ele esticou a mão e a pousou na cernelha do cavalo, sentindo os músculos se moverem sob a pele enquanto eles caminhavam na direção da tenda.

“Você os viu hoje na pista”, Ilderim disse, despreocupado. “O que você achou do modo como eles correm?”

Ben-Hur deu alguns passos antes de responder.

“É difícil dizer, porque o condutor era muito ruim. Mas agora que eu os conheço um pouco, acho que o problema é que eles não correm juntos. Como uma unidade. Ele não tinha colocado Aldebaran e Altair como os cavalos de fora?”

“Sim”, Ilderim respondeu. “Foi dessa forma que corremos com eles em casa.”

“É claro que eu precisaria vê-los em ação; ver o ritmo deles. Mas eu me pergunto se não seria melhor se Rígel trocasse com Altair.” Ele olhou para Ilderim. “Há tanta coisa a considerar, você sabe. A extensão da passada, é claro, mas como vemos neste momento, em que eles estão meio adormecidos, meio brincando conosco, cada um tem uma personalidade diferente. Pense como é na batalha, quando você alinha os combatentes de modo que um compartilha sua calma e o outro sua ousadia, um sua experiência, o outro sua agressividade.”

Ilderim assentiu.

“Como você sabe, porque me ouviu dizer, eu preciso de um condutor. Eu consigo ver o quanto os cavalos gostam de você. Talvez você me concedesse a honra de colocar os arreios neles, amanhã. Daquele lado”, ele apontou para as colinas, “nós temos uma pista. Você poderia demonstrar o que está dizendo. E talvez nós consigamos acabar com aqueles romanos, finalmente”.

Ben-Hur sorriu para ele, um sorriso que iluminou seu rosto e o fez parecer mais jovem por um instante. Ilderim devolveu o sorriso. Acima deles, uma fagulha branca riscou o céu aveludado até o horizonte.

“Olhe”, Ilderim disse, apontando para cima. “Um presságio!”

“Quem sabe…”, Ben-Hur respondeu. Mas ele continuou sorrindo.

Capítulo 21

SEM VÉU

Iras acordou cedo. Não havia motivo para não acordar. No acampamento de Ilderim os homens podiam conversar em suas tendas até a Lua se pôr, mas as mulheres dormiam cedo e acordavam antes do Sol se levantar sobre as colinas do leste, que abraçavam o oásis. Elas tinham que acender fogueiras, cuidar das crianças, moer o trigo, colocar o pão chato nas grelhas sobre a chama aberta. Elas tinham que ter as mãos grossas como couro. Sem pensar, ela esfregou as palmas das mãos.

Como sempre, ela dormiu com uma camisola branca de algodão cuja trama era tão fina que o tecido era quase transparente. Em casa, ela costumava usar algo parecido com aquilo o dia todo, sem que ninguém ficasse chocado. Mas ali ela precisava se cobrir. Foi o que seu pai lhe disse antes que iniciassem a viagem.

Ela tinha pensado que a recomendação era por causa do Sol, mas depois descobriu que era por causa das pessoas. Não só os homens, ela estava acostumada com os homens a encarando. Ela era linda; isso era normal. Mas as mulheres naquela região eram ainda piores. Ela podia ver o choque no rosto delas se um pedacinho de pele aparecesse. Somente no Bosque de Dafne ela podia estar descoberta. E perto do lago, se fosse até lá bem cedo.

Havia uma roupa cinzenta comprida, com capuz, jogada sobre o divã em sua tenda. Os árabes a chamavam de albornoz. Ele cobria tudo. Iras o vestiu pela cabeça e saiu pela abertura da tenda.

Ainda havia orvalho sobre a grama. Isso era algo que ela gostava. Iras nunca acordava para ver o orvalho em Alexandria. De qualquer modo, ela ficava sempre dentro de casa, com um chão de mármore frio debaixo dos pés.

O ar estava agradável; tinha isso, pelo menos. E Iras admitiu para si mesma, de má vontade, que o lago era lindo. Ela gostava daquela quietude e do grande céu perolado. O albornoz sendo arrastado na grama úmida produzia o único som.

Mas quando ela se aproximou do lago, Iras ouviu alguma coisa e franziu o cenho. Algo borrifava água. Ela esperou que não fosse um animal. Iras não poderia reclamar. Seu pai nem sabia que ela tinha saído sozinha da tenda. Mas ela não poderia se banhar onde um animal tinha revirado o solo e, possivelmente, sujado a água.

Não, não era um animal. Ela viu uma cabeça no meio da água. Humana. Homem, é claro. Sobre uma pedra jazia um tecido com listras, de um robe amarrotado. Por um instante, Iras ficou com raiva. Ela podia *sentir* a água, suave em sua pele, levando seu cabelo pesado para longe de seu pescoço. Às vezes, ela entrava mais fundo e se deitava, sendo sustentada pela água.

Mulheres não nadavam, claro, mas ela tinha visto desenhos de homens jovens brincando nas ondas. Ela os invejava.

E lá estava aquele judeu bonito, bem no meio do lago, vindo lentamente na direção dela. Iras hesitou. Devia puxar o capuz e cobrir o cabelo? Não. Que ele ficasse chocado. Ele estava nadando no lago dela. Ela se virou e começou a andar de volta para sua tenda. Suas pegadas deixaram um rastro escuro borrado na grama molhada.

Ela caminhou devagar, só para ver o que aconteceria e demorou apenas um instante para ela saber.

Passos soaram atrás de Iras e ele a alcançou. Ele tinha vestido o robe e a água ainda escorria de seu cabelo.

“Não precisa ir embora. Você ia tomar banho? Eu terminei.”

Ela parou e olhou para ele.

“Eu ia, mas não vou mais. O Sol está nascendo. As pessoas vão acordar. Veja.” Ela apontou para o alto das palmeiras junto ao lago, onde o sol alaranjado recortava as folhas em ângulos agudos.

“Perdoe-me”, ele disse. “Você não tem uma criada que possa acompanhá-la até algum ponto mais distante da margem?”

“Não é a mesma coisa”, ela disse.

“Não”, ele concordou, encontrando o olhar dela. “Eu compreendo.”

“Mas eu vou até a borda da água”, ela disse. “Só por alguns minutos.”

Ele hesitou quando ela recomeçou a andar; então Iras disse para ele, por cima do ombro:

“Você pode vir comigo. Ou não. Eu não preciso de proteção a esta hora. Mas uma companhia é sempre bem-vinda.”

Ela quase conseguiu ouvi-lo se decidindo, e com duas passadas longas ele a alcançou.”

“Será que…? Você e…?” Ele fez uma pausa e recomeçou. “O que você achou do Bosque de Dafne?”

Ela olhou para ele de frente pela primeira vez. O sol brilhava no rosto de Ben-Hur. Era isso que fazia parecer que ele estava corando? Talvez não. Isso às vezes acontecia com soldados: eles passavam tanto tempo lutando uns com os outros que nunca falavam com mulheres. Era provável que nem vissem mulheres, a não ser por aquelas cujos serviços eles pagavam.

“Extraordinário”, ela disse. “Não acha? Já vim diversas vezes, e sempre fico fascinada.”

Eles tinham chegado ao lago. Iras entrou no raso, bem na borda e sentiu o tecido do albornoz pesar nos ombros quando começou a absorver a água. Ela olhou para Ben-Hur, que vinha um ou dois passos atrás. Mesmo corado, vestindo um robe amarrotado com grandes marcas de água, onde grudava na pele molhada, ele era impressionante de bonito, ela pensou.

“E além disso? Como você passa seus dias?”, ele perguntou. “Eu só pergunto porque nunca conheci uma princesa egípcia, e este parece um ambiente estranho para você.”

Ela concordou.

“E é mesmo. Eu fico… mais à vontade em casa, em Alexandria. Eu estudo, faço música, vejo pessoas. As mulheres têm mais liberdade lá.” Ela olhou para ele. “Mas meu pai é tão velho. Ele estava decidido a vir para cá. Eu achei que deveria vir com ele.”

Sem perceber, ele encurtou a distância entre os dois.

“E seu marido estava disposto a deixá-la partir?”

Ela riu.

“Não tenho marido! Não. Nós não somos… Com as ideias do meu pai…” Ela olhou para ele, cujo olhar estava distante. “Essa ideia do meu pai, sobre um deus… mesmo em Alexandria, que é tolerante, ele é visto como excêntrico. E quanto mais velho fica, mais insistente ele se torna. Eu sou filha dele, então também sou vista como excêntrica. Então, nada de marido.” Era verdade. Não havia nenhuma perspectiva de marido.

“Mas isso parece impossível”, ele exclamou com uma energia que ela gostou. “Uma mulher com o seu encanto!” Ele estava mesmo ficando corado. Iras pensou no outro jovem, o que quase os tinha atropelado, com seus elogios marotos, ousados. Havia algo de cativante no constrangimento deste homem. Era quase uma crueldade flertar com ele. Quase. “Eu pensava que os egípcios eram conhecedores das mulheres”, ele continuou. “Como é possível…?” Ele fez um gesto e sacudiu a cabeça.

Iras deu de ombros. Ela se abaixou e fez uma concha com a mão na água, então levantou o cabelo e passou a água na nuca.

“Cada um de nós tem seu destino. Este é o meu”, ela disse. “Tem suas recompensas. Eu conheço mais o mundo que muitas mulheres. Eu tenho mais liberdade do que essas mulheres árabes que são pouco mais que burros de carga para seus maridos. Eu estou aqui, conversando com você. Nenhuma delas poderia fazer isso. Mas estou ouvindo o acampamento acordar, não? Preciso voltar.”

Ela ergueu a bainha do albornoz para tirá-lo da água e pisou na grama. Depois de dois passos, ela parou.

“Espere um instante”, ela disse, curvando-se para pegar a bainha e espremer a água, fazendo questão de deixar os tornozelos e as panturrilhas à mostra. Ela passou um momento torcendo cada lado, espremendo o máximo de tecido que podia. E agora iria grudar no corpo. Eles recomeçaram a andar. Ela tropeçou e estendeu a mão para se apoiar no braço dele.

“Desculpe”, ela disse, fitando-o nos olhos. “Normalmente não sou tão desajeitada.”

Ele pareceu ser aquele homem dentre 100 que acreditaria nela.

“Não tem problema. Posso ajudá-la?”

“Não, é só que esta maldita coisa está molhada e fica prendendo. Não olhe”, ela pediu e se inclinou para pegar a bainha, lenta e cuidadosamente, sabendo que o decote do albornoz se abriria e revelaria sua pele até a cintura. Ela se endireitou e o viu desviando o olhar.

“Permita-me”, ele disse e a segurou pelo cotovelo.

Ela o deixou ali por um instante, depois falou:

“Melhor não. Você é gentil, mas no meio desse povo o gesto poderia ser mal interpretado.”

Então eles retornaram em silêncio para a tenda, ela lhe agradeceu e o observou ir embora. Era espantoso como um homem podia ser simples.

Também era espantoso como um homem podia ser paciente, mas Iras não viu isso. Ben-Hur precisava transformar os cavalos do Sheik em uma equipe vitoriosa em menos de uma semana. Ele sabia que, como atletas equinos individuais, eles eram insuperáveis. Mas ainda não formavam uma equipe. Então Ben-Hur passou a maior parte daquele dia simplesmente conhecendo os baios. Nos fundos do acampamento, encostados na colina, grandes currais mantinham o restante dos animais do Sheik. No passado, uma pista poeirenta foi construída ali perto; um dos cavalariços do Sheik garantiu a Ben-Hur que aquela era uma cópia exata, em formato e medidas, da pista do estádio. Durante todo aquele dia longo e quente, o homem e os quatro cavalos puderam ser vistos na pista ou perto dela. Ben-Hur os prendeu a um carro de treino sozinhos e aos pares, trocando-os. Colocou-os em rédeas longas e os fez marchar ao seu redor em círculos curtos. Quando ficou muito quente, eles descansaram: os cavalos cochilaram perto de Ben-Hur, que deitou em uma pilha de palha limpa. Para sua própria surpresa, ele adormeceu profundamente, acordando de repente quando uma palha fez cócegas em seu nariz.

Quando o Sol se pôs atrás da colina, ele estava satisfeito com o dia de trabalho. Ele já sabia a ordem em que os cavalos deveriam ser arreados. O próximo passo seria treiná-los para que corressem como se fossem um só. Enquanto caminhavam de volta pelo acampamento, as pessoas sorriam e o cumprimentavam quando viam aquele homem alto e ágil com os quatro baios vindo lentamente atrás dele. O povo do Sheik tinha orgulho dos Filhos do Vento e as notícias corriam depressa. Aquele homem deixaria todos eles orgulhosos.

Ben-Hur olhou ao redor, admirado. Era um acampamento organizado e próspero. As crianças estavam bem alimentadas, as tendas bem feitas e aromas apetitosos vinham das fogueiras em que a comida era preparada. Conforme o céu adquiria tons mais escuros de azul, grupos foram se reunindo ao redor das fogueiras para a refeição noturna. Ben-Hur se perguntou se Ilderim teria voltado de seus negócios em Antióquia a tempo de jantar.

Mas para sua surpresa, foi Malluch quem o cumprimentou na tenda do Sheik, e ele trazia uma convocação.

"O Sheik Ilderim mandou seus cumprimentos", Malluch disse, "e ficaria agradecido se você pudesse encontrá-lo na cidade, na casa do mercador Simonides".

Simonides! Ben-Hur ficou chocado. Ele havia quase esquecido! Em sua absoluta concentração na corrida que se aproximava, ele empurrou Simonides para o fundo das suas preocupações. Bem, e por que não? O homem não quis saber dele. Era melhor gastar seu tempo com os cavalos.

Malluch deve ter entendido o silêncio como relutância, pois se desculpou.

“O Sheik disse sentir muito por convocá-lo depois do que deve ter sido um dia longo com os cavalos, mas trata-se de uma estratégia relativa à corrida…” Como Ben-Hur ainda assim não respondeu, Malluch acrescentou, “Nós vamos pegar o camelo de Baltazar emprestado”.

Os olhos dos dois homens se encontraram e Ben-Hur sorriu.

“Oh, Malluch, outro camelo não!”

“Fui instruído a acrescentar”, Malluch disse, todo formal, “que a liteira de Baltazar também está à sua disposição. E que nós iremos jantar na estrada”. Ao dizer isso ele também sorriu. “De qualquer modo, a comida da cozinha do Sheik é melhor que a de Simonides. E, tenho que admitir, eu estava querendo conhecer aquela liteira por dentro.”

Ben-Hur riu.

“Tudo bem, Malluch. Eu sei reconhecer quando fui vencido. Irei com você. Mas o orgulho exige que eu me lave da poeira dos estábulos…”

“E tire a palha do cabelo”, Malluch acrescentou, prestativo.

“E a palha… Eu ia falar dela. Eu o encontro, limpo, quando o camelo estiver pronto.”

Ele se atrasou, mas o camelo não teve que esperar muito. Os dois homens subiram na liteira e o condutor núbio levou o animal pela trilha tortuosa que atravessava o pomar de tâmaras, erguendo a mão quando passaram pelo sentinela na entrada do oásis. Ben-Hur estava ocupado investigando uma cesta que continha pão quente, tâmaras, homus e uma panela de barro cheia de bolinhos apimentados de carne. Os dois homens se concentraram em comer e não conversaram até o camelo chegar à periferia da cidade e começar a percorrer o caminho ao longo das docas. Ben-Hur observou o imenso palácio romano na outra margem, perguntando-se onde os cavalos de Messala estariam guardados. De repente, o camelo parou e dobrou as pernas para que eles pudessem descer da liteira. Malluch disse algo para o núbio que Ben-Hur não entendeu, e o homem foi embora.

“Daqui nós vamos a pé”, Malluch disse, tranquilo.

“Malluch”, Ben-Hur disse, acompanhando-o, “eu estou ficando confuso”.

“É mesmo?”

“Em que língua você acabou de falar com o criado de Baltazar?”

“Eu suponho que podemos chamá-la de grego das ruas.”

“É muito falada em Antióquia?”

“Bem, você sabe”, Malluch respondeu. “Em uma cidade como esta, a maioria das pessoas fala um pouco de várias línguas.”

“E por que você o mandou voltar para o oásis?”

“Ah”, Malluch disse, assentindo, enquanto desviava de um barril aberto na rua. “Você também fala um pouco de grego.”

“Em Roma as pessoas também falam muitas línguas.”

“É claro.”

Malluch seguia mostrando o caminho, mas Ben-Hur esticou o braço e o segurou pelo colarinho do robe.

“Estou sendo capturado, Malluch? Você teria me tirado do oásis por algum motivo que não estou entendendo?”

Malluch parou e encarou Ben-Hur.

“Sim, eu fiz isso. Mas não é nada que irá prejudicar você nem interferir na corrida de quadrigas.” A luz estava fraca e ele pôde ver a raiva no rosto de Ben-Hur. “Eu peço perdão. Estou seguindo ordens. Você logo irá compreender. É tudo que posso dizer.”

“Estamos mesmo indo até Simonides?”

“Sim. Mas acharam que seria melhor que não vissem o camelo”, Malluch respondeu e voltou a andar, mostrando o caminho. “Ou você, a propósito.”

“Por quem?”

“Pelos romanos”, Malluch respondeu. “Ou aqueles a mando deles.”
“Mas…”
Malluch se voltou para ele e disse, de repente, ficando sério:
“Aqui não.”
Depois disso, Ben-Hur apenas o seguiu, conformado, até virarem uma esquina e ele reconhecer a casa alta de Simonides na margem do rio.

Era uma noite quente e úmida, com uma brisa fraca que fazia pouco mais que carregar odores desagradáveis. Ben-Hur não conseguiu evitar de olhar para os navios que balançavam suavemente em seus atracadouros, todos com as velas bem presas e uma luz de vigia a meia-nau: uma frota bem administrada.

Para sua surpresa, Malluch não rodeou o armazém até a entrada principal, mas destrancou uma porta estreita lateral e acenou. Sem dizer palavra, conduziu Ben-Hur por uma escada íngreme e tortuosa. Já lá em cima, bateu em outra porta estreita e entrou sem esperar resposta.

* * *

Eles estavam no escritório arejado de Simonides. Lâmpadas queimavam no alto dos cantos da sala e as janelas compridas estavam abertas para o rio. O Sheik Ilderim se levantou do divã em que estava sentado, de pernas cruzadas, e Esther empurrou a cadeira de Simonides para deixá-lo de frente para os dois recém-chegados. Ela tinha protestado: era tarde, seu pai precisava dormir. Mas Ilderim, velho amigo de Simonides, insistiu que a reunião precisava acontecer naquela noite.

“Não há tempo a perder, Esther”, ele lhe disse em particular. “E pense nisto: o que estamos planejando é muito importante para seu pai. Você vai ver.”

Foi Ilderim quem cumprimentou os dois homens que emergiram da escada escondida, e foi ele também que perguntou sobre o treinamento dos cavalos. A educação mandava que Ben-Hur respondesse de forma polida, mas ele deu um olhar para Malluch que incomodou Esther. Seu pai tocou sua mão.

“Leve-me para mais perto”, ele sussurrou. Então ela empurrou a cadeira para a frente. Ele tocou de novo o pulso da filha, pedindo que se aproximasse mais, o bastante para que todos ficassem em silêncio.

“Filho de Hur”, ele disse, fitando com firmeza os olhos de Ben-Hur. Ele esperou um instante e recomeçou, “Judah, filho do meu velho amigo Ithamar, da Casa de Hur, eu lhe desejo a paz do Senhor Deus dos nossos pais”.

* * *

Depois de seu longo dia com os cavalos, e sentindo-se confuso, Ben-Hur precisou de um momento para assimilar as palavras de Simonides, e quando o fez, sentiu o rosto congelar. Seus olhos travaram nos de Simonides e ele viu que o velho estava sorrindo.

“Simonides”, ele respondeu, solenemente, “que a paz sagrada de Deus esteja consigo e os seus”. Ele hesitou um instante e passou a mão pelo rosto. Então, ajoelhou-se ao lado da cadeira de Simonides e estendeu as mãos para segurar, com muito cuidado, as mãos tortas do velho senhor. “Com você e os seus para sempre. Enquanto eu puder, farei tudo o que estiver ao meu alcance para preservar esta casa, em agradecimento aos sacrifícios que você fez em nome do meu pai.”

Simonides ergueu uma mão e a colocou por um instante no ombro de Ben-Hur.

“Ah”, ele disse com uma voz surpreendente de tão grave, “nós temos em mente projetos muito maiores para você. Esther, você pode pegar os papéis?”.

* * *

Esther foi até a mesa do pai pegar os rolos de papiro em que ele esteve trabalhando o dia todo, e quando os colocou nas mãos dele, viu que o pai sorria.

“Obrigado, minha querida”, ele disse. “Você não quer pegar um banco para o jovem Judah? Coloque ao meu lado.”

Quando ela pegou o banco, viu que Ilderim a observava. Ele fez um aceno curto com a cabeça. Ele parecia presunçoso? Talvez. Não importava. Se seu pai estava feliz, ela ficava satisfeita. Esther colocou o banco ao lado do pai e recuou, ficando ao lado de Malluch.

“Primeiro deixe-me explicar por que não o reconheci de imediato”, Simonides começou.

“Nenhuma explicação é necessária”, Ben-Hur disse. “Eu consigo compreender, agora, que você precisava ter muito cuidado.”

“Não, não consegue”, Simonides retorquiu. “Você conheceu o lado cruel do poder romano, mas ainda é jovem e está fisicamente inteiro. Eu não sofri nas mãos dos romanos para entregar a fortuna do seu pai, por descuido, ao primeiro homem que aparecesse para reivindicá-la. Embora Esther tenha protestado, e você seja a própria imagem do seu pai, eu precisava saber mais a seu respeito. Então mandei que Malluch o seguisse.”

“Malluch é seu espião?”, Ben-Hur perguntou, virando-se para encarar o outro.

“Eu peço desculpas, filho de Hur”, Malluch disse. “Mas eu sirvo ao meu senhor. Então, de modo indireto, sirvo a você. E é o que espero fazer até o fim dos meus dias.”

“Pense em Malluch como meus olhos e ouvidos em Antióquia”, Simonides disse. “Eu lhe pedi que o seguisse porque precisava saber se você era mesmo quem dizia ser. E, em caso afirmativo, que tipo de homem você era. Você precisa saber que estive procurando por você em todo o império, desde que soube que os romanos tinham levado sua família. Há algum tempo eu tinha desistido, e então você apareceu à minha porta com toda a aparência de um romano!”

“Sim, é claro”, Ben-Hur disse. “Mas o que Malluch pode ter descoberto a meu respeito?”

“Muitos jovens se perdem no Bosque de Dafne”, Simonides disse. “São muitos os caminhos para a destruição, com as mulheres, a música e os cultos pagãos. Um homem que apenas adormece debaixo de uma árvore é um homem com um temperamento equilibrado.”

“Ou é um homem com outras preocupações”, Ben-Hur acrescentou.

“De fato”, concordou Simonides. “E eu lhe peço perdão. Mais uma vez, foi Esther quem observou como era cruel roubar você de sua última esperança.”

Ela se sentiu corar quando o jovem ergueu os olhos escuros para ela.

“Como eu poderia *não* perdoá-lo?”, Ben-Hur perguntou, voltando-se para Simonides.

“Ah, você diz isso antes mesmo de saber!”, Simonides quase exultou, tocando o rolo de papiros sobre suas pernas. “Aqui, filho de Hur, está a contabilidade dos bens do seu pai. Isto é, não as propriedades que foram confiscadas pelos romanos. O palácio, como você sabe, e todos os bens, armazéns, animais e navios que sua família possuía se foram. Eu suspeito que Gratus tenha se dado muito bem com a queda da Casa de Hur. Mas o dinheiro estava em letras de câmbio que eles não conseguiram encontrar. Quando eu liquidei todas elas, de Roma a Damasco e a Valência, a soma chegou a 120 talentos.” Ele ergueu uma folha de papiro, que Esther pegou de sua mão.

“Esse valor esteve sob meus cuidados desde então, e eu o utilizei para fazê-lo crescer. Portanto, os bens que você possui agora são os seguintes”, ele entregou uma página para Ben-Hur, que leu em voz alta:

“Navios, 160 talentos. Bens em estoque, 110 talentos. Carga em trânsito, 75 talentos. Animais, 23 talentos. Armazéns, 17 talentos. Dinheiro vivo, 224 talentos. Contas a pagar, 53 talentos. Fazendo um total de 556 talentos.”

Judah estava pasmo. Era uma quantia imensa.

“E nós ainda acrescentamos a isso os 120 talentos que eram do seu pai no início: o total é 676 talentos!”, disse Simonides.

A sala ficou em silêncio. Até Esther sabia que um talento era a quantidade de ouro com o mesmo peso de um homem. A quantia que Ben-Hur possuía teria enchido aquela sala, aquele armazém – teria afundado todos os barcos que flutuavam no rio abaixo.

“Eu acho que você deve ser o homem mais rico do mundo”, Ilderim disse do outro lado da sala.

“Sim”, Simonides apenas concordou. “Ele é. Mas o que realmente importa é, *não existe nada que você não possa fazer*.”

* * *

Ben-Hur recolocou o papiro com muito cuidado sobre as pernas de Simonides e se levantou do banco. Com todos os olhos sobre ele, Judah cruzou a sala até o pequeno terraço e saiu. Ele ficou ali por um longo minuto, a silhueta recortada pelo céu enluarado, olhando o rio, a cabeça completamente esvaziada. Então ele se virou, entrou na sala e se ajoelhou aos pés de Simonides.

“Amigo do meu pai, nunca serei capaz de recompensá-lo pela administração da propriedade dele. A lealdade que você demonstrou melhora minha opinião a respeito da humanidade. E eu gostaria de demonstrar minha gratidão.” Ele olhou para o Sheik. “Você poderia servir de testemunha da minha decisão?”

“De bom grado”, Ilderim disse.

“Então vamos tornar tudo isso oficial. Talvez Malluch possa escrever…”

“Eu não”, o outro disse, alegre. “Não sei ler nem escrever. Esther é que costuma servir de escriba do pai.” Ele atravessou a sala e abriu um armário, de onde trouxe papiro e tinta.

Com calma, Esther se sentou à mesa e, a postos com seu pincel, olhou para Ben-Hur.

“Tudo que você acabou de me relatar, armazéns, navios, animais e bens… todos os 556 talentos em propriedades e dinheiro que você gerou ao longo dos anos, eu devolvo a você, Simonides. Vou manter os 120 talentos que eram originalmente do meu pai. O resto é seu.”

A mão de Esther hesitou, mas Ben-Hur continuou.

“Contudo, eu tenho uma condição. Não… duas. Primeiro, você terá que continuar a ajudar a administrar essa fortuna. A mente que a fez crescer vale mais do que qualquer capital.”

Simonides inclinou a cabeça para aceitar o cumprimento. Em suas atividades, ele sabia qual era seu valor.

“E a segunda condição é que você juntará seus esforços aos meus para me ajudar a encontrar minha mãe e minha irmã. Com olhos e ouvidos como os de Malluch em Roma e Jerusalém, com certeza nós poderemos encontrar o rastro da minha família. O que você me mostrou hoje…”, ele colocou a mão sobre a contabilidade, “é admirável. Mas eu não poderei descansar até saber onde estão minha mãe e Tirzah, mortas ou vivas”.

“Você precisa saber que nós não paramos de tentar encontrá-las”, Simonides disse, sério. “Vamos aumentar nossos esforços. Se houver algum traço delas em qualquer parte do império, nós iremos encontrar.” Ele pegou outro rolo de papiro. “A prestação de contas ainda não está completa. Você viu os registros da maioria dos ativos do seu pai, mas aqui tem mais três. Vou ler a lista.” Ele segurou o papiro diante dos olhos. “Os escravos de Hur: Um – Amrah, a egípcia, residente em Jerusalém. Dois – Simonides, administrador, residente em Antióquia. Três – Esther, filha de Simonides.”

Ben-Hur ficou imóvel enquanto olhava de Simonides para Esther.

“Vocês são escravos? Bem, não são mais. Irei libertá-los. Existe algum processo legal, ou basta que eu os declare livres?”

“Não. Na verdade, Judah, você não pode me libertar. Eu me tornei voluntariamente escravo

de seu pai para poder me casar com Rachel, mãe de Esther. É uma condição permanente da qual nunca me arrependi. Esther, contudo, você pode libertar, se ela quiser."

"Mas não quero", ela disse com serenidade. "Prefiro ficar como estou. Onde meu pai está."

Ben-Hur suspirou.

"Isso parece errado. Pensar que eu tenho poder sobre suas vidas."

"Você possui esse poder de qualquer forma, Judah", Simonides respondeu. "Nós estamos unidos pelo bem do seu pai, não por outra coisa. Mas existe algo que você pode fazer por mim."

"Peça o que quiser e estará feito", Ben-Hur respondeu.

"Faça de mim seu administrador, como fui do seu pai."

"É claro! Vamos colocar isso por escrito…"

"Não precisa", Simonides disse. "Sua palavra basta."

"Obrigado", Ben-Hur disse. Ele se virou, atravessou a extensão da sala e voltou. "Mas agora…" Ele olhou para todos os presentes – Esther, Malluch, Ilderim e Simonides. "Eu herdei uma fortuna de Arrius. De repente, eu possuo outra. Não gosto de jogatina, ou de palácios, ou qualquer uma das coisas em que os homens ricos gastam suas fortunas. O que eu vou fazer com todo esse dinheiro?"

Ilderim e Simonides trocaram um olhar.

"Bem", o Sheik disse, "nós temos uma ideia".

Capítulo 23

QUEM?

Naquela noite, o espião encontrou com Messala no estábulo. Ele se achou muito esperto com isso. Até aquele momento, todos os encontros tinham sido iniciativa de Messala, em lugares que o romano escolhia. Nessa ocasião, contudo, o espião tinha uma informação, que era útil e importante e por isso ele acreditava que Messala deveria pagar muito por ela. Mas essa informação perderia seu valor se não fosse vendida logo.

Ele gostava de cavalos. Anos antes, no que parecia ser outra vida, ele cresceu em um país onde cavalos selvagens vagavam por pradarias pantanosas. As habilidades que se aprende jovem são aquelas que a pessoa nunca esquece, assim, foi fácil para ele conseguir um emprego nos estábulos romanos. Nunca havia mãos suficientes para carregar água, esterco e palha, ainda mais quando se tratava de animais de raça mimados. Além disso, o ambiente era bom para contar segredos: escuro e bem movimentado. Tochas ardiam nas paredes das baias, mas um homem podia se esconder atrás de um monte de feno, desaparecer em um depósito, curvar-se para consertar um arreio e não ser mais visto.

E ainda melhor, as pessoas conversavam nos estábulos. Por ser mestiço, o espião sabia muitas línguas. Ele sorria, trabalhava, escutava. E assim, reuniu partes de informações. Isso era mais fácil do que contar barris no armazém de Simonides, e ele ficava sabendo de mais coisas.

Como a história do tribuno Arrius, que sobreviveu a um naufrágio e voltou para Roma com o escravo de galé que o salvou. Um judeu, que Arrius adotou.

E a história de um estranho hospedado no Pomar das Palmeiras. Tudo o que acontecia no acampamento de Ilderim normalmente era segredo, e os homens que contavam os segredos do Sheik não costumavam prosperar. Então o espião comemorou quando conseguiu aquela informação.

Somando-se a isso, havia o boato que dizia que, naquela mesma noite, o Sheik tinha encontrado um novo condutor para seus baios – um romano chamado Arrius.

Ele pensou nisso enquanto limpava o casco de um dos cavalos pretos de Messala. Eles eram difíceis. Eram assustadiços e rápidos para morder e dar coices. Ele se movia devagar e com delicadeza perto deles. Talvez esse também fosse o modo de lidar com Messala. Parecia possível, para o espião, que esse novo condutor de Ilderim fosse o filho judeu adotado pelo tribuno Arrius. Seria ele o mesmo homem que o espião viu no armazém de Simonides? Isso seria importante para seu cliente?

O cavalo o fez saber que o cliente tinha chegado. O animal levantou a cabeça e puxou o casco da mão do espião. Este se endireitou, e o traseiro do cavalo ficou entre ele e o romano.

“Você!”, Messala exclamou. “O que está fazendo aqui, cuidando do meu cavalo?”

“Cuidando do seu cavalo, é claro. O que parece?”, ele respondeu. “Eu tenho novidades.”
“Afaste-se dele! É um cavalo de corrida!”
“Está tudo bem. Sou bom com cavalos. E você quer ouvir o que eu tenho para dizer.”
Messala olhou ao redor, franzindo o cenho, tentando encontrar algo errado com a baia ou o cavalo.
“Este é um lugar melhor do que a taverna para nos encontrarmos”, o espião disse. “Nós dois temos motivos para estar aqui. E ninguém pode nos ouvir.”
“Tudo bem, seja rápido, então.” Messala puxou a capa ao redor do pescoço, como se para esconder o rosto. O que, pensando bem, era uma tolice.
“É possível que o homem que eu vi no armazém de Simonides tenha passado alguns anos em Roma?”
“Em Roma! Eu não sei quem é aquele homem, muito menos se esteve ou não em Roma.”
“Bem, está circulando uma história a respeito do filho judeu adotado pelo tribuno Quintus Arrius. Eu só me perguntei se as histórias estão interligadas.”
“É isso que você chama de novidade? Que existem dois judeus em Antióquia?”
“Bem, é uma novidade se os dois forem o mesmo homem. E o sujeito que eu vi tinha jeito de quem remou muito.”
“Por que isso deveria ter importância?”
“Oh, eu esqueci de dizer. Porque o filho adotivo de Arrius o resgatou de um naufrágio. Então, ele poderia ter sido um escravo de galé.”
“Escravos de galé são acorrentados ao navio”, Messala rugiu.
“Tudo bem”, o espião disse, erguendo as mãos. “São mesmo. Normalmente. Só estou lhe contando o que ouvi. É para isso que você me paga. E tem mais duas coisas.” Ele estalou a língua para o cavalo e rodeou a cabeça do animal, coçando seu topete ao passar. Então ele ficou muito perto de Messala. Havia menos de um passo entre os dois.
“Bem?”, Messala perguntou, agressivo.
O espião estendeu a mão.
“Primeiro o dinheiro.”
“Não. Conte-me.”
O espião recolocou a mão no pescoço do cavalo.
“Eu estou cuidando dos seus cavalos. Dinheiro primeiro.”
“Você está me ameaçando?”, rugiu Messala.
“Não. Eu só não confio em você”, o espião explicou. “Estou errado? Ouvi dizer que você tem dívidas.”
O cavalo, sentindo a tensão, moveu as patas da frente e abanou o rabo.
“Todo mundo sabe que você aposta demais”, o espião continuou. “Você deveria ouvir a novidade que eu tenho, mas terá que pagar meu preço.”
“Tudo bem”, Messala disse, pegando uma moeda e mostrando para o espião. Este meneou a cabeça.
“Duas. É importante.”
“Acho que eu decido isso”, Messala rosnou, mas deu outra moeda para o homem.
“Certo”, disse o espião. “O filho de Arrius era um condutor campeão em Roma. O Sheik Ilderim está hospedando um novo condutor no acampamento dele no Pomar das Palmeiras. Simonides e o Sheik Ilderim são amigos. Seu judeu alto foi para o Bosque de Dafne ontem, onde…”, ele parou de falar, deixando que Messala concluísse.
“Onde os cavalos de Ilderim fugiram com aquele idiota do Lucius! Sim, e eu vi mesmo um judeu alto na Fonte de Castália…” Messala arregalou os olhos. “Pelos deuses! É quase impossível!”, ele murmurou. “Tenho certeza de que ele não me conhecia.” Messala recuou um passo e o cavalo se afastou dele. “Ele precisaria ter sobrevivido às galés. Impossível!” Ele girou

e saiu da baia, fechando a porta atrás de si. Ele começou a se afastar, mas ainda disse: "Encontre os cavalos de outro para cuidar, sim?".

O espião apenas arqueou as sobrancelhas. Depois que Messala foi embora, o cavalo relaxou. O espião se curvou, empurrou a cernelha do animal e, com delicadeza, pegou outro casco.

Capítulo 24

O REI QUE VIRÁ

Na casa de Simonides às margens do Orontes, Esther atravessou a sala e conversou com o criado que estava do lado de fora. Quando os homens começavam a fazer planos, as conversas se estendiam e as gargantas secavam. Ela pediu que um lanche fosse trazido: áraque – a bebida de anis que ela sabia ser a preferida do Sheik –, vinho, mel e bolos de trigo.

Ao voltar para a sala grande, ela foi até uma mesa com marfim incrustrado e a pegou para colocar entre os homens. Ela ficou surpresa quando Ben-Hur cruzou o espaço com duas grandes passadas e tirou a mesa de suas mãos. Os homens mais velhos observaram em silêncio enquanto ele colocava a mesa entre eles.

“Obrigada”, Esther disse. “O criado logo vai voltar com bebidas. Vou deixá-los agora.”

“Mas espere”, Ben-Hur disse. “Simonides, este plano não envolve você e os mecanismos de seus negócios?”

“Com certeza.”

“E Esther não o ajuda todos os dias?”

“Ela ajuda, sim”, Simonides confirmou, orgulhoso.

“Então ela não deveria ficar conosco e conhecer mais do plano? Com certeza de algum modo ela poderá ajudar.”

Os dois homens mais velhos trocaram um olhar. Esther viu a confirmação discreta do pai com a cabeça e o sorriso que o Sheik deu como resposta.

“Nas tendas do meu povo”, Ilderim disse, “uma coisa dessas nunca seria pensada. Mas…”, ele levantou as mãos, “o que temos para discutir talvez seja algo totalmente novo. Ela deve ficar.”

“Esther, minha querida”, Simonides acrescentou, “você vai escutar, e se não gostar do nosso plano, não precisa tomar parte. O que estamos pensando, devo avisá-la, não tem precedentes, mas apresenta um grande risco. Aqueles que se juntarem a nós devem fazê-lo com dedicação integral e olhos bem abertos.”

“Eu compreendo, papai”, ela respondeu. Esther ouviu o criado arranhar a porta e a abriu. Houve um momento de agitação enquanto a mesa era coberta com uma tolha, um banco trazido para ela, outra almofada para o pai e uma lâmpada afastada para reduzir o brilho.

“Filho de Hur”, Simonides começou, “eu me pergunto se você percebeu algo de notável no relato que eu lhe apresentei antes sobre o dinheiro que guardei para o seu pai.”

“Sim, eu percebi”, Ben-Hur respondeu. “Fiquei espantado. Em Roma, Arrius me ensinou como entender a administração das propriedades dele, e embora ele tivesse muito sucesso, havia sempre muitas dificuldades: fracassos, aluguéis não pagos, um deslizamento de terra que

destruiu um vinhedo, esse tipo de coisa. É a vida. Nem todo projeto dá certo.”

“Isso mesmo. Ainda assim, esses contratempos não aconteceram comigo. Se havia uma tempestade, ela não atingia meu navio. Se havia um incêndio, meu armazém não queimava.”

“Eu posso testemunhar quanto a isso”, Ilderim acrescentou. “Quando os bens de Simonides viajavam pelas minhas terras, os guardas que fornecíamos eram desnecessários. Os partas não atacavam, os oásis não secavam.”

“E o mais estranho de tudo, nenhum indivíduo que trabalhe para mim jamais me traiu ou enganou. Eu dependo de trabalhadores temporários mais que a maioria dos homens”, Simonides explicou, gesticulando brevemente para seu corpo defeituoso. “Mas nenhum criado, agente, capitão de navio ou condutor de camelo fez algo diferente do que eu mandei.”

“Parece estranho”, Ben-Hur comentou.

“É isso mesmo!”, Simonides exclamou. “O índice de sucesso vai além do que é razoável. Eu pensei por algum tempo que, talvez, minha sorte tivesse mudado depois dos meus infortúnios, mas nós judeus não acreditamos na sorte. Não. Depois eu concluí que isso era obra de Deus.”

Esther sentiu um pequeno arrepio. Seu pai nunca tinha comentado isso com ela. Claro que ele era devoto, assim como ela. Claro que ela via a mão de Deus em tudo. Mas… em um armazém? No convés de um navio?

“E se essa foi a vontade de Deus”, Simonides disse, “por quê?”. Ele fez uma pausa e olhou para a filha. “Eu tenho acreditado nisso há anos”, ele disse para Esther, como se tivesse lido os pensamentos dela. “Mas não lhe falei nada, para você não pensar que eu estava perdendo a cabeça. Já é difícil cuidar de um pai com o corpo como o meu. Agora, corpo e cabeça… é um fardo grande demais até para uma mulher capaz como você.” Ele abriu um sorriso carregado de doçura. “Então eu só me espantava em silêncio. E agora eu acho que entendi.” Esther, observando-o atentamente, viu o pai olhar para o Sheik Ilderim, que percebeu que deveria continuar aquela conversa.

“Filho de Hur”, o Sheik começou, “você ouviu a história que Baltazar nos contou na tenda, em que ele seguiu uma estrela pelo deserto em busca de um Rei.”

“Ouvi”, ele afirmou. “E essa história não me sai da cabeça. Não sei que conclusão tirar.”

“Não”, Ilderim concordou. “Eu também não. E, contra o meu discernimento, eu acho que acredito nessa história. Depois que os três sábios adoraram o bebê em Belém, eles tiveram um sonho. Todos eles, o mesmo sonho.”

“Você compreende”, Simonides interrompeu, dirigindo-se a Ben-Hur, “que para homens práticos como eu e o Sheik, esses acontecimentos misteriosos são muito inquietantes. Como três homens têm o mesmo sonho?”.

Ilderim concordou.

“Mas eles tiveram. No sonho, um anjo apareceu para eles e disse que fugissem da Judeia por uma nova rota. Os camelos os trouxeram até nós e, de fato, soubemos que Herodes os procurou por toda parte. Eles estavam certos em se esconder.”

“E não se esqueça dos bebês”, Simonides disse.

“Herodes também mandou matar todos os bebês judeus homens em Belém e nos arredores”, Ilderim disse, pesaroso. “É evidente que ele teve seu próprio sonho. O que me faz pensar um pouco nesse negócio de sonhar. De qualquer modo, os três sábios nos encontraram no deserto e ficaram conosco por um ano, até saberem que podiam voltar em segurança.”

“Eles foram informados disso em outro sonho”, Simonides acrescentou com um suspiro.

“Então eles partiram. Mas durante o ano em que ficaram conosco, nós falávamos com frequência da visão que tiveram com o bebê”, Ilderim continuou. “Todos eles acreditavam ter visto a mesma coisa: o nascimento do Deus único. O verdadeiro Deus.”

“Aquele que nasceu Rei dos Judeus”, Simonides acrescentou. “Nascido rei, não feito rei. Não indicado por Roma.”

“Não é de admirar que Herodes tenha ficado com medo”, Ben-Hur disse. “Se isso for verdade, o mundo inteiro irá mudar.”

Mais uma vez Esther viu os dois homens mais velhos trocarem um olhar, e ela reparou que os olhos de seu pai ficaram mais brilhantes, apesar de ser tarde.

“Isso mesmo”, Simonides concordou. “O mundo irá mudar. Agora, Baltazar interpreta isso como um reino novo, não só de homens, mas de almas. Um reino com fronteiras além da Terra. Ele não está muito preocupado com os problemas do mundo em que vivemos. Talvez por ser tão velho.”

“Ou por viver no Egito, onde o jugo romano é mais leve nos ombros dele do que no meu ou no seu”, acrescentou Ilderim. “De qualquer modo, ele me convenceu com a história dos três sábios. Coisas estranhas e maravilhosas aconteceram naquela noite. Então vamos pensar no que isso significa. Se naquela noite nasceu um bebê para ser rei dos judeus, ele agora deve estar com 28 anos.”

“Um adulto”, concluiu Simonides. “Jovem, forte, mas maduro o bastante para liderar. Para reivindicar seu reino.”

“Mas Simonides e eu temos pensado a respeito”, disse Ilderim, “em como isso irá acontecer.” Esther percebeu, pelo modo como os dois homens conversavam, que eles já tinham debatido esse assunto muitas outras vezes. “Como é que alguém, que não é Herodes, se torna rei dos judeus?”

“Nós nos perguntamos, o que é necessário para alguém ser o sucessor de Herodes?”, Simonides continuou. “A resposta é, claro, que devemos usar o modo romano. Com armas, com exércitos e leis. Com a força, na verdade. Então, se esse novo rei dos judeus irá reinar, é natural que vá precisar de exércitos e leis. Ele vai precisar demonstrar força. Mas é exatamente isso que nós judeus não possuímos.”

“Leva tempo para se erguer um exército”, Ilderim seguiu com a narrativa. “Você sabe disso melhor do que nós. Se esse rei irá governar, ele precisa começar a se fortalecer logo.”

“Imediatamente!”, concluiu Simonides. “E você…” A conversa chegou, afinal, a Ben-Hur. “Você tem tudo o que é preciso.”

Houve uma longa pausa. Esther percebeu que seu pai não tinha terminado de falar e sabia disso. Eles estavam deixando a ideia se assentar. Ela olhou para Ben-Hur. O rosto dele não revelava nada. Será que ele compreendia o que os dois estavam propondo?

“Você conhece os romanos e o modo como eles guerreiam”, Simonides continuou. “A imensa fortuna que você acabou de me devolver… eu a dedicarei a essa causa. A levantar um exército para aquele que nasceu Rei dos Judeus.”

“É claro que um exército não pode ser reunido, armado e treinado sob os olhos do inimigo”, Ilderim acrescentou. “Mas o deserto é meu. Minhas terras podem absorver um grande número de legiões e mantê-los longe de espiões. Assim, ofereço o território que eu controlo.”

“Esse é o plano”, Simonides concluiu. “Juntos, o Sheik Ilderim e eu vamos oferecer parte do que é necessário para que, quando esse rei vier para nos livrar da opressão de Roma, um exército capacitado para lutar contra essa opressão esteja pronto para agir. O que nós não tínhamos, até você chegar, era um líder. Se é que você de fato deseja ser esse homem.”

Os dois olharam ansiosos para Ben-Hur. Este se levantou e andou até o fim da sala.

Então, ele se virou e olhou para os dois homens. Ben-Hur ficou em silêncio por um momento, sustentando o olhar deles. Naquele momento o poder na sala mudou sensivelmente de lado. Mais tarde Esther pensaria que quase pôde ver um tipo de nuvem brilhante e transparente, migrando dos homens mais velhos para o jovem. Ele continuava sendo o mesmo: ainda alto, ainda atraente, ainda elegante. Mas, naquele instante, ganhou autoridade.

“Esta tem sido uma noite de surpresas”, Ben-Hur disse. Ele passou as mãos no rosto e continuou: “Na verdade, um dia cheio de surpresas. Há dois dias acordei sendo ninguém, um

homem com o passado perdido. Hoje eu sou de novo o filho do meu pai, com riquezas e mais riquezas". Ele fez uma pausa, então continuou. "O dinheiro só me serve pelas coisas que me permite fazer. O que eu quero é encontrar minha família. Ou talvez eu devesse dizer, o que eu *queria*. Porque eu sei que você, Simonides, já fez tudo ao seu alcance para encontrá-la, e sei de tudo que você é capaz. Mas, talvez haja outra…" Ele parou de falar e inspirou fundo. "Perdoem-me. É difícil abrir mão da esperança."

"Você não deve abandonar sua esperança", Simonides interveio. "Ouvi boatos sobre a chegada de um novo procurador em Jerusalém, um homem chamado Pôncio Pilatos. Um novo líder, novas regras… às vezes surge uma nova informação. Tenho pessoas em Jerusalém. Não quero lhe dar muitas esperanças, mas você, com certeza, não deve desistir."

"Ainda assim", Ben-Hur continuou, "um homem tem que fazer algo além de esperar por notícias". Ele ficou em silêncio e voltou para seu assento. Ali, entre os dois homens mais velhos, ele ficou olhando apenas para o chão.

Eles aguardaram. Eram velhos, estavam acostumados a esperar. Esther observou as mãos de Ben-Hur; os dedos entrelaçados sendo abertos e fechados. Ele falou, afinal, depois de um longo suspiro.

"Meus amigos, estou honrado. E ao mesmo tempo pressionado."

Eles aguardaram um pouco mais. Tanto que Esther se perguntou se ele voltaria a falar. Simonides se mexeu e inspirou, até que Ben-Hur continuou.

"Amigo Simonides, você mencionou sua improvável boa sorte com o dinheiro do meu pai e sempre se perguntou o porquê disso." Ele olhou para o grupo reunido, fitando um por um. "Você acreditou que havia um objetivo, antes mesmo que ele ficasse claro."

Ele se levantou e se afastou alguns passos. Quase, Esther pensou, como se fosse se dirigir a uma multidão.

"Meu destino tem sido diferente. Eu tive um azar inacreditável. Eu não me perguntei se havia uma razão. Aquela vida não era uma questão de causas e consequências. Nem mesmo uma questão para Deus ou os deuses. Eu acreditava que a vida era uma sucessão de incidentes, bons e maus. Para homens e animais."

Ben-Hur fez uma pausa, então continuou.

"E quando eu resgatei Arrius do mar em chamas e voltei para Roma com ele, aquela reviravolta também pareceu não fazer sentido. Só que ela me deu, como eu acabei percebendo, a única oportunidade que eu queria: vingança. Eu queria me vingar de Roma e de um romano. Eu pensei que o melhor modo de punir Roma seria usando seus próprios métodos contra ela, e foi por isso que gastei meu tempo daquele modo, ficando na palestra para treinar meu corpo, e nos acampamentos militares para treinar minha mente. Eu me transformei em uma arma. Agora, vocês me mostraram como essa arma pode ser usada. Se o rei que virá é o Rei dos Judeus, ele precisa nos livrar de Roma. Os judeus nunca irão prosperar até que a Judeia seja nossa outra vez. Então, talvez essa seja a resposta para a minha pergunta. Por que eu sofri tanto? Se foi para ajudar o Rei a conseguir seu trono, isso só pode me deixar feliz."

"É um destino bem duro", Simonides falou. "Você tem que compreender o seguinte: vai voltar para um acampamento militar, para os treinos com espada, e passará horas marchando sob o sol do deserto."

"Mais do que isso, eu acho", acrescentou o Sheik Ilderim. "Nós precisamos ter certeza de que Judah compreende não só o que ele está assumindo, mas do que está abrindo mão. Você vive aqui com sua filha amorosa e Malluch, e também com seus criados que cuidam de você. Eu não vou a lugar algum sem minhas mulheres, meus filhos, criados e seguidores. Se Judah se tornar um líder militar, ele estará sozinho. Essa é a verdade. E se liderar o exército do rei que virá, ele se tornará um fora da lei." Ilderim se virou para Simonides. "Para um jovem com toda a vida diante de si, essa é uma decisão séria. Nós devemos dar tempo a Judah para que pense a

respeito.”

“Eu teria pedido um tempo, de qualquer modo”, Ben-Hur disse. “Vocês não mencionaram o elemento mais importante.” Ele abriu um pequeno sorriso. “De onde virão os homens?”

“Você irá atraí-los”, Simonides respondeu.

“Como você pode ter tanta certeza?”, Ben-Hur perguntou.

“Você tem o dom. Os homens o seguirão”, Simonides respondeu. “Você nunca conversou a respeito disso com Arrius? Ele era uma figura importante entre os romanos.”

“Mas conversar não é o mesmo que fazer”, Ben-Hur disse.

“Assim como Simonides”, Ilderim completou, “eu acredito que você será capaz de levantar as forças de que precisará. E como você, acredito que as dificuldades que enfrentou se mostrarão valiosas. Mas está tarde e nós velhos precisamos descansar. Eu acho que devemos deixar Judah com essas ideias e conversar de novo pela manhã.”

“Sim, eu gostaria disso”, Ben-Hur falou. “Mas tem mais uma coisa. Eu disse que queria vingança contra Roma e vocês me ofereceram um modo de conseguir isso. Mas eu também quero vingança contra um romano: Messala. E graças ao Sheik, acredito que poderei consegui-la. Vamos retomar esta discussão depois da corrida. Enquanto isso, vou pensar em tudo o que vocês sugeriram.

Capítulo 25

UM JUDEU

S*eria Ben-Hur?*, Messala não parava de pensar. Ele não o teria reconhecido? Ele praticamente tocou no sujeito. Como poderia não tê-lo reconhecido? Ele estaria tão diferente, apenas oito anos depois? Messala ficava se lembrando da confusão no Palácio Hur: as mulheres gritando, o sangue escorrendo da mão do porteiro e os criados correndo de um lado para o outro. Não havia cabras, também? Ele se lembrava das cabras. No meio daquilo tudo, Judah, com seus olhos arregalados no rosto pálido. Alto, moreno. Nada impressionante. Não mesmo.

Além disso, ele deveria estar morto. Ele tinha ido para as galés, e as galés matavam os escravos, todos sabiam disso.

Mas aquele filho de Arrius tinha sobrevivido às galés.

Messala pensou de novo naquele momento junto à Fonte de Castália, aonde tinha ido para encontrar Iras. Que ele ainda não tinha visto, salvo por um breve instante. Que grande encontro!

Em vez de Iras, ele conversou com um homem alto e moreno vestindo um robe judeu. Tudo aconteceu de modo tão rápido! Os idiotas reunidos em volta da fonte como ovelhas, o impulso de dispersá-los – como ovelhas. Aquele homem rápido, que segurou os arreios com sua mão enorme.

Uma mão enorme. Então, sim, aquele provavelmente era o filho de Arrius, com a força e a constituição de um escravo de galé. Mas por que estava vestindo roupa de judeu? Isso era estranho. Ele conduziria os cavalos do Sheik Ilderim na corrida. Ele era conhecido em Roma como um bom condutor. Messala tentou se convencer de que isso era tudo o que importava. Competição! Um desafio! Haveria um condutor de Atenas, também, e outro de Corinto. O filho de Arrius teria muito trabalho com os cavalos de Ilderim, que mal estavam adestrados para puxar um carro. Ele sabia como era difícil para seus criados lidarem com os animais, e fazia um ano que os treinava.

Ele podia derrotar Arrius. Ele podia derrotar qualquer um. Ainda mais um judeu. Principalmente Judah, o filho da Casa de Hur.

* * *

Um dia se passou e depois mais um. Ele treinava; passava suas noites com os outros soldados romanos, cada noite bebendo mais do que pretendia. Ele estava dispensado de seus deveres militares. Todos os seus colegas oficiais apostavam nele, principalmente depois que o recém-chegado Cecilius retirou sua quadriga da competição. Ele afirmou que um de seus cavalos estava manco, mas Messala tinha certeza de que o homem apenas tinha se dado conta de que não

podia vencer.

Então, três dias antes da corrida, um garoto sujo se aproximou enquanto Messala saía do estábulo. Ele estava tão ocupado pensando na tensão dos arreios – Estaria segurando-os muito apertado? Será que o cavalo de fora precisava de um pouco mais de folga? –, que não percebeu o garoto se aproximar até sentir o toque no cotovelo.

"Eu vim para lhe dizer", o garoto começou, "que é Ben-Hur. Com certeza".

Messala girou o corpo.

"Como ousa! Como você ousa me tocar!"

"Não consegui chamar sua atenção, Excelência, para lhe dar a mensagem. Eu deveria lhe dizer: 'É Ben-Hur. Sem dúvida'."

A noite estava caindo e a rua em frente ao estábulo estava movimentada. Ninguém prestava atenção neles.

"Quem o enviou?", Messala falou entredentes, empurrando o garoto para um beco depois da esquina.

"Você sabe. Ele disse que você pagaria."

"Isso é ridículo. Por que eu deveria confiar nele? Ou em você?"

"Ele disse que você ia perguntar isso. E mandou dizer para você que o judeu na casa de Simonides é Judah Ben-Hur. Ele veio até aqui para saber o que aconteceu com as mulheres." O garoto tirou o braço da mão de Messala.

"Espere. Repita isso."

"Ele disse que você ia ter que ouvir duas vezes. Ou três. O judeu na casa de Simonides se chama Ben-Hur, e veio para Antióquia para ver se Simonides sabe onde estão as mulheres. Ele não disse que mulheres. Se você quiser que eu fale isso de novo, vai ter que pagar mais."

"Espere! Seu…" Messala procurou uma moeda na túnica e a jogou no chão. O garoto pôs o pé sobre ela.

"Duas", o garoto disse. "E ele mandou dizer que não quer mais saber de você."

"Uma, e eu não quero mais saber dele!"

"Não", o garoto disse. "Ele me mandou dizer que entende de cavalos e está cuidando dos seus. Duas. Na minha mão."

Messala sabia reconhecer quando estava encurralado. Ele pôs a segunda moeda na mão do garoto e se afastou antes mesmo que o jovem recolhesse a primeira do chão poeirento.

Mas então… enquanto seus passos o afastavam do estábulo, sua cabeça trabalhava furiosamente. Não importava como, não importava por quê. Ben-Hur, o pequeno Judah, estava em Antióquia. E fez com que ele passasse vergonha na Fonte de Castália. (E onde estaria aquela princesa egípcia do camelo? De algum modo Judah o atrapalhou nisso também. Outra coisa contra ele.) E planejava correr contra ele, Messala. Um judeu, conduzindo uma quadriga? A ideia era ridícula!

Ainda assim, Messala sabia que os cavalos eram uma ameaça. Se Judah soubesse conduzi-los… Ele quase riu. Não importava o que os outros falavam desse "filho de Arrius" e do tempo que passou em Roma. Judah não teria coragem nem astúcia para vencer a corrida. Bem, talvez tivesse astúcia. Mas com certeza não teria a crueldade necessária, Messala pensou. Às vezes as coisas ficavam feias nas corridas de cavalos. Para os homens e também para os animais. Acidentes eram comuns e com frequência causavam ferimentos. Até mortes. Havia todo tipo de possibilidade útil.

Na verdade, essa era uma boa notícia. Qualquer vantagem era útil em uma corrida de quadrigas e, como romano, Messala estava em condições de aumentar as suas.

Ele olhou para o céu e fez seus planos. Primeiro, ele visitou o estádio no Bosque de Dafne, onde os funcionários responsáveis pela corrida estavam para criar a relação oficial dos participantes: seus nomes, cores, nacionalidades, os donos dos cavalos. Espere, Messala disse,

informação nova! O condutor do Sheik Ilderim não era romano, mas um judeu, Ben-Hur!

Imagine, um judeu correndo contra as melhores quadrigas do Oriente! A temeridade, a tolice! O programa foi alterado em meio a risadas e piadas sobre cães judeus conduzindo cavalos. Eles ficaram gratos a Messala pela correção. Que vergonha se um judeu tivesse conseguido se passar por romano! Isso com certeza iria alterar as apostas!

Messala assentiu. Esse fato não tinha lhe passado despercebido. E quanto às posições de largada? Os administradores da corrida se entreolharam. O normal era fazer um sorteio. O nome de cada condutor em uma placa de marfim. As placas eram misturadas em uma caixa e tiradas uma por uma, ao acaso… e era assim em todos os lugares que os romanos corriam. Oh, as regras eram muito, muito rígidas. Havia muita vantagem para o homem que corresse por dentro da pista, cujos cavalos percorriam a menor distância. Ah, não, propina? Que pergunta! Ninguém jamais tentou subornar os funcionários de um estádio imperial. Ora, os jogos eram feitos em honra ao cônsul! Que tipo de honra seria essa, se os resultados não fossem absolutamente justos? É claro que seria maravilhoso se um oficial do exército imperial vencesse. Sem dúvida.

É verdade que se o condutor romano ficasse na posição interna ele teria uma vantagem. Um modo de mostrar a superioridade de Roma, principalmente no Oriente. Oh, mesmo? Haveria recompensas especiais para os funcionários se a corrida fosse satisfatória? Não, eles não sabiam disso. Algo não oficial, é claro. Compreendido. Todos concordaram. Um pouco de ouro foi encontrado sobre uma mesa depois que Messala saiu. Uma quantidade de moedas fácil de dividir entre os homens.

A próxima tarefa dele foi ir ao estábulo do estádio, para examinar as baias dos seus cavalos, foi o que ele disse ao chefe dos cavalariços. Nenhum detalhe era insignificante em uma corrida importante como aquela.

O cavalariço se sentiu lisonjeado e talvez influenciado pelo tilintar das moedas na mão de Messala. Sim, o estádio era magnífico. Sim, havia bastante espaço para todos os animais. Sim, eles todos passariam a noite anterior à corrida no estádio. Com seus próprios cavalariços, não precisava nem dizer. Um pedido? Ter os cavalos do Sheik Ilderim alojados ao lado dos seus? Isso poderia ser conseguido. Como o oficial romano desejasse.

Messala ficou satisfeito.

Ele ficou ainda mais satisfeito no dia seguinte, quando a ordem de largada oficial foi divulgada para o público. “Um judeu, um judeu! Conduzindo os cavalos daquele chefe do deserto, Ilderim!” O boato correu. Ilderim e seus Filhos do Vento eram bem conhecidos em Antióquia. Rápidos e incontroláveis, mesmo nas mãos de um romano. Que piada, que um judeu fosse tentar! E ele largaria ao lado de Messala! Oh, que perfeito.

Ombro a ombro. Um à vista do outro. De pé nos carros leves, os braços tesos na tentativa de controlar os animais. Assim, Messala encontraria Ben-Hur. Depois de todos aqueles anos. Quando garotos eles lutavam com espadas de brinquedo, disputavam corridas a pé pelas ruas de Jerusalém. Messala, o mais velho, sempre vencia. Mais velho e romano.

Não existia razão para ele não vencer a corrida de quadrigas.

Capítulo 26
FILHOS DO VENTO

Enquanto isso, Ben-Hur continuou no Pomar das Palmeiras. Ele disse a si mesmo que não estava pensando na proposta de Ilderim e Simonides. Ele estava certo de ter perdido toda esperança de encontrar sua irmã e sua mãe. Ele estava concentrado em uma coisa: derrotar Messala naquela corrida. Ele treinava os cavalos pensando só nisso. Não havia espaço para nada mais.

Iras, na verdade, ajudou Ben-Hur nisso. Com frequência ela estava no mesmo lugar que ele! Ele ouvia o tilintar das joias, então Iras aparecia, sempre com uma criada, sempre coberta, e, então, não havia nada de indecoroso nesses encontros. Nada que alguém pudesse, de fato, criticar. Se ela se aproximava demais dele, o que isso significava? Ben-Hur não podia se afastar; Iras riria dele. Ela costumava provocá-lo com alguns termos, dizendo que era pudico, tímido, desajeito e que não conhecia mulheres. E ela tinha razão, claro. Ele *não* conhecia mulheres. A não ser pelas criadas, ele mal tinha conversado com mulheres desde seu tempo em Jerusalém. Iras sabia desse período. Ela tinha perguntado a Ben-Hur sobre a infância dele e lhe pediu que descrevesse Tirzah e Naomi. Estava curiosa, disse, a respeito das mulheres judias. Embora as perguntas o deixassem constrangido, ele não sabia como evitar a curiosidade de Iras. Por algum motivo, ele não gostava de compartilhar suas poucas e preciosas lembranças com ela, que não parava de perguntar: Como elas se vestiam? Como arrumavam o cabelo? Como passavam seus dias? Elas podiam sair de casa sem véu? Podiam se encontrar com homens que não fossem seus parentes? Ben-Hur ficou surpreso ao se dar conta de quão pouco conhecia da vida das duas. Como sua mãe fazia para administrar o palácio da família, com todos os seus moradores, depósitos, animais e criados? Alguém cuidava daquilo para ela, algum administrador? Seria ela como Esther, a filha de Simonides, modesta, mas competente? Era provável, mas ele não tinha prestado atenção. Ele era só um garoto distraído. Essa foi a frase que Iras usou.

Distraído não mais. Ele pensava muito nela. Os olhos de Ben-Hur paravam no pulso, no cabelo, no contorno de sua cintura, bem visível sob os trajes transparentes que ela exibia. O calor úmido, ela dizia, fazia com que se sentisse mal. Ela levantava aquele grosso e brilhante rio negro que era seu cabelo para deixar o ar entrar ali. Ben-Hur pensou que ela devia saber como aquele gesto era provocante, com os braços levantados, mostrando a pele macia…

O que ela queria, afinal? Estaria apenas entediada? Ele pensou em Tirzah e na mãe. Elas sempre foram ocupadas, lendo, fazendo música, organizando, aprendendo. Parecia haver pouca coisa que interessasse Iras no Pomar das Palmeiras. Ela não parecia ler, ou tocar um instrumento ou fazer qualquer coisa além de se abanar com um leque e ficar perto do lago. Baltazar passava muito tempo descansando. As mulheres do Sheik observavam Iras com olhos espantados, como

se ela fosse uma criatura exótica. E era mesmo.

Os cavalos, diferentemente de Iras, Ben-Hur conseguia entender. Ele passava o maior tempo possível com eles. Era quente demais para treinar no meio do dia, então ele acordava quando ainda estava escuro e caminhava descalço pelo acampamento até os estábulos perto das colinas. As estrelas iam diminuindo conforme o céu ficava cinza, depois violeta. Quando os primeiros raios de sol tocavam o alto das colinas, ele já estava com os cavalos arreados.

No estábulo e na pista, não havia dúvidas. Nada de mulheres, inimigos, nem rei que poderia vir ou não. Os cavalos gostavam dele. Ben-Hur nunca os encontrava dormindo. Estavam sempre despertos, com as orelhas atentas e os olhos brilhantes quando ele chegava ao cercado dos animais. Ben-Hur imaginava que eles ouviam seus passos. Ou talvez já reconhecessem seu cheiro, tão diferente para eles como o de Iras era para Ben-Hur. Às vezes, quando levava os animais para fora, ele parava por alguns instantes na alvorada fresca e fechava os olhos, só para senti-los respirando à sua volta, a pele quente brilhando, focinhos aveludados batendo nele com delicadeza para fazê-lo se mover.

Eles adoravam correr. Por mais que parecessem gostar da presença de Ben-Hur, ele sabia que os cavalos gostavam mesmo era de correr. Ele tinha quase certeza de que os animais gostavam dele porque Ben-Hur os ajudava a correr melhor. E então, ele achava que estava sendo tolo. Eram cavalos, não homens.

Mas era fato que os animais confiavam em Ben-Hur. Eles logo assumiam suas posições, Aldebaran e Rígel, Antares e Altair, e ficavam imóveis enquanto as várias correias de couro e fivelas eram presas. No começo, os cavalariços iam ajudá-lo, mas depois perceberam que era mais rápido deixar que Ben-Hur arreasse sozinho os quatro cavalos.

Quando ele subia no carro com um salto ágil, os cavalos erguiam as cabeças, mas não davam um passo até ele segurar as rédeas. Ben-Hur pegava as oito tiras de couro, enrolava-as no braço e então soltava um pouco. E eles entendiam.

Ah, como a sensação era boa! O ar úmido que Iras não gostava com frequência se acumulava junto ao chão na forma de uma neblina fina, e o cheiro era maravilhoso. Grama, ervas, cavalos, não havia nada melhor. Primeiro eles andavam pela pista. Ele deixava que os cavalos brincassem, resfolegando e fungando, um trotando por alguns passos, outro virando a cabeça para uma andorinha que batia suas asas a caminho do ninho. Então, eles começariam a trotar de verdade, uma volta após a outra, mais rápido a cada vez. A brisa no rosto de Ben-Hur ia ficando mais forte.

Em seguida, com uma sacudida das rédeas, ele os lançaria em um galope. Eles já corriam como um só, as patas se movendo no mesmo ritmo. Aldebaran corria por fora para estabelecer o ritmo, mas era Altair quem possuía resistência. Ele poderia correr para sempre.

Eles faziam arrancadas, galopando a toda velocidade, dando a volta completa pela pista, uma vez. Faziam as curvas inúmeras vezes, por fora e por dentro. Às vezes, Ben-Hur ficava um pouco preocupado ao ver o quadril de Altair raspar na cerca, mas ele sabia que talvez tivesse que se aproximar muito do limite da pista durante a corrida. Se era para acontecer um desastre, melhor que fosse ali, sem outras quadrigas caindo por cima dele. Melhor ali do que à vista do público.

E, enquanto treinava os cavalos, Ben-Hur também praticava. O equilíbrio exigido era estupendo. Os carros tinham grades onde se segurar, é claro. Alguns homens enrolavam as rédeas no corpo para deixar uma mão livre para a grade e outra para o chicote. Mas Ben-Hur precisava sentir a boca dos cavalos, e eles precisavam do contato com ele. De que outra forma poderiam se comunicar?

Então, as pernas dele tinham que ser fortes, assim como as costas, para sustentar a tração dos cavalos. Suas mãos ficaram calejadas novamente, como eram no tempo das galés, e seu rosto ficou bronzeado. Duas vezes por dia, ele nadava no lago para remover a poeira que se

acumulava enquanto ele dava voltas na pista de terra atrás de quatro cavalos a galope.

Tudo era muito gratificante.

Ilderim tinha deixado o treinamento inteiramente a cargo de Ben-Hur. Eles se encontravam à noite para jantar, mas a conversa era variada e Ben-Hur, com frequência, ficava entediado. Apenas a presença de Iras trazia algum interesse à refeição. Ilderim perguntava toda noite sobre o progresso dos cavalos, e Ben-Hur sabia que o Sheik os visitava diariamente nos estábulos perto da pista. Então, duas noites antes da corrida, depois do jantar, Ilderim convidou Ben-Hur para passear com ele junto ao lago.

“Tenho novidades”, ele disse em voz baixa, assim que estavam fora do alcance dos ouvidos dentro da tenda. “Você apareceu com seu próprio nome no programa da corrida. Nós o inscrevemos como filho de Arrius. Alguém mais em Antióquia poderia conhecer você?”

“Não”, Ben-Hur respondeu, assustado. “Isso deve ser coisa do Messala! Imagino que ele me reconheceu no Bosque de Dafne!”

“Talvez”, Ilderim respondeu. “Também imagino que esteja nos espionando. Como nós o espionamos. E, a propósito, se existe alguma informação especial que você gostaria de ter, e na qual eu não pensei, diga-me agora.”

“Verdade? Então você pode descobrir para mim as medidas do carro de Messala? Cada uma das medidas: o tamanho das rodas, a distância do solo, o tamanho do eixo, a extensão da lança, qualquer detalhe sobre os arreios… isso pode ser feito?”

“Com certeza”, Ilderim lhe garantiu.

“Porque nunca se sabe quando uma oportunidade pode aparecer”, Ben-Hur acrescentou em voz baixa. “No calor da corrida. O contato entre as carruagens não é raro.”

“Não. É bom saber tudo que for possível. Devo dizer que as posições de largada também foram publicadas, e você vai largar ao lado do Messala.”

Ben-Hur parou de andar e segurou o braço de Ilderim.

“Vou? Você acha que ele fez isso acontecer?”

“É possível”, Ilderim respondeu. “Mas tenha certeza de que, se ele puder tirar alguma vantagem disso, ele vai tirar.”

“Sim”, Ben-Hur concordou, balançando a cabeça. Os dois homens retomaram sua caminhada lenta pela grama até o lago. “Fico pensando se essa notícia pode nos trazer alguma vantagem.”

“Bem, eu acho que pode”, Ilderim respondeu. “Se você não se opor. Parece que estão rindo em Antióquia por eu deixar um judeu conduzir meus baios. Estão me vendo como um velho tolo. Isso, claro, é uma boa notícia. Quanto mais fracos e tolos parecermos, menos cuidadoso Messala será.”

“Verdade”, Ben-Hur disse. “Nós poderemos surpreendê-lo.”

“Na pista, naturalmente”, Ilderim disse. “Mas nós também podemos aumentar nossa vantagem nas apostas. Sabendo que você é um judeu, as pessoas terão maior disposição para apostar em Messala.”

“É claro”, Ben-Hur respondeu. “As chances contra mim serão imensas!”

“Sim. Uma fortuna poderá ser conquistada ou perdida. E melhor ainda, isso pode ser feito publicamente. Todos sabem que Messala tem dívidas”, Ilderim continuou. “Você acha que ele irá apostar em si mesmo?”

“Ah, com certeza. E se ele perder muito dinheiro, e publicamente, a humilhação será enorme.”

“Será mesmo. Ele poderá ficar arruinado, de um modo que metade do império saberá da história. Com o novo cônsul aqui, todos os olhos estão em Antióquia. Eu posso manipular as apostas, mas você tem que me prometer que irá vencer a corrida.”

“Ah, não tenha medo”, Ben-Hur lhe disse. “Eu vou vencer essa corrida. Ou vou morrer tentando.”

“Então Simonides e eu faremos o resto”, disse o Sheik.

Capítulo 27

APOSTAS

Faltava ainda um dia para a corrida. Nas ruas de Antióquia a ansiedade crescia. O dia todo seria feriado. Ao meio-dia aconteceria a procissão até o estádio, serpenteando pelas ruas largas com colunas: cavalos, soldados, efígies de vários deuses, músicos, porta-bandeiras, dançarinas, tudo o que brilhava, fazia barulho e chamava atenção passaria por Antióquia a caminho do estádio. Uma vez lá, oferendas aos deuses seriam feitas, depois viriam os esportes tradicionais: corrida, luta, salto, pugilismo, arremesso de dardos; todos os elementos de uma batalha que podiam ser reduzidos a habilidades individuais. Os prêmios em honra ao novo cônsul seriam somas magníficas. Competidores tinham vindo de todo o império.

Mas esses não seriam os eventos mais importantes. Cidadãos que não tinham nenhum interesse em homens saltando obstáculos se amontoavam nas esquinas discutindo sobre a corrida de quadrigas. Garotos vagavam pelas ruas vendendo fitas ou lenços com as cores dos competidores. Canções obscenas das tavernas foram adaptadas com palavras novas para apoiar Cleanthes, o ateniense, ou Messala. Embora as bandeiras brancas de Ben-Hur pudessem ser vistas em alguns bairros, assim como as verdes de Cleanthes, o dourado e vermelho romano predominava.

Dentro do grande salão do palácio do governo junto ao rio, nenhuma outra cor era vista, e se um homem deixasse aparecer um pedaço de sua toga branca, alguém lhe jogava uma capa vermelha para esconder. Era óbvio que Messala venceria – isso era dado como certo. A única questão era por que Ilderim, que sempre foi considerado astuto, tinha permitido que um judeu tomasse as rédeas de seus amados baios.

Não que isso importasse. A vitória estava garantida e o salão sussurrava o nome de Messala. Apostas eram feitas nas outras competições atléticas, obviamente com os romanos sempre como os favoritos. Mas havia poucas apostas na corrida de quadrigas. Na margem de vitória, claro, os homens apostavam alguns sestércios. Um corpo de vantagem? Seis? Será que Messala conseguiria chegar uma volta inteira à frente? Podia-se apostar contra o judeu terminar a prova, mas as chances não eram satisfatórias. E ninguém aceitaria uma aposta contra a vitória de Messala. Seria como apostar contra o Sol nascer no dia seguinte.

Na verdade, os homens logo ficaram agitados. A noite ainda estava começando e havia tão pouco para se fazer! Alguns bocejos, alguns murmúrios, mais vinho foi trazido, os dados surgiram, mas aquilo pareceu não ter graça. O próprio Messala estava estendido sobre um divã, evidentemente entediado.

“Como é ser tão favorito que ninguém aposta contra você?”, Flavius o provocou. “Eu poderia resolver todos os meus problemas financeiros oferecendo chances imensas contra você.

Oh, mas então você teria que perder. Não, não é um bom plano.”

“Não é de admirar que você esteja sempre endividado”, Messala comentou, chacoalhando dados em um copo. “Eu gostaria que alguma coisa acontecesse. Vai ser uma noite longa se não tivermos alguma diversão.”

“Acredito que nós podemos encontrar alguns dançarinos e dançarinas.”

“É, mas isso não tem graça quando se tem que permanecer sóbrio.”

“Você poderia correr bêbado. Essa sim é uma boa ideia”, Flavius continuou, animado. “Fique bêbado em público. Uma bebedeira espetacular, horrenda. Insista em conduzir mesmo assim. Então, pelo menos, as pessoas vão apostar contra você.”

“Ou apenas apostem comigo”, disse uma voz grave.

Os dois romanos, esparramados um ao lado do outro no divã, endireitaram-se para examinar o estranho alto. Ao contrário de todos os outros homens naquele vasto salão, ele usava branco – o robe longo e branco de um judeu, feito de linho grosso, preso bem apertado, de modo que o enrolava. Ao contrário dos romanos com suas cabeças descobertas, ele usava um turbante plissado. Em um de seus dedos longos cintilava uma opala imensa, incrustrada em um anel de ouro. Mas o mais importante é que ele carregava um par de tabuletas de marfim. Para anotar recados, talvez. Registros de apostas?

“E quem é você?”, Messala perguntou, e Flavius achou o tom do amigo insolente, mas isso não importava. Um judeu, como aquele homem obviamente era, nunca se ofendia. Ainda mais um judeu rodeado por romanos.

“Eu sou Sanballat. Alguns de vocês me conhecem como fornecedor do exército romano.” Ele olhou ao redor, procurando rostos familiares. “Não, não vejo nenhum conhecido aqui, além do herói do momento, Messala.”

“E por que você veio perturbar nossa festa?”, Messala perguntou.

“É o que vocês estão fazendo, festejando? Que decepção. Ouvi falar tanto nas orgias romanas, mas vocês estão sérios como o Sinédrio.”

Alguém do grupo soltou uma risadinha em meio aos murmúrios. Aquele homem tinha acabado de compará-los ao conselho judaico?

“De qualquer modo”, ele continuou, “pelo que entendi, eu sou mais tolerado do que bem-vindo aqui. Então deixem-me falar de negócios. Existe uma falta de entusiasmo semelhante nas ruas. Em uma noite como esta, antes das grandes festividades de Antióquia, as ruas deveriam estar cheias de gente gritando, apostando e discutindo. Em vez disso, todos concordam: Messala vai ganhar a corrida. Todos sabem disso”.

Olhando ao redor, Flavius viu cabeças fazendo gestos de concordância. Esse Sanballat era inteligente, sem dúvida.

“Então vim oferecer meus serviços a vocês”, Sanballat continuou. “Como homem de negócios, essa é minha vocação. Eu vejo uma demanda e procuro atendê-la. A demanda aqui, pelo que estou vendo, é aceitar apostas com Messala como vencedor, já que ninguém mais está aceitando essas apostas.” Ele abriu suas tabuletas, pegou uma caneta e olhou ao redor, animado. “Cavalheiros? Estou pronto. Primeiro digam as probabilidades, depois o valor.”

Mais murmúrios. Haveria alguma trapaça naquilo? Será que esse Sanballat não entendia que estava doando seu dinheiro?

“Eu não posso esperar para sempre”, ele disse. “Estou indo ver o cônsul. Só parei aqui para atender a vocês todos.” Ele olhou ao redor, balançando a caneta. “Não? Ninguém vai apostar?”

“Dois por um!”, disse uma voz.

“Você só está me oferecendo dois para um? E seu condutor é romano? Não”, ele disse, fechando as tabuletas, “não vale a pena anotar”.

“Quatro por um”, um soldado muito jovem disse, depois ficou corado.

“Eu preciso lembrar a vocês que o meu condutor é… Vocês entendem isto? Que estou

apostando em Ben-Hur. Um judeu. Alguém já ouviu falar de um judeu vencer uma corrida de quadrigas?”

“Por que você está fazendo isso?”, Flavius perguntou. “Você vai perder tudo.”

“Considere um sacrifício aos deuses”, Sanballat disse, tranquilo. “Não o meu Deus, é claro, mas…” Ele acenou a mão na direção das janelas. “Existem muitos deuses lá fora. Alguns deles ficarão felizes. Mas não a quatro por um! Não ouvi outra coisa o dia todo que não o nome de Messala! Não vi nada além de vermelho e dourado em toda a cidade! Onde está a nobreza em apostar quatro por um nele? Onde está a honra de Roma?”

Messala se empertigou e olhou de rosto em rosto.

“Olhem só vocês!”, ele disse, afinal, pondo-se em pé. “Nunca pensei que fossem todos covardes! Eu vou apostar em mim mesmo, a seis por um! Vocês todos me envergonham!”

“Exceto eu”, falou Flavius. “Todo mundo sabe que eu nunca tenho dinheiro.”

Ignorando isso, Sanballat começou a escrever.

“Escutem, então: Messala de Roma aposta com Sanballat de Antióquia que vencerá o judeu Ben-Hur na corrida de quadrigas. Chances: seis por um. Quantia: 20 talentos.”

“20 talentos!”, Messala exclamou. “Mas…”

* * *

O silêncio veio e se arrastou. Messala era um líder, admirado por suas habilidades e coragem. Mas sua arrogância também tinha lhe conseguido inimigos. Do fundo da sala uma voz se fez ouvir, debochando do lema de Messala:

“Quem se arrisca como eu?”

Seguiram-se risadas.

Ele olhou em volta como se procurasse quem tinha dito aquilo ao mesmo tempo que procurava uma resposta para Sanballat.

Ele sabia que venceria a corrida. Mas, que os deuses não permitissem, se ele perdesse, ficaria devendo 120 talentos a Sanballat. Ele não possuía 5 talentos no momento, e não tinha como encontrar mais 115. De qualquer modo, ele não poderia recuar. Não sobreviveria à vergonha. Como ele tinha permitido que o manipulassem assim?

“Não”, ele respondeu com firmeza a Sanballat. “20, não. Eu estabeleci as chances, então também estabeleço a quantia. E eu não quero dar um mau exemplo para os mais jovens aqui.” Uma gargalhada irrompeu entre os presentes, mas foi bem-humorada. “É sabido que alguns deles vivem além de suas posses”, ele acrescentou, provocando Flavius. “Então vou apostar 5 talentos.”

Sanballat olhou para ele sem expressão, então assentiu.

“Eu devo acreditar que você possui essa quantia?”

Messala teria dado qualquer coisa para não sentir o sangue lhe subir ao rosto.

“Eu possuo”, ele disse. “Devo mandar alguém buscar os recibos para comprovar? Ou você aceita minha palavra de honra?”

“Oh, com certeza, sua palavra de honra basta, já que você é romano”, Sanballat disse, escrevendo os termos da aposta. “E quanto ao resto de vocês”, ele disse em voz mais alta, “estou apostando no judeu, Ben-Hur. Eu lhes ofereço uma aposta coletiva contra ele, à razão de dois por um. 5 dos meus talentos dizem que ele vai ganhar.”

Houve outro rugido e um tumulto enquanto os homens agitavam suas bandeiras vermelhas e douradas, mas ninguém se adiantou para oferecer seu dinheiro.

“Escreva a oferta, assine e deixe-a aí. Tenho certeza de que todos a aceitaremos”, disse Flavius.

Sanballat endireitou o corpo e concordou, inclinando-se para assinar o documento.

“Assim será. Vou estar no estádio amanhã, sentado com o cônsul. Se levarem isto para mim antes que a corrida comece, a aposta será válida.”

Ele fechou as tabuletas e fez uma reverência para Flavius e Messala.

“Que a paz esteja com vocês e com todos os presentes aqui. Não posso deixar o cônsul esperando.”

O grupo se dispersou quando Sanballat saiu do salão com seu robe branco esvoaçante.

Capítulo 28

MULTIDÕES

Esther nunca se arrependeu da vida que levava. Ela sabia que era indispensável ao pai. Ela estava sempre ocupada, e todos os dias via como seus esforços eram importantes para os negócios que os sustentavam. Até Ben-Hur chegar, ela tinha pensado pouco no futuro. Ela nunca se lembrava de que era uma escrava.

Mas naquele momento, balançando sobre o camelo de Baltazar, dentro da liteira de seda verde com Iras ao seu lado, Esther se sentiu constrangida. Ela gostou de estar a caminho da corrida de quadrigas, e ficou agradecida por estar se movendo pelas ruas de Antióquia a uma velocidade (e altura) diferente daquela enorme multidão. Baltazar foi muito gentil com ela, mas agora ele parecia dormir, apesar do balanço do camelo. Iras a cumprimentou com um sorriso e não disse mais nada. Ela apenas se abanava e olhava ao redor com uma insolência calma. Quanto mais o véu brilhante de Iras escorregava por seus ombros, mais Esther queria apertar o véu de linho cinza que lhe cobria o rosto. Embora isso de fato não tivesse importância. Os homens na multidão abaixo olhavam para Iras, davam uma olhadela para Esther e voltavam sua atenção para Iras.

E era assim que deveria ser. Só havia um homem cuja atenção Esther queria. E para ele, ela era invisível.

Esther suspirou. Invisível. Estava certo. Assim era melhor. Ele era dono dela. Ela era sua propriedade, igual as cadeiras em que se sentava e os navios ancorados ao lado do armazém de seu pai.

Além disso, ele iria se tornar um soldado. Se sobrevivesse àquela corrida, ele desapareceria no deserto para se dedicar à violência em nome desse rei que viria.

“Você está animada, pequena Esther?”, a voz de Iras interrompeu seus pensamentos.

“Acho que vou ficar”, Esther respondeu. “Nunca vi uma corrida de quadrigas.”

“Você entende alguma coisa das regras?”

“Não. São complicadas?”

Iras riu.

“Não, não. Mas essas corridas podem ser violentas, sabe. São muito perigosas.”

“Sim, posso imaginar”, Esther disse, séria. “Acidentes e tudo mais.”

“Sim.” Iras abafou um bocejo com seus dedos de unhas rosadas. “Uma vez, assisti a uma corrida em Alexandria e o jugo de uma carruagem quebrou e o pau empalou o… Oh, desculpe. Acredito que você prefira não saber.”

“Tem razão. Você não acha o calor opressivo? Vou imitar o exemplo do seu pai e descansar

até chegarmos ao estádio.” Esther cobriu o rosto todo com o véu e se recostou em uma das almofadas. Era uma pena que tudo tivesse um cheiro tão forte de sândalo, ela pensou. Um aroma mais suave seria mais atraente em Iras. Ela se distraiu durante o resto da viagem criando, mentalmente, um perfume para a egípcia com as especiarias e madeiras aromáticas do armazém de seu pai.

Mas, quando elas chegaram, o barulho vindo do estádio era tão alto, que a poupou de ter que conversar com Iras. As competições atléticas tinham acabado quando o grupo tentava chegar aos seus assentos em meio ao público. O núbio alto segurava um guarda-sol sobre Iras, e Esther percebeu que, andando atrás, ela devia parecer uma criada. Ela gostaria de poder fingir, com frieza, que já tivesse visto tudo aquilo antes, mas a curiosidade a venceu.

O estádio era imenso. Construído em pedra, erguendo-se abruptamente do chão, ele continha mais seres humanos do que ela imaginou que existissem. Os rostos à distância não eram nada além de pontos. Debaixo de uma ampla cobertura púrpura, logo acima da entrada principal, ficavam os assentos do cônsul e dos romanos de alto nível. Ali, os bancos eram cobertos de almofadas e xales, e leques de folhas de palmeira eram abanados sobre os espectadores togados, que vestiam detalhes em vermelho e dourado para demonstrar sua fidelidade a Messala.

A entrada principal ficava na curva do estádio, com uma bela visão das duas retas da pista. Ao descer uma escadaria íngreme atrás do núbio, Esther descobriu que o local escolhido por Simonides e Ilderim ficava perto da primeira fileira. O cônsul romano podia ver o estádio inteiro de longe, mas ela veria uma parte da pista bem de perto. Quando ela se sentou ao lado do pai, cuja cadeira de rodas tinha sido levada de algum modo para a arquibancada, o desfile de vitoriosos passava logo abaixo, tão perto que Esther pôde ver o cabelo cor de palha e os olhos azuis do lutador saxão, seguido pelo damasceno musculoso e moreno que tinha sido derrotado.

“Essa foi uma luta muito boa”, disse o pai de Esther quando ela se sentou ao lado dele. “O saxão tinha vantagem na altura e na envergadura, mas o damasceno sabia dar uns golpes muito interessantes.”

Esther olhou surpresa para ele, e Simonides riu, um som rouco e desconhecido.

“Há muito tempo eu era bem dedicado a esse esporte. Percebo que não mudou muito. Creio que não existem tantas formas para um homem derrubar o outro no chão. Você gostou do passeio de camelo?”

“Mais ou menos”, Esther disse, ciente de que soava afetada.

O pai estendeu a mão e a tocou no braço.

“Você pode voltar comigo de barco. Esqueci que você teria que viajar com Iras. Não gosto dessa mulher e acho que ela tem interesse em Judah.”

Esther olhou ao redor, espantada com a franqueza do pai, mas com o barulho que os envolvia, Iras não poderia ter ouvido.

“Bem, isso nunca vai acontecer”, ela respondeu, um pouco ressentida.

“Esther”, ele disse. “Olhe para mim.” Ela se virou, relutante, consciente de que estava corando. Simonides pôs a mão no rosto da filha. “Oh, minha garota, eu sinto muito. Nunca pensei…”

“Não é nada”, ela murmurou e enxugou uma lágrima.

“Não”, ele disse, virando-se de novo para o estádio, mas dessa vez com a mão da filha na dele. “É alguma coisa. Ele é um bom homem. Talvez um grande homem. Mas agora ele não tem tempo para pensar em mulheres.”

“Iras parece pensar…”

“Iras está brincando com ele. Como um gato com uma lagartixa. O Sheik Ilderim me disse que Baltazar fica chocado, mas não pode fazer nada. De qualquer modo, depois de hoje, Iras não o verá mais.”

“Nem eu”, ela disse, em tom de pergunta.

“Isso eu não sei dizer.” Ele admirou o espetáculo barulhento e ensolarado diante dele antes de continuar. “Nós não podemos saber, Esther. O que temos em mente é grande demais para compreendermos. Eu acredito nisso, mas ainda assim fico aterrorizado. A fé da Baltazar é baseada em um reino de almas; ele não sonha com guerra. Mas Ilderim e eu acreditamos que correrá sangue, antes do Rei vir. Os romanos não cederão sem sangue.”

“E Judah concordou? Em formar um exército para o Rei?”

“Ele nos dará sua resposta definitiva depois.” Ele acenou para a pista diante deles. “Judah quer, primeiro, vencer a corrida. Eu acho que essa pode ser a primeira batalha para ele.”

“Não sei se estou pronta para assistir a uma batalha”, Esther murmurou.

“Eu acho que você vai ver que é difícil desviar o olhar”, o pai disse. “Está vendo o mastro listrado bem abaixo de nós? Esta é a linha de chegada. A corrida vai terminar aqui.”

CAPÍTULO 29
VELOCIDADE

Os cavalos estavam agitados, o que era natural. Aquele barulho todo… Enquanto verificava os arreios, Ben-Hur desejou ter pensado nisso. Os animais nunca tinham corrido diante de uma plateia daquele tamanho. Ele deveria ter feito algo para prepará-los, talvez providenciado que parte do povo do Sheik fosse à pista de treinamentos para gritar e acenar. Ele se afastou de Rígel, o mais calmo dos quatro, e fitou o baio nos olhos. Rígel jogou a cabeça para trás, sua crina preta esvoaçando, então a sacudiu enquanto se acomodava. Ao lado dele, Antares relinchava, e um relincho veio como resposta de outro cavalo de alguma baia vizinha. Ben-Hur pensou que podia ser dos animais coríntios – três castanhos e um cinzento manchado. Mais altos que os baios e mais pesados. O que isso importava?

A corrida seria longa, sete voltas. Talvez ele devesse ter colocado os baios para correr contra outros cavalos. Só velocidade não venceria aquela corrida; resistência contava. Mas estratégia também. Qualquer coisa poderia acontecer em sete voltas. Ele tinha visto com frequência em Roma: os melhores cavalos, o carro mais robusto, a tática mais astuta, tudo podia ser arruinado por um golpe de azar. E, às vezes, o oposto acontecia: de tempos e tempos, quatro cavalos e um homem atingiam um nível que nunca tinham alcançado antes e ganhavam quando não deveriam. Os romanos diziam que estava no colo dos deuses. Era difícil imaginar o Javé judeu, com suas tabuletas de pedra e suas declarações duras, preocupado com o resultado de uma corrida de cavalos.

O aviso soou na passagem larga e, lá fora, as trombetas ecoaram. A hora tinha chegado.

Os animais estavam em baias de acordo com suas posições de largada, com a equipe de fora mais perto da entrada. Cada condutor levava seus animais para o corredor e, enquanto os cavalariços seguravam os cavalos, montava a quadriga. Ben-Hur ouviu os vivas quando o condutor de Sidon entrou no estádio, o primeiro competidor a aparecer. Silêncio e escuridão no longo túnel debaixo dos assentos; claridade e tumulto lá fora. Ele sentiu um arrepio de entusiasmo.

Em seguida, entrou o coríntio com seus três castanhos e um cinzento. Depois foi o ateniense, que corria com frequência em Antióquia, cujos torcedores, vestindo verde, soltaram um grito poderoso quando a quadriga dele apareceu sob o sol. O condutor de Bizâncio foi o próximo, e irrompeu pelo túnel quase fora de controle. Ben-Hur subiu em sua quadriga.

Ele se movia com elegância, reparando em tudo e em nada. A curva graciosa das orelhas de Altair, os sorrisos encorajadores dos cavalariços de Ilderim, o momento eterno durante o qual seus magníficos cavalos – arreados, ansiosos, prontos – esperaram pelo sinal de Ben-Hur para se

moverem. Esperaram, embora não quisessem outra coisa que não correr. Esperaram, embora pudessem ver a luz do Sol, pudessem *sentir* o barulho desde a cabeça até as patas. Eles esperaram porque Ben-Hur era o mestre. Esperaram pelo sinal do mestre.

Ben-Hur relaxou o braço um segundo. Os animais sentiram e se moveram, caminhando, caminhando, caminhando, começando um trote e saindo para aquele lindo e imenso caldeirão da humanidade, com todos esperando por eles.

Houve uma explosão de som. Era assustador que vozes humanas pudessem criar tal tumulto! Ben-Hur compreendeu o que provavelmente os cavalos estavam sentindo – o som vibrando pelo corpo todo. Ele ergueu o rosto para o Sol por um instante, então parou o carro com suavidade diante da entrada principal, onde, como todos os outros condutores, saudou o cônsul. Então, seguiu em frente.

Havia ciprestes altas atrás do estádio que lançavam sombras graciosas sobre as fileiras mais altas de assentos, fazendo desenhos com o brilho do Sol do fim de tarde. A pista estava em perfeitas condições, lisa e compacta. À sua esquerda, um amplo setor da plateia gritou e acenou, todos vestindo branco.

Ele ouviu um urro atrás de si – Messala, o último condutor a entrar na pista. Por todo o estádio ele viu massas de vermelho e dourado tremulando nos assentos. Quando a equipe de Ben-Hur chegou à curva da pista, ele deixou que os cavalos corressem um pouco. O estádio inteiro ficou visível para ele. Quantas dezenas de milhares de espectadores? Todos concentrados, todos assistindo e torcendo. Algumas roupas verdes eram visíveis. Algumas roupas do dia a dia em Antióquia. Mais do vermelho e dourado romano. Os torcedores de Messala eram mais numerosos que os dele. Mas os seus bastavam. Bastavam para ver a derrota de Messala.

Cascos correndo atrás dele, aproximando-se rápido demais. À sua esquerda, por dentro. Um grito:

“Abra caminho, judeu!”

Os cavalos de Ben-Hur o puxaram, mas ele não deixou que acelerassem. Os pares pretos e brancos de Messala chegaram ao seu lado e o ultrapassaram, galopando a toda velocidade. Ben-Hur olhou para o carro de Messala, que brilhava com seus acessórios de metal, quase voando atrás dos cavalos. Ele era sustentado, Ben-Hur pensou, apenas pelas máscaras de leão em bronze que se destacavam nas rodas, um aparato pesado e pomposo sem nenhum objetivo – assim como Messala.

O juiz da partida assumiu seu lugar, no meio da reta. A multidão se acomodou, então fez silêncio. As quadrigas tomaram suas posições, cada uma em sua faixa marcada, as rodas quase se tocando. À direita de Ben-Hur, o bizantino olhou para ele e acenou. Eles poderiam ter dado as mãos. À esquerda, estava Messala.

O piso da carruagem dele era mais alto que o de Ben-Hur, as rodas um pouco maiores, de modo que Messala olhou para baixo para encará-lo.

“Pensei que você tivesse morrido, Judah”, ele disse, erguendo a mão para acenar para o público. “Mas isso não importa. Agora você está praticamente morto.”

Ben-Hur não reagiu. Não era o momento de pensar em Messala, seu velho amigo que o traiu. Não era hora de imaginar o que Messala sentia ou pensava. Era hora de derrotá-lo, finalmente. Ele tinha feito tudo ao seu alcance para se preparar para aquele momento. Os cavalos, o treinamento, as apostas que fariam todos se concentrar naquele duelo – todo mundo sabia que para o romano e o judeu aquele era um combate mortal. Apenas um sobreviveria. Por que gastar sequer uma respiração com Messala naquele instante?

Uma fanfarra de metais soou e os cavalos saíram. O juiz da partida começou a contar. Aquele era o primeiro teste de habilidade para os condutores: o juiz segurava uma corda à altura do peito dos cavalos e deveria soltá-la ao final da contagem. Chegar à corda antes da hora era um desastre, e, às vezes, fatal. Mas alcançá-la tarde demais era dar vantagem aos outros. Os

cavalos de Messala galopavam quase sem controle, e Ben-Hur logo percebeu que o romano devia ter subornado o juiz, que soltaria a corda mesmo se Messala chegasse lá antes do fim da contagem. Ben-Hur relaxou as rédeas e os baios aceleraram, mas o caos já tinha começado à frente dele.

Cada condutor tinha que cruzar a corda em sua própria faixa, e, depois disso, tinha liberdade para mudar de faixa. Messala, por dentro, sabendo que estava em segurança, deixou que seus cavalos atingissem velocidade total antes do ponto de largada, por onde passaram zunindo. Mas o bizantino se arriscou, atravessando a pista na direção da grade limite, assim que passou pela largada, cruzando a faixa de Ben-Hur poucos segundos atrás de Messala. Ele tinha exagerado. Seus cavalos estavam fora de controle. O homem puxou as rédeas, colocando todo seu peso contra milhares de arrobas de cavalos a galope, incapaz de freá-los ou guiá-los, ciente das quadrigas que vinham atrás.

Ben-Hur não viu o impacto. Ele só teve tempo de ver algo de errado à sua frente, algo se desfazendo, e, sem pensar, desviou os baios para a direita. À esquerda, um uivo. Um homem sofrendo? Um cavalo? Passou. Pronto.

* * *

Esther escondeu o rosto nas mãos. Na pista, homens pularam a grade para tirar os destroços. Arreios emaranhados, carro despedaçado, carne mutilada.

“Como eles conseguem?”, Esther sussurrou, horrorizada. “Me avise quando terminar.”

“Observe quando eles voltarem e você vai entender”, Simonides disse. “Existe glória nisso. Posso lhe contar o que estou vendo? Messala está na frente, correndo por dentro. Judah vem por fora. Eles estão se afastando de nós, agora. Não consigo ver… Sim, parece que ele está em último.”

“Último!” Esther baixou as mãos. Ela fez sombra nos olhos e observou a pista. “Não, ele não está em último. Ele está em… Bem, não, acho que o ateniense…”

“Eles vão dar sete voltas, Esther. Judah tem tempo”, disse Simonides.

* * *

No camarote do cônsul, Sanballat assistia a tudo calmamente.

“Pensei que você tivesse apostado no judeu”, o cônsul disse.

“Eu apostei”, Sanballat concordou. “Não o bastante, contudo.”

“Você acha que ele vai ganhar?”

“Ah, sim”, Sanballat respondeu. “Se ele não ganhar, eu ganharei dinheiro com os homens de Messala.”

“E se outra pessoa ganhar? Estou vendo cinco equipes nesta corrida.”

“Eu vejo dois, Vossa Excelência. E três figurantes.”

* * *

Não era assim que Ben-Hur via a situação. Ele enxergava quatro equipes a serem derrotadas e todos estavam à sua frente. Bem onde ele os queria. Era típico de Messala tomar a ponta; exibido, emotivo, sem visão. Na frente, Messala não podia ver que as rodas do ateniense pareciam estar oscilando um pouco. Ou que os cavalos do coríntio tinham jeito de que poderiam correr naquele ritmo para sempre. Messala, na frente de todos, só podia aprender sobre seus próprios cavalos. Ele poderia se surpreender.

Mas talvez estivesse na hora de dar mais informações para Messala, Ben-Hur pensou. Mais

do que ele conseguiu com seus espiões ou com os boatos de Antióquia. Era hora de deixar Messala dar uma boa olhada nos Filhos do Vento. Agora, no começo da corrida. Dar-lhe uma chance para se preocupar.

De qualquer modo, eles não gostavam de correr atrás dos outros.

Ben-Hur afrouxou as rédeas só um pouco e apoiou seu peso para o lado de fora. Como um só, os baios aceleraram, desviaram um pouco para a direita e começaram a se aproximar do sidônio.

* * *

“Veja, Esther, ele está ganhando velocidade”, Simonides disse. “Consegue ver?”

“Sim!”, ela respondeu. “Por fora!”

“Por fora”, a voz de Iras veio de trás de Esther, junto com um pedaço de gaze dourada transparente. “Posso me sentar aqui?”

“Claro”, Esther disse e fechou mais sua roupa.

“É uma tolice”, Iras disse. “Os cavalos terão uma distância maior a percorrer. É claro que enquanto treinava no acampamento do Sheik, ele passou muitas horas, todos os dias, correndo com os cavalos. Ele estava sempre exausto. Mas eu me pergunto se é a estratégia correta.”

“Você entende de corrida de quadrigas?”, Simonides perguntou, educado.

“Em Alexandria vamos com frequência às corridas. O estádio é muito mais bonito que este. E o público… bem, é claro que é mais sofisticado. Conhecedor de belos cavalos.”

“Como você”, Esther disse.

“Ah, eu não faço essa afirmação”, Iras respondeu. “Veja, Ben-Hur passou alguém.”

* * *

Foi preciso muito pouco. O sidônio, Ben-Hur pensou, nunca teve vez naquela corrida. Ele viu a superfície à frente onde a pista entrava na sombra e passou correndo por ali, quase estremecendo ao sentir o ar mais frio. Os animais do ateniense estavam correndo bem. Ben-Hur olhou para eles, vendo a facilidade com que mantinham a cabeça erguida. Uma equipe com resistência, ele pensou. Mas talvez não muita velocidade.

* * *

O espião estava no local onde a corrida tinha começado, chorando. As quadrigas aceleravam pela pista e os destroços do carro do bizantino tinham sido retirados, junto com a confusão sanguinolenta em que se transformou o corpo do condutor. Três dos cavalos, pulando e empinando, foram dominados e levados para o estábulo, mas o espião estava debruçado sobre o quarto cavalo, cuja perna direita jazia em um zigue-zague assustador na terra.

“Faça logo! Eles estão chegando!”, gritou um fiscal da corrida ao lado dele. “Não temos tempo!”

Tanto a lamentar, pensou o espião. Por que ele tinha se tornado um cavalariço? Por que isso era melhor que espionar? Por que ele tinha se gabado de sua experiência? Para quem ele tinha contado sobre seu trabalho no matadouro? De onde veio aquela faca, e será que era afiada o bastante para fazer aquilo? Ele estendeu a mão esquerda, fechou os olhos e se viu… desejando? Rezando? Pensando no corajoso cavalo, encerrando o sofrimento dele enquanto banhava suas mãos no fluxo quente do sangue animal, com cheiro de ferro.

“Rápido, rápido!”, gritaram todos. O corpo foi arrastado e terra jogada no trecho molhado, depois mais terra, que foi esfregada na pista para que os outros cavalos vindo na direção dele

não sentissem o cheiro da morte de um deles.

* * *

No centro da pista ficavam dois conjuntos de três colunas, altas e volumosas, encimadas por uma estrutura decorada. No fim do estádio, perto de Esther e Simonides, sobre essa estrutura, havia sete enormes bolas esculpidas. Na extremidade oposta, sete golfinhos. No momento em que as carruagens fizeram a curva e entraram na reta, um homem subiu até o topo da estrutura.

“Veja, Esther”, Simonides disse. “Eles vão derrubar uma bola para cada vez que as carruagens passarem. E vão fazer o mesmo do outro lado, com os golfinhos. É assim que sabem quanto falta para a corrida acabar. Olhe, lá vai!”

Mas Esther não tinha interesse em uma bola caindo no chão. Ela estava completamente absorvida por Ben-Hur. Ela percebeu, então, como era bom o lugar em que estavam sentados. Ela podia ver com clareza a expressão no rosto dele: concentrado, atento, os olhos voando dos seus animais para os de Messala e então para as rodas da carruagem do romano, conforme se aproximava. O barulho era tremendo! Os cascos dos cavalos, mesmo abafados pela pista de terra, trovejavam pelo caminho, e os carros produziam um estrondo tão alto que parecia que uma caravana tinha sido comprimida em um espaço minúsculo. Mas então veio um som curto, estranho e desagradável – era o assobio e o estalo de um chicote. O chicote de Messala caindo sobre o dorso dos baios do Sheik Ilderim. E então, outra vez. Esther sobressaltou-se. O chicote de Messala atingiu Ben-Hur no rosto.

* * *

Ben-Hur mal sentiu a chicotada. Uma picada, uma ardência leve, o que isso podia importar quando todos os músculos do seu corpo já queimavam com o esforço de mantê-lo ereto, de segurar os cavalos… e segurar os cavalos depois que Messala os chicoteou? Por um momento, eles ficaram loucos. Os Filhos do Vento nunca tinham sentido o toque de um chicote, e o instinto de todos eles foi fugir. A sincronia foi perdida, enquanto cada um corria o mais rápido que podia. Rígel, o mais lento, mal conseguia acompanhar os outros, enquanto Antares, o mais forte, puxava a quadriga para o centro da pista. Ben-Hur agarrou as rédeas com toda a sua força e inclinou o corpo. Por um instante, ele lembrou das galés, quando lutava com o remo, enfrentando nada menos que o oceano inteiro. Costas, peito, pernas e braços puxando – ele tinha feito isso inúmeras vezes ao longo dos anos. E poderia fazê-lo de novo. Mas então, algo turvou seus olhos. Pior. Escureceu, borrou, queimou com suor; devia ser o sangue da ferida que Messala tinha lhe causado.

Ele não ousou mudar as rédeas da mão esquerda enquanto os cavalos continuavam galopando aterrorizados. Ele não ousou nem mesmo erguer o braço esquerdo para limpar a testa; quem saberia que sinal os cavalos entenderiam com aquele movimento das rédeas? Então, ele largou o chicote da mão direita, esperando que fosse retirado da pista antes da próxima volta, para que não se embaralhasse nos pés de seus cavalos. Ele passou o punho direito pelo supercílio, enxugou o sangue no peito de sua túnica e repetiu o gesto. Ele estava sangrando bastante.

E estava se aproximando da curva com velocidade demais.

Ele notou como Messala conteve sua equipe e teve que reconhecer, contra a vontade, a habilidade do outro. Os quatro cavalos diminuíram a marcha encurtando as passadas uniformes, então, momentos depois, as esticaram de novo, acelerando, parecendo mergulhar ligeiramente na terra, enquanto seus corpos se comprimiam. Ben-Hur sabia qual era a sensação daquela aceleração uniforme.

Mas ele tinha retomado o controle dos baios. A curva ganhou a atenção deles e Ben-Hur ficou grato pelas muitas horas de treinamento. Era como se eles tivessem deixado de lado a distração da chicotada para se concentrarem na tarefa imediata. Ele passou a mão pela testa de novo. Estava mais pegajoso? O vento em seu rosto estava secando o sangue?

* * *

O Sheik Ilderim estava sentado, imóvel como uma pedra. Suas mãos agarravam o banco, dos dois lados, abaixo de seus quadris. Ele se inclinou para frente, como se tentasse diminuir a distância entre ele e os baios. Chicoteados! Aquele cachorro romano ousou chicotear os Filhos do Vento! As lindas criaturas que lhes eram mais queridas que seus filhos, que reconheciam sua voz, seu toque, seu cheiro, que atendiam ao seu chamado e entendiam seu humor – chicoteadas!

Ainda assim, o desastre foi evitado. Houve um momento ruim. Por trás, enquanto as quadrigas se aproximavam da curva em disparada, pareceu que Ben-Hur ia perder o controle. Mas então, eles entraram na reta e os baios voltaram a correr como um só.

Eles tinham perdido terreno. Estavam em último, novamente. Ainda correndo com força, Ilderim disse para si mesmo. Devagar. Havia muito tempo.

O segundo golfinho caiu no chão.

* * *

O barulho no camarote do cônsul era ensurdecedor.

“Mes-sa-la! Mes-sa-la!”, gritavam os jovens, dando pulos e agitando as bandeiras vermelhas e douradas, quando as quadrigas passavam. Todo o setor de assentos ali perto estava bastante ruidoso, assim como outras partes do estádio. Não havia muitas regras na corrida de quadrigas. Assim como os outros esportes, ela era semelhante ao combate. O que funcionava no campo de batalha, funcionava na competição. Mesmo assim, chicotear os cavalos do adversário era ir longe demais. Essa, pelo menos, era a opinião nos camarotes cheios de frígios, cilicianos, sírios, cipriotas e toda a miscelânea cultural de Antióquia. Eles podiam não ter começado a corrida como torcedores do judeu. Eles podiam ter hesitado em declarar sua fidelidade. A maioria deles tinha que fazer negócios com os romanos, e isso significava demonstrar conformidade com os hábitos romanos. Fazer o que Roma desejava. Mas, nesse dia, nesse lugar, ver um judeu conduzindo aqueles cavalos árabes – e os cavalos do Sheik Ilderim eram famosos em toda metade oriental do império – não era apenas uma curiosidade. Era uma ideia nova. Será que Roma poderia, de fato, ser derrotada? Primeiro na pista, depois em batalha? No mercado?

Talvez a própria Roma pensasse assim. Talvez tenha sido por isso que o condutor romano chicoteou os árabes.

Será que o público com bandeiras brancas tinha crescido? Não havia mais deles do que antes? Sanballat pensou que sim. Ele fazia contas de cabeça a uma velocidade incrível. Se acontecesse isso, então seria aquilo. Se Ben-Hur vencesse, tanto dinheiro. Se fosse Messala, uma quantia diferente. Ben-Hur *poderia* vencer? As perdas de Sanballat seriam garantidas por Simonides, então o vencedor, de fato, não importava para ele. Mas Sanballat começou a pensar nessa possibilidade: uma vitória judaica. Uma derrota romana.

* * *

A segunda bola caiu. Quando as carruagens passaram, Esther acompanhou outra vez o rosto de Ben-Hur. Ele estava em penúltimo, à frente do sidônio, cujos cavalos começavam a mostrar abatimento. À frente de Ben-Hur corriam o ateniense e o coríntio, seus cavalos galopando lado a

lado. Na frente seguia Messala – belo, orgulhoso e só.

“Ele é magnífico, não é?”, Iras sussurrou no ouvido de Esther. Ela se virou e ficou surpresa quando compreendeu: Iras falava de Messala, não Ben-Hur. Iras fitou Esther e deu de ombros. “Os dois são homens atraentes”, ela explicou. “Mas eu prefiro um herói.”

Eu também, Esther pensou, mas permaneceu em silêncio. O heroísmo de Ben-Hur era de um tipo diferente, só isso. Era muito fácil ser um conquistador quando outras pessoas tinham feito a conquista por você. Era mais difícil se você estivesse correndo quase em último, com sangue no olho e poeira cobrindo o rosto. Parecendo calmo. Parecendo… podia ser? Feliz?

* * *

Por mais estranho que fosse, ele *estava* feliz.

Isso sempre acontecia durante uma corrida, aquele momento de bem-estar. A menos que fosse uma daquelas corridas em que nada dava certo. Não era o caso dessa corrida. Apesar da perda do chicote, apesar de Messala, apesar do sangue escorrendo em seu olho. Mas o sangue tinha diminuído, já ardia menos. E os Filhos do Vento galopavam como uma música. Duas voltas concluídas, faltavam cinco. Eles ainda tinham muito tempo. Os baios podiam correr e correr. O ar passava rápido e todos os sons diminuíam, menos a batida ritmada dos cascos. Ben-Hur adiantou o movimento para a sombra, quando sua visão se tornou confusa por um instante. Os golfinhos ficaram para trás. Então vinha a curva: um toque de pressão nas rédeas. Os baios se contiveram um pouco. À frente deles o ateniense e o coríntio corriam cabeça com cabeça. Esse seria o momento? Devia pular na frente deles? Encerrar essa fase da corrida?

Os cavalos leram seu pensamento e tomaram a decisão por Ben-Hur. Na saída da curva, eles assumiram seu ritmo mais rápido, deslocando-se para o lado de fora. Oh, era esplêndido sentir aquele poder e união. A vontade deles e a de Ben-Hur viajavam para frente e para trás, pelas correias de couro das rédeas, movimentando-se e comunicando-se apenas através de toques. Na curva, as sombras desciam da ponta dos ciprestes no alto do estádio. A cada volta a sombra ficava mais pronunciada e isso era algo para se ter em mente na próxima.

* * *

Eles continuaram a galopar, passando pelo camarote do cônsul outra vez. Enquanto passavam pela cobertura púrpura e pelos romanos patrícios, Flavius se perguntou se Sanballat aceitaria uma aposta em Ben-Hur. Uma aposta grande. Se o judeu vencesse, Flavius pensou, seus problemas com dinheiro estariam resolvidos por algum tempo. Ele se levantou e torceu como todos ao redor gritando “Mes-sa-la”, enquanto observava o time de baios conduzido pelo judeu. Eles corriam com elegância, com apetite, até. Flavius olhou de lado para Sanballat. Não, ele decidiu; um romano patrício não podia apostar em um judeu à vista do cônsul romano.

A terceira bola caiu.

* * *

Cleanthes, o ateniense, tomou a frente do coríntio. Eles ficaram enfileirados, então, com as carruagens correndo por dentro, com espaço entre elas. O espião estava no centro da pista, observando-os se aproximar. A equipe de Messala… estava cansando um pouco? Ele observou as patas tocando o chão, depois olhou para os quadris e levantou os olhos para o rosto de Messala. Como ele odiava aquele homem.

Ele tinha sido despachado para recolher da pista o chicote derrubado por Ben-Hur, e o instrumento jazia no chão ao seu lado. Ele poderia usá-lo? Do modo como Messala o tinha

usado? Um golpe ardido no rosto de Messala? Um pensamento agradável, mas estúpido. Ele seria pego, dominado e morto antes que os cavalos dessem outra volta.

E uma intervenção dessas podia não ser necessária. Parecia que os árabes podiam correr o dia todo.

* * *

Mas Cleanthes sentiu um tremor. Ou foi outra coisa? Fricção? Alguma coisa tinha parado de se mover com suavidade e, abaixo de seu cotovelo, ele viu horrorizado o que era – a roda. Ela não rodava mais com firmeza. Ele olhou para frente, olhou para baixo de novo. Aquilo era real?

Era. A roda começou a oscilar. E, enquanto ele olhava, oscilou mais. Ele tentou puxar a quadriga para fora, tentou puxar as rédeas para diminuir a velocidade dos cavalos e tirá-los do caminho das outras equipes. Ele podia ouvir o coríntio no seu encalço, gritando, então viu os três focinhos castanho e um cinza do coríntio. Eles estavam ao seu lado, junto à sua roda. Seus cavalos perceberam que os adversários estavam chegando e se esforçaram, determinados e impetuosos.

O condutor coríntio chegou ao lado do ateniense e apontou para a roda. Cleanthes puxou as rédeas com mais força, mas a roda oscilava muito forte e sairia a qualquer…

Uma exclamação escapou de cem mil gargantas, seguida por gritos de horror. A roda se soltou e saiu rolando pela pista. O carro da quadriga acertou o chão com força e se despedaçou, arremessando no ar lascas de madeira e metal. Cleanthes foi jogado longe e ficou atordoado, deitado na pista enquanto os cavalos arrastavam os restos despedaçados do carro ao longo da grade. Os cavalos estavam aterrorizados, desesperados para fugir daquela coisa quebrada e barulhenta atrás deles.

O coríntio tinha conseguido escapar, mas, alguns passos atrás, Ben-Hur e o sidônio voavam na direção dos destroços. Cleanthes rolou para o lado, levantou e correu para a grade, onde as mãos do espião e de outros oficiais o tiraram do caminho.

* * *

Ben-Hur mal notou. Seu campo de visão tinha estreitado. Ele só estava consciente dos seus cavalos e da pista à frente deles. À sua direita, em algum lugar, os cavalos do ateniense tinham parado, saltando e empinando, com seus pelos cobertos de espuma. Mas a pista estava cheia de detritos. Como atravessar aquilo com os cavalos árabes?

Ele olhou em frente. Havia um caminho quase limpo aproximando-se rapidamente. As patas dos cavalos não podiam se enrolar. Àquela velocidade um passo em falso e um deles poderia quebrar uma perna. Mas havia um modo… Enquanto eles galopavam em conjunto, durante alguns instantes suas patas não tocavam o solo. Talvez eles pudessem saltar; era apenas uma tábua, quase plana, não bateria no fundo do carro, se passassem no lugar certo… não houve tempo…. as rodas…

As rodas acertaram a tábua. A carruagem voou. Ben-Hur agarrou a grade e saltou com a carruagem, aterrissando do modo mais leve que conseguiu.

Os árabes continuaram galopando.

* * *

Esther enterrou a cabeça no ombro do pai, esquecendo uma vez na vida da fragilidade física dele. Ele conseguiu levantar o braço até o ombro dela e disse, no ouvido da filha:

“Está tudo bem. Judah está bem. O único estrago foi na carruagem do ateniense, mas ele se

livrou.”

“Eu odeio isso!”, Esther sussurrou para o pai. “Por que as pessoas vêm para assistir a esse horror?”

“Elas querem essa emoção, eu imagino”, ele disse. “E isso as distrai de seus problemas e suas frustrações.”

Esther endireitou o corpo e fechou mais o véu ao redor dos ombros.

“As pessoas são horríveis.”

“São”, Simonides concordou. “Com frequência elas são.”

* * *

O quarto golfinho caiu. Das seis quadrigas que começaram a prova, restavam apenas quatro. Quando Messala, o coríntio, Ben-Hur e – bem atrás – o sidônio fizeram a curva, todos os fragmentos da carruagem ateniense foram tirados da pista. O espião foi enviado para acalmar os cavalos gregos, o que ele fez com tanta eficiência que os animais logo foram desarreados e levados pelo túnel para serem examinados em busca de ferimentos. Quando os competidores se aproximaram do camarote do cônsul, a pista já estava limpa.

“Somente duas quadrigas agora”, o cônsul falou para Sanballat.

“Duas… e duas figurantes”, Sanballat respondeu. “Mas acredito que você concorde comigo que o sidônio está fora da corrida.”

De fato, ele estava meia pista atrás dos demais.

“Concordo que sem outro desastre ele não conseguirá vencer”, disse o cônsul.

“E outro desastre seria uma infelicidade enorme”, Sanballat comentou.

“A sorte participa das corridas”, o cônsul retorquiu. “Como na guerra. A deusa Fortuna é conhecida por ser inconstante.”

Sanballat apenas inclinou a cabeça. É necessário demonstrar educação para com os clientes, mas não concordar com eles.

Outra bola foi derrubada.

* * *

Quando os árabes entraram na curva, a cabeça de Ben-Hur também pensava na sorte. Duas das carruagens estavam fora da competição. O sidônio não era uma ameaça. O coríntio, contudo… ele tinha passado toda a corrida à frente de Ben-Hur. Não parecia haver nada de extraordinário nele, em seus animais ou seu carro. A corrida já tinha passado da metade. Estava na hora de começar a vencer.

* * *

Os cavalos de Messala galopavam à frente. Eles preferiam correr na liderança. Algumas pessoas pensavam que ele não entendia seus animais, mas entendia; ele era um excelente condutor. Aquelas criaturas não gostavam de ficar recebendo sujeira no focinho, arremessada pelos cascos de outros cavalos. E eles puxavam o condutor. Precisava ser dito que eles eram cavalos de um único homem; não era qualquer um que conseguia controlá-los. Mas coloque-os pelo lado de dentro da pista, saia na frente dos outros e tudo vai ficar bem. Ele ganharia muito dinheiro com aquela aposta grotesca feita com Sanballat. Que aposta infeliz para um judeu!

A curva chegou. Ele segurou os cavalos, então soltou só um pouco as rédeas para que acelerassem ao contornar a curva. Eles estavam reagindo mais lentamente? Cansados, talvez. Mas não deveriam estar. Eles estavam tão em forma quanto qualquer animal na pista.

Ainda assim, havia pouco mais de duas voltas para terminar. Ele estalou o chicote perto da orelha do cavalo branco perto do jugo. Só um lembrete da fonte de dor. Pronto, todos apertaram o ritmo.

Mas ele sentiu algo diferente? Ou ouviu? Outra quadriga. Bem, o coríntio tinha se mantido próximo. Talvez esse fosse o esforço final dele. Messala inclinou o corpo para frente e estalou o chicote de novo. A vitória não seria fácil para ninguém.

Cinco golfinhos derrubados.

* * *

Quando as equipes se aproximaram da entrada principal, um romano muito novo, usando uma túnica imaculada, aproximou-se de Sanballat.

"É tarde demais para apostar contra o judeu?", ele perguntou. "Cem sestércios?"

Flavius se levantou e pôs uma mão no ombro do jovem.

"Perdoe-me por intervir, Sanballat. Sou o comandante do jovem Tertius aqui e sinto que preciso lhe dar uma lição. Esta é sua primeira corrida de quadrigas?", ele perguntou.

"É", o jovem respondeu, corando.

"E como eu sei quanto é o seu soldo, e qual a situação do seu pai, acho que alguém o convenceu de que esta é uma boa ideia? De que o judeu vai mesmo perder?"

O jovem assentiu.

"É o que todos estão dizendo."

"Talvez eles tenham razão", Flavius respondeu. "Mas olhe agora, enquanto eles se aproximam. Diga-me o que está vendo. Os cavalos de Messala parecem descansados? Ele os está segurando?"

"Não, ele já usou o chicote. Duas vezes."

"E esse Ben-Hur. Lá vem ele. O que você está vendo?"

Todos que o ouviram olharam na direção de Ben-Hur como havia sugerido, e todos notaram a mesma coisa: os baios árabes vinham correndo com tranquilidade, apetite, e Ben-Hur, em sua túnica manchada de sangue, continuava inclinado para trás, segurando os animais.

"Entendo", o jovem respondeu, de cabeça baixa. "Os cavalos do judeu parecem quase descansados."

Flavius concordou.

"Ele vai passar o coríntio. E só vai sobrar o romano. E vou lhe dizer, como parte de sua instrução militar, a lição que você deve aprender aqui: um bom soldado nunca subestima o inimigo."

"Mas você não acha que o judeu pode ganhar, acha?"

"Eu acho que faltam duas voltas e é uma corrida apertada. Se o seu soldo não está dando para as despesas, pense se não é melhor apostar menos nos dados à noite."

Quando Flavius se sentou, Sanballat inclinou a cabeça para ele.

"Fez muito bem. Não preciso dos sestércios dele."

Flavius sorriu.

"Só não quero que ele desenvolva os mesmos maus hábitos que eu."

* * *

Os condutores estavam todos cansados àquela altura. Bolhas se formavam em suas mãos, estouravam, sangravam. Suas costas e ombros ardiam como fogo devido ao esforço de segurar as rédeas de seus animais. O coríntio pensou ter conseguido evitar os detritos do acidente de Cleanthes, mas de algum modo uma farpa de madeira entrou por baixo de seu pé esquerdo e

penetrou fundo em seu calcanhar. O sidônio, Ben-Hur e o coríntio estavam cobertos de pó: nos olhos, no cabelo, na boca. Terra entre os dentes. Suor escorria pelos peitos e costas, chegando às pernas. Até os músculos do rosto estavam cansados devido à careta obrigatória: olhos apertados contra o Sol e a poeira, testas franzidas de concentração.

Eles continuaram. Cinco bolas derrubadas. Seis golfinhos. Seis bolas.

Agora? Essa era sempre a dúvida em uma corrida. Seria esse o momento de dar tudo? E se o líder se distanciasse, ficando fora de alcance? E se você fizesse o esforço e não restasse mais nada? E se desse o arranque final cedo demais? Ben-Hur observou os baios e processou a informação. Orelhas apontadas para frente. Estavam suando. Sem balançar a cabeça. Corriam com uniformidade, nenhum deles estava protegendo uma pata. E continuavam com vontade. Da boca dos baios até sua mão, Ben-Hur sentiu… apetite. Os Filhos do Vento eram competidores. Todo o treinamento no Pomar das Palmeiras não tinha testado essa qualidade.

Mas agora eles queriam ultrapassar o coríntio. Ben-Hur hesitou em deixar que o fizessem. Até então eles já tinham precisado correr por fora mais do que Ben-Hur desejava. Eles precisariam, mais uma vez, pegar uma pista de fora. E esse era o único modo. O coríntio precisava ser eliminado. No fim, a corrida se resumiria a um duelo entre ele e Messala.

E não era isso que ele queria o tempo todo?

Então ele baixou a mão que segurava as rédeas. *Pronto*, ele pensou, inclinando-se para frente, como se pudesse falar com os cavalos em voz alta. *Vocês nasceram para correr. Vão. Corram com a velocidade que seu Criador pretendia. Mostre para essa gente o que é ser Filho do Vento.*

Eles o ouviram, de algum modo. Saindo para a direita, eles passaram os castanhos e o cinzento do coríntio. O condutor cumprimentou Ben-Hur quando olhou para ele. Seus cavalos estavam exaustos. As voltas finais seriam uma disputa entre o romano e o judeu, o que parecia justo. Sua tarefa resumia-se a levar os cavalos a salvo de volta ao estábulo. E se a oportunidade surgisse, ele daria uma mãozinha ao judeu. Ele não gostava de romanos.

Sete golfinhos derrubados. Meia volta. Pouco tempo. Uma eternidade.

* * *

Todos no estádio ficaram em pé, inclusive Simonides, sustentado entre Ilderim e o escravo núbio de Baltazar. O barulho era tremendo, quase uma presença sólida no ar. Esther subiu em um banco e esticou o pescoço. No camarote do cônsul, o protocolo tinha desaparecido por completo. Os soldados mais rasos acotovelavam seus superiores e se debruçavam sobre a grade. Uma almofada vermelha e um leque de penas de águia caíram na pista, onde ficaram sem que ninguém notasse. Nenhum cavalo chegaria perto desses objetos, tão distantes que estavam da parte interna da pista.

Os fiscais da corrida, cavalariços e responsáveis pela manutenção da pista, incluindo o espião, se espalharam pela grade interna, esticando a cabeça para ver as quadrigas que se aproximavam.

Ben-Hur já tinha ultrapassado com segurança o coríntio. A carruagem de Messala estava a apenas dois corpos à sua frente. Mas dois corpos que diminuíam muito devagar! Ele se aproximava aos poucos, mas Messala voltou a usar o chicote. Os animais cansados do romano reagiam cada vez que o chicote os tocava. Seus passos se alongavam, o ritmo acelerava… então eles ficavam mais lentos de novo.

Então, a curva.

* * *

Havia arte naquilo. Uma arte viva. O toque nas rédeas, a folga na velocidade, o impulso renovado.

Messala não tinha tempo para arte. Judah estava em seus calcanhares. Ele se virou pela primeira vez em toda a corrida. Tão perto! E os árabes ainda tão fortes! Messala chicoteou seus cavalos de novo. Eles deram um salto à frente.

Mas no lugar errado. Quando se começa a contornar a curva, uma força puxa o conjunto para fora. Messala sentiu o arrasto da quadriga. Ele puxou forte para a esquerda, mas os cavalos estavam galopando a toda velocidade.

À direita, Judah. Ele se virou de novo. Judah, seu inimigo. Na infância, ele foi mimado, tratado como um príncipe. Era incapaz de ver uma verdade básica: judeus são a ralé. Mesmo assim, lá estava ele, tão perto. Messala cuspiu.

Ele se virou para frente de novo. Mas nessa fração de segundo ele viu seu erro. A grade interna estava à distância de um cavalo – longe demais. Judah se aproximava pela direita dele com uma velocidade espantosa, suave. Um focinho preto; quatro focinhos pretos quase tocavam seu cotovelo. As crinas flutuavam ao vento. Alguma coisa dentro dele, sua melhor parte, achou aqueles cavalos árabes lindos. Eles corriam com alegria.

Eles estavam quase no meio da curva. A cobertura púrpura sobre o camarote consular lançava uma sombra na pista naquele momento. O sol baixo refletiu em cada pedaço de metal dos arreios dos cavalos e do fecho dourado da túnica de Messala.

* * *

As pontas de ferro do eixo do carro de Ben-Hur não brilharam sob o sol. O metal escuro, pesado, durável, usado apenas por sua resistência, absorvia a luz.

Ben-Hur sabia que o ferro estava ali, mas tinha se esquecido. Dias atrás ele havia desmontado a quadriga com um carpinteiro do campo de Ilderim. Cada junta, cada pedaço de madeira foi inspecionado, reforçado ou substituído. Seu carro não o trairia.

Entrando na reta, aquele era o momento. As duas quadrigas estavam quase alinhadas. Messala soltou as rédeas e chicoteou de novo seus animais. Eles estremeceram e deram um salto à frente.

Assim como os Filhos do Vento. O mero som do chicote, não novo para eles, tão assustador, deu asas às suas patas.

E fora de vista, entre as duas carruagens que se tocaram, o ferro encontrou o marfim.

A quadriga de Messala deslizou para fora, contra a de Ben-Hur?

Ben-Hur virou seu carro para acertar o do inimigo?

De qualquer modo, o efeito foi o mesmo. A ponta de ferro do eixo encontrou os raios de presas de elefante polidas da roda externa de Messala e os quebrou… um… por… um.

A roda de Messala estava destruída.

Ele estava lá… e de repente não estava mais. Ben-Hur olhou para a esquerda, confuso. Onde? Ele olhou para trás e viu o caos. Os animais em disparada, enlouquecidos. O coríntio, perto demais para evitar os destroços. Ben-Hur ouviu o espanto de milhares de pessoas, o grito horrível de um cavalo agonizante. Ou era um homem?

Os árabes continuaram correndo. Ele ignorou seus ouvidos. A corrida era deles agora. Que eles a vencessem.

PARTE 4

Capítulo 30
UMA MENSAGEM

Houve uma cerimônia, claro. E foi demorada demais – qual cerimônia não é?

Mas todos os vencedores precisavam receber suas coroas de louro e suas bolsas cheias de moedas de ouro. Todos precisavam desfilar pela pista, acenando e gritando para os amigos.

Em pé em sua quadriga, Ben-Hur, consciente pela primeira vez de sua exaustão, passou os olhos pela multidão. O sangue em sua túnica tinha endurecido e ele podia ver, olhando para baixo, que seu rosto, também atingido, tinha inchado e havia formado uma crosta. Os cavalos, contudo, estavam se exibindo. Eles mantinham a cabeça erguida como se usassem suas próprias coroas de louros.

O cônsul ficou à frente do seu camarote e fez uma reverência para os competidores. Alguns dos vencedores eram romanos e capas vermelhas foram jogadas para eles pelos convidados do cônsul.

Trombetas e tambores eram tocados em algum lugar, mas isso era apenas uma parte de todo o barulho do local. Ben-Hur desejou que estivesse no estábulo, ou de volta ao Pomar das Palmeiras, trotando pela trilha para esfriar os árabes. Ou ainda, nadando com eles no lago.

À esquerda, junto à linha de chegada, ele viu o Sheik Ilderim. Que grupo estranho: o minúsculo Baltazar, visível apenas como um turbante de seda azul com uma joia enorme; Iras, uma figura cintilante; e Esther, cujo rosto fazia parecer que ela tinha chorado. Simonides sorria e o Sheik Ilderim acenava com os dois braços.

Então, um setor de judeus, acenando lenços, pulava e gritava. Ele acreditou ter entendido a palavra *herói*.

Mas isso não estava certo. Ele tinha ganhado a corrida. Nada mais.

Ele tentou não pensar em Messala e também não lembrar dos sons que ouviu quando a quadriga do romano se desfez. Aquele grito tinha sido do coríntio? Quem soluçava enquanto Ben-Hur era puxado pelos baios? Aquele som poderia ter vindo dele próprio? Haveria lágrimas misturadas ao suor e ao sangue do seu rosto?

Ele ergueu um braço e acenou para os milhares de pontos reluzentes, cada um deles um rosto na multidão. O que ele tinha feito? Aqueles pobres cavalos. Como alguém podia comemorar depois de uma corrida daquelas? Uma flor atingiu seu rosto e ele estremeceu, depois acenou de novo. Trombetas foram tocadas e atravessaram as vozes.

O clima no estábulo estava mais contido. Dois dos cavalos do coríntio tinham morrido, bem como um dos que pertenciam ao bizantino. Na corrida, metade das carruagens tinham sido destruídas. O coríntio tinha morrido. Messala também corria o risco de morrer. Com certeza ele

nunca mais iria andar. Até mesmo para aquele esporte tão perigoso, esse era um preço terrível.

Ben-Hur começou a trabalhar com os cavalariços para esfriar os cavalos, escovando suas crinas, raspando o suor de seus pelos e massageando-os com palha trançada até voltarem a brilhar. Ele estava tateando uma das patas de Aldebaran, à procura de inchaços, quando o cavalo ergueu a cabeça e relinchou, no que foi acompanhado por seus companheiros. O Sheik tinha aparecido para compartilhar do triunfo de suas crias.

Ilderim pegou Ben-Hur pelos ombros e o abraçou, sem falar nada. Então, ele se inclinou e tocou a túnica ensanguentada de Ben-Hur.

“Você deveria estar cuidando de si mesmo, não dos meus cavalos!”, ele exclamou.

“Não”, Ben-Hur respondeu. “Os cavalos fizeram todo o trabalho.”

“Nem todo. De jeito nenhum”, o Sheik respondeu. Antares enfiou o focinho por baixo da mão de Ben-Hur e fungou.

Pela primeira vez desde a corrida, Ben-Hur sorriu.

“Para dizer a verdade, Sheik, não compartilho da alegria de todos. Foi uma corrida feia. Mas os Filhos do Vento correram para fazer justiça ao nome. Você acha que eles sabem o que fizeram?”

“Com toda certeza. Veja o orgulho com que Aldebaran mantém a cabeça erguida. Acredite, Judah, grande vai ser a alegria nas tendas pretas esta noite e em muitas que virão.” Ele fez uma pausa. “Você não vem conosco? A caravana já está a meio caminho do Moabe. Não vale a pena ficar para receber a raiva dos romanos. Os baios e eu estaremos longe de Antióquia antes que alguém perceba que nós partimos. Seria sensato da sua parte se juntar a nós.”

“Eu entendo. Mas é mais fácil esconder um homem do que a caravana de um Sheik. Em breve estarei com vocês.”

Ilderim encarou o olhar de Ben-Hur.

“Eu sei que os homens com frequência ficam desanimados depois da batalha. O que aconteceu nessa pista hoje foi um tipo de batalha.”

Ben-Hur assentiu.

“Sim. Eu sei disso. Obrigado.”

Ilderim fez uma pausa antes de falar.

“Muito bem. E você gostaria de levar seu cavalo ou vai deixá-lo com os irmãos, por enquanto?”

Ben-Hur franziu o cenho.

“Que cavalo?”

“O que você quiser”, Ilderim disse com um grande sorriso. “Eles nunca mais irão correr. Marquei meu ponto e, o mais importante, meu orgulho foi satisfeito. Minha reputação está a salvo por muitos anos, até Aqaba, no sul, e ao leste, no mar dos citas. Cada aliado que estava pensando em me deixar vai ficar, e muitos mais se unirão a eles. Eu posso, de fato, me vangloriar de que controlo o deserto, e qualquer um que quiser cruzá-lo,terá que me pagar por esse privilégio.”

“Tudo por causa de uma corrida”, Ben-Hur comentou.

“Nós, povos de lugares impiedosos, precisamos de líderes fortes”, o Sheik respondeu. “Há muitas maneiras de se mostrar força. Uma competição como esta é uma delas. Você sabe que eu não teria esta vitória sem você. Eu lhe daria ouro, mas você já tem isso e não parece dar muita importância. Então, um dos meus cavalos vai ser seu. Você vai precisar de uma bela montaria se decidir levantar esse exército para o Rei misterioso. Você não precisa escolher seu cavalo agora.”

Mas Aldebaran, como se estivesse entendendo a conversa, passou a cabeça por cima do ombro de Ben-Hur e encostou o focinho na bochecha ferida. Ilderim fez um gesto com a cabeça.

“Por outro lado, o cavalo parece já ter escolhido você.” Ele ficou feliz ao ouvir Ben-Hur rir.

“Então eu só posso lhe agradecer, Sheik.”

“Ótimo. Ele vai ficar comigo por enquanto, até você se juntar a mim?”

“Sim, por favor. Não sei muito bem o que vai acontecer nos próximos dias.”

Depois que o Sheik partiu, Ben-Hur permaneceu no estábulo. Ele terminou de limpar Aldebaran e visitou cada um dos outros três cavalos, todos descansando calmamente, sem demonstrar sinais do grande esforço que dispenderam. O estábulo estava em silêncio. Vozes murmuravam, dentes fortes trituravam grãos, água corria para um cocho. Lá fora, ele sabia, as ruas de Antióquia estariam lotadas de multidões agitadas. Haveria música. Dança. Lutas, talvez.

Ele voltou para a baia de Aldebaran e se encostou em um fardo de feno, de repente, exausto. Cansado demais para pensar.

* * *

O espião, dobrando uma esquina, parou. Aquilo era vitória? Aquela figura abandonada, caída, ainda suja de sangue? O cavalo atrás dele tinha sido cuidado e alimentado, recebido água, e agora brilhava de satisfação e sonhava, com um casco levantado e os olhos semicerrados. O espião pensou que o homem também precisava receber cuidados. Ele tossiu.

Ben-Hur ergueu os olhos e se endireitou.

“Sim?”

“Eu tenho uma mensagem para você”, o espião disse. Ele olhou de novo para o cavalo. “Mas posso primeiro dizer que essa foi uma grande vitória?”

“Obrigado”, Ben-Hur respondeu, sério.

“E os árabes são magníficos.”

Ben-Hur se virou para observar Aldebaran e seu rosto sisudo se suavizou.

“Eles são mesmo. E a mensagem?”

O espião tossiu de novo. Ele não gostava daquilo. Ele odiava o romano. Tinha sido um choque receber a nova ordem, mas com ela veio um lembrete: o romano poderia expô-lo. Depois que essa última missão horrível fosse cumprida, ele iria desaparecer. Talvez até fosse com a caravana do Sheik – ele ouviu dizer que estavam a caminho do deserto, onde um homem poderia desaparecer. E todo mundo precisava de cavalariços.

“É de Iras, a egípcia. O pai dela, Baltazar, vai passar os próximos dias no palácio de Idernee. Ela gostaria que você fosse encontrá-la lá, amanhã por volta de meio-dia. Ela deseja lhe felicitar pessoalmente.”

O espião se divertiu ao ver Ben-Hur corar enquanto respondia.

“Obrigado. Ela precisa de uma resposta?”

“Não. Ela parece esperar que você compareça.” Ele poderia ter dito mais alguma coisa, claro, mas aquele jovem, tão heroico na quadriga, parecia encantado pelo chamado da egípcia, que tinha a reputação de ser uma vadia, ou talvez uma bruxa, mas com certeza seria um problema para aquele judeu jovem e ingênuo. O espião deu de ombros. Estava feito. Então, ele se virou e desapareceu nas sombras.

* * *

As ruas de Antióquia estavam agitadas como Ben-Hur esperava, com muito barulho e muitas tochas brilhantes. Com uma capa leve para cobrir a túnica ensanguentada, ele caminhou sozinho, em silêncio, pelas amplas vias romanas até que as multidões foram diminuindo e ele saiu para as ruas mais estreitas ao se aproximar do rio.

O que Iras podia querer com ele? Dar-lhe os parabéns. O que mais? Na semana anterior, ele não tinha pensado em nada a não ser na corrida e nos cavalos: velocidade, equipamento, competidores, resultados possíveis. Iras não teve lugar em sua cabeça.

Ele nem mesmo sabia o que seria possível com ela. O que era normal. Entre um judeu e uma egípcia – entre um judeu rico romanizado e a filha de um sábio egípcio? Ele tinha passado os últimos anos de sua vida entre homens, apenas. Mulheres tinham seu papel, mas Iras não se encaixava em nenhum lugar que ele conhecesse. Mãe, esposa, filha… concubina, criada… O que mais existia? Bem, ele teria que esperar para ver, Ben-Hur disse a si mesmo. Mas enquanto caminhava, ficava se lembrando da aparência dela junto ao lago, com o tecido molhado grudado nas pernas.

Ele sentiu uma espécie de choque, então, quando Esther abriu a porta da casa de Simonides. Esther, a filha. Esther, a dona de casa. Com o olhar firme e a voz baixa, musical.

“Eu escutei os seus passos”, ela sussurrou. “Meu pai estava cansado da corrida e eu não queria que o sino o acordasse.” Ela fechou a porta pesada. “Vamos para o escritório dele. Está mais fresco lá, e eu preparei comida para você. Imaginei que estaria com fome.”

“Estou”, ele respondeu, surpreso ao perceber isso. “Seu pai está bem?”

“Ah, sim!”, ela respondeu, já na escada. “Ele estava maravilhado! Eu nunca o vi assim tão… tão *bem*. Foi como se a sua vitória o fizesse esquecer da dor. Esquecer mesmo, eu quero dizer.” Ela fez uma pausa e ele reparou como a lâmpada na parede brilhava no cabelo macio dela. “Foi demais. Eu nem sei o que dizer. A não ser lhe dar os parabéns.” Ela continuou a subir. “E você? Está feliz?”

Feliz. Ele estava feliz? Ele tinha vencido a corrida e ferido Messala. Isso o fazia feliz? Não, ele pensou. O que quer que ele estivesse sentindo naquele momento, não era felicidade. Algo mais parecido com desgosto.

Eles chegaram ao patamar e Esther abriu a porta. No centro da sala havia uma mesa arrumada com pratos de carne e frutas, uma jarra de água e outra de vinho.

Esther puxou a única cadeira.

“Vou servir você. Os criados estão dormindo.”

Quando Judah passou debaixo de uma lâmpada pendurada, ela segurou a respiração.

“Mas espere um pouco. Sente-se aqui e me deixe dar uma olhada em seu rosto.” Ela pegou o braço dele com firmeza e o fez se sentar na cadeira, depois colocou a mão no queixo de Ben-Hur e virou o rosto para que a luz brilhasse nos ferimentos. “Fique assim”, ela ordenou com a voz suave. “Mas feche os olhos. Você teve sorte. Ele poderia tê-lo deixado cego.” Ele ouviu movimentos discretos, então sentiu um ardor que o fez se encolher. “Só para tirar a sujeira”, ela explicou, “senão, nunca vai sarar direito. Parece que você cuidou dos cavalos, mas não se lembrou de cuidar de si mesmo”.

“Tem razão. Mas os cavalos trabalharam mais do que eu.”

“Ah, eu acho que não.” As mãos dela continuaram pressionando e limpando. “Tudo o que eles fizeram foi correr.” O pano umedecido parou por um minuto. Ele abriu os olhos e a viu torcendo-o sobre uma tigela. Esther tinha a testa franzida quando se virou para ele.

“É sempre tão violento, esse esporte?”, ela perguntou.

Ele inspirou fundo.

“É. Não. Não desse jeito.”

Ela segurou o queixo dele outra vez e inclinou a cabeça de Judah para trás. Os dedos dela estavam frios.

“Não falta muito agora. Eu tenho um unguento que vai ajudar. Amanhã você vai estar com um hematoma terrível.”

Silêncio.

“E eu sou o que teve sorte”, ele disse, afinal.

“É.” As mãos pararam. “Você pretendia fazer aquilo?”

“Acertar a quadriga do Messala?”

Ela não respondeu, mas aproximou o pano do olho dele.

“Não sei. Eu também fiquei me perguntando. Às vezes, em uma corrida, as coisas acontecem… é tudo tão rápido. Sua intenção é executada antes mesmo de ficar clara para você. Não sinto orgulho disso, se é o que está me perguntando.”

“Ele o chicoteou. Você e os cavalos.”

“Eu só sei isso, Esther: eu pedi a Malluch que descobrisse a altura das rodas dele. Eu sabia que o eixo do meu carro tinha sido reforçado com ferro e que poderia cortar aquelas presas de elefante como uma faca corta queijo.”

“E que, se a quadriga quebrasse, ele poderia ser pisoteado pelos animais que vinham atrás. Como aconteceu”, ela disse com firmeza, mas sua voz tremeu um pouco. Ele abriu os olhos e viu os dela, perto dele. Cheios d’água. Ela se afastou e lhe deu as costas. “Foi horrível de assistir.”

Ele se endireitou na cadeira.

“Eu sei.”

“Não”, ela retorquiu, firme. “Você não tem como saber. Está acostumado com isso. Quantos homens já viu morrer?” Ele não respondeu. “Está vendo? Você nem sabe. Para nós, mulheres, é diferente. Nós ouvimos falar no que vocês fazem no exército, com espadas e tudo mais. Mas ver tudo isso acontecer, num minuto um homem e no outro… um monte de carne! É o que vocês fazem um com o outro! Como um jogo, por um prêmio!” Ela estava em pé, torcendo o pano molhado. Esther caminhou até o terraço e saiu.

Ele se levantou lentamente e atravessou a sala para ir atrás dela. Uma brisa úmida do rio soprou o local sensível em seu rosto. Ele parou perto dela, as mãos na balaustrada, olhando para o porto.

“Deixe para lá”, ela disse, a voz baixa. “Foi só um choque para mim.”

“Eu sei.” Os dois ficaram em silêncio enquanto a água lá embaixo batia no atracadouro. “Mas eu posso dizer uma coisa: eu acredito estar em segurança, agora, com Messala fora de combate.”

“Você quer dizer que ele poderia tentar matar você?” Ela ergueu a voz e puxou o xale ao redor do corpo como se, de repente, uma brisa fria tivesse soprado.

“Matar, machucar, sequestrar… quem sabe? Ele é poderoso. Ele é romano. Ele me odeia. Messala queria se livrar de mim. Isso é fácil de se arranjar. Talvez ele quisesse fazer isso hoje, em público, de forma permanente. Talvez ele esperasse que os Filhos do Vento fossem disparar comigo e me arrebentar contra a parede. Ou quem sabe ele fosse tentar fazer com que isso acontecesse. Nós pusemos guardas vigiando a quadriga e eles pegaram um homem com ferramentas tentando se aproximar. Seria alguém a mando do Messala? É possível.”

“Mas você estava disposto a matá-lo?”

“Isso importa? Você sabe o que a nossa escritura diz. ‘Olho por olho, dente por dente.’ Ele destruiu minha família. Minha mãe e minha irmã desapareceram por causa dele. Não posso ter minha vingança, ainda que seja horrível?” Ao ouvir suas próprias palavras, Ben-Hur percebeu o quanto queria uma resposta para essa pergunta.

“Eu não sei”, Esther respondeu com um suspiro. Ela se virou e voltou para dentro. “Venha, você precisa comer.”

“Você vai se sentar comigo?”, ele perguntou ao se sentar na cadeira que ela segurava para ele.

“Eu?”

“Por que não?”

“Porque eu sou uma mulher. As mulheres comem com os homens em Roma?”

“Nós estamos em Antióquia”, ele respondeu. “E nós estamos a sós nesta sala.” Ele levantou e segurou a cadeira para ela. “Sente-se. Eu me recuso a comer até que você me acompanhe.”

Ela ficou corada, mas se sentou enquanto ele puxava um banco até a mesa.

“E eu sou sua escrava”, ela acrescentou. “Isso não está certo.”

Judah serviu uma taça de vinho e a deslizou pela mesa até ela.

“Quem vai saber?”

“Malluch. Ele sempre sabe de tudo.”

“Seu pai tem sorte de poder contar com Malluch.”

Esther assentiu.

“Como ele disse, enquanto vocês falavam do Rei que virá, ele tem tido muita sorte, em certos aspectos. Depois que o infortúnio dele terminou.” Ela o observou cortar um pedaço de cordeiro e retirar um pedaço de pão. “Você vai fazer isso?”

“Liderar o exército deles?” Judah mastigou enquanto pensava. “Ainda não sei.”

“Por que você faria?”

“Pelas razões que eles disseram: libertação do jugo de Roma, apoio ao Rei. Libertar a Judeia… isso valeria qualquer coisa, não concorda?”

“Então por que você ainda não se decidiu?”

Ele tirou o caroço de uma tâmara da boca e o colocou de lado no prato.

“Uma relutância egoísta, talvez.” Ele olhou para ela e lhe ofereceu uma tâmara. Ela a aceitou com um sorriso. “Quando eu fui para Roma, Arrius me disse que eu poderia fazer qualquer coisa, ser qualquer coisa. Se eu quisesse ser um poeta ou político, ele teria providenciado que eu conhecesse as pessoas certas, minha instrução, tudo o que eu precisasse.”

Ele fez uma pausa, depois continuou:

“Mas eu sentia raiva. Roma podia ter me resgatado, mas antes disso ela me manteve prisioneiro por três anos. Eu não queria nada a não ser me tornar um soldado. Isso era tudo que eu pensava em fazer. Eu sentia tanta raiva que mal conseguia respirar, e o treinamento era o que eu queria. Na palestra, onde você aprende como fortalecer seu corpo e lutar homem a homem, eu me transformei em uma arma. O próximo passo seria treinar com o exército, para aprender a comandar. Então, Arrius morreu.”

“E você ficou livre.”

Ele concordou com a cabeça.

“Livre para encontrar seu pai. E qualquer sinal da minha família.”

“Mas, em vez disso, Messala o encontrou.”

“Sim. E agora, se eu não me unir a seu pai e ao Sheik Ilderim… o que eu vou fazer? Mas se eu me juntar a eles… será que desejo mesmo essa vida que eles me propuseram?” Judah se levantou e esticou os braços acima da cabeça. “Vou ter que me isolar de tudo. Vou ser um fora da lei. Fora das leis de Roma, que abrangem quase o mundo todo. É uma decisão terrível de se tomar.”

Esther também se levantou.

“Você não acredita nesse Rei, então? Ele não vai acabar com o poder de Roma? ‘Nascido Rei dos Judeus…’ O que mais isso pode significar?”

“Sim, claro. Mas isso não vai acontecer de imediato. Pode demorar anos.”

“E você não sabe se quer passar anos como um exilado”, Esther disse. “Ninguém pode culpá-lo. O problema em ser uma arma é que armas não são humanas. É uma escolha difícil de se fazer para a vida inteira.”

“Sim, estou começando a entender isso”, ele disse, sombrio.

Capítulo 31
SURPRESA

Ben-Hur não quis perguntar a Esther onde ficava o palácio de Idernee. Isso iria exigir explicações. Então, no dia seguinte, ele apenas saiu da casa no atracadouro, acreditando que alguém poderia lhe dar as orientações. Andar na direção do grande palácio do outro lado do rio parecia um bom começo.

Um garotinho com um burrico lhe indicou a direção correta. Ele olhou para o céu. O convite era para ele se apresentar ao meio-dia. O Sol já estava alto o suficiente no céu? E se ele chegasse cedo demais? Iras pensaria que ele era um tolo? Mas ele não queria se atrasar. Sua mão, pela vigésima vez, subiu até a ferida em seu rosto. Ele achou que o unguento de Esther tinha ajudado, mas o local continuava inchado. Por causa do hematoma, quando Ben-Hur olhava para baixo, mal conseguia ver os pés, que calçavam suas melhores sandálias. Ele desejou ter levado roupas melhores para a casa de Simonides, até mesmo uma de suas túnicas romanas.

Bem, foi ela que pediu para vê-lo. E lá estava ele, machucado e vestido com simplicidade. Ele entrou no vestíbulo externo do palácio que acreditou ser o que procurava. Com certeza o aspecto era egípcio, com uma pedra escura imensa e a fonte em forma de Íbis. Uma escadaria dupla era guardada por esculturas de leões alados, mas não havia nenhuma presença humana.

Ele subiu a escada, em dúvida. No alto, um corredor estreito o levou até uma porta alta fechada. Ele esperou um instante, procurando uma sineta ou aldrava, mas como não encontrou, resolveu abrir a porta.

Do lado de dentro havia o átrio de uma mansão romana. Ben-Hur sorriu. Era uma ideia inteligente, esconder todo aquele esplendor por trás da sisuda fachada egípcia. Ele caminhou até o retângulo ensolarado no centro, onde o teto se abria para o céu. Dali, o interior parecia escuro. Ele apurou os ouvidos. Estranhou não ter sido recebido. E era estranho que a casa fosse tão silenciosa. Onde estavam os criados? Alguém deveria ter aparecido para recebê-lo, lavar seus pés, oferecer-lhe uma taça.

Bem, Iras não era uma dona de casa como Esther. Ele tentou imaginar Iras limpando sua ferida. Não… impossível. Mas sua cabeça tentou pensar no que ela diria. Parabéns, é claro. Mostraria admiração? Será que ela diria como ele era corajoso? Talvez não. Sempre havia algo de inesperado nela.

Ele saiu da luz do Sol e se moveu para a parte do átrio que estava na sombra. O local era imenso, estendendo-se até as profundezas da casa, e extremamente luxuoso. Mesas e cadeiras tinham desenhos incrustrados e o tecido das almofadas combinava com eles. Castiçais folhados a ouro pendiam de correntes, e as colunas que sustentavam o teto eram esculpidas em mármore colorido; verde aqui, vermelho ali, mais adiante branco com veios cinzentos.

De quem era aquele palácio? Por que Iras e seu pai estavam hospedados ali, afinal? Ele sabia que os dois não iriam para o deserto com Ilderim. Ele imaginou que Iras poderia ter insistido em um pouco de conforto. Ben-Hur se sentou para experimentar o estofamento de um divã. Macio até para ela, ele pensou.

O olhar dele recaiu sobre um mosaico ao seu lado. O chão inteiro era coberto de milhares de pedras minúsculas que formavam mosaicos e cenas tão brilhantes que a mobília parecia flutuar em um espelho. Somente quando se parava perto delas era possível distinguir as cenas.

Aos pés de Ben-Hur, uma mulher linda, de cabelos dourados, estava deitada, semicoberta por um cisne enorme. É claro, Leda recebendo Zeus disfarçado de cisne. Ela parecia… Ben-Hur se curvou. Ela parecia extasiada.

Ele ouviu um som? Ben-Hur se levantou e ficou tenso. Não. Nada. Ele atravessou o enorme átrio, olhando para o chão. Hércules, com uma capa feita de pele de leão, abraçando… Qual era o nome daquela rainha? Ônfale? Outra loira nua deitada sob uma chuva de ouro. Ben-Hur desviou o olhar. O mosaico era bem detalhado.

Será que ele tinha se enganado? Não. A mensagem daquele homenzinho foi bem clara: encontrar Iras no palácio de Idernee. Ela só estava atrasada. Com frequência ela se atrasava para as refeições no Pomar das Palmeiras. Ela estava se arrumando para ele. Pondo alguma coisa, tirando alguma coisa. Um bracelete, um véu. Ruge de um pote de alabastro.

Mas talvez fosse bom perguntar para alguém onde ela estava, se ele conseguisse encontrar algum tipo de criado. Ele atravessou o átrio e voltou para a porta por onde tinha entrado, ouvindo suas sandálias batendo no mosaico. Ele pisou na cauda de uma sereia, depois na carruagem de Apolo. Na borda ornamental junto à porta… que não abriu. Ele empurrou, puxou. Nada.

Ele inspirou e tentou de novo, com força. Empurrou a porta com o ombro, mas ela permaneceu imóvel como a parede. Ele puxou a maçaneta trabalhada, que não se moveu. Ele tinha entrado por aquela porta que, agora, tinha sido, evidentemente, trancada.

Antes mesmo de pensar no que fazia, seus dedos estavam desafivelando as sandálias. O que quer que acontecesse a seguir, ele queria ser silencioso. Seu corpo decidiu isso e sua mente concordou em seguida. É isso que o treinamento militar faz com você.

Ele deixou as sandálias perto da porta e começou a percorrer o perímetro do átrio. Na maioria das mansões romanas haveria aposentos para dormir, comer, corredores levando às cozinhas. Mas todas as portas daquele lugar estavam trancadas. Ele tentou chamar uma vez, mas sua voz ecoou de um modo estranho.

Muito estranho. Sua mente começou a trabalhar devagar, mas foi chegando a uma conclusão após outra.

Aquilo era uma armadilha. Ninguém sabia onde ele estava. O que quer que acontecesse ali, não haveria testemunhas. E se ele fosse atacado, não teria ajuda.

Havia armas por toda parte, se ele tivesse tempo de usá-las. A mobília poderia ser arremessada, os castiçais usados como porrete. As portas podiam até ser derrubadas. Uma conclusão a que ele não conseguiu chegar: Iras estaria envolvida? Não dava para saber.

Ele voltou a andar, deslizando silenciosamente de uma coluna para outra. Todas eram largas, por sorte. Um homem podia se esconder atrás delas. E o silêncio podia estar a seu favor. Quando eles chegassem, Ben-Hur estaria pronto. Ele poderia surpreendê-los. Quem quer que fossem *eles*.

O tempo passou. O sol se moveu, e com ele as sombras. Novas cenas saíram da sombra: Apolo perseguindo Dafne; Diana surpreendida enquanto se banhava. As colunas projetavam barras escuras sobre os mitos no chão. Ben-Hur pensou que aquilo poderia ser útil. Puxar um oponente do escuro para o claro, ou vice-versa, tirando vantagem da confusão em seus olhos…

Ou talvez não. Talvez não houvesse oponente. Ele se sentou no divã e puxou as pernas para

cima. Talvez as portas estivessem trancadas por engano. Talvez ele devesse ter esperado no vestíbulo. Talvez ele não tenha compreendido bem a mensagem.

Só que ele entendeu bem a mensagem. Ele a repetiu de novo mentalmente: Iras, meio-dia, palácio de Idernee. Mas… amanhã, talvez? Ele teria errado o dia?

Não. Ele ouviu passos. Ben-Hur ficou em pé e se moveu, percorrendo toda a extensão do átrio entre ele e a porta por onde tinha entrado. Então, ele ouviu dois conjuntos de passos. Dois homens estavam se aproximando de onde ele estava. Os dois conversavam.

Não era uma língua que ele conhecia. Dura e gutural, vinda do fundo da garganta. As sandálias, dava para dizer pelo som, eram pesadas. Ele saiu de trás da coluna para observar os homens.

Eles estavam em pé junto a uma cadeira, apontando para a madeira entalhada. Um deles se sentou e riu com satisfação. O outro gesticulou para o chão, e os dois se agacharam para passar as mãos por uma imagem, espantados com a suavidade do mosaico. Então, eles se ergueram e Ben-Hur entendeu tudo.

Eles eram assassinos que tinham vindo matá-lo. O maior era o saxão de cabelo cor de palha que tinha vencido a competição de luta no dia anterior. O outro tinha cabelo escuro e era um pouco mais baixo, mas também musculoso. Eles lhe deram as costas para admirar a estátua de uma mulher carregando um jarro de água. O moreno acariciou os quadris lisos de mármore branco como se ela fosse uma mulher viva. O gigante loiro riu e Ben-Hur o identificou melhor.

Era Thord, que lhe ensinou a lutar em Roma! Ele tinha visto o homem no dia anterior, durante o desfile dos vitoriosos, as feições distorcidas pela coroa de louros. Alguma coisa nele tinha lhe parecido familiar, mas Ben-Hur não o reconheceu no momento.

E agora a situação estava clara. Assim como ele, os assassinos eram estranhos àquela casa. Receberam suas instruções e foram mandados atrás dele. Para Ben-Hur a isca foi Iras. Para os dois, devia ter sido dinheiro. Mas quem poderia querer tanto vê-lo morto? Não podia ser Messala, não no estado em que se encontrava.

Os dois não demonstravam pressa. Andaram pelo lugar, examinando, tocando, admirando. Thord deitou em um divã e fingiu roncar. Ben-Hur observava e tentava pensar.

Eles eram dois. Ele estava sozinho. Não tinha como fugir. Isso foi o máximo que ele conseguiu pensar. Dois contra um. Se ele pretendia sobreviver, teria que atacar. Eles eram dois; um tinha que morrer. Mas como?

Ben-Hur se afastou deles enquanto pesava suas opções. Eles entraram pela porta que ele julgou estar trancada. Então ou eles estavam com a chave ou tiveram ajuda. Ele imaginou se os dois teriam visto suas sandálias, mas achou provável que não. Eles agiam como homens que pensavam estar sozinhos.

Ele os observou por um instante, enquanto examinavam um dos candelabros mais pesados, uma coluna grande de bronze, ramificado no alto, apoiada em rodas. Eles quiseram testar o movimento, claro. Será que rolava com facilidade? Um homem conseguiria movimentar aquilo sozinho? Com que rapidez a coluna podia ser deslocada? Não rápido o bastante para ser usada como uma arma, Ben-Hur concluiu.

Ele pensou em suas roupas, suas sandálias. Será que conseguiria chegar à porta, jogar uma sandália, distraí-los, atacar um dos homens e incapacitá-lo…? Não. Não com lutadores daquela categoria. Ele teria que separá-los, então. Matar um e depois o outro. Ele começou a vasculhar o espaço outra vez. Será que conseguiria escalar uma coluna e pular nas costas de um dos dois…?

Thord disse algo para o moreno, que passou as mãos na túnica e assentiu. Eles se separaram e começaram a procurar por ele.

Ben-Hur decidiu tomar a iniciativa. Ele saiu de trás da coluna para o retângulo ensolarado.

“Quem são vocês?”, ele perguntou em latim.

Eles se viraram e começaram a se aproximar.

“Estrangeiros”, Thord respondeu. Ele fez uma careta, embora pudesse estar tentando um sorriso. Quando chegou mais perto de Ben-Hur, seus ferimentos da competição no dia anterior ficaram mais visíveis. Um dos olhos estava escuro e inchado, enquanto um tufo de cabelo tinha sido arrancado de sua cabeça.

“Eu conheço você”, Ben-Hur disse. “Eu o vi ontem nos jogos.”

“E eu vi você”, Thord respondeu. “Mas seus cavalos não estão aqui agora.”

O amigo dele soltou um risinho.

“Mas eu reconheci você de antes. Você ensinava luta em Roma. E me ensinou, na verdade.”

“Não”, Thord disse, rindo. “Eu nunca ensinei um judeu.”

“Naquela época, eu vivia como romano.”

Thord riu mais alto.

“Isso não pode ser. Não acredito em você.”

“Então vou lhe dizer mais uma coisa”, Ben-Hur continuou. “Vocês foram enviados até aqui para me matar.”

“Isso é verdade.” Thord concordou. “E nós não vamos receber até terminar o serviço, então é melhor começarmos.”

“Deixe eu lhe fazer uma pergunta: você ganhou muito dinheiro ontem?”

“Ah, sim, um pouco”, Thord respondeu.

“O bastante para fazer uma aposta comigo?”

“Sobre o quê?”

“Aposto que posso provar para você que fui seu aluno em Roma, 3 mil sestércios.”

O rosto de Thord se iluminou.

“Feito! Como você vai fazer para provar?”

Ben-Hur saiu para a luz e começou a tirar o robe.

“Seu companheiro aí… é seu amigo?”

Thord olhou para o homem moreno e falou com ele naquela língua gutural.

“Não.”

Ben-Hur descobriu a cabeça e pôs suas roupas em uma cadeira.

“Então eu vou lhe provar lutando com ele.”

“Oh, ótimo!” Thord disse. Ele falou de novo com o homem de cabelo escuro e os dois tiraram um divã do caminho, abrindo um grande espaço no chão. “Esperem até eu dizer para começar.” Ele se deitou no divã. “Isso é engraçado! Vocês dois são tão parecidos! Poderiam ser dois irmãos lutando!”

Os dois homens, agora apenas com a roupa de baixo e descalços, entreolharam-se. Era verdade.

“Tudo bem, comecem”, ordenou Thord.

O adversário levantou as mãos. Ben-Hur se aproximou. Ele fingiu um golpe com a mão direita. O oponente levantou o braço esquerdo para bloquear. Ben-Hur pegou esse braço pelo punho e o empurrou para frente, para a garganta do sujeito, pressionando sua traqueia. Ao mesmo tempo, Ben-Hur girou o corpo do adversário, expondo seu lado esquerdo. Com a mão esquerda livre, Ben-Hur golpeou o homem um pouco abaixo da orelha esquerda, quebrando seu pescoço. Feito.

O homem desabou sobre os mosaicos do chão, e Ben-Hur recuou um passo. Ele notou, embaixo do joelho da vítima, a cabeça cheia de serpentes de Medusa. Thord se levantou de um salto.

“Mas eu não teria feito melhor! Eu inventei esse golpe!”

“E eu o aprendi com você”, Ben-Hur disse, olhando para o homem que tinha acabado de matar.

Thord se ajoelhou e mexeu, de leve, a cabeça do morto.

“Quebrou! Você ouviu o estalo? Mais preciso, impossível.” Ele ergueu os olhos para Ben-Hur. “Mas eu juro que nunca ensinei um judeu.”

“Eu era conhecido como Arrius naquela época”, Ben-Hur disse. Ele queria que Thord parasse de mexer no cadáver. “Quem mandou você aqui?”

“Messala”, Thord respondeu, fechando os olhos do morto.

“Mas… ele está conseguindo falar?” Por algum motivo Ben-Hur não tinha previsto aquilo. Ele pensou ter neutralizado seu inimigo. Em vez disso, ao que parecia, Messala e seu ódio resistiram.

“Alguns grunhidos”, Thord se ergueu. “Ele odeia mesmo você. Vai me pagar 6 mil sestércios para que eu o mate.” O rosto dele murchou. “Mas eu não matei…” Ele se virou para Ben-Hur com as mãos erguidas, como se para atacar.

Era isso que Messala podia fazer: continuar a ameaçá-lo. Como Simonides tinha demonstrado, um homem podia fazer muita coisa sentado em sua cadeira. Ben-Hur entendeu que, se Messala continuasse vivo, ele nunca estaria seguro. Uma facada nas costas, veneno em uma taça, uma emboscada em uma viela… Nunca. Ele olhou para o cadáver sem nome. Cabelo escuro, alto, forte. Uma ideia começou a se formar. Antes que Thord pudesse se aproximar, Ben-Hur falou.

“Isso mesmo, aqui estou eu, ainda vivo. E você me deve 3 mil sestércios, já que eu provei que fui seu aluno.”

Thord deixou as mãos caírem enquanto tentava entender a situação. Ben-Hur esperou.

“Eu vou matar você logo e pegar o dinheiro com o Messala”, Thord anunciou, afinal, concordando consigo mesmo.

“Ou pode ganhar mais dinheiro.”

“Como eu faria isso?”

“Muito fácil. Você disse que eu e esse homem parecemos irmãos. Eu quero fazer Messala acreditar que estou morto. Se você me ajudar a fazer isso, eu lhe pago.”

“Oh, esse é um bom truque. Como nós vamos fazer isso?”

“Vai ser fácil. Eu vou trocar de roupa com ele e sair do palácio com você. Quem deixou vocês entrarem viu vocês dois – e vai ver você sair com o mesmo homem. Só que vou ser eu.”

“Quanto você vai me pagar?”

“Messala iria lhe pagar 6 mil… O que você faria com 10 mil sestércios?”

“Com 10 mil eu abriria uma taverna”, Thord respondeu logo. “Bem ao lado do Circo Máximo, em Roma. Seria a melhor taverna da cidade. Mas de onde virão os 4 mil que faltam?”

“De mim.”

“E como eu vou receber?”

“Esta noite um mensageiro irá levar para você. Mas se um dia escapar uma palavra de que esse homem não sou eu, vou saber que me traiu. E irei atrás de você. Irei até sua taverna em Roma e vou quebrar cada um dos barris, e depois vou pôr fogo no lugar.”

“Ah, isso nunca vai acontecer. Mas, talvez um dia, você vá me visitar e queira lutar comigo como lutou com este homem, e então eu vou lhe servir uma taça do melhor vinho da cidade”, Thord respondeu. “Este dia está sendo muito bom para mim!”

Ben-Hur olhou para o homem caído no chão.

“Mas para ele não”, Thord acrescentou.

Não foi agradável despir aquele corpo. A pele estava esfriando e a roupa de baixo não estava nada limpa. Ben-Hur ficou surpreso com a sensação desagradável que experimentou. Um choque maior ainda veio quando ele e Thord vestiram suas roupas naquele corpo e o ajeitaram no chão. Com o robe de Ben-Hur, seu cinto e o solidéu jogado ao lado, aquele corpo parecia sinistramente familiar.

“Poderia ser você”, Thord disse, satisfeito. Ele se agachou para aproximar mais o solidéu do

corpo.

“Poderia *ter sido* eu”, Ben-Hur disse em voz baixa.

Capítulo 32
DÚVIDA

Aquela imagem acompanhou Ben-Hur pelo resto do dia. Ou talvez tenha sido a ideia. Ele, morto. Ou… uma versão dele? Um homem podia se tornar homens diferentes ao longo da vida?

Claro. Ele próprio percebeu que tinha feito isso. Ele foi o filho de um príncipe, um escravo de galé e um aristocrata romano.

Ele imaginou que poderia simplesmente colocar um robe judeu e, assim, retomar seu nome, tornando-se de novo outra pessoa?

Parecia que sim. Ben-Hur pensava em, quem sabe, um tipo de vida que ele poderia assumir. A de um judeu próspero, respeitável. O tipo de homem que seu pai foi. Para, então, ir a Jerusalém fazer perguntas a pessoas importantes e descobrir… o quê? No fundo do seu coração ele ainda acreditava que sua mãe e Tirzah continuariam lá, esperando por ele?

Talvez essa ideia tivesse ficado escondida em algum lugar. Apesar de tudo o que aconteceu com ele. Escondida atrás do que ele pensava serem seus motivos e planos. Mas estava na hora de ele abandonar aquele sonho de reunir a família feliz.

De qualquer modo, ele não era mais aquele homem. Todos os anos passados em Roma aprendendo a ser violento – ele não poderia simplesmente apagá-los. A violência estava ali, era parte dele. Como o cadáver no palácio de Idernee podia comprovar. E Messala, com sequelas para sempre. Sem ele querer, a imagem de um corpo flutuando no mar em chamas lhe veio à mente: o primeiro homem que ele matou. A contagem de corpos, pelo que parecia, estava crescendo. Aquilo era algo com que ele teria que se acostumar. Atacar primeiro, com frieza. Matança com um objetivo. Quando ele matou da primeira vez, foi em legítima defesa. Ferir Messala foi um ato de vingança. Matar aquele desconhecido, seu sósia, tinha sido um ato impiedoso de agressão. Mas o corpo ficaria com seu nome, permitindo que Ben-Hur sumisse.

Aquilo era perturbador. Oh, ele entendia como aquilo seria útil. Simonides iria procurá-lo publicamente e insistir que o novo cônsul, Maxentius, investigasse o desaparecimento. Não iria demorar para que Messala ficasse sabendo que seu inimigo, Ben-Hur, estava morto. Logo, o procurador em Jerusalém receberia a notícia. Ninguém mais o procuraria. Ele estaria livre. Livre, mas sem nome. E quando não se tem um nome, como se tornar outra pessoa?

Ele se separou de Thord no centro agitado e fervilhante de Antióquia. Ninguém iria reparar, em meio àquelas multidões, dois homens vestindo roupas normais que andavam juntos, depois não mais. Mesmo assim, Ben-Hur não se sentiu à vontade para voltar à casa de Simonides. E se Messala tivesse mandado alguém para vigiá-la? Ou vigiá-lo?

Mais uma vez, como em seu primeiro dia em Antióquia, ele se viu seguindo a multidão.

Retornar ao Bosque de Dafne? Por que não?

É claro que tudo parecia ser diferente de quando ele esteve ali em sua primeira visita. Ben-Hur percebeu que, no curto tempo que passou em Antióquia, tinha se acostumado com a exuberância e a variedade do lugar. Ele não se surpreendeu com a coleção de visitantes exóticos nem com a alegria despreocupada dos servos do templo. Ele se sentou debaixo de uma árvore, vagou ao longo de um riacho, decidiu não visitar o estádio.

Mas ele não ficou surpreso quando se viu a caminho da Fonte de Castália, onde tinha revisto Messala pela primeira vez – e conhecido Iras também. Ele iria tirar a sorte com Malluch naquele primeiro dia, mas não deu certo. Por que não ver o que o oráculo tinha para dizer, afinal?

A fonte estava tão apinhada quanto no primeiro dia, e ele teve que abrir caminho em meio à multidão para chegar ao sacerdote. Ele sentiu náuseas por um instante quando percebeu que teria que usar o dinheiro do homem morto para pagar pela sorte, e teria desistido se não fosse uma mulher que o empurrava e lhe dizia para andar logo. Então, ele enfiou a mão na bolsa do morto e tirou algumas moedas.

O sacerdote mergulhou a folha de papiro e a entregou para Ben-Hur, olhando ao fazê-lo. Ele franziu a testa e a mergulhou de novo.

“Às vezes isso acontece”, ele explicou com um murmúrio. Mas nenhuma palavra apareceu.

Então, ele escolheu outra folha e mergulhou na água que passava por entre suas pernas. Essa também veio sem nada escrito.

O sacerdote sinalizou para Ben-Hur se afastar e submergiu a folha da mulher ansiosa. Ben-Hur viu que letras apareceram, mas ela tirou o papiro de vista antes que ele pudesse ler.

“Mais uma vez”, sugeriu o sacerdote.

Ele mergulhou uma terceira folha e a entregou para Ben-Hur com um olhar penetrante.

“De tempos em tempos isso acontece”, ele disse.

“Eu não tenho uma sorte? Um futuro?”

O sacerdote deu de ombros.

“Eu só leio o que está escrito. Não sei o que significa. Eu sempre penso, quando nenhuma palavra aparece, que os próprios deuses não sabem o que vai acontecer com aquela pessoa.”

Ben-Hur deixou o papiro cair enquanto se afastava. Aquilo não o ajudou em nada.

A noite acabou chegando e ele sentiu que seria seguro retornar à casa de Simonides. Ele esperava entrar discretamente, trocar de roupa e se lavar antes de ver Esther ou o pai, mas a moça o encontrou no térreo assim que ele entrou.

Ela olhou surpresa para o robe grosseiro e as sandálias pesadas. Então, Esther fitou o rosto dele e apertou os olhos.

“Que a paz esteja consigo”, ela falou, afinal, como se percebesse que estava sendo rude. “Estamos felizes que tenha voltado.”

“E também com você”, ele respondeu. Era difícil saber o que mais dizer. *Eu matei um homem hoje? Eu não existo mais? Quem sou eu? O que vai ser de mim?* Então ele apenas sorriu.

Esther estendeu a mão e tocou o robe, balançando a cabeça.

“Venha comigo até a cozinha”, ela disse. “Vou limpar seu rosto de novo.”

Ele a seguiu até a espaçosa cozinha nos fundos da casa, onde ela acendeu várias lâmpadas a óleo e as colocou no alto de um armário para criar uma nuvem de iluminação.

“Sente-se”, ela o instruiu, enchendo uma tigela de água.

Ele se sentou em um banco baixo e deixou que ela limpasse seu rosto. Já tinha parado de doer. Ele sabia que estava sarando. O lugar estava sossegado e ele gostava de sentir que Esther se preocupava.

“Essas roupas não são suas”, ela afirmou.

“Não.”

“Posso queimá-las?”

“Depois que eu as tirar, pode”, ele respondeu.

“Espere aqui.” Ela saiu da cozinha e ele a ouviu dando instruções para uma criada.

“Dinah vai trazer um robe limpo para você.” Esther se encostou em uma mesa e olhou para ele. “O que aconteceu hoje?”

Ele não respondeu, apenas baixou os olhos para as mãos.

Ela se afastou da mesa e esvaziou a tigela de água em um tanque, torcendo o pano, em seguida.

“Nada de bom, pelo que parece”, ela disse quando voltou para perto dele. “Eu nunca conheci um campeão de jogos romanos, mas não me parece que você passou o dia comemorando sua vitória.”

“Não.” Ele levantou os olhos para ela. Olhos verdes e firmes o encaravam.

“Meu pai ficou preocupado”, ela disse, a voz neutra.

“Eu tive… que fazer uma coisa. Isso acabou não saindo do modo que eu imaginava.”

“Foi melhor ou pior?”, ela perguntou. Seu tom era amistoso.

“Não sei.” Ele deu de ombros. “Mais violência. Eu matei um homem.” Ela não reagiu. “Ele ia me matar. Messala o enviou.”

“Messala! Ele teve força para isso?”

“E ódio, ao que parece.”

“Mas você não pode…” Ela franziu a testa quando as implicações ficaram claras. “Ele pode encontrá-lo… foi por isso que você ficou fora o dia todo?”

Ben-Hur assentiu.

“Em parte. É sabido que estou hospedado aqui. O poder dele, ao que parece, continua grande.” Quando ele se levantou e se esticou, sua sombra correu pela parede. Caminhou até a porta e olhou para fora, então voltou.

Ele continuou se movendo pela cozinha enquanto falava, pegou um copo como se nunca tivesse visto um e o recolocou com cuidado na prateleira.

“Mas Ben-Hur agora está morto.” Ele olhou para Esther enquanto explicava. “O homem enviado para me matar poderia ser meu gêmeo, então eu tirei as roupas dele e o vesti com as minhas. Vou pedir ao seu pai que mande me procurar. Talvez encontrem esse corpo. De qualquer modo, vai haver uma comoção. O cônsul vai ter que dar atenção por causa da corrida de quadrigas. A notícia vai chegar a Roma e Messala acreditará que estou morto.”

“Bem, isso é uma coisa boa”, Esther concordou.

“Mais do que isso, é algo necessário.” Ele voltou para o banco e se sentou, olhando novamente para ela. “Eu agora estou livre para ir até Jerusalém procurar minha família. Teria sido perigoso fazer isso enquanto o filho de Hur estivesse vivo. Para falar a verdade, não espero encontrá-las. Mas eu preciso saber que tentei. E quero rever Jerusalém.”

“E depois disso? Você vai participar desse plano que meu pai e o Sheik Ilderim elaboraram?”

Ele levantou as mãos que repousavam nas pernas.

“Eu acho que preciso. As circunstâncias me levam a isso. Eu não existo mais como Judah Ben-Hur. Mas eu preciso fazer alguma coisa, e isso é algo que posso fazer. Eu acho.”

“Pelo que disse antes, você já possui o treinamento necessário”, Esther o lembrou.

“Sim.”

“Você acredita que esse Rei está mesmo vindo?”

“Não tenho certeza”, ele confessou. “Mas eu acho que não importa para mim. Eu me transformei em guerreiro para executar minha vingança contra Roma. O povo judeu não tem um exército e eu posso ajudar a levantar um. Como posso me afastar disso?”

“Parece um plano solitário”, Esther disse. “Se você tivesse o conforto da crença, seria mais fácil de suportar.” Ela se levantou e alisou seu robe. “Dinah vai voltar logo com suas roupas. Vou dizer ao meu pai que você voltou, mas o resto eu deixarei para você contar a ele.” Ela fez uma

pausa. “Sei que não cabe a mim dizer isso. Sou jovem, mulher e sua escrava. Mas você parece triste, então pode ser útil ouvir o que meu pai uma vez me disse. Depois da segunda surra que os romanos lhe deram, eu perguntei por que ele continuava a administrar os negócios da sua família, e ele me respondeu que às vezes o melhor caminho a seguir é simplesmente fazer aquilo que aparece. Isso pode ser verdade para você também.”

Capítulo 33
RETORNO

Ben-Hur deixou Simonides tomar as providências para sua viagem. Havia um navio indo para Jafa, cheio de especiarias do Oriente. Para Ben-Hur estava reservada uma cabine com um cheiro forte de cravo-da-índia. De Jafa ele partiu montado em uma bela mula, declinando a oferta de um camelo. Depois das orelhas elegantes dos cavalos árabes, as longas orelhas da mula eram desconcertantes, mas tratava-se de uma criatura amistosa. Ele ficou triste por se separar dela na Porta de Jafa em Jerusalém. Ela foi uma boa companhia durante a viagem.

Judah se viu hesitante diante da porta alta, imponente. A muralha de pedra da cidade se elevava diante dele, encontrando o céu com dentes irregulares, enquanto a porta em si estava cercada pelo tumulto de sempre. Um par de cachorros magros lutava por um osso, um peixeiro afiava sua faca, duas mulheres com véus e cestas de compras discutiam por duas romãs. O sol deixava o ar quente e seco, mas as sombras estavam ficando mais compridas. O que ele estava esperando? Avistou um garoto esguio chutando areia com o pé enquanto roía uma tira de carne-seca. Cabelo escuro, uma túnica que tinha começado o dia branca, mãos grandes demais para os braços que as sustentavam – Ben-Hur meneou a cabeça. Ele tinha sido assim. Observou o garoto que olhava tudo: os olhos passavam pelas multidões, captando detalhes, ouvindo pedaços de conversas.

Ele seguiu o garoto pela porta e entrou em seu próprio passado. As ruas, com largura apenas suficiente para serem confortáveis, mas, ao contrário das avenidas retas construídas pelos romanos em Antióquia e Roma, não para exibições. Tudo ficava preso nos estreitos canais de ar entre as paredes douradas. O barulho! Vozes elevadas em discussões, elogios, insultos, cumprimentos, polêmicas, reclamações… palavras que Ben-Hur compreendia sem precisar pensar nelas como palavras. Os odores! Pó, animais, um cheiro penetrante de resina vindo das colinas, um fogareiro a carvão, o aroma cítrico quando o feirante cortou uma laranja… Ben-Hur se pegou sorrindo. Lar.

Ele trombou com um carpinteiro e se desculpou, foi compreendido e desculpado com um sorriso rápido. Ele ajudou uma mulher a equilibrar um jarro sobre o ombro. Ela o abençoou. Um par de sacerdotes o empurrou de lado, concentrados em sua discussão, os passos sincronizados indo para o templo, sem nem olhar para o caminho. Um vendedor de pombos fez uma ave branca entrar na gaiola de vime, embolsou algumas moedas e a entregou para um cliente. Lar!

De repente, ele tinha que ver tudo, então enquanto o sol sobre as colinas ia ficando cada vez mais vermelho, ele andou de ponta a ponta pela cidade, passando por vielas que nunca tinha visto e através dos jardins do palácio onde se encontrou com Messala anos atrás. Ele entrou no

pátio do templo, mas saiu rapidamente, afastado por sua própria agitação. No fim da tarde, ele se encontrou sentado em uma rocha no meio da subida do Monte das Oliveiras. Seus pés estavam doloridos e seu robe, empoeirado. Sua cabeça zumbia com as coisas que ele tinha visto e ouvido – uma palavra mais que todas: *Shalom*. Paz. O cumprimento convencional na Judeia. “Que a paz esteja consigo.” A resposta educada era “E com você também”.

Paz. O que isso significava para os judeus? Para ele? A paz seria possível? Messala falava da *pax romana*, a paz que o Império Romano levava às terras que ocupava. Aquilo era mesmo paz? Se fosse, paz para quem?

Ela poderia mesmo ser desafiada? Sentado ali, naquele fim de tarde dourado, observando a cidade em que nasceu, Judah especulava. Simonides e o Sheik Ilderim foram tão persuasivos, mas estariam certos? Teria chegado o momento de se livrar do jugo romano?

Ele se recostou e colocou as mãos no chão poeirento atrás da rocha em que estava sentado. Acima dele, o céu ia perdendo o brilho e desbotava para um tom de rosa prateado. Ele fechou os olhos e sentiu o solo rochoso sob suas palmas. Cada pedra tinha seu próprio significado. Ele deixou a cabeça cair para trás e perdeu a noção de onde seu corpo estava. Pés, mãos, nádegas – perto da terra. Enraizado. Ele rolou de cima da rocha e ficou de bruços no chão da colina, a face encostada no solo poeirento que ainda continha um pouco do calor do dia. Ele se sentiu como se estivesse abraçando a terra. Judeia – seu lar.

Ainda assim, aquele não podia ser seu lar porque Judah Ben-Hur era um fora da lei. Àquela altura, sua história estava sendo contada em toda parte. O filho de Arrius, o garoto judeu mandado para as galés e o vencedor da corrida de quadrigas eram a mesma pessoa. Era óbvio que ele possuía amigos poderosos e um ressentimento com Roma. O cadáver no chão do palácio de Idernee criaria certa confusão, mas Ben-Hur sabia que nunca seria seguro usar seu próprio nome. A menos que os romanos fossem expulsos. E quem melhor do que ele para fazer isso?

Ele se sentou, depois se levantou e limpou o robe com as mãos antes de começar a descer a colina. A trilha era estreita e a noite se aproximava. À frente dele, o contorno de Jerusalém perdeu seus detalhes para o sol poente, mas a Fortaleza Antônia mantinha-se alta e altiva, um retângulo preto bem definido. A executora da *pax romana*. Prisão, diziam, de centenas de judeus. Malluch tinha feito perguntas, a partir de Antióquia, a respeito da mãe e Tirzah, mas ele não foi à fortaleza. Essa seria a tarefa de Ben-Hur no dia seguinte. Enquanto isso, ele faria algo dificílimo: ele visitaria o Palácio Hur, o lar de sua família dentro do lar de seu povo. Ele não podia mais adiar isso.

Capítulo 34

IMPURAS

É melhor executar certos atos na escuridão. Outros, à luz do dia.

Quando Pôncio Pilatos sucedeu Valerius Gratus como procurador de Jerusalém, ele chegou sem desfile militar. Em vez disso, sua comitiva substituiu os soldados enviados durante a noite, discretamente. Sem desfile, sem protestos, nem tumulto. Aquilo pareceu ser sábio.

Então Pilatos pensou na administração de Gratus e em como a sua poderia ser considerada diferente.

"As prisões", sussurrou um conselheiro. "Você vai ver que pode libertar alguns dos detidos. Essa é sempre uma jogada popular."

Uma jogada para se fazer à luz do dia. Os portões rangeram ao serem abertos; criaturas macilentas e amedrontadas saíram da fortaleza, algumas recebidas por membros chorosos da família que há muito as acreditavam mortas. A culpa recaiu sobre administrações anteriores. Pilatos era a vassoura que limparia tudo.

Incluindo a Fortaleza Antônia, na própria Jerusalém. Um mapa das celas foi encontrado, a lista de prisioneiros conferida. As celas foram visitadas. Isso demorou dias. Muitos indivíduos foram soltos. As celas iam muito abaixo das muralhas, mais do que o próprio administrador da prisão sabia. O vinco de preocupação entre as sobrancelhas dele foi se acentuando conforme os dias passavam e ainda mais níveis subterrâneos eram descobertos. Quando ele tentou imaginar seu relatório para o tribuno, que se reportaria diretamente para Pilatos, ele sentiu náuseas. Não havia nenhum registro do que ele estava encontrando.

Era sempre noite naquelas celas. De algum modo os prisioneiros tinham recebido comida e água. Outra falha na organização; como isso podia ter passado despercebido? Mas era uma falha positiva. Várias vezes as portas das celas foram abertas para não se encontrar nada além de esqueletos vestidos por uma pele em pedaços. Que desgraça! Roma era severa, o administrador pensou, mas não deveria ser maldosa.

Valerius Gratus, contudo, não tinha sido um romano exemplar. Nos níveis mais baixos das masmorras, o administrador e seus subordinados horrorizados encontraram prisioneiros cujas línguas foram cortadas. Ou foram cegados. Ou as duas coisas. O administrador começou a pensar em como devolveria aquelas criaturas patéticas para suas famílias – que tinha sido a promessa de Pilatos. Ele estava subindo a escadaria, carregando sua própria tocha, quando um dos carcereiros o chamou de volta.

"Este aqui não quer sair", o carcereiro disse, apontado para o que parecia ser um esqueleto vivo. Ruídos saíam dele, de algum lugar atrás do cabelo e da barba que escondiam seu rosto. Ele apontava para sua cela e gesticulava.

“Ele quer que nós entremos. Deve querer nos mostrar algo.”
“Ele consegue entender?”, perguntou o administrador. “Ele entende que nós o estamos libertando?”
“Sim. Mas ele continua nos puxando para lá. Deve ser importante.”
“Receio ter que concordar com você”, disse o administrador.

* * *

Não era hora para ruídos. Pelo menos com relação à forma como elas entendiam as horas. Era sempre difícil e estava ficando cada vez mais. Mas com certeza o prato tinha sido passado pela fenda havia umas poucas horas. Como se horas quisessem dizer alguma coisa. Ainda assim, era uma mudança ouvir barulho pela fenda.
Então, veio a coisa mais estranha. Mesmo depois de tudo, Tirzah ainda se lembraria do choque profundo que foi aquilo.
Luz. Um brilho dourado. De onde aquela palavra veio? Do chão. Através da fenda.
“Mãe!”, ela sussurrou.
Sua mãe não falava há algum tempo, mas Tirzah a tinha ouvido se mover. Delicadamente, com o maior cuidado, só passando as costas da mão pelo chão. Porque os dedos…
Ela ouviu algo farfalhar. Então, um sussurro ali perto. Junto ao chão.
“O que é isso?”
O brilho se afastou.
“Olá?”, uma voz o substituiu. Uma voz! A voz de um homem! Um homem saudável, forte! “Tem alguém aí?”
Tirzah se sentiu sendo apertada. Era a mãe, empurrando-a para frente. Ela se aproximou da fenda.
“Sim”, ela disse. Ou tentou. Foi um resmungo. “Sim!”, ela repetiu. “Somos duas.”
“Quem são vocês?”
“Mulheres de Israel. Quem são vocês?”
“Funcionários romanos. Viemos para libertar vocês.”
“Deus seja louvado”, Tirzah ouviu a mãe murmurar. “Água?”
“Água?”, Tirzah sussurrou.
“Sim, é claro”, a voz masculina respondeu. “Agora mesmo. Só um instante…”
“A luz?”, ela pediu. “Pode deixar?”
“Sim. Sim.” O brilho voltou.
Ela se afastou da fenda. Luz! Ela…. ela mostrava coisas! Um semicírculo no chão junto à fenda, liso como mármore. Polido por elas, Tirzah supôs. Por sua mãe e ela durante todo o tempo que ficaram ali. O prato de madeira simples. Ela virou o rosto para o lado. Seus olhos já estavam cansados. O resto da cela parecia mais escuro. Ela não conseguia ver a mãe.
“Onde você está?”, ela sussurrou.
“Aqui.” Fora do brilho, um movimento débil.
“Mãe…” Tirzah rastejou até a mãe. “Mãe! Isto é…? Isto é real, não é?”
O brilho diminuiu.
“Água”, disse a voz. “Passando. E comida também. Mas onde está a porta?”
O som familiar: uma tigela de água passando pela fenda. Seguido por um prato.
Naomi se aproximou.
“Obrigada”, ela sussurrou.
“O que foi? Não entendi o que disse.”
“Obrigada”, ela repetiu o mais alto que pôde. “Não existe porta.”
“Pelos deuses”, a voz disse, afastando-se da fenda. A luz voltou, mostrando a água. E no

prato…

“Uvas! Mãe, uvas!”

“Devagar”, avisou Naomi. “Uma. Faz tanto tempo…”

“Eu sei.”

Cada uma comeu uma uva, lentamente. Elas beberam um pouco de água. Lá fora, batidas. Marretas, talvez.

“Outra?”, Tirzah perguntou.

“Acho que sim.” Cada uma delas comeu outra uva.

Uma pedra caiu nos fundos da cela. Onde elas dormiam. Há muito tempo elas chamavam o lugar de dormitório, para manter a moral. Uma breve chuva de entulho se seguiu.

Tirzah se deitou, de repente, exausta. Ela fechou os olhos e os cobriu com as mãos, para se proteger da luz. Então os descobriu, rolando a cabeça na direção da fenda para ter certeza de que a luz continuava ali.

* * *

Demorou horas. Originalmente havia uma porta, mas foi fechada com pedras e argamassa. Às pressas, os trabalhadores disseram ao administrador. Alguns anos atrás – mas não 50. Menos de dez. Havia prisioneiros ali? Mulheres? Temos que ir devagar, então. E se elas forem soterradas por uma avalanche de entulho?

O administrador ficou ali. Por algum motivo ele sentia que não podia deixá-las, embora tivesse a sensação de que a avalanche de entulho poderia ser a solução mais fácil. Qualquer que fosse a história que essas mulheres tivessem para contar, não seria boa para a imagem de Roma.

Elas estavam muito quietas. Ele ficou pensando naquela que tinha lhe agradecido. *Agradecido!* Por uma tigela de água e algumas uvas.

* * *

Finalmente, um buraco foi aberto no alto do que tinha sido a porta.

“Olhe!”, Tirzah sussurrou, mas sua mãe não respondeu. Teria adormecido? Mais luz passou pelo buraco. A cela era mais alta do que Tirzah imaginava.

Depois disso, foi mais rápido. Os trabalhadores encontraram o desenho da abertura. As pedras e a argamassa foram puxadas para fora, para o corredor. A luz começou a se espalhar pela cela.

O administrador voltou a falar com elas. Ele tirou a tocha de perto da fenda.

“Fiquem longe da parede. As pedras continuam caindo. Mas nós vamos conseguir passar logo. Vocês querem mais água?”

“Não”, Tirzah respondeu. “Mas… cobertas? Nossas roupas… Não temos roupas.” Ela ouviu uma movimentação quando ele se afastou e deu ordens para alguém do lado de fora.

* * *

“Cobertas. Ou capas. O que conseguirem encontrar”, ele disse para os carcereiros. “Elas devem estar fracas.”

“O que nós vamos fazer com elas?”, o carcereiro-chefe perguntou.

“Não posso saber até poder ver como estão”, o administrador respondeu. “Encontre uma cela limpa para elas, lá em cima, com janela e um balde grande. Este cheiro… Não podemos soltá-las do jeito que estão. Elas precisam ser limpas. Alimentadas, é provável, por alguns dias. Vão

precisar ser examinadas por médicos. Temos que descobrir por que estão aqui. E somente então, vamos tentar encontrar a família.”

“Uma mulher de Israel, foi o que ela disse”, comentou o carcereiro. “Pareceu instruída. Quando forem soltas, isso vai dar problema.”

“Para Valerius Gratus, não para Pilatos. Pilatos vai receber o crédito de libertá-las.”

“Olá, passamos!”, gritou um dos trabalhadores. “Vocês precisam…” Então, um clangor. Ele deixou cair as ferramentas. Sob a luz trêmula da tocha, o administrador viu o homem cambalear para trás em meio à pilha de entulho. Ele virou os olhos arregalados para o administrador.

“São leprosas!”, ele gritou e correu para a escadaria.

“Impuras”, veio um fio de voz de dentro da cela. “Impuras, impuras!”

A contragosto, o administrador se aproximou para olhar e se arrependeu no mesmo instante. Ele sabia que se lembraria daquela visão para sempre.

Ele nunca tinha visto um leproso de perto. Bem, ninguém via. Um toque bastava para espalhar o mal – e que doença horrível era aquela. A pele parecia devorar a si mesma, diziam. Os dedos caíam, e também o nariz. As pálpebras encolhiam, rachavam ou desapareciam. Alguns leprosos ficavam cegos. A maioria tinha a voz estranha, estridente, como as mulheres daquela cela. Com o tempo, os órgãos internos endureciam e paravam de funcionar. Era uma morte lenta, durante a vida. E as mulheres na cela estavam a meio caminho de se tornarem cadáveres.

Ainda bem que tinham cabelo. O delas tinha crescido muito. Estava ressecado, armado e branco, meio amarelado, mas longo o bastante para esconder… muita coisa. Elas tinham virado de costas, mas ainda assim seus pés quase não eram humanos. Uma delas estendeu a mão para se cobrir mais com o cabelo, mas o que ele viu foi quase uma garra. Aquilo não era uma mão.

“Impuras”, uma delas repetiu. “Não toquem em nada da cela. Nem o chão, nem a parede. E queime tudo o que nós tocamos.”

O administrador se afastou da cela.

“Estou fora de alcance”, ele disse. “Mas eu preciso saber quem são vocês e por que estão aqui. Se tiverem força para me contar.”

A mais rouca falou. Ele preferia que a outra tivesse falado, – era mais fácil compreendê-la. Mas essa, evidentemente, era a mais velha.

“Eu sou a viúva do Príncipe Ithamar da Casa de Hur, desta cidade. Ele era um homem de negócios, amigo dos romanos daqui e até de César. Esta é minha filha. Nós não sabemos por que estamos aqui. Por que não pergunta a Valerius Gratus? Foi no dia em que ele chegou que fomos tiradas de nossa casa.”

“Nós não sabemos há quanto tempo estamos aqui”, acrescentou a filha.

“Gratus não é mais o procurador”, disse o administrador. “Foi o sucessor dele, Pôncio Pilatos, que decidiu investigar as prisões da Judeia.”

“Então abençoado seja ele”, disse a mais jovem.

“Eu vou mandar que tragam roupas e água para vocês. Água para que se lavem, também. Mas não posso fazer mais nada. Vocês serão levadas para o portão da fortaleza e libertadas esta noite. Será que conseguem comer um pouco mais?”

“Acho que sim. Mas posso lhe fazer uma pergunta, já que você parece ser um homem bom? Talvez tenha ouvido algo em Jerusalém sobre o meu filho? No mesmo dia ele foi levado por uma tropa. Será que existe a possibilidade de ele estar em uma das celas? Talvez vocês o tenham libertado hoje?”

Ele mal conseguiu ouvir as últimas palavras, tão baixas que foram pronunciadas. Ele demorou um instante para conseguir formular uma resposta.

“Sinto muito”, ele disse. “Não encontrei nenhum prisioneiro… Você disse que o nome é Hur?” A mulher de cabelo branco assentiu. “Eu vi todas as listas. Esse nome não estava em nenhuma delas.”

A notícia pareceu atingi-la como um golpe, pois ela desmoronou sobre a filha. Houve algo de grotesco no gesto de afeto e carinho com o qual a filha deixou a mãe no chão.

“Obrigada”, disse a filha. “É uma notícia ruim. Mas acredito que seja melhor saber do que ficar na dúvida.”

O administrador cumpriu o que prometeu; fez mais, na verdade. Vestidos, véus, sandálias – *elas conseguiriam usar sandálias com aqueles pés?*, ele se perguntou – foram providenciados e entregues às mulheres. Dois conjuntos de tudo para cada uma. Uma cesta foi abastecida de pão, frutas secas e uma garrafa de água. Como elas sobreviveriam? Um dia após o outro, ele imaginou, até que a morte viesse buscá-las.

Capítulo 35
LIVRES

O imenso portão da Fortaleza Antônia rangeu enquanto se fechava atrás delas, até terminar o movimento com um estrondo retumbante. Elas ficaram sob a sombra das muralhas, de mãos dadas. Tirzah achou que deveria carregar a cesta, mas os dedos de sua mão direita eram meros tocos, então Naomi a segurou.

Tudo era estranho. O robe parecia áspero em contato com a pele, assim como as sandálias nos pés. O cabelo era ruidoso, sibilando e estalando ao redor das orelhas. O próprio ar passava por elas como um ser vivo, trazendo aromas e sons que não conseguiam identificar.

Tirzah não se atreveu a olhar para a mãe. Já era ruim o bastante ver, sob a luz fria do luar, a pele de seus próprios pulsos coberta com escamas grossas e cinzentas ou, pior, com vergões vermelhos. Seus pés estavam nas mesmas condições, só que em alguns lugares os vergões sangravam. Contudo, ela sabia que isso não era o pior. Tirzah nunca mais poderia olhar para um espelho d'água para se admirar; ela estava certa disso. Qualquer que fosse sua aparência, provocava horror nos outros. Todos que a tinham visto nas horas que se seguiram à sua libertação estremeceram e ficaram de boca aberta. Ela sabia que havia algo de errado com seus olhos; parecia que eles não fechavam por completo. E sua boca. Ela teria levantado os dedos bons para tocá-la, mas eles estavam com pouca sensibilidade e ela achou que não queria saber. Tirzah receava que os lábios tivessem sumido.

Elas ficaram tremendo, ali, durante vários minutos, esperando se sentirem fortes o bastante para andar.

"Não podemos ficar aqui", Naomi disse, afinal.

"Não", Tirzah concordou com um sussurro.

"Nós precisamos estar fora da cidade antes do nascer do dia."

"Eu sei", Tirzah fez uma pausa. "Não me sinto muito forte."

"Não. Nem eu. Então, vamos agora. E fique nas sombras. Puxe o seu véu."

Elas partiram. Era uma noite calma – intencionalmente, o guarda manteve as duas na fortaleza até depois da meia-noite, quando a cidade dormia. Elas estavam tão frágeis que ele não acreditava que fossem chegar ao seu destino. E uma vez lá, como viveriam? Elas mendigariam, para conseguir comida? Se arrastariam pelas ruas de Jerusalém segurando uma cesta para recolher moedas? Quem se aproximaria o bastante para lhes dar qualquer coisa? Elas morreriam de fome. Ou da doença. Elas morreriam de qualquer modo.

O progresso foi lento para as duas mulheres. Elas se arrastaram junto às paredes, apoiando-se uma na outra com frequência; os pés deformados tiravam-lhes o equilíbrio. As ruas estavam

vazias e lâmpadas brilhavam no alto da Fortaleza Antônia. Tirzah pensou em fazer algum comentário. Ela tomou fôlego, mas o esforço era demais.

“Você sabe onde nós estamos?”, Naomi sussurrou.

Tirzah não sabia. Quando garota, ela mal saía de casa, e nunca sozinha. Ela não aprendeu como eram as ruas da cidade.

“Olhe.” A mãe apontou para a esquina. Havia um muro comprido com telhado. Uma palmeira indicava um jardim. Uma estrutura menor se elevava sobre o muro…

“Nossa casa?”, Tirzah exclamou.

“Era nossa casa”, Naomi respondeu. “Ela fica no nosso caminho.”

Tirzah se endireitou, observando o gazebo sobre a casa.

“Nós estamos na rua em que tudo aconteceu?”

Ela não precisou explicar o que quis dizer.

“Estamos”, a mãe respondeu. “Vamos passar pelo lugar exato.”

“Então vamos fazer uma coisa”, Tirzah disse. “Eu carrego a cesta um pouco.”

Elas precisaram de longos minutos para cambalear aquela curta distância até a esquina do velho Palácio Hur. Uma vez lá, Naomi olhou para cima. A lua cheia espalhava um brilho prateado por todas as superfícies. As sombras, por outro lado, eram profundas. As folhas da palmeira farfalhavam, mas nada mais se movia além das duas mulheres de cabelos e robes brancos.

“Os muros”, Tirzah sussurrou. “O que é isso?”, ela apontou para uma fissura na argamassa com um de seus dedos encurtados.

“Está malcuidado”, Naomi respondeu. “Acho que ninguém mora aqui. Nada foi conservado.” Ela empurrou uma pilha de cacos de telhas com a sandália. “Está vendo, as telhas estão caindo.”

Elas se arrastaram pelo muro até o portão.

“E o que é isto?”, Tirzah perguntou. Ela colocou a cesta no chão e deu um passo à frente. “Parece um lacre. Eles lacraram a nossa casa?”

“Para manter os ladrões fora, talvez. Mas veja, Tirzah. Oh, veja essa placa!” Um palmo acima da cabeça delas havia uma placa de madeira, que já tinha sido firme. As letras eram mais definidas quando, oito anos atrás, alguém escreveu: *Esta é uma propriedade do imperador.* Agora, a tinta tinha desbotado, mas a mensagem continuava ali.

“‘Propriedade do imperador’?”, Tirzah perguntou. Ela sabia que deveria entender. O que isso significava? Que o imperador era o dono da casa delas?

“Eles pegaram tudo”, Naomi suspirou. Ela deu as costas para o portão imenso e foi deslizando até ficar sentada. “Não sobrou nada para Judah!”

Tirzah deu cinco passos cambaleantes para trás e observou o que podia da grande fachada. Então, ela voltou e se sentou ao lado da mãe.

“Eu não me lembrava… É tão grande. Imponente. Eu não sabia. Nós vivíamos no luxo, não é?”

Naomi concordou.

“Na época só parecia que vivíamos com conforto. E, é claro, nós hospedávamos todos aqueles criados. E os inquilinos.” Ela enterrou a cabeça nas mãos. “Eu nunca pensei…” Seu fio de voz ficou mais alto. “Não sobrou nada para Judah!”

“Mãe”, Tirzah sussurrou de repente, com raiva. “Judah está morto! Ele deve estar morto, ou teria nos encontrado!”

Naomi suspirou.

“O que você lembra daquele dia?”, ela perguntou.

“Muito pouco”, Tirzah suspirou. “Eu lembrava de mais coisas, mas fui me esquecendo. Eu ficava me lembrando, imaginando se poderia ter feito algo para mudar aquilo. Talvez se eu não

tivesse falado para Judah dos soldados, ele não teria se debruçado para vê-los? Eu me lembro que o acordei com uma música. E lembro de Shadrach, nosso porteiro, como eles o… O sangue.” Ela sacudiu a cabeça. “Eu nunca tinha visto a morte. E as capas vermelhas por todo lado. Aquelas armaduras. Todo aquele brilho e aquelas pontas duras. Os gritos.”

“Nada do que disseram?”

“Não”, Tirzah respondeu. “Foi tudo tão confuso. Eles disseram alguma coisa?”

“Você se lembra de que foi Messala quem acusou Judah?”, Naomi perguntou.

Tirzah se virou para ela e ficou chocada, mais uma vez, ao ver o rosto arruinado da mãe. Mas o que ela disse era igualmente chocante.

“Messala traiu Judah? O *amigo* dele?”

Naomi assentiu.

“E ordenou que o levassem para as galés. Você sabe o que é isso?”

“Navios?”

“Sim. Remados por escravos. Judah foi levado para remar em um navio romano.”

“E é por isso que você pensa que ele está vivo?”

A mãe demorou para responder.

“Não”, Naomi admitiu, afinal. “Escravos de galé…” Ela fez uma pausa. “Não consigo.” A voz dela cresceu, mais alta do que ela tinha falado até então. “Não consigo pensar no meu filho dessa forma. Esse tempo todo, eu não pensei assim e não vou pensar. Não vou!”, ela exclamou. Aquilo teria sido um grito, se ela fosse uma mulher saudável.

“Se Judah estiver vivo, mãe, ele é um escravo de galé”, Tirzah disse. “É isso mesmo? A pessoa se torna remador para o resto da vida?”

“Para o resto da vida”, Naomi concordou, encostando a cabeça no portão. “Nunca são libertados.”

“Então, o que importa? Ele está remando em um navio romano em algum lugar. Não pode nos ajudar. Ele não precisa desta casa. Ele está tão morto quanto nós!”

“Não, Tirzah”, disse a mãe. Com delicadeza, ela colocou as duas mãos retorcidas no rosto horroroso da filha. “Nós não estamos mortas. Enquanto estivermos vivas há esperança.”

“Esperança!”, Tirzah sussurrou e virou a cabeça para o lado. “Esperança de quê? Tudo o que eu espero é a morte, e quanto mais cedo chegar, melhor! Você já *pensou*, mãe? Você sabe muito mais do que eu. Você sabe onde os leprosos vivem. Você sabe o que eles podem ou não fazer. Tudo o que eu sei é o que estou vendo em você e o que sinto em mim. Mãe, nós não vamos sobreviver! Onde vamos conseguir comida? Quem vai nos dar água? Você disse para todas as pessoas que encontramos que nós somos impuras. Precisamos dizer isso para todo mundo? Precisamos anunciar isso aonde formos?”

“Sim”, Naomi sussurrou.

“Nós podemos ir ao templo em busca de bênção, consolo, sabedoria?”

“Não.”

“Por que não?”

O suspiro de Naomi foi uma respiração débil que mexeu alguns de seus longos fios brancos.

“Porque somos impuras. Nós carregamos doença e deterioração para onde formos. E não podemos ousar carregar isso até lá, onde as pessoas de Deus se reúnem na presença dele.” Ela fez uma pausa. “Nós somos consideradas mortas-vivas.”

“Mortas-vivas”, Tirzah gemeu. “Mortas-vivas! Então, por que não terminamos com a vida? Viver para que, afinal? Por que não morremos de verdade?” Ela bateu a cabeça contra o portão como se quisesse esmagar seu crânio, mas estava fraca demais para conseguir isso.

“Deus estabeleceu nossos dias”, Naomi respondeu. Ela levantou os olhos para o céu noturno. “Não cabe a nós interferir.”

Devagar e desajeitada, Tirzah se colocou em pé.

“Você tem esperança de quê?”, ela perguntou, olhando para a mãe no chão. “De que as coisas voltem a ser como eram?”

Naomi apoiou as mãos no chão poeirento e também se levantou.

“Não espero entender a bondade de Deus para comigo”, ela disse. “Não espero compreendê-lo mais do que Jó ou Abraão. Talvez a bondade dele conosco seja a morte, ou algo que não conseguimos imaginar. Vou esperar a decisão Dele.”

Tirzah se abaixou para pegar a cesta.

“Muito bem. E onde nós vamos esperar? Como se chama esse lugar?”

“Nós temos que sair da cidade pela Porta das Águas. Vamos seguir o muro da nossa casa até o outro lado, então vamos pegar a estrada estreita que desce a colina. Eu sei o caminho.”

“Ótimo. E para onde nós vamos?”

“Nunca estive lá. Só ouvi falar. Tem um poço, e ao redor dele, cavernas na encosta da colina. Nós vamos viver em uma caverna.” Ela não conseguiu dizer para Tirzah que aquelas cavernas tinham sido túmulos, e que o lugar era conhecido como Vale dos Mortos.

CAPÍTULO 36
LAR

Elas demoraram mais do que teriam imaginado ser possível só para chegar ao outro lado do palácio. Até Naomi, que pensava ter conhecido cada palmo da construção quando aquele era o lar e o centro dos negócios da família, ficou espantada com o tamanho da propriedade.

Ela também ficou horrorizada com o estado em que se encontrava. O reboco do muro tinha caído em muitos lugares, revelando os tijolos. Várias fileiras de telhas estavam faltando no telhado, e pássaros tinham feito seus ninhos ali. As paredes abaixo estavam riscadas com as fezes das aves. A visão da palmeira alta no pátio central acompanhou a lenta viagem delas ao longo do muro, e quando o luar ficou mais inclinado, Naomi viu que as folhas estavam secas e malcuidadas. Ela até pensou que podia sentir o cheiro de algo podre vindo por cima dos muros, mas ela sabia que não poderia ser verdade. Naomi estava certa de que a maior parte do seu nariz tinha sumido. Com certeza aquilo a impedia de sentir cheiros.

Elas ficaram nas sombras. Quando chegaram à esquina do palácio, ela e Tirzah cruzaram a rua para um trecho ensombrecido, porque o muro sul estava muito iluminado, a não ser pelo portão, incrustado no recuo do muro. Naomi olhou para ver se aquele também tinha a mesma placa que o portão do lado norte. O olhar dela foi atraído por um corpo enrolado. Um andarilho, ela pensou, dormindo junto ao portão. Era isso que sua casa tinha se tornado: abrigo para os perdidos da cidade. Não que ela fosse algo diferente disso.

Mas a figura na entrada se mexeu e abriu um braço. Naomi pensou ter ouvido o homem falar. Pois era um homem; ela teve certeza disso. Ela se aproximou. Algo… alguma coisa a atraiu. A forma dele? Como ela podia saber? Seus passos ficaram mais rápidos. Não podia…

Não podia ser, mas era. Ela sabia que sim. Ele estava deitado na sombra, mas ela o reconheceu. Naomi sentiu Tirzah logo atrás.

“O que foi, mãe?” Tirzah se encostou e olhou por cima do ombro da mãe. Ela sentiu a respiração da filha em sua orelha. “Mãe, é o Judah!”

Naomi se virou e enterrou o rosto no ombro de Tirzah. Ela teria chorado, mas fazia tempo que seus olhos não lhe forneciam lágrimas. Então, ela puxou Tirzah para perto do coração.

“É o Judah!”, ela murmurou no véu da filha. “É o Judah! Ele está vivo!”

“O que ele está fazendo aqui?” Tirzah se afastou da mãe, colocando uma mão em cada braço dela. Tirzah, então, se ajoelhou e estendeu a mão para o ombro de Ben-Hur.

“*Não!*”, Naomi sussurrou. “Você não pode! Impura! Não podemos tocar nele!”

Tirzah se encolheu e olhou, horrorizada, para a mãe.

“*Não…* Ohh!” Teria sido um uivo de frustração, mas ela não teve fôlego. Ela se sentou nos

calcanhares e cruzou os braços. “Não podemos tocar nele!”, ela repetiu a mãe.

“Não só isso”, Naomi sussurrou, ajoelhando-se ao lado de Tirzah. “Nós precisamos deixá-lo. Ele não pode saber que estamos vivas.”

Tirzah a encarou, chocada, então compreendeu.

“Não. É claro. Se ele souber…”

“Ele irá nos encontrar”, Naomi disse, delicada, admirando o filho. “Ele nos encontraria e tentaria nos salvar…”

“E então pegaria a doença. Ele não tomaria cuidado.” Tirzah refletiu. De algum modo, era um pensamento reconfortante.

“Ele se sacrificaria”, Naomi continuou, concordando. “Para ficar conosco.”

Por que isso era reconfortante? A visão de algo que nem iria acontecer trouxe consolo. As duas mulheres ficaram ajoelhadas, lado a lado, observando o homem dormir. A Lua se moveu, gentil o bastante para afastar a sombra do rosto dele e permitir que as duas pudessem vê-lo com clareza. Filho e irmão, o herói de que precisavam e não acordaram. Ele dormia de costas com um braço sobre a cabeça, mais lindo do que elas jamais teriam imaginado, alegrando os olhos das duas. Elas juntaram as mãos e as mantiveram assim. Ele estava lá. Vivo. Ele era lindo. Ele as salvaria, se elas permitissem.

Mas elas não permitiriam. Pelo menos isso poderiam fazer. Isso elas poderiam dar para ele. Isso as fortaleceu.

Depois de um tempo, ele se mexeu e murmurou. Naomi olhou para o céu e estremeceu.

“Olhe, nós precisamos ir; as estrelas estão sumindo! Nós precisamos estar fora da cidade antes da alvorada ou seremos apedrejadas!”

“Apedrejadas?”, Tirzah perguntou.

“É o que acontece. As pessoas jogam pedras nos leprosos para mantê-los longe.”

Tirzah se levantou e estendeu a mão para a mãe.

“Que crueldade!”

Naomi não respondeu. Ela se abaixou e beijou a sola da sandália do filho, depois encostou a bochecha ali por um longo momento. O calçado impuro, sempre deixado na entrada das casas, porque havia pisado na terra e na sujeira. Isso era o mais perto que a mãe podia chegar de seu filho, já que ela própria era impura. Tirzah pensou que ficaria com aquela imagem na cabeça para sempre e ficou espantada por um instante. Então, Naomi se virou para ela e a filha a ajudou a se levantar. Tirzah pegou a cesta e elas atravessaram a rua, de volta às sombras.

Mas elas não podiam ir embora – ainda. Não enquanto Judah estivesse tão perto! Elas se encostaram na parede e o admiraram.

“Ele parece bem”, Tirzah sussurrou. “Não… eu não podia imaginar, como escravo…”

“Eu sei. Ele está saudável, louvado seja Deus.” Naomi afundou o rosto no que restava de suas mãos. “Isso faz tanta diferença! Saber que ele está vivo! Vê-lo outra vez!”

“Mas… nunca mais”, Tirzah sugeriu.

“Não.” A resposta de Naomi foi pouco mais que um suspiro.

“Ele irá chorar por nós.” Tirzah falou, e Naomi só concordou com a cabeça. A filha continuou, pensando enquanto falava. “Mas se ele nos encontrar, vai ficar conosco. E se tornará igual a nós.” Enfim, ela concluiu, “Nós precisamos estar mortas para ele para que Judah possa viver.”

“Sim, minha querida”, a mãe confirmou.

Minutos se passaram. A Lua se moveu. As folhas da palmeira farfalharam.

“Vamos embora?”, Tirzah perguntou, enfim. “É longe?”

“É”, Naomi respondeu, mas não se moveu.

“Eu pensei que ele estivesse morto”, Tirzah disse. “Todo esse tempo na prisão. Mas você achou que ele estava vivo?”

“Eu pensei que saberia, se ele estivesse morto”, Naomi respondeu. “De algum modo.”

Houve outro silêncio longo. Então, Tirzah perguntou:

“Por que você não me falou do Messala? Por que nós nunca falamos daquele dia?’

“Não sei”, Naomi respondeu. “No começo você não falava nada. Lembra disso?”

Tirzah meneou a cabeça.

“Eu abracei você. Não consegui encontrar nenhum ferimento. Mas não importava o que eu falasse ou perguntasse, você não dizia nada. Eu até pus meus dedos na sua boca, para ver se ainda tinha uma língua, no caso de os romanos a terem cortado enquanto eu não estava olhando, embora eu tenha ficado de olho em você o tempo todo. Então, quando você falou, afinal, eu fiquei com medo.”

“O que eu falei?”

“‘Judah.’ Você perguntou pelo seu irmão. E eu tentei lhe dizer que não sabia onde ele estava. E você ficou sem falar de novo, por vários dias.”

O silêncio voltou. Do outro lado da rua, a figura deitada se mexeu. Ben-Hur virou de lado e pôs as mãos debaixo da cabeça.

“Dói muito ser apedrejada?”, Tirzah perguntou.

“Eu acho que sim.”

“Nós não podemos esperar um pouco mais?”

“Sim. Mas precisamos ir antes que ele acorde. Judah não pode nos ver.”

“Ele não nos reconheceria, mãe.”

“Não. Mas eu tenho certeza de que ele é um homem bom. Ele tentaria nos ajudar. Eu… Vê-lo e ouvi-lo falar, e não responder… Não sei se sou forte o bastante.”

“Entendo”, Tirzah disse. Ela alisou o cabelo da mãe. “Nós iremos embora logo, então.”

“Quando a sombra da palmeira nos alcançar”, Naomi disse. A sombra do tronco da árvore atravessava a rua, chegando a menos de um palmo delas.

“Tudo bem”, Tirzah sussurrou. Mas, um instante depois, ela sentiu a mãe ficar rígida ao seu lado. Naomi levantou a mão torta para alertar a filha.

Tirzah apurou os ouvidos. Lá estava: um ruído suave, regular. Passos. Vindo pelo lado do palácio. Um conjunto de passos, uma pessoa.

Naomi puxou Tirzah para mais perto do muro em que estavam encostadas. A sombra em que elas se escondiam tinha se movido, de modo que estavam quase expostas. Tirzah pegou a cesta e a colocou perto da parede. As duas mulheres mal respiravam.

Os passos eram leves e próximos. Não era uma pessoa grande, então. E também não estava se esgueirando. Afinal, a figura virou a esquina e elas viram uma mulher pequena, com véu, carregando sua própria cesta. Ela estava a meio caminho, em direção ao portão do palácio, quando viu a figura adormecida e deu um pulo para trás, levando a mão ao peito.

Ela saiu para a rua, aproximando-se de Naomi e Tirzah, para rodear o dorminhoco.

“Mãe!”, Tirzah sussurrou. “Será que é…?” Ela sentiu a mão da mãe em sua boca.

“Nenhum ruído!” Naomi falou baixo em sua orelha. “Fique imóvel; ela não pode nos ver!”

Mas enquanto elas observavam, a mulher parou e deu as costas para elas. Ela se aproximou do portão na ponta dos pés e deixou a cesta cair de sua mão. Uma laranja rolou pelo chão sem que a mulher, que se ajoelhava, percebesse. Mãe e filha ouviram uma exclamação abafada.

“É Amrah!”, Tirzah sussurrou, sem conseguir se conter.

A mãe só meneou a cabeça. As duas mulheres olhavam fixamente para o outro lado da rua.

O dorminhoco se mexeu. A cabeça virou, então ele dobrou as pernas. Mais tarde as duas concordariam que sabiam dizer o momento exato em que ele acordou. Judah ficou deitado e imóvel por um instante, então levou as mãos ao rosto.

“Judah!”, veio o grito e ele se sentou.

A mulher se abaixou e o envolveu com os braços.

“Judah!”, ela repetiu com sua voz aguda. “Judah, você está vivo!”
“Amrah?”, ele perguntou. Naomi e Tirzah se agarraram. Ouvir a voz dele! “Amrah, é você!” Ben-Hur a envolveu com os braços longos. “Oh, Amrah! Depois de tanto tempo! Eu estive procurando! Nunca pensei que encontraria alguém!” Ele a afastou e ajeitou, com cuidado, o véu da mulher. “Você está mais velha.”
“E você está um homem, Judah”, ela respondeu, com o mesmo tom de espanto. “A imagem do seu pai. Mas você está vivo!”
“E minha mãe? E Tirzah? Eu vim para tentar encontrá-las. Você sabe alguma coisa?”
Amrah sacudiu a cabeça.
“Não sei, Judah. Eu estou aqui desde aquele dia. Pensei que se elas fossem poupadas, poderiam voltar.”
“Mas como? Os romanos não tomaram a propriedade?”
“Eles não conhecem a casa como eu. Eu me escondi. Eles costumavam fazer buscas. Eu os observava enquanto eles vasculhavam o lugar. Eu esperava que alguém falasse de sua família, mas nunca falaram. E ninguém tem me incomodado há algum tempo.”
“Então ninguém sabe onde minha mãe e Tirzah estão?”
“Os romanos podem saber. Eu sou só uma criada. Ninguém me contaria nada.”
Ben-Hur esticou os braços acima da cabeça e bocejou.
“Eu acabei de voltar para Jerusalém. Hoje mesmo. Estava tão feliz por voltar que andei por toda cidade. Que bobagem minha dormir aqui! Eu só queria sentar um pouco para descansar.”
“Agora você pode descansar lá dentro”, Amrah disse com firmeza. Ela se levantou e apanhou a laranja do chão. “Eu tenho mantido seu quarto mais ou menos limpo. Você vai poder dormir na sua cama esta noite. Está com fome?” Ela o observou enquanto ele se levantava. “Você não parece estar com fome. Alguém tem cuidado de você, pelo menos.” Ela pôs a cesta no chão e o abraçou pela cintura, sua cabeça mal alcançando o peito dele. “Oh, Judah, você sobreviveu! Este é um dia maravilhoso!”
Ele deu um tapinha no ombro dela e pegou a cesta.
“A única coisa que tornaria este dia melhor seriam notícias da minha mãe e da Tirzah”, ele disse. “Mas vamos esperar que o amanhã nos traga isso. Agora me mostre a entrada secreta da casa.”
Os dois se viraram e entraram na sombra. Do outro lado da rua, Tirzah e Naomi se abraçavam. Elas teriam chorado, se pudessem. Do jeito que estavam, seus ombros sacudiam, as bocas viraram para baixo e a respiração saiu em soluços. Depois de alguns minutos elas recuperaram o controle e, sem falar, desceram pela rua estreita, afastando-se do Palácio Hur.

Capítulo 37
APEDREJADAS

Elas não andaram rápido o bastante para chegar à porta da cidade antes do dia nascer. Muito antes disso, contudo, enquanto Jerusalém acordava, elas começaram a encontrar pessoas. Elas se revezaram nos gritos de “Impuras, impuras!”

A maioria das pessoas as deixava em paz. Afinal, leprosos eram comuns, e as pessoas na rua antes da alvorada tinham trabalho a fazer, produtos para transportar ou precisavam ir para algum lugar. Estavam ocupadas demais para se importar com duas velhas doentes. No mercado, um vendedor de frutas que armava sua banca na escuridão colocou um punhado de caquis machucados na rua diante delas, depois se afastou.

Mas essa foi a única gentileza que receberam. Depois que o Sol nasceu, as ruas ficaram cheias. Havia algum sentido nas leis relativas aos leprosos, que iam além das escrituras – andar nas ruas de Jerusalém envolvia contato físico. Bastava encostar em um doente para ser infectado, então, eles precisavam ser exilados.

Naomi e Tirzah continuaram se arrastando pelo caminho. Elas descansaram brevemente quando se viram sozinhas. Naomi tentou escolher as ruas que lembrava serem sossegadas, mas os oito anos que passou na Fortaleza Antônia tinham embotado sua memória. Cachorros as seguiam, rosnando e latindo. O sol esquentou. As pessoas jogavam coisas nelas. Gravetos – apenas um gesto para acompanhar o grito: “vão embora!”. Elas ouviram muito isso. Frutas podres. Alguma coisa podre se espatifou no chão à frente de Tirzah, e ela ficou tão assustada que quase caiu, mas soube que precisava continuar.

As pedras doíam. Até mesmo um seixo bem arremessado. Os garotos eram impiedosos. Eles corriam em grupos, um desafiando o outro a fazer crueldade maior. Os mais velhos e fortes eram os piores. Quando a Porta das Águas apareceu diante delas, Tirzah estava desesperada.

Mas Naomi a fez seguir em frente. Nenhuma palavra foi dita entre elas. Apenas a determinação de Naomi manteve Tirzah ereta e seguindo em frente.

Àquela altura, elas tinham atraído uma procissão. Era como se todo garoto de rua entediado e malicioso de Jerusalém tivesse vindo para se divertir com elas. Um círculo de zombaria as rodeava e as acompanhava, provocando e jogando pedras. Chegou um ponto em que havia tantos garotos gritando que o guarda da porta interveio.

“Vocês estão bloqueando a rua! Sumam!”, ele gritou, brandindo sua lança. Parecia que um romano alto, de capacete, era menos divertido do que duas miseráveis leprosas. Os garotos se dispersaram, desaparecendo nas vielas, em busca de uma nova diversão.

O guarda acompanhou Naomi e Tirzah pelo resto do caminho até a porta. Naomi o avisou:

“Impuras!”, e ele inclinou a cabeça para dizer que tinha entendido. Ele manteve distância, mas as escoltou em segurança para fora da cidade.

E elas ainda tinham que caminhar com sede. Estava quente. Elas comeram os caquis e beberam água da garrafa que traziam na cesta, mas não tiveram coragem de bebê-la toda. Não havia como saber quando conseguiriam mais.

Fora das muralhas da cidade já era zona rural. Colinas atrás de colinas, algumas nuas, outras cobertas de videiras. Trilhas estreitas seguiam em várias direções.

Naomi não tinha certeza do caminho, mas, mantendo distância, ela perguntava para todo mundo que encontrava. Um lavrador com uma foice lhes indicou o caminho, e um pastor com uma única ovelha o confirmou. Quando o Sol estava a pique, elas tiveram sorte de estar passando por um pomar abandonado. As árvores, Naomi explicou, eram velhas demais para dar frutos. Elas se sentaram e cochilaram na sombra manchada de sol por algum tempo, mas continuava quente quando voltaram a andar.

“Não falta muito”, Naomi disse, enfim; elas estavam descendo uma encosta em direção ao vale. “Tem um poço lá embaixo, chamado En-rogel. É para lá que vamos.”

Tirzah assentiu. A barra de seu robe estava respingada de sangue dos seus pés, mas sua mãe parecia acreditar que eram respingos da fruta podre lançada mais cedo contra elas. No dia mais longo do mundo.

Ela tinha sonhado com isso, ser livre. No começo ela pensava nisso constantemente, quando eram novas na prisão. Tirzah se deu conta de que reclamava sem parar. Choramingava. Ela sabia que tinha chorado. Sua mãe teve paciência. Se Naomi chorou, ela o fez em segredo. Talvez enquanto Tirzah dormia.

Quando elas foram libertadas, Tirzah ficou feliz. Ela só pensava nas coisas fáceis: luz, comida e ver o mundo. Ela tinha se esquecido de que era uma leprosa. E quando pensou em liberdade, lembrou de sua vida antiga.

Como ela poderia ter imaginado isso que estava passando? Mesmo que tivessem lhe dito, o que significaria para ela? *Vocês serão párias. Serão enfermas. Serão odiadas e temidas, e as pessoas as apedrejarão. E serão horrendas; cada movimento lhes causará dor.*

Quem teria imaginado algo assim? E quem suportaria? Por quanto tempo?

Ela olhou para o poço no pé da colina e viu um vale seco, rochoso. Havia um tipo de estrutura no meio. Algum tipo de casa de pedra, caindo aos pedaços. Nenhum movimento, contudo. Nenhuma sombra. Nenhum futuro. Apenas sol, rochas e mais destruição para seu corpo. Então, a morte. Talvez a morte fosse rápida. Era tudo o que ela esperava.

Ela deu um passo, outro e continuou andando. Não havia escolha. Quando finalmente chegaram ao vale, uma das colinas começava a projetar uma sombra. Não havia sinal de outras pessoas. Naomi disse que as colinas eram cheias de cavernas, e que as pessoas saíam antes da alvorada e depois do crepúsculo. Nesse meio tempo, elas tentariam encontrar uma caverna vazia. Seria o lar delas.

Foi a pior parte do dia. Elas se arrastavam até a entrada de uma caverna e exclamavam: “Olá” ou “Que a paz esteja consigo”. Naomi pensava que se ninguém respondesse, elas podiam deduzir que a caverna não tinha morador. Várias vezes alguma voz trêmula respondeu: “Que a paz esteja consigo. Esta é nossa moradia”. Em uma das vezes, elas não tiveram resposta, mas quando entraram na boca da caverna viram… uma criatura. Uma criatura sem voz, de sexo indefinido, deitada no chão, fazendo um gesto sem sentido. Elas fugiram. Pior foi na próxima caverna em que entraram, pensando estar vazia. Elas chegaram a se sentar, colocar a cesta no chão, quando uma mulher furiosa entrou gritando com elas. Talvez fosse um homem cuja voz tinha afinado com a doença. A pessoa era alta. E assustadora.

Elas terminaram em uma caverna pouco profunda, perto da base do vale.

“Vai ser conveniente para ir ao poço”, disse Naomi.

Tirzah achou que o lugar devia ter algum defeito terrível, ou não estaria vazio. Mas ela estava tão exausta que não falou, apenas deitou no fundo do espaço e adormeceu.

Capítulo 38

CAVERNAS

Judah se recusou a passar a noite no Palácio Hur. Malluch estava a caminho de Jerusalém para começar uma investigação sobre o destino das mulheres Hur, e pareceu imprudente, para Ben-Hur, arriscar ser visto e talvez reconhecido pelos romanos em um momento em que a atenção estava voltada para sua família. Então, Ben-Hur prometeu visitar Amrah todos os dias depois de escurecer. Ele ficaria hospedado em uma pousada no bairro modesto de Bezetha, ao norte do templo.

Mas Amrah dormiu pouco nas primeiras noites que se seguiram à volta dele; sua alegria a mantinha acordada. Enfim, ela se levantou de seu catre estreito e caminhou pela casa, testemunhando a ruína que Judah teria visto, lamentando que ele a tivesse proibido até de varrer o chão.

“Você fez muito bem em manter a casa parecendo abandonada”, ele tinha dito. “Quando começarmos a indagar os romanos sobre a minha família, eles podem voltar aqui. E precisam ver uma casa que está vazia há muitos anos.”

“E assombrada, também”, ela acrescentou. “Às vezes eu ouço os comentários no mercado. Histórias sobre fantasmas. Talvez por causa do que aconteceu naquele dia. O imperador quer vender a casa, eu acho. Mas não apareceram compradores. As pessoas acham que é amaldiçoada.”

“Isso não poderia ser melhor”, Ben-Hur disse. “Com o tempo, eu poderei comprá-la, em segredo, e então, Amrah, você poderá limpar e encerar tudo do seu gosto. Mas, por enquanto, deixe a vassoura descansar.”

Mas Judah não tinha lhe dito para não cozinhar para ele. Ben-Hur lhe deu dinheiro para comida, uma roupa e véu novos; mais dinheiro do que ela tinha visto nos oito anos anteriores. Ela se colocou a caminho do mercado que, Amrah sabia, abriria com o nascer do dia. Eles tinham o melhor mel. Judah sempre gostou de doces.

Não era o mercado a que ela ia sempre. Era perto demais da casa e não muito longe da Fortaleza Antônia. Era uma venda de bairro, com apenas alguns vendedores, o tipo do lugar em que as pessoas se conhecem. Amrah não queria ficar conhecida.

Naquela manhã havia um alvoroço atípico. Ela percebeu a agitação e quase seguiu em frente, mas o vendedor de mel levantou os olhos de seus potes ao vê-la passar.

“Você soube?”, ele perguntou.

“Soube o quê?”, ela perguntou, parando.

“O último horror romano! Bem aqui no nosso bairro! Chocante!”

“O que aconteceu?”, Amrah perguntou. Poderia ser algo que Judah quisesse saber.

“Bem, você sabe, esse novo procurador, Pilatos… Ele está limpando as prisões”, o vendedor disse. “Acontece que existiam prisioneiros de que ninguém sabia.” Ele apontou com o polegar para trás, na direção da fortaleza. “Dezenas de prisioneiros! Então, os romanos os estão soltando. Depois que anoitece, claro. Alguns foram torturados.”

Amrah ficou imóvel, prestando muita atenção.

“Mas espere, você quer mel? Desculpe-me. Estou com tanta raiva que não consigo pensar.”

“Eu… Sim, por favor. Um pote pequeno. É das suas próprias abelhas?”

“Sim, claro. É tudo das minhas abelhas.” A mão dele pairou sobre um pote pequeno, mas ele olhou para Amrah e pegou um maior. “Aqui. Pelo mesmo preço. Eu sinto necessidade de fazer alguma gentileza esta manhã, depois do que ouvi.”

Ela assentiu e agradeceu.

“Isso… isso é tudo? Havia mulheres entre os prisioneiros?”

Ele colocou o pote com delicadeza dentro da cesta dela.

“Havia. Essa é a pior parte. Você sabe o Palácio Hur, dobrando a esquina? Havia duas mulheres daquela família! Princesas, ainda mais, aprisionadas pelos romanos durante oito anos!”

Amrah sentiu o coração martelar em seu peito.

“E elas… foram torturadas?”

“Não”, ele respondeu, a voz embargada. “Pior que isso. Elas se tornaram leprosas. Elas foram colocadas em uma cela infectada e a porta foi fechada. Que maldade!”

A cesta de repente ficou muito pesada e Amrah a colocou no chão, sentando-se ao lado dela em seguida. Leprosas! Sua patroa e a linda menina Tirzah!

O vendedor de mel se aproximou dela.

“Você está bem?”, ele perguntou. “Perdoe-me; isso foi chocante. Você as conhecia?”

“Não, não”, ela murmurou. “Mas pensar nisso. Pobres mulheres! O que foi feito delas?”

Ele a ajudou a levantar.

“Elas foram libertadas no meio da noite. Só existe um lugar para gente assim, você sabe. Elas devem ter ido para o Vale dos Mortos, onde os leprosos vivem juntos.”

Ela pegou as moedas na cesta para pagá-lo, mas o vendedor levantou a mão.

“Sinto muito, minha senhora. Eu não pretendia lhe causar um choque desses. Leve o mel. Que ele traga alguma doçura para o seu dia.”

Ela retornou ao palácio por um caminho tortuoso, feliz porque o Sol ainda não estava acima das colinas. As sombras eram amigas de Amrah. Ela entrou pela porta secreta e levou a cesta escada acima, para o quartinho que ela tinha pegado para si. Uma vez lá, em sua toca segura, ela se sentou no chão, aninhada em um canto.

Seria verdade, aquela história terrível? Por que não? Histórias tenebrosas dos crimes romanos circulavam o tempo todo em Jerusalém. Sacerdotes espancados, crianças mortas, mulheres virtuosas agredidas… as mesmas histórias se repetiam. Essa, contudo, era nova. E tinha nomes ligados a ela. E um período de tempo: oito anos. Com certeza era verdade.

Amrah recostou a cabeça no ângulo entre as paredes e fechou os olhos. Ela sentiu que podia desmoronar devido à emoção. Ela ainda estava tentando entender a volta de Judah, e agora esse horror caía sobre ela… e sobre Judah.

Se fosse verdade, ela inspirou fundo e se levantou, só havia um modo de descobrir, e quanto antes, melhor.

Enquanto se preparava, ela tentou não tirar conclusões precipitadas. Havia um pouco de pão na casa e um pedaço pequeno de carne. Um jarro para água – devia haver um poço onde essas pessoas viviam. Ela pôs um véu mais pesado e pegou a cesta, novamente. A manhã estava ensolarada quando ela abriu a porta secreta, mas as ruas continuavam sossegadas.

Ela prestou atenção ao caminho para sair da cidade. Amrah tentava não imaginar o que encontraria no fim daquela jornada. Ela tentou não lembrar de Tirzah, sua linda e amada menina,

nem de Naomi, a mais bondosa das patroas. Em vez disso, ela olhava com cuidado de um lado para outro, para lembrar do caminho, reparando nas bifurcações das ruas, marcando as distâncias. Seria mais fácil voltar para casa desse modo, e com as informações que ela conseguisse reunir.

Sem saber, ela seguiu os passos de Naomi e Tirzah. Um soldado romano diferente estava de guarda na porta, e ninguém pensou em incomodar uma criada de aparência respeitável. Ela encontrou as trilhas certas e chegou ao poço de En-rogel bem quando o Sol saía de trás da colina e derramava sua luz dourada no vale.

Havia um homem no poço, não um leproso, só alguém tirando água. Amrah se aproximou dele.

“Posso encher a jarra para a senhora?”, ele perguntou.

“Ainda não, obrigada”, ela respondeu. “Mas talvez possa me contar algo sobre este lugar.”

“Este é o Vale dos Mortos”, ele disse. “Os moradores são leprosos. Você não sabia?”

“Sabia”, ela respondeu, calma. “Existem recém-chegados?”

Ele deu de ombros.

“À noite, talvez. Ou durante o dia. Eles só saem quando o sol está baixo no horizonte, então eu venho na alvorada e no crepúsculo.”

“E onde eles moram?”

“Nas cavernas, é claro”, ele respondeu, como se fosse óbvio.

Ela olhou para as encostas e viu as superfícies rochosas marcadas por aberturas escuras. Uma delas, não muito distante, abria-se para o leste. Devia ser quente durante o dia, ela pensou.

Ela fez sombra nos olhos e prestou atenção. Havia duas figuras de branco saindo dali.

Atrás dela, Amrah ouviu barulho de água quando o homem mergulhou um jarro dentro do poço. Ela se virou e viu uma figura fantasmagórica vários passos atrás dele. Homem? Mulher? Alto, então um homem, possivelmente. A figura estava envolta em camadas de tecido esfarrapado, como se tivesse vestindo um robe sobre o outro em um esforço para esconder o corpo. Um lenço cobria sua cabeça, mas o cabelo longo e branco saía por baixo do tecido. Ele inclinou a cabeça e murmurou alguma coisa. O homem do poço pareceu compreender.

Havia um jarro no chão entre eles. O homem usou seu jarro para enchê-lo, depois recuou até o poço. O leproso assentiu, andou para frente e pegou seu jarro. Amrah pensou que ele poderia cair com o esforço, mas a figura conseguiu se equilibrar. A manga da roupa deslizou e ela viu a massa de pústulas bulbosas cobrindo o braço antes de ele se afastar.

Então, ela ouviu um grito às suas costas e um breve alvoroço. As duas figuras da caverna se aproximaram do poço com sua própria jarra.

“Fiquem aí! Impuras!”, gritou o homem do poço. Ele abriu a mão e deixou cair um punhado de pedriscos. “Vocês não podem se aproximar tanto!”

Amrah observou as duas figuras. Elas não podiam estar no vale há muito tempo, seus robes eram novos e elas pareciam não entender os costumes. Amrah ficou rígida. Não, não era possível. Elas eram velhas, idosas! As duas mulheres tinham cabelos brancos que chegavam aos joelhos! Elas se moviam devagar, hesitantes, como se cada passo doesse e o chão irregular pudesse derrubá-las. Elas não podiam ser…

Mas, então, ela ouviu um fio de voz dizer…

“É você… Amrah? É você?”

Ela se aproximou, ignorando o que o homem do poço dizia.

“Impuras!”, uma das mulheres estrilou. “Não se aproxime mais, Amrah!”

Mas ela ainda não conseguia reconhecer as duas. Elas a conheciam. A lógica dizia que deveriam ser sua patroa e Tirzah. Mas onde estavam as duas? Não havia traços delas naquele par de velhas.

“Minha senhora?”, ela perguntou, a voz fraquejando.

“Sou eu, Amrah”, disse a mulher à esquerda. “Sou eu, Naomi, princesa de Hur, que você está vendo.”

“Mas então… Tirzah?” Amrah olhou para a outra mulher. O rosto era um pouco mais que uma máscara, uma cobertura de pele grossa, distorcida, para o crânio. Os olhos saltavam das órbitas e os dentes amarelos estavam tortos para frente.

Mas aquela aparição concordou, e uma voz saiu dela, confirmando seu receio.

“Sim, Amrah. Eu sou Tirzah.”

Elas não podiam chorar, mas Amrah sim. Naquele lugar rochoso debaixo do sol inclemente, ela sentiu as lágrimas escorrerem por seu rosto, fazer a volta no queixo e continuar pelo pescoço. Toda a tristeza que ela conteve durante anos, a tensão e a angústia, o medo e a culpa, tudo se juntou em uma tempestade de emoções. Mas, rapidamente, a voz de Naomi fez com que ela voltasse a si.

“Amrah, você veio para nos ajudar?” A outra assentiu, ainda soluçando. “Então, nos dê água”, Naomi disse. “Você tem dinheiro?”

“O bastante, eu acho”, ela disse. “Quanto?”, ela perguntou ao homem do poço, estendendo-lhe algumas moedas. Ele pegou a menor e encheu o jarro de Amrah.

“E você trouxe comida?”, Tirzah perguntou.

“É claro que sim”, Amrah respondeu. “Não muita. Eu não sabia que iria encontrar vocês.”

“Você pode vir todos os dias, Amrah? Você pode vir sem deixar que Judah saiba?”

Ela quase derrubou o jarro.

“Vocês sabem?”

“Nós vimos vocês na outra noite”, Tirzah explicou, enquanto elas começavam a subir a colina. Naomi pegou a cesta. Amrah, andando vários metros atrás, seguia com o jarro. “Eles acabaram de nos soltar. Nós vimos Judah dormindo.”

“Mas nós não tocamos nele, Amrah”, Naomi acrescentou. “E você não pode contar para ele que nos viu.”

Com isso Amrah sentiu as pernas fraquejarem e quase derrubou a preciosa jarra ao cambalear.

“Mas, senhora!”, ela protestou. “Ele está procurando por vocês!”

“Fico feliz em saber”, Naomi disse. “Fico feliz que ele não se esqueceu da família. Mas ele não pode nos encontrar.”

“Senhora, ele está sofrendo”, Amrah disse, firme. “Seu filho está com muita saudade!”

“Você acha que eu não sinto o mesmo por ele?”, Naomi retorquiu. “Mas pense bem, Amrah. O que aconteceria se ele viesse até aqui?”

“Ele iria querer abraçá-la, é claro”, Amrah respondeu lentamente.

“Amrah”, Tirzah disse, “imagine como nós nos sentimos naquela noite. No nosso estado… impuras. E vendo Judah adormecido, sabendo pela primeira vez que ele está vivo… Sem poder tocá-lo. Mamãe beijou a sandália dele. A sola. Ele não pode ficar igual a nós. Com certeza você entende isso!”.

A voz delas estava tão mudada pela doença que Amrah não as teria reconhecido. Mas a tristeza e o desespero se fizeram ouvir.

“Sim”, ela disse devagar. “Eu entendo. Mas vou dizer outra vez. Ele está sofrendo.”

“Sofrendo, mas saudável”, disse Naomi. “Isso não é melhor do que estar exilado com os mortos-vivos?”

“É claro, senhora”, Amrah disse, inclinada sobre a jarra. “Oh, senhora, meu coração está partido!”

Naomi parou e olhou para sua antiga criada. Ela meneou a cabeça.

“O meu também. Mas este vai ser o meu consolo: vou ficar sentada naquela pedra do lado de fora da nossa caverna. E vou olhar para aquela colina, na direção de nossa antiga casa. Quando

Judah estiver em Jerusalém, você me dirá, e eu tentarei imaginar os dias dele. Pode ser?”

“Claro, senhora. Virei todos os dias. O homem do poço diz que ele vem tirar a água na alvorada e no crepúsculo. Vou estar aqui, com meu jarro e sua comida. Você pode me dizer o que quer, e eu trarei.”

“E você nos contará sobre Judah”, Tirzah acrescentou. “Onde ele esteve e o que está fazendo.”

“É claro”, Amrah concordou. “Pois eu lhe digo que agora ele vai começar uma grande busca por vocês. Um homem vai procurar os romanos a mando dele. Vai haver um escândalo por causa do palácio e da sua prisão. Ouvi falar de vocês no mercado; há um ressentimento contra os romanos por sua causa.”

“Ele virá nos procurar?”, Tirzah perguntou.

“Não ele próprio, eu acho”, Amrah respondeu. “Acredito que ele vai enviar alguém. Eles não vão descobrir vocês se escolherem não serem descobertas.”

“Porque nós não somos mais nós mesmas”, Tirzah acrescentou, e embora sua voz fosse neutra, as palavras eram amargas.

Capítulo 39

OS MORTOS-VIVOS

Voltar para casa foi mais extraordinário do que Judah poderia imaginar. Durante todos os anos de exílio, Ben-Hur conservou na mente a imagem do Palácio Hur exatamente como ele era no dia em que foi levado para as galés. E Jerusalém tinha mudado tão pouco! Havia tanta coisa que ele reconhecia nas ruas – a luz, os barulhos, os cheiros – que ele imaginou que sua antiga casa continuaria a mesma. Só depois que seguiu Amrah até o interior do palácio, Ben-Hur de fato compreendeu: o lar de sua infância não existia mais. Apenas os espaços não tinham mudado; o número de passos da porta até uma janela continuava o mesmo, a mesma extensão de um corredor ou altura de um teto. O silêncio, o mofo e a sujeira no chão, contudo, revelavam a verdade. O Palácio Hur nada mais era que um baú de recordações.

E pior, era perigoso. O novo procurador talvez não soubesse nada do episódio com Gratus, mas parte da guarda da Fortaleza Antônia devia saber. Ben-Hur não estaria seguro tão perto do quartel-general romano. Roma tinha espiões por todos os cantos. Foi isso que ele explicou para Amrah. E ele também não conseguia ficar à vontade em um lugar que o deixava tão triste.

Mas a tristeza tinha que ser suportada, embora pudesse acabar se transformando silenciosamente em raiva, que é um sentimento difícil de lidar. Afinal, a raiva quer se transformar em ação. E um homem pode usar sua raiva como combustível, principalmente quando aliada a anos de disciplina. Um escravo de galé não é dono de sua vontade. E um judeu misterioso, resgatado de um mar em chamas, apresentado como filho adotivo em Roma, também tem seus deveres.

Assim, quando Malluch chegou de Antióquia com mensagens de Simonides, Ben-Hur já tinha um plano. Ele continuava visitando Amrah depois de anoitecer, por pura bondade. Ela não teria nada para lhe dizer sobre sua família, ele sabia. Mas ele providenciaria para que Malluch a mantivesse abastecida e lhe forneceria uma pequena renda, para que continuasse como zeladora do palácio.

Em breve, chegaria a hora de ir para o deserto preparar o exército para o Rei que viria. Ben-Hur sabia que essa tarefa o absorveria por completo. E seria perigosa. Seria mais fácil encarar o perigo se ele soubesse que não tinha responsabilidade por mais ninguém além de si mesmo. Em seu coração, ele tinha pouca esperança de encontrar sua mãe e Tirzah.

Malluch se recusou a lhe dar o nome de um ponto de encontro. Ele apenas garantiu a Ben-Hur que o encontraria. Ben-Hur estava cético. Como Malluch, um forasteiro, conseguiria encontrar um homem em uma cidade tão grande? Mas na terceira manhã que ele acordou na pousada, ao sair para o pátio, Ben-Hur viu Malluch sentado a uma mesa diante de um prato de

pão pita com o rosto virado para o Sol. Ele abriu os olhos e sorriu quando Ben-Hur se aproximou.

“Que a paz esteja consigo”, ele disse, deslizando pelo banco rústico.

“Com você também”, Ben-Hur respondeu. “Como você me encontrou?”

“Com sorte, basicamente”, Malluch respondeu. “Eu cheguei ontem. Pensei que você iria querer ficar perto dos limites da cidade. E não existem tantas pousadas onde os estranhos vêm e vão. Você deveria estar em uma delas, por precaução. Então, eu perguntei sobre um forasteiro alto e sem barba.” Suas palavras eram afáveis, mas ele rasgava pedaços do pão com nervosismo.

Ben-Hur alisou o queixo com a mão e riu.

“Acabei de perceber que teria que parar de me barbear se quisesse parecer um nativo.”

“Não há muito o que fazer com sua altura, contudo”, Malluch acrescentou. Ele baixou os olhos para a pilha de migalhas no prato e tentou cobri-las, mas Ben-Hur sentou-se e agarrou seu pulso. Malluch tentou soltar sua mão, mas Ben-Hur apertou mais. Como um grilhão.

“Você está sabendo algo da minha família”, Ben-Hur disse. Malluch meneou a cabeça de leve. Ben-Hur puxou o punho dele. “Conte-me. *Conte-me.*”

“Aqui não”, Malluch sussurrou.

Ben-Hur levantou de repente, puxando Malluch com ele. A dúzia de homens que se encontravam no pátio – comendo, conversando, carregando um burro – parou o que estava fazendo. Aquele era o tipo de lugar onde brigas aconteciam, mas normalmente não tão cedo. Aquele homenzinho ia se dar mal, isso era certo.

Mas o mais alto olhou ao redor e percebeu os olhares apreensivos. Ele soltou o baixinho. Eles se sentaram de novo. Ninguém estava perto o bastante para ver que o corpo do homenzarrão estava rígido e que suas mãos, crispadas sobre a mesa, tremiam.

“Conte-me”, ele sussurrou para Malluch. “*Agora*.”

* * *

Malluch colocou sua mão sobre a de Ben-Hur. Encarando o jovem de frente, ele apenas falou, em voz baixa:

“Elas têm lepra. Foram libertadas da Fortaleza Antônia há várias noites.” Ele inclinou a cabeça e trouxe a outra mão para cobrir os punhos cerrados de Ben-Hur. Não era possível reconfortar alguém depois de uma notícia dessas. Mas era preciso tentar.

“Lepra?”, Judah repetiu com a voz baixa. Seus olhos procuraram os de Malluch. “Lepra?” A voz dele era só um fio. “Não pode ser verdade.” Ele meneou a cabeça. “Não. É um engano.”

“Não é engano. O novo procurador, Pilatos, esvaziou a prisão e encontrou celas secretas. Sua mãe e sua irmã estavam…”

“Não”, Judah insistiu. “Minha mãe e Tirzah não. Não é possível.”

“Mas é, Judah”, Malluch insistiu. “As princesas Hur, enclausuradas por oito anos. Não havia registro; eram masmorras secretas.” Ele manteve a voz equilibrada. As palavras já eram ruins o bastante.

Ben-Hur levantou-se de novo.

“Não posso ficar sentado aqui. Eu preciso…” Ele olhou em volta, para o ambiente modesto, empoeirado, os viajantes esfarrapados, o prato com as migalhas, mas Malluch percebeu que ele não estava vendo nada disso.

“Venha, vamos andar.” Ele segurou Judah pelo cotovelo e o conduziu com delicadeza ao redor da mesa. “Vamos andar lá fora. Vou lhe contar o que eu descobri.”

Judah Ben-Hur, o atleta esguio e elegante, parecia quase incapaz de controlar seus membros. Ele tropeçou em um banco na saída e raspou no portão da pousada, de modo que seu robe ficou preso na madeira lascada. Malluch teve que soltá-lo enquanto Judah esperava, como uma

criança.

“Elas estavam na Fortaleza Antônia”, Malluch disse, reafirmando a informação. “Elas foram libertadas no meio da noite. Receberam roupas, um pouco de comida e foram mandadas embora. O administrador da prisão não queria que soubessem que as duas ficaram presas…”

“Que as duas ficaram presas…”, Judah repetiu. “Por quanto tempo?” Ele encarou Malluch.

“Oito anos”, Malluch respondeu.

“Oito…” Judah assentiu. “Oito! Três enquanto eu estava nas galés. Cinco enquanto eu estava em Roma.”

Não houve resposta para isso.

Eles tinham chegado à rua, se é que se podia chamar aquilo de rua. Na verdade era uma trilha larga com casas aqui e ali. Colinas rochosas se elevavam diante deles. Uma cabra estava amarrada perto de um muro comprido, e o animal os observou com seus olhos amarelos.

Ben-Hur puxou seu cotovelo da mão de Malluch. Ele estava andando com mais firmeza agora.

“Elas estão com *lepra*!”, ele gritou para o céu. “Minha mãe e minha irmã são leprosas!” Não havia ninguém por perto para ouvir e a cabra não se mexeu. “Como pode ser?” Ele se virou para Malluch. “Onde elas estão agora? Você sabe? Nós podemos encontrá-las?”

Essa era a parte difícil. Malluch seguiu em frente, tentando ficar calmo e manter um ritmo regular. Como se isso pudesse ajudar.

“Elas devem estar no Vale dos Mortos. É onde os leprosos vivem.”

“Devem estar? Então, você não tem certeza?”

“Elas não podem ficar em nenhum outro lugar. Seriam apedrejadas”, Malluch o lembrou.

“Tudo bem. Então nós vamos até lá. Agora.”

Malluch olhou para o céu.

“Nós poderíamos ir. Mas… por quê?”

“Por quê? Você não tem coração? Para vê-las! Para resgatá-las!”

“Não. Não existe resgate possível. Você sabe disso. Você pode vê-las, só olhar para elas, mas não poderá tocá-las, Judah. Não poderá. Ou você mesmo irá morrer. Você quer isso?”

“Quero! Neste momento, sim, eu quero! Por que vou viver, forte e rico, quando as mulheres que eu amo estão…?” Ele sacudiu a cabeça. “Sabe, eu nem consigo imaginá-las. Quando vejo um leproso mendigando, eu me viro para o outro lado. Não sei o que elas estão sofrendo.”

“E elas não sabem o que você sofreu”, Malluch respondeu. “É melhor assim, não acha?”

Houve um momento de silêncio enquanto os pés deles crepitavam na trilha pedregosa. Estava começando a ficar quente.

“Sim”, Ben-Hur disse, afinal. “Fico feliz que minha mãe e Tirzah nunca tenham visto as galés. Mas fico envergonhado de ter vivido durante cinco anos em Roma enquanto elas…” Ele se inclinou e pegou uma pedra, depois a arremessou contra uma parede. “Enquanto elas apodreciam em uma masmorra!”

“Não é culpa sua.”

“Não.” Ben-Hur chutou um graveto. “Eu sei. É de Roma. De novo.” Ele se endireitou. “De novo. A mão pesada da justiça romana que nos esmaga.”

Malluch não teve resposta para isso.

Eles continuaram andando. Eles atravessaram a cidade em direção ao sul. Passaram a Fortaleza Antônia e o Palácio Hur. Ben-Hur indicou sua antiga casa para Malluch. Sob a luz forte da manhã, a decadência do lugar o deixou com vergonha. Passaram o templo, alto sobre sua plataforma. Desceram até a Cidade Baixa. As ruas ficaram mais congestionadas e os homens se separaram algumas vezes. Não muito longe do Tanque de Siloé, eles pararam.

“Você sabe o caminho?”, Ben-Hur perguntou.

Malluch assentiu.

“Eu preciso perguntar: o que você acha que pode fazer?”
Ben-Hur fitou as colinas com o olhar perdido.
“Nada.” Ele se voltou para Malluch. “Está certo, não é? Não posso fazer nada por elas.”
“Muito pouco. Se nós conseguirmos achá-las, podemos garantir que tenham comida e água.”
“Você acha que não conseguiremos?”
Malluch deu de ombros.
“A doença… Os rostos podem não estar…”
Judah crispou os punhos.
“Tudo bem.”
“Você ainda quer ir procurá-las?”
“Eu preciso ir.” Eles seguiram em frente. Um pouco depois, como se tentasse concluir seu pensamento, Ben-Hur disse: “Se eu vou levantar esse exército…”, houve outra longa pausa enquanto eles desciam a colina. Afinal, ele acrescentou, “Esse exército para o Rei que virá… esse exército para derrotar Roma… eu preciso saber que fiz de tudo para encontrar minha família”.

* * *

A Porta das Águas estava sossegada durante as horas de calor. O guarda romano andava para cima e para baixo, suas sandálias arrastando a poeira. Todos os outros – vendedores, pedintes, condutores de camelos, camelos – estavam sentados ou deitados em qualquer sombra que tivessem encontrado, mexendo-se o mínimo possível. Por uma curta extensão além do portão, os dois homens andaram lado a lado, mas logo a trilha estreitou e Malluch teve que ir na frente. Por sobre as colinas, passando os pomares, eles seguiram na direção do vale. Ben-Hur puxou seu lenço sobre a testa, mas era pouca proteção contra o calor e a luz. Quando eles pararam brevemente para beber água do odre de Malluch, os únicos ruídos eram o farfalhar dos galhos na brisa e o zumbido de milhares de insetos. Os seus passos, quando voltaram a caminhar, pareceram muito ruidosos.
A certa altura, a trilha começou a descer para o vale. A paisagem à distância tremia devido ao calor, mas os detalhes eram claros: a estrutura sólida de pedra rodeando o poço, as camadas de rochas e vegetação, as aberturas escuras que deviam ser as entradas das cavernas, os arbustos e árvores resistentes que conseguiam se agarrar à encosta íngreme sem fornecer sombra nem folhagem.
Eles não falaram até chegarem ao poço, onde Ben-Hur se voltou para Malluch.
“Por onde nós vamos começar?”, ele perguntou, a voz muito baixa.
“Ali, eu acho”, Malluch respondeu, apontando para a esquerda. “Dali vamos de caverna em caverna, subindo a colina. Dessa forma, vamos ver todas.”
Ben-Hur concordou e começou a andar na direção que Malluch indicou.
A primeira caverna estava desabitada. Ou se houvesse habitantes, estavam escondidos tão nas profundezas do local que não podiam ser vistos. Na segunda caverna, uma pilha de trapos junto à parede acabou revelando ser duas pessoas de sexo indefinido que apenas responderam negativamente com a cabeça às perguntas de Malluch. Na terceira caverna um homem sem nariz lhes disse que saíssem de sua casa.
“Porque esta é minha casa, sabe”, ele acrescentou, seguindo-os até a entrada. “É tudo que me restou. Vocês podem querer muito notícias dessas mulheres, mas não podem ir entrando assim nas cavernas. Primeiro, vocês se arriscam a pegar a doença. Segundo, é indelicado.”
“Mas você as viu?”, Malluch perguntou.
“Pode ser que haja uma dupla de mulheres novas daquele lado.” Ele apontou o outro lado do vale. Ben-Hur não conseguia tirar os olhos da mão do homem, que parecia a perna de uma

galinha e só tinha dois dedos. “Na caverna de baixo. Mas pode ser que elas não consigam falar”, ele acrescentou.

“Por que não?”, Ben-Hur perguntou, espantado.

O homem pôs aquela mão horrível em seu próprio pescoço.

“A doença às vezes tira a voz.” Ele baixou a mão. “Até que ela tira tudo, claro. É só questão de tempo.” Ele se afastou dos dois e voltou para a caverna.

Eles deixaram a caverna e Malluch deu alguns passos na direção do outro lado do vale, mas Ben-Hur o deteve.

“Ainda não”, ele disse. “Seu plano é bom, ir de caverna em caverna. Eu não vou poder voltar. Nós aqui, fazendo essas perguntas… isso vai chamar atenção. Eu preciso saber que vi todas elas.” Então, eles continuaram procurando.

Eles paravam na entrada de cada caverna e chamavam. Às vezes, os ocupantes saíam para falar com eles, sempre mantendo uma distância segura.

“Os dias devem ser intermináveis para eles”, Malluch sussurrou depois que se afastaram de um dos moradores. Era uma mulher que os fez esperar durante longos minutos enquanto tentava se lembrar, em voz alta, dos vários ocupantes das outras cavernas. Com frequência, contudo, ninguém respondia aos chamados deles.

“Mesmo depois de terminarmos, não vou saber se elas estão aqui”, Ben-Hur disse, frustrado, enquanto desciam por uma pedra íngreme. “Elas podem estar dormindo. Podem estar escondidas. Pode ser que ninguém tenha visto as duas.”

“O homem do poço vai saber alguma coisa”, Malluch respondeu.

“Nós deveríamos ter perguntado primeiro para ele.”

“Talvez. Mas estamos aqui agora. E não podemos voltar.”

“Então de que adianta termos vindo?”, Ben-Hur esbravejou. “Estou perdendo meu tempo. E o seu.”

“Você vai fazer o seu melhor”, Malluch disse em voz baixa. “Se me perdoa dizer isto, acredito que você não é homem de fugir de uma tarefa que assumiu, não importa o quão sem esperança pareça. Com certeza sua mãe, se soubesse disso, ficaria feliz.”

* * *

E ela estava. Naomi e Tirzah estavam observando o progresso de Ben-Hur desde que os homens chegaram ao poço.

“Ele está aqui!”, Tirzah disse, com a respiração presa, mas sua mãe não conseguiu ouvir. Tirzah se moveu o mais rápido que pôde para onde a mãe estava deitada, nos fundos da caverna. “Mãe, ele está aqui! Judah veio!”

Naomi se sentou.

“Judah? Aqui?”

“Nós sabíamos que ele viria, mãe! Ou pelo menos esperávamos.” Tirzah andou alguns passos e fez sombra nos olhos quando chegou à frente da caverna. “Oh, espere, eles estão saindo de novo. Venha ver.”

Naomi se juntou a ela, então puxou a filha pelo ombro.

“Não tão perto da entrada”, ela murmurou. “Eles não podem nos ver.”

Tirzah se virou e encarou a mãe. Então, ela olhou, de verdade, para o rosto destruído da mãe; o cabelo longo, áspero, branco-amarelado que descia por seus ombros como uma capa; os ombros arqueados e a coluna curvada.

“Eu sei”, disse Naomi, que entendeu o olhar da filha. “Ele não nos reconheceria. Mas nós precisamos fingir que não sabemos de nada. Ele não pode se aproximar; não pode desconfiar que estamos aqui.”

Tirzah pôs os braços delicadamente ao redor da mãe.
“E não vai. Nós vamos fazer o que é certo, mãe. Mas não é um consolo saber que ele nos seguiu até aqui?” Ela sentiu a mãe confirmar com a cabeça em seu ombro. “Graças a Deus que temos uma à outra”, ela sussurrou e a mãe confirmou de novo.

* * *

Em seus anos trabalhando como representante de Simonides, Malluch esteve em muitos países e viu todo tipo de gente. Ele viu os poderosos e os miseráveis. Entretanto, o Vale dos Mortos o deixou horrorizado. Ele precisava ficar se lembrando, enquanto iam de caverna em caverna, que, ainda que parecessem restos humanos, aquelas eram pessoas. Claro que tinham sido descartadas por Jerusalém. Algumas delas mal estavam vivas, mas outras, como o homem sem nariz, estavam lúcidas, conscientes e, sem dúvida, tinham sentimentos. E todas viviam ali, se é que se podia chamar de viver, ficar esperando a morte.
Ele olhou de lado para Ben-Hur, cujo rosto tinha ficado rígido, demonstrando que ele não possuía qualquer esperança de encontrar sua família. Ele estava apenas fazendo o que tinha se proposto. E, Malluch pensou, descobrindo que aquilo era muito mais doloroso do que ele imaginava.
Era difícil diferenciar os homens das mulheres porque suas feições estavam muito distorcidas, e porque muitas daquelas pessoas tinham cabelos longos, desgrenhados. Em umas poucas cavernas eles viram, horrorizados, o que deviam ser crianças, algo que apenas o tamanho reduzido sugeria. Os dois homens subiram e desceram a colina, seguindo o método sugerido por Malluch, até chegarem à caverna larga e rasa perto do poço, onde duas mulheres tinham se estabelecido há pouco. Ou, pelo menos, era o que o homem sem nariz tinha lhes dito.
Eles pararam junto à entrada e Ben-Hur chamou:
“Que a paz esteja com vocês.”
“Com vocês também”, respondeu uma voz irregular. Então veio um som de alguma coisa raspando; as duas figuras se levantavam encostadas na parede dos fundos. A caverna era bem rasa e suas paredes eram de pedra clara, então era surpreendente como seu interior era claro. E quente. Era difícil distinguir a figura das leprosas. Os seus robes eram brancos – ou tinham sido algum dia. Assim como seus cabelos. Elas desapareciam no fundo claro como figuras desenhadas com um pedaço de giz.

* * *

Para Tirzah e Naomi, Judah era uma silhueta, o rosto escuro na sombra projetada pelo sol da tarde. Os dois homens estavam próximos, as mãos apertadas. O coração de Tirzah batia descompassado em seu peito, e ela tentou imaginar o que sua mãe estaria sentindo naquele momento.
“Perdoe-nos por incomodar”, Judah disse com sua voz grave. Tirzah desejou poder guardar aquele som, para que ecoasse para sempre em sua cabeça. “Nós estamos procurando duas mulheres de Israel que chegaram há pouco a este lugar. Vocês sabem alguma coisa a respeito delas?”
Tirzah esperou que a mãe respondesse. Mas Naomi não falou. Ela inspirou. E produziu um ruído discreto com a garganta. Tirzah olhou para ela. Esse era um privilégio de sua mãe – mandar o filho embora para sempre, em segurança. Para viver sua vida. Naomi meneou a cabeça e desviou o olhar. Ela levou a mão à boca e sacudiu a cabeça. A voz tinha lhe faltado.
As duas mulheres se entreolharam. Naomi fez um sinal para a filha.
“Nós…”, Tirzah começou. A voz dela soou estridente. Ela começou de novo. “Nós não

sabemos. Sinto muito.” Isso deveria ter sido suficiente. O outro homem, cujo rosto ela não conseguiu ver com clareza, já tinha começado a se afastar. Judah, contudo, não se moveu. Ela quis gritar: *Somos nós que você procura! Não nos reconhece? Somos as mesmas por dentro! Suas amadas mãe e irmã!* Em vez disso, ela disse: “Neste lugar nós deixamos os outros em paz”.

Judah passou os olhos pela caverna. Ele hesitou. *Mais uma palavra,* pensou Tirzah. *Que ele nos deixe com mais uma palavra!* Ela podia sentir a mãe tremendo ao seu lado. Ela sabia que Naomi estava se segurando. A necessidade de reconhecer o filho devia ser quase avassaladora.

“Perdoem-me”, Judah disse e foi embora.

Capítulo 40

ESPADA E ESCUDO

A tarde ainda estava clara quando Ben-Hur e Malluch investigaram a última caverna, e eles não quiseram esperar pelo homem do poço. Ben-Hur ficou em silêncio enquanto eles faziam o caminho de volta e entravam na cidade. Ele e Malluch foram separados pela multidão algumas vezes, enquanto seguiam para a pousada em Bezetha, ao norte. Sem conversarem a respeito, eles fizeram um grande desvio para evitar o Palácio Hur. Malluch reparou que Ben-Hur não olhou nenhuma vez na direção da Fortaleza Antônia, que dominava o horizonte.

Ben-Hur ainda não tinha dito uma palavra quando eles chegaram a Bezetha. Mas um tumulto se aproximava, um zumbido baixo que se elevou para vozes exaltadas quando um grupo de homens virou a esquina discutindo. Malluch conhecia, só de olhar, muitos dos tipos de homens que havia dentro do Império Romano, mas ele não conseguiu identificar aquele grupo. Era gente do campo, rude, corpulenta, com barbas longas e vestindo roupas grosseiras. Alguns carregavam bastões; outros andavam descalços. Todos estavam bravos. Eles murmuravam e gritavam, e iam na mesma direção, com um objetivo em comum.

Ben-Hur se aproximou do grupo.

“Alguma novidade?”, ele perguntou, afável.

“Eu diria que sim!”, respondeu um homem ruivo. “Você não ouviu?”

Vários outros do grupo se reuniram à volta deles.

“É Pilatos, o novo procurador”, um dos homens disse. “Ele disse que vai construir um aqueduto, para trazer água para a cidade.”

“Não que isso vá nos ajudar”, um velho magro disse.

“Nós temos nossa própria água”, outro acrescentou. “Não precisamos de Roma para ter água.”

“De onde vocês são?”, Ben-Hur perguntou. Ele olhava de cima para os outros, uma cabeça mais alto, mas Malluch pensou que fosse outra coisa que o fizesse parecer líder daquele grupo. Postura, talvez?

“Nós somos homens da Galileia”, o ruivo disse. “Quem é você?”

“Um filho de Jerusalém”, Ben-Hur lhes disse. “Acabo de voltar do exterior. O que há de errado com esse aqueduto?”

“Ele está roubando do templo!”, informou uma voz.

Outras intervieram: “Usando recursos do templo!”, “Recursos sagrados!”, “Roubando!”, “Está nos roubando!”. As vozes se exaltaram e vários bastões foram batidos na terra.

“Aonde vocês estão indo?”, Ben-Hur perguntou. “E por quê?”

“Nós vamos até o Palácio de Herodes para protestar”, respondeu o ruivo, que parecia ser o líder. “Os sacerdotes já estão lá. Nós temos que fazer esse Pilatos saber que o povo judeu não vai permitir essa roubalheira! E não vamos ficar aqui só conversando!” Ele ergueu o bastão no ar e se afastou de Ben-Hur. “Para o palácio, onde vamos ver Pilatos!”, ele gritou.

“Posso ir com vocês?”, Ben-Hur perguntou, acompanhando-os com seus passos largos.

“Se quer ver como os homens da Galileia defendem o que é certo!”, outro homem respondeu, e o bando todo seguiu em frente, cheio de indignação; o que era compreensível.

Malluch tinha ouvido falar dos galileus. Eram independentes, francos e rebeldes. Viviam ao norte de Jerusalém, em uma região montanhosa pontilhada de pequenas vilas. Alguns eram agricultores, outros criavam ovelhas ou pescavam no imenso lago, mas poucos costumavam se preocupar com Jerusalém.

Ainda assim, alguém naquele grupo conhecia a cidade bem o bastante para levá-los diretamente para o pretório. Malluch ficou para trás, mas Ben-Hur estava no centro, bem visível. Ele não se juntou aos que gritavam, mas Malluch podia ver que ele prestava muita atenção às reclamações dos galileus.

Logo, apareceram outros grupos de homens bloqueando as ruas estreitas, todos fluindo na mesma direção. A maioria deles era mais urbana que os galileus: mais claros e magros, menos barulhentos, mas igualmente preocupados com o mau uso dos recursos do templo, por Pilatos.

Informações, verdadeiras ou não, circulavam enquanto eles seguiam em frente. Os sacerdotes e anciãos do templo já estavam no Palácio de Herodes. Pilatos não foi falar com eles. Não, ele tinha se *recusado* a aparecer. Os romanos redobraram a guarda no palácio. Eles não estavam deixando ninguém entrar. Mas o pátio estava cheio de judeus furiosos, esperando para ver Pilatos e apresentar suas reivindicações.

Quando o grupo de Ben-Hur chegou, o pátio ainda não estava lotado, mas com certeza aqueles homens estavam furiosos. A guarda do portão tinha sido mesmo redobrada, e os soldados estavam rígidos, ombro a ombro, com seus capacetes e armaduras reluzindo ao sol da tarde. Malluch viu o suor escorrendo de muitos rostos romanos.

Quando Herodes construiu o palácio, ele violou uma lei judaica plantando fileiras de árvores no espaço perto do portão. Malluch pensou que a sombra, com bancos aqui e ali, parecia convidativa, mas naquele dia ninguém ficou debaixo das árvores. Os manifestantes estavam todos juntos de frente para a fachada de mármore brilhante do palácio, que ficava sobre uma plataforma elevada, onde os sacerdotes do templo se reuniam, próximos a uma porta fechada. Uma segunda mensagem foi enviada a Pilatos, exigindo que ele falasse com os líderes do templo.

Longos minutos se passaram e a porta do palácio continuou fechada. Mais judeus chegavam ao pátio enquanto as notícias corriam a cidade. A guarda romana continuava impassível. O sol era inclemente. Os galileus andavam de um lado para outro, agitados e furiosos.

Ben-Hur se virou para o líder ruivo.

“Por que vocês vieram até aqui?”, ele perguntou em voz baixa.

“Para lutar, é claro.”

“E você vai liderar a luta?”

“Não, é cada homem por si”, explicou o galileu.

“Com quem vocês vão lutar?”, perguntou Ben-Hur.

“Sempre tem alguém”, respondeu o galileu.

“Isso, meu amigo, é verdade. Mas vocês pensaram que poderiam lutar de modo mais eficiente se ficassem juntos? E lutassem como uma unidade?”

“Você não conhece os galileus, se espera que façam qualquer coisa juntos!”

“Eu não conheço os galileus”, Ben-Hur disse, “mas conheço os romanos. E sei como eles lutam. Os seus homens aceitariam minha orientação?”.

“Pergunte a eles”, disse o galileu.

Enquanto a multidão estava ali, esperando por Pilatos, Ben-Hur foi de homem em homem. Malluch não conseguia ouvir o que ele dizia, mas acompanhou as interações através dos gestos e expressões: Ben-Hur se apresentava, explicava sua ideia, ouvia as objeções. Às vezes, muitas objeções. Mas todas as conversas terminavam cordialmente, com movimentos de cabeça afirmativos.

A tarde foi passando. O calor não diminuiu. Os sacerdotes enviaram um terceiro mensageiro. Ben-Hur apareceu ao lado de Malluch.

“Alguma coisa vai acontecer logo”, ele disse. “Talvez seja melhor você ir embora.”

“Eu sou judeu”, Malluch respondeu. “Se Pilatos rouba do templo, isso também me afeta. Vou me arriscar. Os romanos não vão ligar para mim. Você acha que é boa ideia se oferecer para liderar esses homens? O que vai acontecer se você ferir um romano e for feito prisioneiro?”

“Não me importa”, Ben-Hur disse com um tipo de ênfase maligna e Malluch compreendeu.

Claro que ele não se importava. Ben-Hur, embora escondesse bem, estava inflamado pela raiva. Ele estava querendo uma luta, e uma luta tinha caído em suas mãos. Os galileus seriam sua ferramenta para punir os romanos pelo que tinham feito com sua família.

“Você não está arriscando a vida de outras pessoas?”, Malluch perguntou e um rugido baixo veio do centro do pátio, onde os homens estavam mais concentrados.

“Eles estarão mais seguros comigo do que sem mim”, respondeu. “E eu acho que vidas já estão em risco.”

Malluch não entendeu o que ele queria dizer, mas logo depois Ben-Hur levantou um galileu nos ombros para ter uma visão melhor do que estava acontecendo.

“Alguns homens estão lutando”, o galileu exclamou. “Estou vendo porretes… Oh! Eles derrubaram um velho! Um sacerdote! Estão batendo nele!”

“Quem?”, o líder ruivo perguntou. “Quem está batendo?”

“Não dá para dizer. Homens com porretes… Não! São romanos disfarçados de judeus!”

Assim que ouviu isso, Ben-Hur desceu o homem de seus ombros. Olhando em volta, ele gritou:

“Homens da Galileia, sigam-me! Nós não podemos deixar que os romanos machuquem nossos líderes e desrespeitem o povo da Judeia! Eles acham que não existe ninguém aqui que possa resistir. Nós os surpreenderemos com nossa força!”.

Malluch não era um homem de brigar, e seu instinto foi entrar na multidão, abrir caminho até o portão e sair do Palácio de Herodes antes que o sangue começasse a correr. Mas ele *era* um homem curioso e queria saber o que aconteceria.

Para sua surpresa, Ben-Hur tirou o grupo da frente do palácio, voltando para o portão. A multidão tinha crescido muito desde que eles chegaram, e no centro do pátio havia uma massa agitada e barulhenta.

“Ainda não!”, Ben-Hur gritou quando vários homens tentaram se virar para se juntar ao grupo que brigava. “Os romanos estão armados com porretes e nós estamos desarmados. Vamos voltar com armas e surpreendê-los.”

Ele tinha conseguido esconder um depósito de facões em algum lugar? Ele planejava desarmar os guardas do palácio? Malluch permaneceu intrigado até Ben-Hur levar o grupo para as árvores e alcançar um galho grosso.

“Estes serão nossos porretes”, ele gritou para o grupo. “Cada um pegue um e tire as folhas e os gravetos. Então vamos mostrar para os romanos quem nós somos!”

Os galileus começaram a trabalhar. Alguns deles tinham pomares e sabiam como fazer para quebrar os galhos mais grossos; um deles tinha uma faca que usou para desfolhar um galho após o outro. Ben-Hur foi de homem em homem para dar instruções.

“Vamos pegá-los por trás. Eles vão ficar totalmente surpresos. Mirem na cabeça. Batam com

força. Apaguem os romanos se puderem e peguem os porretes deles. Fiquem juntos, mas deixem espaço para que seus irmãos deem porretadas!"

Em minutos eles se reagruparam, formando uma massa compacta que brandia as armas improvisadas. Com Ben-Hur na liderança, eles abriram o caminho à força em meio à multidão. Esta tinha começado a se mexer, muitos fugindo dos porretes romanos, mas os galileus empurravam e apertavam, ombro a ombro.

"Você não está armado, amigo", disse um homem grisalho perto de Malluch.

"Eu não pretendia lutar", Malluch respondeu.

"Nem eu. Mas o sujeito alto é bom comandante, não é? Ele parece arder com uma fúria virtuosa. E teve uma boa ideia. Então vou segui-lo. Aqui, pegue o meu galho. Vou pegar um porrete que cair no chão."

Então Malluch se viu levado pela multidão, brandindo um galho de árvore e pensando em fúria virtuosa. Roma tinha aprisionado a mãe e a irmã de Ben-Hur e as transformado em leprosas. O choque e a raiva dele após visitar o Vale dos Mortos tinham inflamado sua necessidade de revidar. Ali estava a oportunidade.

Os romanos disfarçados de judeus tinham aberto um espaço no centro do pátio, pois os espectadores tentavam fugir do perigo. Corpos jaziam nos ladrilhos elegantes do chão, sangue espalhado sobre os padrões geométricos de mármore liso. Alguns dos agressores estavam ofegantes, tendo baixado os lenços que antes cobriam os rostos barbeados, que agora brilhavam com suor. Os galileus irromperam pela multidão e caíram sobre eles, uivando de raiva.

Ben-Hur deu o primeiro golpe, derrubando um homem alto com uma pancada que lhe abriu o couro cabeludo. Malluch depois pensou que guardaria aquela visão na memória para sempre: a casca grossa do galho de árvore encontrando a testa do romano e o esguicho instantâneo de sangue. Malluch estremeceu com aquela visão e se perguntou o que estava fazendo no meio daquela multidão ensandecida segurando um galho de árvore. Mas, no instante seguinte, ele sentiu um porrete passar perto de sua orelha e fez a única coisa possível. Ele girou o corpo e aparou o golpe com seu galho, que se desfez com o impacto. O golpe viajou pelas mãos de Malluch, chegando aos seus ombros, mas ele mal reparou. O romano recuou um passo e se preparava para outro golpe. Malluch enfiou o que restava do seu galho no rosto do homem. Havia algumas pontas e folhas na extremidade. Ele continuou atacando, jogando o corpo para frente a cada vez, cegando o oponente e arranhando seu rosto. O homem gritou e deixou o porrete cair. A arma rolou pelo chão e o homem pisou nela, caindo para trás. Seu cotovelo bateu no chão e deve ter quebrado, porque Malluch viu que ele o agarrou no mesmo instante com a outra mão. Mas o verdadeiro estrago já estava feito: um dos olhos do guarda tinha virado uma massa vermelha dentro da órbita.

Malluch congelou. Ele tinha feito aquilo? Ele olhou em volta. Alguém o viu fazer aquilo? Ele largou o galho, mas outro romano vinha em sua direção com o porrete erguido acima da cabeça. Malluch se abaixou e pegou o porrete solto no chão. Quando o romano deu o último passo para se aproximar dele, Malluch estendeu o porrete, na esperança de atrapalhar as pernas do romano. Este caiu para frente, sobre seu compatriota, e Malluch largou o porrete.

Ele limpou a testa com o braço e olhou em volta. A multidão em pé tinha diminuído, mas corpos cobriam o chão. Muitos gemiam e se contorciam, enquanto alguns permaneciam imóveis. Mortos, ou quase isso.

"Homens da Galileia!", Ben-Hur gritou. "A guarda está vindo. Nós precisamos ir."

"Não, não, nós devemos ficar e lutar!", vieram as objeções.

Mas Ben-Hur os dissuadiu.

"Os romanos têm espadas e nós temos galhos de árvore. Fizemos o que pretendíamos. Vamos nos retirar para que possamos lutar de novo outro dia. Venham! Sigam-me!"

E eles o seguiram. Malluch os observou largarem seus galhos com expressões mistas de

pesar e satisfação. Alguns chutaram os romanos caídos enquanto corriam para o portão. A guarda romana movia-se rapidamente na direção deles. Todos estavam ofegantes quando chegaram ao portão, bem à frente da guarda.

“Isso mesmo, corram como cachorros judeus que são!”, gritou o centurião que liderava os soldados.

Ben-Hur se virou e respondeu com um grito em latim fluente:

“Se nós somos cães, vocês são chacais que atacam os fracos e feridos!”

“Espere!”, o centurião chamou enquanto o grupo fugia pelo portão. “Você é romano? E está aliado a essa escória da Galileia?”

“Eu sou filho da Judeia e tenho orgulho disso!”, Ben-Hur respondeu.

“Se você tem tanto orgulho de ser judeu, prove sua coragem. Lute comigo!”

Os galileus, parando junto ao portão, comemoraram. Eles ainda estavam tomados da emoção do combate e ansiosos para prolongá-la.

Assim como Ben-Hur, evidentemente.

“Lutarmos, só nós dois?”

“Sim”, o centurião respondeu, aproximando-se. “Só eu e você. Pela honra de nossas nações.”

Ben-Hur olhou em volta. As colinas ao redor do Palácio de Herodes estavam cobertas de gente que tinha vindo para assistir ao embate relativo aos recursos do templo. Da mesma forma, todos os topos das construções vizinhas estavam lotados de espectadores. Os galileus comemoravam. A guarda romana estava a postos, atrás do centurião, com sorrisos satisfeitos nos rostos. Malluch, parado perto de Ben-Hur, viu quando ele se decidiu.

“Certo”, Ben-Hur disse. “Vou lutar com você. Pela honra de Israel, sendo assistido por boa parte da nação.” Ele gesticulou para o anfiteatro natural que rodeava o pátio do palácio. “Mas não tenho espada nem escudo.”

“Use os meus”, ofereceu o centurião. “Vou pegar armas com a guarda. Assim, nós dois estaremos usando equipamento que não conhecemos.”

Um espaço foi aberto para eles perto do portão. Os galileus recuaram para assistir, e a guarda romana formou um cordão humano que isolava a multidão que restava do protesto.

O centurião e Ben-Hur ficaram no centro. A túnica de Ben-Hur estava rasgada no ombro e manchada de suor e resina de árvore. Uma faixa vermelha larga marcava as costas da roupa dele, mas Ben-Hur não parecia machucado, pela forma como se movia. Ele pegou a espada curta do centurião e a levantou.

“Vai servir”, ele disse.

“Você quer uma armadura? Um capacete?”

“Não. Vamos lutar sem isso, se você concorda”, Ben-Hur disse e abriu um sorriso cruel. Malluch percebeu, chocado, que Ben-Hur estava ansioso pela luta.

“Oh, com certeza, judeu, eu concordo”, disse o romano. Ele pegou uma espada e um escudo com um de seus homens. “Esse escudo está bom para você?”

Ben-Hur virou o equipamento para examinar o desenho na frente, depois passou o braço pelas alças de dentro.

“Está”, ele disse, assumindo a posição de luta, de frente para o oponente. “O que eu não lhe contei antes é que já lutei muito como romano. Sou judeu e acredito em um Deus, mas não desconheço seu deus da guerra, Marte, que vejo neste escudo. E agora você *vai morrer*!”

A luta demorou apenas um instante. As espadas curtas foram brandidas uma vez, duas. O romano mirou no rosto de Ben-Hur, então recuou, mas Judah se moveu para o lado. Ele simulou um ataque à cabeça do romano e se abaixou antes do contragolpe. Então, ele ergueu o escudo. A beirada pegou o braço direito do romano. Usando sua enorme força, Ben-Hur empurrou o escudo para cima, deslizando a borda pelo lado de baixo do braço, deixando uma trilha sangrenta. Ele deu um passo à esquerda e golpeou para cima, soltando a espada enquanto seu

adversário caía sobre o mármore desenhado. Uma poça de sangue brilhante se formou debaixo dele e as multidões nas coberturas e nas colinas irromperam em vivas. Ben-Hur pôs o pé sobre o corpo do romano, ergueu o escudo acima da cabeça, como um gladiador em Roma, e encarou o guarda junto ao portão.

Ele se abaixou e tirou a espada debaixo do corpo do centurião, então se levantou para falar com o oficial que se aproximava dele.

"Foi uma luta limpa, concorda?"

"Sim. Bem limpa."

"Vou ficar com a espada e o escudo", Ben-Hur o informou. "Uma lembrança de Roma."

"É o seu direito", o soldado respondeu.

Então, Ben-Hur se virou para os galileus no portão. A espada pingou sangue brilhante no mármore.

"Vamos", disse. "Precisamos ir embora. Estamos em segurança agora, mas não por muito tempo." Ele encontrou o líder ruivo. "Eu tenho uma proposta para vocês todos, para qualquer um que queira lutar por Israel. Encontrem-me na pousada de Bethany esta noite. Tragam a espada e o escudo para que eu o reconheça. Nós vencemos hoje. Mostramos aos romanos a nossa força. Lutando juntos, podemos fazer muito mais!" Ele entregou as armas para o líder galileu. E, então, desapareceu na multidão.

Malluch, enquanto voltava para a pousada pelas ruas estreitas e lotadas, ouviu os passantes contando e recontando a história do triunfo dos judeus sobre os romanos no Palácio de Herodes. O papel de Ben-Hur foi enfatizado, até aumentado; ele se tornou o herói do episódio. Mas Malluch estava preocupado. A morte do centurião romano tinha sido apenas um ato de exibicionismo sanguinário. Que tipo de homem matava com tanta facilidade? Que tipo de líder Ben-Hur seria de fato?

PARTE 5

Muitas vezes, ao longo dos seis meses seguintes, Ben-Hur se arrependeu daquela demonstração de força impulsiva, no pátio do Palácio de Herodes. Na época, ele disse para si mesmo que precisava mostrar para a plateia nas coberturas e nas colinas como resistir a Roma. Ben-Hur sabia que ser um líder significava ser visto e agir em público. Mas ele teria matado aquele centurião devido à fúria que sentiu depois de ver a colônia de leprosos? Um líder que agia baseado na emoção era um perigo para todo mundo. No projeto que ele tinha pela frente não havia espaço para a raiva.

Era certo que, para formar uma massa coerente de guerreiros, seria necessário autocontrole e paciência. Construir o acampamento no deserto foi a parte fácil; os homens do Sheik Ilderim tinham escolhido um lugar bem escondido com acesso a água. Havia espaços amplos para o treinamento de grupos de homens em formações de infantaria e colinas íngremes para a simulação de emboscadas. Simonides e Ilderim trabalhavam para manter o acampamento abastecido, e Ben-Hur se sentia grato por não ter que se preocupar sozinho com alimentação, armamento ou os detalhes de moradia.

Os galileus já representavam um desafio suficiente. Eles vinham e iam, discutiam, levavam seus rebanhos consigo. Os pescadores ficavam de mau humor, pois estavam rodeados pelo deserto. Logo que Ben-Hur selecionou e treinou uma tropa, nomeando seus oficiais comandantes, um terço dos homens decidiu ir embora porque precisava colher uvas, pegar carneiros perdidos ou consertar o teto de uma cabana. Ben-Hur sempre se perguntava como as notícias dessas necessidades chegavam ao seu acampamento supostamente secreto, mas quando mencionou essa preocupação para os galileus, eles juraram não ter contado para ninguém onde estavam.

O que mais deixava Ben-Hur frustrado era que eles eram guerreiros maravilhosos. O que lhes faltava em disciplina e refinamento era compensado por força e entusiasmo. Aos poucos, Ben-Hur foi descobrindo que eles respondiam melhor às simulações de batalha. Ele lhes ensinava as técnicas rudimentares do manuseio de armas, deixava que escolhessem seus líderes e os mandava lutar uns contra os outros nas colinas. Eles, às vezes, voltavam ensanguentados, mas sempre entusiasmados. Era nesse momento que Ben-Hur conseguia colocá-los na formação das tropas romanas, marchando para cima e para baixo com precisão, ensinando-lhes como manusear armas romanas e a obedecer a ordens romanas.

Assim, aos poucos, ele constituiu uma força. Ao longo do inverno, Ben-Hur identificou alguns oficiais confiáveis. Eram homens respeitados por seus companheiros, mas que também

entendiam o valor da disciplina e da obediência. Pouco a pouco, Ben-Hur foi colocando mais poder nas mãos deles. Quando o frio do inverno começou a recuar, alguns deles voltaram para a Galileia para recrutar mais homens. Logo, haveria três legiões completas. Ben-Hur ficou sabendo que em algumas vilas galileias os homens tinham adotado o treinamento militar como passatempo.

Quando a primavera chegou, ele levou um grupo de oficiais para o Oriente, para as terras inóspitas e de lava preta de Traconítide, onde a própria paisagem era o inimigo. Ali, durante longos dias, treinou com seus melhores oficiais no uso de dardo e da espada romana curta, que era empunhada com uma mão e usada a curta distância. Pela primeira vez desde que tinha saído de Jerusalém, ele começou a sentir que poderia ser possível fornecer ao Rei que viria uma força digna dele – uma força armada que seria capaz de derrotar Roma e estabelecer um estado judeu renovado. Pela primeira vez, pensou que podia estar pronto.

Então, foi com certa curiosidade e uma sensação de expectativa que, certa manhã, logo depois do nascer do sol, ele viu um mensageiro a cavalo percorrendo o caminho pelos montículos rochosos formados pelo antigo fluxo de lava. O ar estava tão claro e seco que Ben-Hur conseguiu identificar o cavalo como sendo de Ilderim e foi ao encontro do cavaleiro.

“Você vem de longe?”, perguntou, abrindo o lacre do pacote que o outro lhe entregou.

“De Jerusalém”, disse o mensageiro. Ele passou os olhos arregalados pela paisagem. “Tenho ouvido falar deste lugar. Não é muito acolhedor.”

“Você nem sempre escolhe onde vai lutar”, Ben-Hur respondeu, dando de ombros. Então, baixou os olhos para a carta, que era assinada por Malluch.

Um profeta apareceu, Malluch dizia. *Ele esteve no deserto durante anos, mas agora está pregando na margem oriental do Jordão, diz que outro homem está vindo, maior que ele. Fui até o Jordão para ouvi-lo e acredito que esteja falando do Rei que você espera. Jerusalém está toda agitada, e as margens do Jordão estão lotadas de seus habitantes. Você deveria vir – tão logo seja possível.*

Aquele era o chamado que Ben-Hur esteve esperando. Ao fim daquele dia, tinha entregado seu comando e escolhido um guia para cavalgar com ele pelo deserto. Eles não viram ninguém, viajaram rápido à noite e descansaram em oásis escondidos durante as horas de sol. Mas, dois dias depois, o guia de olhar aguçado parou no alto de uma colina e firmou os olhos no horizonte. Ben-Hur não viu nada. Alguns minutos depois, contudo, um ponto se materializou, e em menos de uma hora ele estava vendo, espantado, um enorme camelo branco com uma liteira verde, conduzido por um escravo núbio.

Só podia ser Baltazar! Quem mais tinha um camelo daqueles, com aquela liteira? E se fosse Baltazar… Ben-Hur passou a mão pelo queixo, sentindo a areia na barba. Não podia ser, contudo; Baltazar não teria exposto a filha aos rigores da viagem pelo deserto!

Mas quando eles se encontraram, Iras desceu da liteira antes do pai, colocando o pé em um tapete que o escravo abriu debaixo dela, como se a moça estivesse entrando em um palácio.

“Saudações, filho de Hur”, ela disse calmamente. “Nós estamos felizes em vê-lo. Meu pai estava seguro de que nenhum perigo nos ameaçaria, porque ele traz um selo do Sheik Ilderim, mas eu não compartilho da mesma confiança. Fiquei feliz de ver seu rosto, embora tenha reconhecido primeiro o cavalo.”

“Que a paz esteja consigo”, Ben-Hur respondeu. “O que vocês estão fazendo aqui sozinhos? O selo do Sheik Ilderim não significaria nada para algumas das criaturas mais selvagens do deserto. Muito menos para a falta de água.”

“Filho de Hur!”, veio a voz débil da liteira. “Venha! Será bem recebido!”

Ben-Hur olhou para Iras, que gesticulou na direção da liteira.

“Ele está mais frágil do que da última vez que você o viu”, ela sussurrou. “Vá falar com ele.”

Foi difícil distinguir as feições de Baltazar na sombra da liteira, mas ele parecia menor e seu

turbante estava ainda mais impressionante. Mas ele cumprimentou Ben-Hur, calorosamente.

“Ouvi-o perguntar por que estamos aqui sozinhos”, ele continuou. “Estávamos viajando com uma caravana para Jerusalém, mas sou tão impaciente! E eles tão lentos! Darme, o núbio, disse que sabia de uma rota mais rápida, que passava por um oásis onde poderíamos descansar. Mas ele não o encontrou.”

Ben-Hur olhou para o núbio que, ao lado do seu guia árabe, olhava para o leste. Os dois gesticulavam.

“Ele e o meu guia parecem estar concordando”, disse Ben-Hur. “Mas que risco para se correr! E por que a pressa?”

Uma mãozinha que parecia uma garra emergiu do robe de Baltazar para segurar o pulso de Ben-Hur.

“Oh, filho de Hur, eu tenho sonhado! Sonhos de tanta força e clareza, parecidos com os sonhos que tive há muito tempo. Ele está aqui, eu sei que está… O Salvador que tenho esperado!”

Um choque deslizou pela coluna de Ben-Hur. Como isso era possível?

“E você pensou em encontrá-lo em Jerusalém?”

“Não”, Baltazar respondeu com firmeza. “Perto do Jordão. Não na cidade. Eu ouvi a voz dizer: ‘Depressa, levante-se! Vá encontrá-lo!’, enquanto via uma multidão junto a um rio.”

Ben-Hur pegou dentro de sua roupa a carta de Malluch. A conversa sobre visões ao mesmo tempo o animava e o preocupava. Teria chegado o momento de guerrear? Ele desenrolou o papiro e resumiu seu conteúdo para Baltazar:

“Apareceu um profeta que dizem ser Elias. Ele esteve no deserto por muitos anos e disse que alguém realmente grande virá depois dele. Ele está pregando e batizando perto do Jordão e diz que todos devemos nos arrepender”.

Ele observou Baltazar enquanto dizia as últimas palavras. O velho sábio juntou as mãos e uma lágrima escorreu por sua face enrugada.

“Obrigado, meu Deus, por me trazer até aqui. Rezo para que eu possa viver o bastante para venerar outra vez o Salvador. Então, seu servo estará pronto para ir em paz.” Ele falava à vontade, como se se dirigisse a um amigo que só ele podia ver, e Ben-Hur sentiu uma pontada de urgência.

“Mas só se conseguirmos encontrar esse profeta, pai”, disse Iras com sua voz musical quando voltou para a liteira. “Estamos com sorte. De acordo com o guia do nosso amigo, existe água aqui perto.”

“Está tudo bem, minha filha”, Baltazar disse. “O Senhor provê para os seus. Eu nunca duvidei. Devemos continuar em frente?”

Quando Ben-Hur trocou de lugar com Iras, ele sentiu a mão dela percorrer seu braço, enquanto ela sussurrava em sua orelha:

“Se eu fosse rezar, seria para encontrar você, filho de Hur. Vamos ter muito o que conversar no oásis.” Ele quase caiu enquanto descia do camelo e, por alguns minutos, sentiu-se meio tonto. O ar abafado do interior da liteira, as moedas tilintando no colar de Iras e a narrativa do sonho de Baltazar lutavam com a paisagem árida e inóspita diante dele. Ben-Hur ficava olhando para trás para ter certeza de que o camelo estava mesmo ali. E aquela mão? Aquela boca? Ela tinha… ela o tinha beijado? Ou ele sonhou com aquele toque leve, do mesmo modo que Baltazar tinha sonhado com seu Salvador?

Capítulo 42

IRAS

Quando eles chegaram ao oásis, o Sol estava quase a pino e os animais mostravam cansaço enquanto trotavam pelas dunas estriadas pelo vento. As colinas se erguiam inóspitas e nada convidativas diante deles, mas uma linha escura na face da rocha ficava mais larga conforme eles se aproximavam. Até que se mostrou larga o bastante para que os cavalos, e até o camelo, passassem. Do outro lado, uma fonte brotava rodeada por palmeiras, cercadas de grama.

"Daqui", disse o guia enquanto ele e Ben-Hur desarreavam os cavalos, "faltam apenas algumas horas até o Jordão. Nós podemos dormir aqui esta noite e partir ao nascer do sol, se for bom para você. Pelo que entendi, o dono do camelo está com pressa".

"Ele está", a voz de Iras veio de trás deles. "Nós vamos descansar agora. Talvez possamos discutir nossos planos depois que o Sol se pôr? Aceite nossos agradecimentos por nos guiar", ela disse para Ben-Hur, encarando-o. "Atualmente meu pai faz pouca distinção entre o que pode ser e o que é provável. Quanto a mim, acho sua presença aqui milagrosa. Eu estive pensando em você."

Ela esteve pensando nele. Enquanto Ben-Hur dormia em cavernas e gritava com galileus, ela esteve pensando nele. Ben-Hur deitou-se à sombra, ficou ouvindo a brisa agitar as folhas das palmeiras e deixou aquele pensamento passar por ele. Os cavalos pastavam por perto. O escravo núbio tinha tirado de algum lugar uma tenda de seda elegante e deitou na frente dela enquanto Iras e Baltazar descansavam lá dentro. O que ela podia estar pensando dele? Com que frequência? De que modo? Ele sabia tão pouco das mulheres! Se Iras fosse uma garota judia devota, como sua irmã Tirzah, ou uma matrona respeitável como a que ele conheceu em Roma, pelo menos Judah saberia o que esperar dela. Mas Iras era tão parecida com Tirzah quanto um camelo se parecia com uma pantera. Eram criaturas completamente diferentes, com objetivos distintos na vida. Mas se Tirzah tinha sido criada para ser uma mulher do lar que respeitava os mandamentos da sua fé, para que Iras tinha sido educada?

Ben-Hur pensou que não dormiria, mas as duras cavalgadas à noite tinham acabado com ele. A próxima coisa que sentiu foi um inseto em seu rosto. Ainda meio dormindo, ele tentou afastá-lo, mas o inseto pousou de novo, na ponta do seu nariz e depois na boca. Ele não precisava enxergar para saber que Iras estava ali; seu perfume pesado se espalhava pelo ar.

Ele não gostava de ser surpreendido daquela forma.

"Se eu fosse seu inimigo", ela disse, debruçando-se sobre ele, "poderia tê-lo esfaqueado. Se, por exemplo, eu fosse um guarda romano no Templo de Jerusalém".

Ele abriu os olhos.

"Quem…? O quê?" Ele queria se sentar, mas o rosto dela estava sobre o seu.

“O guarda que você matou.”

“Como você sabe disso?”, Ben-Hur perguntou.

“Eu sei das coisas”, ela respondeu, recuando. Iras levantou-se, jogando o cabelo para trás. “De muitas coisas.”

Ele se levantou e se espreguiçou, tentando ganhar tempo.

“Você e seu pai descansaram bem?”

“Dentro do que é possível naquela tenda minúscula”, ela respondeu, fazendo um gesto lânguido com a mão. “Não vou ficar satisfeita até voltarmos para Jerusalém. O deserto não é lugar para um homem com a idade do meu pai.” Ela virou as costas para Ben-Hur e deu alguns passos na direção da fonte. “Você se lembra do lago no Pomar das Palmeiras? Eu queria que estivéssemos lá. Sinto falta da água.”

Ele estava decidido a conseguir uma resposta dela, embora a lembrança de Iras emergindo da água em um robe molhado o tenha distraído por um instante.

“Você sabe das coisas? O que mais você sabe?”

“Eu *não* sei como é com vocês judeus”, ela disse. “Mas eu ouvi um romano dizer: ‘A sorte favorece os audaciosos’. Você ganhou a corrida de quadrigas. Você matou aquele guarda romano na frente do palácio, à vista de milhares da sua gente. Eu acho que você está merecendo um pouco de boa sorte, não acha?”

Eles estavam lado a lado, próximos o bastante para que Ben-Hur pudesse sentir uma camada das roupas dela acariciando sua perna.

“E como você define boa sorte?”, ele conseguiu perguntar.

“Você também vai ver esse profeta”, ela disse, ignorando a pergunta. “Ou o que quer que ele seja. Ouvi falar de um exército misterioso sendo formado em um deserto remoto. Um exército para servir o Rei que virá para a Judeia. Ouvi dizer que o Sheik Ilderim aprovou o uso de suas terras para esse plano.” Ela se virou para ele. “O Sheik Ilderim, claro, deve muito a você. Também ouvi dizer que centenas de talentos estão sendo gastos para formar e equipar esse exército.” Uma ruga minúscula apareceu entre as sobrancelhas arqueadas dela. “E eu sei que o filho de Arrius herdou uma fortuna romana. Onde, eu me pergunto, está esse dinheiro agora?”

Ele ficou imóvel. *Como* ela podia saber? Com quem mais ela teria falado? O que isso significava?

A mão dela deslizou ao redor do braço dele, à altura do cotovelo, acariciando o bíceps com o polegar.

“Estou vendo que você ficou preocupado. Não precisa. Vamos andar um pouco. Eu fico tão amarrotada naquela liteira.”

Ben-Hur olhou para o acampamento, mas ninguém estava se mexendo. Até o camelo estava de olhos fechados.

“É claro”, ele respondeu. “Seu pai não vai precisar de você?”

“Meu pai”, ela respondeu com uma inflexão indefinida na voz, “não precisa de mim para nada, atualmente. Ele vive para ver esse Salvador que está esperando. Nada mais”.

“E você?”, Ben-Hur perguntou. “O que você espera?”

“Muito pouco”, ela disse. “O que eu espero é um Rei.” Ela soltou o braço dele e subiu em um monte de areia. “Está na hora de o Oriente se erguer de novo”, ela disse, olhando para ele. “Roma já dominou por muito tempo, e ela *pode ser derrotada*. Agora. Com o líder que virá. Com o exército que você formou.” Ela estendeu a mão para ele. “Eu sei que você sente o mesmo que eu.”

Ele deu dois passos longos e chegou perto dela. Mesmo a pequena elevação mudava a paisagem: uma parte maior do vale ficava à vista e o acampamento deles parecia menor.

“O que você vê?”, ela sussurrou. “Você conheceu Roma e seu poderio. Um novo império poderia nascer aqui? Consegue ver os novos exércitos com você à frente? Em uma quadriga,

talvez? Com seu próprio palácio? Com sua mulher?” Ela levantou uma mão e afastou o véu transparente de seu cabelo, que brilhou em um tom preto azulado sob a luz da tarde, caindo sobre seus ombros. Uma mecha longa caiu na frente do rosto de Iras e Ben-Hur esticou a mão para prendê-la atrás da orelha dela. Uma vez lá, sua mão não conseguiu se mexer; ela envolveu a face de Iras com uma delicadeza que ele não sabia possuir.

Ele se inclinou para beijá-la, mergulhando na sensação da pele dela na sua. Calor, umidade, movimento, maciez… Ele sentiu o coração martelando no peito. Seus braços a envolveram e ela se aninhou em seu ombro, com aquele rio de cabelo sedoso correndo de encontro ao seu pescoço.

“Está vendo”, ela disse. “Eu soube que você era um herói desde a primeira vez que o vi.”

Capítulo 43

JORDÃO

Eles partiram antes que o novo dia nascesse. À noite, Ben-Hur ouviu vozes vindas da pequena tenda.

“Filha, eu preciso ir”, era Baltazar falando. “Você poderia ter ficado em Antióquia. Não havia necessidade de vir comigo. Minha vida está próxima do fim, mas acredito que viverei para ver o Salvador. Os sonhos são fortes e lindos. Não posso gastar mais tempo aqui. Vamos partir pela manhã.” Então, as vozes se transformaram em murmúrios e ele voltou a dormir.

Mas, quando estavam saindo daquele pequeno vale, Ben-Hur pensou naquelas palavras. Se Iras não estava indo a Jerusalém para cuidar do pai como tinha lhe falado, estava indo ver o Rei? Ou… teria vindo para vê-lo, Ben-Hur?

Ela e o pai cochilavam na liteira e ele cavalgava sozinho atrás do guia. Aldebaran trotava com agilidade por entre as pedras em um leito de rio seco e Ben-Hur deixou as rédeas soltas sobre o pescoço do cavalo. O ritmo regular do animal o ajudou a pensar com calma.

Eles estavam viajando para receber um Rei. Baltazar, contudo, pensava que iria ver um Salvador, o que era uma ideia completamente diferente. Um Rei governaria como Herodes ou César faziam. Um Salvador não estaria preocupado com o poder terreno. Um Salvador, na visão de Baltazar, daria a vida eterna aos fiéis, através do amor. Talvez, eles não encontrassem nem uma coisa nem outra; a carta de Malluch mencionava apenas um profeta. Ainda assim, Ben-Hur tinha a sensação de que algo importante os aguardava.

Os sonhos dele, ao contrário dos de Baltazar, eram confusos. Enquanto o velho sábio ouvia afirmações claras, Ben-Hur via imagens fragmentadas. Coroas, exércitos reluzentes, uma imensa sala do trono com um conselho de homens poderosos – poderosos como Arrius, mas homens do Oriente, com seus brocados brilhantes e barbas pretas bem cuidadas. Ele próprio nunca estava presente nessas cenas. Ele não comandava as tropas nem participava do conselho. Iras também tinha aparecido, mas ele nunca conseguia ouvir o que ela falava, não importava o quanto tentasse. Então, Aldebaran levantou a cabeça de repente, assustado com um lagarto grande, e a atenção de Ben-Hur se voltou para seu entorno.

Ele se lembrava de Bethabara como um ponto insignificante de travessia do Jordão, de modo que ficou surpreso quando o guia apontou para um borrão poeirento no horizonte.

“Olhe!”, o guia disse. “Não somos os únicos viajantes a visitar este local!”

Logo, eles começaram a encontrar homens que, ou estavam indo na mesma direção que eles, ou voltavam no sentido contrário. Em pouco tempo, a multidão começou a ficar mais numerosa. A velocidade deles diminuiu e a mão de Iras afastou as cortinas da liteira para que ela e Baltazar

pudessem ver o que acontecia.

A empolgação era palpável. Ben-Hur passou os olhos pela multidão tentando identificar o homem que todos tinham ido procurar, mas viu apenas um mar de cabeças escuras e roupas empoeiradas. Ele entregou suas rédeas para o guia e desceu de Aldebaran.

Vasculhando a multidão, reparou em um homem alto e de barba que andava em sua direção com um cajado de pastor.

“Que a paz esteja consigo”, ele disse, colocando-se no caminho do homem. “Você está vindo do rio?”

“Sim!”, os olhos do homem se iluminaram. “Você veio ver o profeta? Ele está pregando na margem do rio. Você irá encontrá-lo logo!”

“O que ele está dizendo?”, Ben-Hur perguntou. “O que atraiu tanta gente?”

“Coisas espantosas!”, o homem respondeu, jogando as mãos para cima. “Ele fala de arrependimento. Diz que nós precisamos ser batizados. E que Deus – nosso Deus! – nos ama; cada um de nós!”

“Ele é o Messias?”, perguntou outro homem que se aproximou.

“Ele disse que não, embora todo mundo pergunte. Ele apenas diz que alguém maior está vindo. E… algo mais…” Ele franziu a testa, tentando se lembrar. “Oh, é isto! Ele disse: ‘Eu sou a voz do que clama no deserto: “Endireitem o caminho do Senhor!”.’”

“‘Endireitem o caminho do Senhor!’”, outra voz repetiu. “Eu também o ouvi dizer isso!” Os dois homens se cumprimentaram, satisfeitos.

“O que eles disseram? Ele continua aqui?”, uma voz frágil chegou até Ben-Hur. Ele olhou para cima e viu Baltazar debruçado sobre a lateral da liteira.

“Continua. Ele está pregando. Logo vamos ouvi-lo”, Ben-Hur respondeu e montou em seu cavalo.

Mas, alguns minutos depois, a multidão começou a se mexer. Ben-Hur pôde ver que a figura solitária que estava sobre um banco de areia na margem do rio tinha parado de falar. A massa de gente no lado oriental do Jordão se abriu, deixando espaço para ele subir.

“O que você está vendo?”, Baltazar perguntou.

“Ele parou de pregar”, Ben-Hur disse. “Está vindo nesta direção. Acho que se ficarmos aqui vamos vê-lo de perto.”

E ele estava certo. As multidões, murmurando baixo, abriam-se diante do homem, que seguia diretamente na direção deles. Mas que choque!

“Esse homem?”, Iras sussurrou. “Ele parece um animal selvagem!”

O cabelo dele era longo e parecia embolado, caindo-lhe até o meio das costas e sobre os olhos grandes e escuros. Ele vestia o que parecia ser a pele de um animal, ou talvez várias peles costuradas para cobrir seu corpo macilento. Alguns passos à frente do camelo, ele parou de repente, plantou seu cajado no chão e olhou ao redor, encarando o olhar de cada um dos homens.

“Preparem!”, ele disse com uma voz trovejante. “Preparem o caminho do Senhor!”

A multidão recuou. Havia uma forte determinação naquele profeta, como se ele pudesse fazer os homens se curvarem ao seu desejo.

Mas um homem com roupas de escriba se adiantou.

“Você é o Messias?”, ele perguntou.

“Depois de mim virá alguém mais poderoso do que eu”, disse o profeta. “Aquele cujas sandálias não sou digno de me abaixar para desamarrar.”

“Mas você estava batizando, não?”, insistiu o escriba.

“Eu os batizei com água”, foi a resposta, “mas ele os batizará com o Espírito Santo”. Então, ele levantou o cajado e seguiu em frente. Mas alguns passos depois, ele apontou para um homem na multidão.

“Vejam!”, ele gritou. “Vejam o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!”

As massas não foram para frente, ao contrário, afastaram-se de novo, deixando um homem sozinho no meio de um círculo de solo bem pisado. Ben-Hur o viu com clareza. Todo mundo que estava lá naquele dia diria a mesma coisa anos depois – que o tinham visto, e que se lembravam. Mas ninguém conseguiria descrevê-lo com precisão. Ele era um homem; isso era tudo. Ele vestia roupas brancas, como muitos dos homens presentes. Ele não falou. Haveria discussões sobre a expressão dele: ele sorriu? Olhou para alguém? Fez algum gesto? Por que, então, todo homem que o viu naquele dia se sentiu abençoado?

Principalmente Baltazar. O camelo, como sempre, obedecendo aos seus próprios impulsos, dobrou com delicadeza os joelhos. Baltazar desceu da liteira e caminhou alguns passos até conseguir ver com clareza o homem de branco. Ele, como o camelo, se ajoelhou com uma elegância que não possuía há anos. E Ben-Hur viu em seu rosto alegria e gratidão – e reconhecimento. Houve um momento de silêncio; então a voz do batista soou com clareza absoluta:

“Este é ele… este é o Filho de Deus”.

O Filho de Deus. Houve silêncio. Até o ar pareceu parar de se mover. O sol ainda brilhava. Talvez estivesse mais resplandecente sobre a cabeça do homem de branco. Talvez tenha ecoado um som, um coro de vozes sublimes. Ou foi só uma sensação de grandiosidade, esperança, calor… fé. Por um instante.

Então, esse momento acabou. O homem de branco se moveu. O batista desapareceu na multidão. Baltazar caiu no chão e, enquanto estava sendo carregado de volta para a liteira, não havia ali nada além de pessoas se movendo – mas pessoas que tinham testemunhado algo extraordinário. Enquanto se dirigiam ao local da travessia do rio, Ben-Hur se abaixou para perguntar a um estranho:

“Quem era o homem de branco?”.

O estranho deu de ombros antes de responder.

“Talvez seja o Filho de Deus. Mas outros dizem que ele é o filho de um carpinteiro de Nazaré.”

E então, Ben-Hur se lembrou do rosto que lhe pareceu familiar, e da sensação que aquele rosto lhe transmitiu. Era uma sensação de paz, perseverança e força. E a última vez que ele sentiu isso foi quando um estranho lhe deu água em um vilarejo, quando estava a caminho das galés.

Capítulo 44
JERUSALÉM

Baltazar não morreu ali. Na verdade, a visão daquele homem modesto de Nazaré renovou sua vitalidade. Ele se recusou, contudo, a voltar para Alexandria. Baltazar insistiu em permanecer na Judeia, para ficar perto do homem que ele chamava de Salvador.

Aonde Baltazar ia, Iras o acompanhava. Isso ficou claro nos dias que se seguiram ao encontro com o batista. Também ficou claro para Ben-Hur que pai e filha tinham se tornado, de algum modo, sua responsabilidade. Baltazar afirmava que ficaria feliz de morar em uma caverna, e era óbvio que ele falava a verdade, mas era inconcebível hospedar Iras em uma caverna, ou em qualquer coisa que não fosse um palácio.

Felizmente, havia um palácio disponível. Com sua habitual eficiência, Simonides tinha conseguido comprar o Palácio Hur do governo romano. E, se para quem estava de fora parecia que o dono do palácio era o velho sábio egípcio, essa ilusão poderia ser benéfica. Então, Iras e Baltazar se instalaram ali. Baltazar, satisfeito, gastava seu tempo com leituras e orações. Iras logo percebeu que Jerusalém oferecia poucas oportunidades para uma mulher com a sua independência e sofisticação. Então, ela dedicou sua energia para redecorar a casa de Ben-Hur. Tudo tinha que ser esplêndido, digno de um rei.

O próprio Ben-Hur não sabia muito bem o que se passava. Ele sentia que Jerusalém era perigosa demais para ele, ainda mais no palácio de sua família. Ele voltou para a Galileia, onde recrutou mais soldados, instruiu mais oficiais, inventou novos treinamentos e exercícios para que os jovens de cada vila pudessem formar uma tropa armada, completa com armas e suprimentos para cinco dias de marcha, em menos de uma hora. Quando o Rei se declarasse, eles estariam prontos.

Mas aquele Rei era intrigante. Um ano se passou, mais um e ainda um terceiro. O Rei, ou pelo menos o filho do carpinteiro de Nazaré, andava pela região. Se ele *fosse* mesmo um rei, sua comitiva não tinha nada de impressionante. Ele falava pouco de si, mas muito de Deus. Ele era paciente e gentil, mas firme. E atraía as pessoas, era verdade. Elas se reuniam para ouvi-lo falar algumas palavras e não iam embora. Às vezes, depois de ouvir esse tal de Jesus, um homem abandonava seu arado no meio do trabalho e ia embora, para nunca mais voltar. Ou largava sua rede de pesca. Ou reunia seus irmãos e primos para ouvir o nazareno falar só mais uma vez. Alguma coisa na mensagem dele fazia com que as pessoas quisessem ouvi-la várias vezes.

Ele fazia homens – e mulheres, também – se sentirem fortes e bons. Ele os fazia acreditar que havia um sentido no mundo. Ele fazia com que as pessoas se olhassem, com que realmente se *vissem*, com bondade e compaixão. Multidões na Judeia sempre resultavam em brigas, mas não as que acompanhavam Jesus. A comida era compartilhada. As crianças corriam ao seu redor

e ele punha as mãos gentis sobre suas cabeças.

Ao fim do terceiro ano, o exército estava pronto. Ben-Hur sabia que não tinha mais o que fazer. Ele andou acompanhando Jesus em alguns momentos, na esperança de conseguir entender o homem que seria o líder. Ele iria querer uma cavalaria? Que estratégias preferia? Será que decidiria atacar os romanos em Jerusalém ou em algum outro lugar?

Todas essas questões lhe pareciam razoáveis enquanto Ben-Hur estava no deserto observando suas tropas ou discutindo táticas junto à fogueira do acampamento. Simonides, que Ben-Hur visitava com frequência, mostrava uma compreensão surpreendente dos assuntos militares e um grande entusiasmo com a violência. Ilderim costumava aparecer no acampamento em meio a um redemoinho de cavaleiros beduínos, que chegavam a galope com bandeiras ao vento e lanças em punho, só por diversão. Ele ficava alguns dias e depois ia embora a galope, deixando cavalos novos para trás, levando alguns de volta consigo, e sempre despedindo-se demoradamente de Aldebaran, o baio de Ben-Hur.

Então, Judah visitou uma vila da Galileia, Caná, e ficou sabendo da festa de casamento em que Jesus transformou água em vinho. De verdade! Todo mundo tinha visto! Ou então, ele encontrava os seguidores reunidos em um grande acampamento, ouvindo pacificamente às pregações do nazareno, que eram muito simples, mas faziam arrepios percorrer sua coluna. Ben-Hur sempre se sentia inquieto na presença dos seguidores. Eles pareciam compreender algo que continuava a ser um enigma para ele. Era muito mais fácil estar no acampamento militar, onde os objetivos eram conhecidos. Matar gente era uma habilidade tão antiga quanto o homem.

* * *

Esther tinha notícias de Ben-Hur por meio do pai. Ela suspeitava que Simonides sabia mais do que lhe contava. Desde o dia da corrida de quadrigas, quando ela traiu seus sentimentos, seu pai não conseguia falar de Judah com ela sem ficar constrangido. Às vezes, Esther achava que isso mostrava sensibilidade, mas com frequência ela ficava apenas irritada. Ela sabia que Iras tinha enfeitiçado Judah. Ela sabia que seus encantos – quaisquer que fossem – ficavam na sombra dos da egípcia. Ela estava conformada com sua invisibilidade. Mas parecia não ter como convencer seu pai disso.

Então, ela ficou apreensiva quando seu pai anunciou que eles iriam a Jerusalém para a festa de Páscoa. Pelo menos em Antióquia seus afazeres a mantinham ocupada e, de modo geral, satisfeita com a vida. O que ela faria em Jerusalém? Até lhe ocorreu que Iras poderia querer colocá-la para trabalhar. Ela não sabia nada de palácios, a não ser que eram grandes. Ela era uma escrava; escravos trabalham. Será que Iras tentaria colocar uma vassoura em sua mão? Ela ficou vermelha de raiva só de imaginar esse encontro.

Ainda assim, Ben-Hur estaria lá. Ela tentou controlar sua imaginação para não inventar cenas em que Judah a recebia calorosamente, com olhares de admiração. Ela sabia que esses olhares estariam reservados para Iras. Mas, ainda que fosse uma mulher prática, ela não conseguia dominar suas expectativas irreais.

A viagem foi longa e difícil. Simonides viajou em uma liteira suspensa entre dois camelos, e Esther percebeu que ele sentiu dor a maior parte do tempo. Quando eles se aproximaram de Jerusalém, contudo, seu pai ficou mais calmo e alegre. Uma noite, durante o descanso da caravana perto de um oásis, ele disse a Esther e Malluch que nunca esperou rever a Judeia.

“Eu tinha me esquecido”, ele disse, “de como a luz é clara. Só isso já vale todas as dificuldades e o desconforto.” Ele olhou com carinho para Esther. “Eu sei que tudo isso pode parecer demais para você, e algumas vezes me arrependi de ter insistido nesta viagem, mas espero que, depois que chegarmos, você entenda por que fiz isso.”

“Estou certa de que vou entender”, Esther respondeu. Era mentira, mas o que mais ela

poderia dizer?

Mas, alguns dias depois, ela estava na cobertura do Palácio Hur, o Sol estava baixo no céu, e ela entendeu a compulsão do pai. À volta toda, as colinas ocres abraçavam a cidade murada. No ar seco, os edifícios grandiosos do templo brilhavam, enquanto o céu pairava acima deles como uma grande cúpula azul que, a oeste, ia se transformando em rosa e depois coral. O templo! O Lugar Sagrado estava tão perto! A cidade começava a ficar cheia de peregrinos para a festa sagrada da Páscoa, e mesmo de onde estava, Esther percebia a alegria respeitosa que tomava as ruas.

Ela deu as costas para aquela paisagem quando ouviu um chalreio e asas farfalhando. A chegada de Malluch tinha espantado um bando de papagaios que pousou na palmeira onde ficaram tagarelando e derrubando cascas de sementes. Ele tirou uma pena azul do ombro e cumprimentou Esther.

“Que a paz esteja consigo, filha do meu senhor”, ele disse. “Fui enviado para lhe dizer que o filho de Hur está vindo.”

“Obrigada”, Esther disse, esperando não ter ficado corada. “Tenho certeza de que meu pai ficará alegre ao vê-lo.”

“Todos nós ficaremos”, veio a voz de Iras, acompanhada do tilintar de seus colares, quando ela chegou ao topo do palácio. “Você está admirando a cidade, Esther? O que está achando?”

Esther hesitou um instante antes de falar.

“Compacta”, ela disse, afinal.

Iras riu.

“A cidade sagrada da sua fé e você a chama de ‘compacta’! Tão prática! Eu acho que esse é seu papel na vida.”

“E qual você diria que é o seu?”, Esther perguntou, afável.

“Ah, eu acho que logo vamos ouvir algo sobre isso”, Iras disse, observando o chão de mosaico. “Malluch lhe disse que Judah está vindo?”

“Sim, obrigada”, Esther respondeu. “É melhor eu ir contar para o meu pai.” Ela olhou para Malluch e ele inclinou a cabeça, como se concordasse. Por que Esther sentiu que ele achava Iras tão exasperante quanto ela?

* * *

“Você não pode fazer nada com esses pássaros?”, Iras perguntou enquanto Malluch observava Esther descer a escada.

“Os pássaros?”, ele perguntou, voltando-se para a egípcia. “Nós tentamos, você deve se lembrar. Primeiro o veneno, depois o falcão e as redes. Talvez você deva perguntar ao filho de Hur, quando ele chegar, o que a família dele fazia para afastar as aves. Eu já não sei o que fazer.”

“Oh, não importa”, ela disse. “Nós vamos ter coisas mais importantes para discutir. É que eles fazem muita sujeira. Isso se espalha! E eu quero que Judah fique feliz com a aparência de tudo.”

“Vou mandar alguém para limpar”, ele disse.

“Não, não precisa.” Iras caminhou até o divã no gazebo. “Eu quero ficar sozinha. Mas quando Judah chegar, peça que ele venha me ver.”

Malluch só concordou com a cabeça, observando-a arrumar a saia para que os tornozelos aparecessem.

“Isso é tudo”, ela disse, vendo para onde ele olhava. “Oh, você também pode mandar alguém com bebidas. Talvez Esther possa nos trazer uma bandeja. Tenho certeza de que Judah vai ficar feliz ao vê-la outra vez.”

Malluch sentiu uma raiva súbita e baixou os olhos enquanto a imaginava pisando com os pés

descalços em um bolo de fezes frescas de pássaros.

Mas, quando ele reviu Iras, ela calçava um par de sapatilhas douradas e exibia um sorriso convencido, enquanto se pendurava no braço de Judah. O jovem príncipe tinha pedido que todos se reunissem no salão central do palácio. Malluch empurrou a cadeira de rodas de Simonides até lá e encontrou Baltazar recostado em almofadas sobre um divã. Esther entrou atrás deles, pegou um banco estofado e sentou-se ao lado do pai. Quando Ben-Hur os viu, ele tirou a mão de Iras de seu braço e atravessou a sala.

"Que a paz esteja consigo, Simonides!", ele exclamou. "E com você também, doce Esther. Abençoados sejam vocês dois!" Ele sorriu quando Esther se levantou para cumprimentá-lo e meneou a cabeça. "Por favor, fique sentada. Eu fico muito feliz de ver os dois na casa do meu pai. Espero que sua viagem tão longa, desde Antióquia, não tenha sido muito difícil."

"Não foi fácil", Simonides respondeu, "mas valeu a pena. Fico feliz por voltar à nossa terra. Estive longe por muito tempo. Fico feliz também por Esther visitar a terra de seus ancestrais".

Ben-Hur se virou para ela, e Malluch, observando com atenção, pensou tê-la visto corar.

"O que você está achando?", Ben-Hur perguntou.

Ela refletiu, depois falou com calma:

"É emocionante estar no centro da nossa fé, em meio a tantos outros judeus."

"Você já foi ao templo?", ele perguntou.

"Ainda não. Talvez eu e meu pai iremos quando as multidões diminuírem, depois dos dias santos."

"Espero ainda estar aqui", ele respondeu. "Eu gostaria de ir com vocês."

"Vocês também deveriam ir ao palácio, para mostrar à pequena Esther onde você matou o romano", Iras interveio.

"Não", Ben-Hur foi breve. "Não quero incomodar Esther com esse incidente."

"Mas conte-nos as novidades!", Baltazar falou. "Você reuniu todos aqui. Deve ter alguma coisa para contar."

"Bem, eu tenho." Ben-Hur olhou para o grupo reunido, então ergueu os olhos para o teto muito alto.

* * *

Esther compreendeu a hesitação dele. A imensidão daquela sala era opressiva.

"Por que você não fica ali, perto da lareira?", ela perguntou, levantando-se. "Ali. Eu aproximo a cadeira do meu pai." Mas antes que ela pudesse dar dois passos com Simonides, Ben-Hur a deslocou, tirando suas mãos das costas da cadeira de rodas. Em poucos minutos, eles estavam dispostos em um círculo, com a lareira brilhando em seus rostos. O fogo foi refletido pelo bracelete de cobra de Iras e pelo bordado dourado do turbante de Baltazar. Esther ficou sentada um pouco atrás do pai, com a mão sobre a dele no braço da cadeira.

Ben-Hur olhou para os rostos e inspirou fundo. Então, ele meneou a cabeça e começou.

"Vocês sabem qual tarefa eu assumi ao longo dos últimos três anos. Todos nós acreditamos na importância desse homem que eu chamo de nazareno." Ele olhou diretamente para Baltazar. "Nós todos acreditamos que ele é o futuro líder da Judeia. Nascido, como vocês sabem, para ser o Rei dos Judeus. Ele está vindo para cá, neste momento. Estará aqui amanhã. Alguma coisa vai acontecer, nós ainda não sabemos o quê. Ele se refere ao Templo como 'a casa do meu Pai'. Eu tenho a sensação de que esse será o clímax, o momento que todos estamos esperando."

Ele falava, Esther pensou, com a confiança de um homem que precisava com frequência convencer os outros.

"Eu passei a maior parte dos últimos três anos desenvolvendo a missão que você, Simonides, e o Sheik Ilderim conceberam: fornecer a esse futuro Rei a força de que ele vai precisar para

acabar com o domínio de Roma. Mas, não me concentrei apenas em formação de tropas e planos de batalha. Eu acredito que também conheci um pouco o nazareno enquanto ele viajava pelo interior, pregando e ensinando. E posso lhes dizer uma coisa, com certeza: ele é um ser humano como eu e vocês. Ele come, dorme, sente calor e frio."

"Você pode fazer um resumo do que ele prega, filho de Hur?", Baltazar pediu. "Eu tenho ansiado, esse tempo todo, para saber o que é que ele diz."

"Sim, vou fazer isso. Mas antes, eu tenho que lhes dizer que, embora seja um homem, ele é… algo mais."

"Algo mais? O que você quer dizer com isso?" A voz de Iras pareceu irritada. Mas Ben-Hur não lhe respondeu de imediato, pois Amrah, que estava no mercado quando ele chegou, entrou na sala. Ela parecia pronta para abraçá-lo, mas, em vez disso, se ajoelhou aos pés dele. Como Ben-Hur tinha evitado o palácio da família, Amrah não o via desde que ele tinha encontrado a mãe e a irmã. No dia seguinte, ela iria contar para as duas como Judah estava magnífico – mas naquele momento a emoção a dominou.

"Amrah!", ele disse. "Estou tão feliz de ver você! Faz tanto tempo!" Ele pôs as mãos debaixo dos cotovelos dela e a colocou de pé. "Você está bem! Mas… o quê?"

Ela tinha enterrado a cabeça no peito dele e irrompido em lágrimas. Embora Esther e Simonides fossem recém-chegados àquela casa, Esther já sentia muito carinho por Amrah, e ela se levantou rapidamente para colocar seu braço ao redor da velha ama. Amrah chorou ainda mais, mas soltou Ben-Hur e deixou que Esther a conduzisse para fora do círculo de luz.

"Você está bem, Amrah?", Ben-Hur perguntou. "Esther, você pode tentar descobrir o que há de errado com ela?"

Esther assentiu e puxou Amrah para o seu lado em um banco baixo. As duas vozes baixas foram ouvidas por um instante, então Iras interveio.

"Continue, filho de Hur. Esse Rei que chegará a Jerusalém amanhã, como você diz… é algo mais que um homem? Um grande guerreiro, talvez? Um chefe? Um sábio? Um mago?"

"Nada disso", ele respondeu depois de um breve silêncio, refletindo. "Por exemplo…", ele passou os olhos pelos rostos expectantes, "isto pode fazer com que ele pareça um mágico… mas eu ouvi dizer que, em um casamento, ele transformou água em vinho".

Iras riu.

"De que isso adianta para um rei governar?"

"Se ele pode transformar água em vinho", Simonides disse, deixando claro em sua voz que desaprovava o comentário de Iras, "então, talvez para ele, nada no mundo seja definitivo. Quem sabe ele não poderia transformar uma legião de romanos em… um bando de patos!".

Todos riram um pouco da ideia de romanos transformados em patos, mas Ben-Hur logo continuou.

"Na verdade, Simonides tem razão. Eu não estava com ele quando outro incidente aconteceu, mas… isto foi mais longe, em Gadara. O grupo encontrou dois homens possuídos e o nazareno exorcizou os demônios, que acossaram uma vara de porcos. Estes correram para o mar e os homens se recuperaram."

"Então, ele tem poderes incomuns, pelo que você diz", Baltazar falou. "Mas como ele os usa? Com certeza isso é ainda mais importante?"

"Concordo com você. Mas, o modo como ele vive é diferente do de qualquer soberano de quem eu ouvi falar. Por exemplo, ele viaja com um grupo de homens humildes. Eles caminham por estradas, conversando; quando chegam a uma vila, o nazareno conversa com qualquer um. Ele é gentil com os fracos, as crianças, as mulheres. Ele prega paciência, humildade e compaixão. Os homens simples que o seguem demonstram muita bondade uns com os outros. Mesmo nos ajuntamentos maiores, não existe raiva nem roubos. As pessoas compartilham a comida e cuidam umas das outras. Isso, Baltazar, é devido à influência dele. E…" Ele fez uma

pausa e meneou a cabeça. “Ele cura.”

Esther, do outro lado da sala, manifestou-se.

“Ele cura? É um curandeiro?”

“Não da forma como conhecemos”, Ben-Hur respondeu. “Não com ervas e poções. Eu o vi uma vez… Nós estávamos saindo de Jericó e havia dois pedintes cegos ao lado da estrada. Eles o chamaram e ele foi até lá e tocou nos olhos deles. E os homens começaram a enxergar. Simples assim.”

O grande salão ficou em silêncio e até o crepitar do fogo podia ser ouvido.

“Depois ele curou um homem com paralisia. Ele disse para o homem, ‘Levante-se, pegue sua maca e vá para casa’, e o homem, que estava paralisado e tremendo, quase incapaz de se mover… levantou e saiu andando.”

“Mas como isso pode nos ajudar?”, Iras perguntou. “É claro que o homem paralítico ficou feliz, mas o que isso faz para derrotar Roma?”

Ben-Hur apenas ergueu a mão.

“Ele tem curado, diversas vezes, pessoas com os piores flagelos. Eu estava com ele quando isto aconteceu: um leproso se aproximou dele na Galileia. Todos nós queríamos afastar o homem, mas o nazareno não deixou. Ele andou na direção do leproso. Vocês já viram um de perto?”, ele perguntou para o grupo. “Que maldição! É como se o seu corpo devorasse a si mesmo! Esse homem vestia trapos imundos e se apoiava em uma muleta; é o tipo de pedinte que, quando passamos por um na estrada, nós fechamos a roupa para não corrermos o risco de sermos tocados. O que, de fato, as escrituras ordenam. Mas o leproso, cuja voz mal se conseguia ouvir, disse: ‘Senhor, se for sua vontade, você pode me tornar puro’. E o nazareno estendeu o braço. Ele tocou o homem com a mão e disse: ‘Fique puro’. E… ele ficou.”

Nas sombras, Esther sentiu os ombros magros de Amrah ficarem tensos e a velha criada endireitou o corpo.

“Essa não foi a única vez que ele curou leprosos”, Ben-Hur continuou. “Havia um grupo de dez pessoas que foi até ele. E o nazareno lhes disse para irem até o sacerdote do templo, para se purificarem, e que estariam curados antes de chegarem lá. E isso aconteceu. Ele tem tanto poder. São milagres, não são?”

Amrah murmurou alguma coisa para Esther e saiu da sala, mas só Esther reparou.

“Sim”, Baltazar respondeu com satisfação. “São milagres.”

“Eu concordo”, disse Simonides. “Mas esse poder… o que mais ele pode fazer com isso?”

Ben-Hur se afastou da lareira na extremidade da sala. Ele sorriu distraído para Esther e retomou sua posição inicial.

“Eu hesitei em lhes contar isto porque parece bizarro.” Ele olhou rapidamente para Iras. “Ele pode derrotar a morte.”

Todos soltaram uma exclamação e Baltazar murmurou algo em uma língua que nenhum deles reconheceu, um tipo de oração ou encantamento.

“Eu vi acontecer. Ele fez um jovem levantar de seu caixão, perto de Nain. A mãe estava chorando e o nazareno tocou o corpo e disse, ‘Levante-se!’, e o cadáver… o homem levantou.”

“Apenas Deus é tão bom!” Baltazar exclamou, levantando as mãos acima do rosto. “Apenas Deus pode fazer essas coisas!”

Ben-Hur meneou a cabeça.

“Pode ser. Baltazar pode ter razão. Nós não sabemos ainda. Na Galileia, algum tempo atrás, nós tentamos coroá-lo. Vocês sabem como são os galileus, impacientes. Nós estávamos trabalhando tanto, tínhamos orgulho do nosso exército; nós queríamos…”

“Conquistar!”, Iras concluiu.

Ele concordou.

“Sim, conquistar. Então nós marchamos até o Mar da Galileia, onde ele estava pregando, e o

rodeamos, chamando, gritando, e… ele desapareceu. Ele não quis saber de nós, com nossas armas e nossos gritos. Ele não quis a coroa.”

Esther levantou a cabeça ao ouvir o espanto, a decepção na voz de Ben-Hur.

“E agora ele está vindo para cá?”, Simonides perguntou.

“Sim. Ele chega amanhã. Vai haver uma espécie de procissão. A esta altura, o grupo que o segue é bem grande.”

“E vai ficar claro, amanhã, quem ele é e o que pretende fazer”, Iras disse. “Ele vai se proclamar rei. Com certeza é por isso que está vindo para Jerusalém!”

“Ele é nosso Messias”, Simonides disse, confiante. “Está vindo para restituir aos judeus o poder que já tiveram. Os profetas previram tudo isso!”

Baltazar meneou a cabeça.

“Ele é o Salvador das almas”, insistiu o velho sábio. “Ele pode trazer homens de volta à vida, mas, filha, ele não será coroado. O reino dele não será neste mundo.”

Ben-Hur deu de ombros.

“Eu não sei. Eu já o vi tanto quanto outros homens e ainda não tenho certeza. Mas logo a espera irá acabar.”

Depois de um instante de silêncio, Esther levantou-se de seu banco e saiu discretamente da sala para preparar o quarto de seu pai. A imagem que ficou na cabeça dela foi a de um homem bondoso, que caminhava com seus amigos e curava os doentes. Ela não conseguia imaginar que esse homem aceitaria uma coroa. Nem Ben-Hur, ela desconfiava, apesar de toda aquela conversa sobre vitória.

Capítulo 45

PURAS

Ben-Hur tinha certeza de uma coisa: a entrada do nazareno em Jerusalém atrairia multidões. A cidade já estava transbordando de peregrinos que chegavam para a Páscoa. Tendas pontilhavam as colinas além das muralhas, e as ruas, sempre congestionadas, estavam quase intransitáveis.

As emoções costumam aflorar em momentos como esse. Brigas irrompem. Soldados romanos patrulhavam as ruas, prontos e ansiosos para quebrar algumas cabeças. O nazareno precisaria de proteção e Ben-Hur estava decidido a fornecê-la. Ele passou a noite na pousada em Bezetha, onde tinha deixado uma tropa de seus guerreiros galileus treinados. O nazareno entraria em Jerusalém pelo leste com seus seguidores, cujos números tinham crescido continuamente e agora estavam na casa das centenas. Mas a notícia de que um grande líder estava chegando tinha se espalhado por Jerusalém. Não havia dúvida de que multidões correriam para as muralhas da cidade para conhecê-lo. Quer as pessoas acreditassem nele ou não, sua chegada serviria de entretenimento. E para um homem de formação militar como Judah Ben-Hur, grandes grupos de civis agitados sempre representavam uma ameaça.

Naquela manhã, os galileus vestiam suas túnicas e robes de moradores da cidade. Eles tinham sido instruídos para se misturarem à multidão e nunca deixarem as curtas espadas à vista. Eles estavam ali apenas para manter a ordem e proteger o nazareno. O próprio Ben-Hur cavalgou até um pouco além dos muros da cidade, para o alto de uma pequena colina. Atrás dele, saindo de Jerusalém, veio uma grande massa de homens. Eram milhares. Eles agitavam folhas de palmeira e, quando o vento mudou de lado, Ben-Hur pôde ouvir os hinos que a multidão entoava, acompanhados por pequenos tambores e címbalos. Jovens dançavam nas margens da estrada, aparentemente embriagados pela alegria.

Do outro lado da colina, subindo a encosta, vinha o próprio nazareno, rodeado por uma multidão semelhante. Ben-Hur reconheceu alguns rostos que o acompanhavam: Pedro e os dois pescadores filhos de Zebedeu, que caminhavam atrás do nazareno e vasculhavam a multidão com um vinco profundo no rosto. O homem no centro da comoção vinha sentado, tranquilamente, em um burrico, com suas roupas brancas, aparentando estar com o pensamento longe dali.

Ele não parece muito feliz, Ben-Hur se pegou pensando. Era como se Iras estivesse falando dentro de sua cabeça. *Ele não parece um líder. Com certeza não parece um Rei.*

Alguém jogou um ramo de palmeira na estrada à frente do burro e no mesmo instante outros o imitaram. A superfície estreita e rochosa logo ficou coberta de verde. Aqui e ali, pessoas extravagantes jogaram suas capas no chão. O burro marchou por cima do novo piso tão distraído quanto o homem que vinha montado nele.

Não é assim que se faz, Ben-Hur pensou. Ele tinha visto desfiles. Os romanos sabiam encenar um espetáculo, o que também era uma forma de governar: uma demonstração de força. O sujeito deve ficar empertigado, para que as pessoas possam vê-lo. E ele deve acenar!

Onde estavam as bandeiras e as trombetas? Onde estavam o brilho e a fanfarra, a evidência de poder?

Cerca de 100 passos mais adiante, o nazareno alcançou a multidão que tinha saído de Jerusalém e um grito ecoou pelas montanhas. Mais além, bandos de pássaros alçaram voo das árvores e fizeram uma volta, em pânico. Até Aldebaran se remexeu, incomodado pelo barulho. Isso era estranho, pois ele tinha enfrentado com muita calma o tumulto que foi a corrida de quadrigas. Ben-Hur olhou para o cavalariço árabe que o acompanhava. Ele desceu da sela e levou Aldebaran para o homem, que estava sob uma sombra com sua própria montaria.

"Fique com ele até eu voltar", Ben-Hur o instruiu.

A estrada chegava em um lugar que deveria ter sido um riacho há muito tempo. Quando chovia, a água devia escorrer pelas pequenas colinas de cada lado e formar um regato. Naquele momento, havia ali um rio de pessoas, que se movia com alegria, mas também muito lentamente, sob o sol da manhã.

Ben-Hur observou a massa humana no leito da estrada e decidiu seguir pela encosta rochosa para se aproximar de Jesus. Ele não tinha motivo para se preocupar, Ben-Hur disse para si mesmo. Mas… ele só queria ver. O nazareno iria falar? Iria… comandar?

Será que ele diria *"Este é o momento, meu povo! Vamos nos livrar do jugo romano!"*, ou, *"Jerusalém será libertada!"*. Será que, de repente, ele se aprumaria sobre o burro, levantaria os braços e daria um grito de vitória?

Não. Ben-Hur rodeou uma árvore atrofiada e viu o nazareno. A multidão seguia em frente, mas o burro e alguns dos discípulos estavam na beira da estrada onde Jesus tinha desmontado. Ben-Hur não estava perto o bastante para ouvi-lo sobre o clamor das massas, mas a cena lhe era familiar. Era isso que o nazareno fazia: pessoas com dor se aproximavam dele e Jesus lhes tirava seus fardos. E agora, enquanto ele fazia sua entrada triunfal na cidade central de sua fé, ele deu as costas à multidão que o aplaudia para ouvir mais uma súplica.

Alguns passos ao lado da estrada, perto de uma rocha branca cintilante, havia uma pequena mulher morena – um tipo de criada – com dois leprosos, cujos sexo e idade eram impossíveis de se adivinhar. Uma delas devia ter gritado para chamar a atenção do nazareno. Este ficou parado, ouvindo. Ele falou, embora Ben-Hur estivesse longe demais para ouvir o que foi dito. Uma das criaturas desesperadas gesticulou com as mãos erguidas. Jesus assentiu e falou de novo. Então, ele ergueu a mão e abençoou os leprosos. Apenas naquele momento ele pareceu feliz. Então, ele se virou e montou novamente no burro.

Leprosos, Ben-Hur pensou e uma espécie de desespero o fez estremecer. *Esse é o tipo de rei que ele é; o tipo que dá as costas a uma entrada triunfal para curar uma dupla de leprosos. Como ele irá derrubar Roma com isso?*

Mas então, a pequena criada morena caiu de joelhos e ele a reconheceu. A mulher ergueu as mãos para os leprosos, como se quisesse abraçá-los. Ele tinha recebido com frequência aquele abraço! Mas o que Amrah estava fazendo com uma dupla de leprosos?

Antes que ele pudesse pensar, seus pés entraram em movimento. Ele saltou sobre pedras e arbustos, sem nunca tirar os olhos daquele trio. Os leprosos tinham caído de joelhos, com as mãos cobrindo seus rostos, enquanto Amrah olhava para o nazareno, mal visível àquela altura em meio à massa humana que se movia lentamente. Amrah não ouviu Judah se aproximar.

Ele parou a cerca de dez passos, por hábito. Ninguém se aproximava de leprosos.

"Amrah?", ele chamou.

Ela se virou e o reconheceu.

"Patrão, patrão!", ela exclamou e cambaleou pelas rochas e arbustos que os separavam.

“Patrão!”, ela disse, mais uma vez, e estendeu os braços para segurar as mãos dele.

Ben-Hur recuou um passo automaticamente, franzindo o rosto.

“Amrah, o que você está fazendo?”, ele perguntou. “Eu a vi com esses leprosos. Agora você está impura!”

Então, ele ouviu seu nome, quase sussurrado. Apesar do clamor da procissão, ele ouviu. Tinha vindo de um dos leprosos, que pareciam ser mulheres. Duas mulheres.

“É você mesmo, Judah?”, disse a outra. Sua voz estava mais forte, mais audível.

Ele se virou para Amrah.

“Mas quem são elas?”, ele perguntou. “Por que me chamam pelo nome?”

Ela olhou para ele, os olhos agitados, incapaz de falar.

Uma delas se aproximou um passo. Ela parecia estar melhor. Conseguiu endireitar o corpo enquanto sua pele parecia estar se curando sozinha ali, enquanto ele a observava.

“Judah”, ela disse. “Sou sua mãe.”

Ele olhou para Amrah querendo a confirmação, então se voltou para a leprosa. Ela mudava a cada instante. Ele esticou a mão para o galho espinhoso de uma árvore ao lado e se segurou nele. O chão, de repente, pareceu se mover.

“Mãe?”, ele tentou dizer, mas foi quase como tentar falar em um sonho, com a garganta fechada e a língua sem se mover. “Tirzah?”, ele conseguiu resmungar. Ele olhou para a outra leprosa. O cabelo dela já tinha perdido a textura áspera e amarrotada e recuperado um pouco de sua cor. Os olhos dela procuraram os seus e… ela sorriu. “Tirzah!”, ele exclamou.

E então, todos estavam chorando. Eles formaram um círculo, só olhando um para o outro, porque Amrah conseguiu manter a serenidade.

“Vocês ainda não podem se tocar”, ela disse, firme. “As roupas podem carregar a doença. Judah, recue.”

“Oh, Amrah, é mesmo?”, ele disse. “Se você soubesse como eu desejei o toque da minha mãe e da minha irmã!” Ele olhou ansioso para elas, que estavam à distância de um braço.

Elas pareciam brilhar e olharam para ele com tanta alegria que o ar à volta delas pareceu cintilar. Aos poucos, o corpo delas mudava e Ben-Hur pôde vê-las da forma que se lembrava delas, as mulheres da sua família, que ele tinha amado e agora poderia amar de novo.

Por causa do nazareno.

Ele tinha ficado estupefato ao ver essas curas antes. Mas, naquele momento, em que o toque curador do nazareno alcançou sua própria vida, mais do que qualquer coisa, ele queria ficar de joelhos. Ele teria beijado a barra do robe de Jesus. Ele teria levantado as mãos para o céu, como Baltazar fez. Glória? Ele pensou que conquistar trazia glória? Certamente aquele era o verdadeiro esplendor!

“Judah, quem é ele? Você acha que é o Messias?”, sua mãe perguntou. Ela deu um passo na direção do filho, depois outro, e o instinto maternal a fez parar. “Eu acho que essa distância é segura, não acha?”, ela perguntou. “Mas eu quero tanto abraçar meu filho! Você está tão grande, Judah!”

Ele sorriu para ela, um sorriso grande, feliz, cuja sensação era até estranha.

“Eu acho que já cresci o que tinha para crescer”, ele disse.

“E está tão lindo”, acrescentou Amrah, para não ficar de fora.

“Se eu for parecido com Tirzah”, ele disse, alegre, “Então acredito em você, Amrah.”

“Sim”, Naomi disse, virando-se para passar os braços ao redor da filha. “Tirzah é linda.”

Elas eram, novamente, elas mesmas. Cabelos longos e brilhantes, pele lisa, olhos claros. Naomi ficava passando uma mão na outra, verificando se todos os dedos estavam ali, inclusive as unhas. Tirzah se curvou para examinar os pés, finos e lindos em suas sandálias grosseiras.

“Mas você não respondeu”, Naomi disse. “Quem é esse homem? Amrah não soube dizer. Ela só disse que você tinha contado histórias sobre as curas maravilhosas que ele faz.”

“Vou contar para você no caminho, tudo bem?”, ele disse. “Eu tenho um cavalo ali atrás, e um guia com outra montaria. Vocês podem ir montadas enquanto eu e o guia vamos a pé.”

“Aonde nós vamos?”, Tirzah perguntou.

“Encontrar uma tenda para vocês”, Ben-Hur respondeu. “Uma bem confortável. E roupas novas. Vocês precisam ser levadas ao templo e… não sei direito, talvez tomar o banho ritual. Porque agora estão puras!”

“Puras, Mãe!”, Tirzah exclamou. “Nós nunca mais vamos ter que dizer aquela palavra!”

“Que palavra?”, Ben-Hur perguntou.

“*Impuras*”, Tirzah respondeu. “Porque nós éramos leprosas. Você sabe que os doentes têm que avisar os outros.” Ela passou as mãos pelos braços. “Pura!”

“Mas Judah, o homem no burro!”, Naomi disse. “Fale sobre ele.”

Então, enquanto voltavam pela encosta da colina até os cavalos, Ben-Hur lhes contou o que sabia do batista no Rio Jordão, dos seguidores, dos milagres. Era mais fácil não mencionar seu exército de galileus. Ele não queria falar de vingança e violência para sua mãe. Não naquele dia.

“Então, ele é o Messias”, Naomi afirmou com certeza.

“Alguns acreditam que sim”, Ben-Hur respondeu. “Ele decidiu vir para Jerusalém agora, depois de três anos no interior. Alguma coisa vai acontecer, mas só ele sabe o que é.”

“E como foi que você se tornou um dos seguidores dele?”, Naomi perguntou. “Se você é um deles?”

“Oh, os cavalos!”, Tirzah exclamou quando eles passaram uns arbustos e viram o guia árabe com Aldebaran e uma delicada égua cinzenta. Aldebaran levantou a cabeça e relinchou quando o cheiro de Ben-Hur chegou até ele pelo ar seco. “Eles vão nos deixar montar? São tão lindos. São seus?”

“Eu tinha me esquecido de como você adora cavalos”, Ben-Hur disse.

“Eu também”, Tirzah respondeu, exultante atrás dele. “Mas, para dizer a verdade, tudo parece tão lindo hoje!”

“Parece mesmo”, Naomi acrescentou. “Este é um dia abençoado para todos nós!”

Capítulo 46

PÁSCOA

Ben-Hur só precisou de alguns minutos para tomar providências. Ele enviou o guia para Jerusalém com instruções para Malluch. Este deveria se encontrar com a família Hur em um local marcado no Vale do Cédron, com tendas, comida, criadas e roupas limpas para Naomi e Tirzah.

"Ele vai estar lá quando nós chegarmos", Ben-Hur assegurou às mulheres. "Agora, mãe, você consegue montar se eu aproximar o Aldebaran dessa pedra?" A mãe e a irmã montaram no baio, que se submeteu com elegância à sua carga incomum. Ben-Hur e Amrah, que se recusou a ir montada, foram andando um de cada lado do cavalo, rodeados pela multidão que seguia Jesus. Eles conversaram o caminho todo, e quando chegaram ao local que Ben-Hur tinha especificado, Malluch já estava lá, sorridente, diante de três tendas, armadas sobre um gramado debaixo de duas oliveiras.

Eles passaram quatro dias juntos. As mulheres ficaram mais fortes. Cada um contou sua história. O vale foi ficando cada vez mais lotado de peregrinos que vinham de toda a Judeia para a Páscoa, e, naquela noite, a primeira do festival, Ben-Hur deixou sua família para voltar à cidade.

As portas de Jerusalém foram totalmente abertas. O estrategista em Ben-Hur notou como a cidade parecia vulnerável: os cidadãos e visitantes lotavam as ruas, despreocupados, indo de um pátio a outro, cantando e comendo, pois todos os carneiros mortos em ritual tinham que ser consumidos por completo, naquela noite. As portas de todas as casas estavam abertas e vozes convidavam: "Entre e junte-se a nós!", mas Ben-Hur seguiu em frente, acenando a mão e sorrindo, lamentando-se.

Ele tinha passado tempo demais com a família, Ben-Hur pensou com uma pontada de apreensão. Foi muito fácil deixar as horas passarem ao lado de Naomi e Tirzah, enquanto eles se redescobriam. Muito fácil e urgente, naquele momento. Ele se sentia como se, depois de muito tempo, afinal, pudesse beber à vontade de um regato fresco.

Elas fizeram todas as perguntas primeiro. Aquilo pareceu estranho. Ninguém, nos anos anteriores, quis saber tantos detalhes do passado de Ben-Hur. Foi um alívio tão grande contar tudo: o ladrilho que se soltou, a captura, a marcha forçada até a galé. Ele não lhes contou tudo sobre a galé. Algumas coisas elas nunca deveriam saber. Então, ele se concentrou mais nos anos passados em Roma e na bondade de Arrius.

A história delas foi mais curta.

"O tédio foi a pior parte", Naomi declarou, mas Tirzah a contradisse.

"Não para mim", ela disse. "Foi a raiva. Eu queria matar."

“Queria?”, Naomi falou, chocada. “Quem?”

“Você, por misericórdia. Eu, por desespero.”

“Mas… nossos dias são contados por Deus”, Naomi disse, ainda impressionada. “Nós temos que aguentar o que ele nos manda.”

“Eu sei”, Tirzah disse com delicadeza, segurando a mão da mãe. “E o tempo todo eu sabia em que você acreditava. Você foi um grande exemplo para mim. Eu nunca vou me esquecer da sua coragem.”

“Saber que você estava vivo tornou tudo mais fácil”, Naomi disse para Ben-Hur. Ela e Tirzah trocaram um olhar. “Eu ainda consigo ver você deitado ao luar, na frente do portão do nosso palácio, naquela noite. Depois que soubemos que você estava bem, nós pudemos aceitar nosso destino.”

“Você sempre foi mais conformada do que eu”, Tirzah contrapôs.

“Foi você que falou com Judah quando ele chegou à nossa caverna”, Naomi lembrou, “e o fez ir embora. Você também foi corajosa”.

Ben-Hur ficou mortificado com aquela conversa. O tipo de coragem que ele conhecia exigia ação, e ele pensou que era mais fácil agir do que se resignar. A imagem de Jesus, silencioso sobre o burro, veio à sua cabeça. Enquanto abria caminho em meio às multidões que comemoravam a Páscoa, ele pensou no teste que o aguardava. Com certeza, coragem seria necessária. Mas coragem de que tipo?

Um momento crítico na história do nazareno estava se aproximando. Um fluxo constante de mensageiros tinha chegado até Ben-Hur no vale, mantendo-o ciente dos movimentos de Jesus, desde que este entrou em Jerusalém. Uma tropa de guerreiros galileus, bem disfarçados, acompanhava Jesus a toda parte, com ordens para protegê-lo. Mas, tudo o que ele fez foi ir ao templo, como havia prometido. Aquela era a grande noite do ano judaico. Com certeza qualquer líder aproveitaria aquele momento para se declarar, não?

Quando Ben-Hur chegou ao palácio de sua família, disseram-lhe que Simonides e Baltazar tinham ido ver as comemorações nas ruas. Iras, contudo, estava no grande salão.

Iras! Sozinha! Ben-Hur parou por um instante. Ele tinha se esquecido dela! De algum modo, os quatro dias com as mulheres da família tinham alterado a imagem da egípcia em sua cabeça. Seria o contraste entre ela e sua irmã que o fez hesitar? Seria o encanto sensual de Iras, sua ambição, o lampejo de crueldade que Ben-Hur percebeu nela?

Crueldade? Enquanto subia a escada, ele parou para pensar nisso. Sim, ele concluiu, Iras podia ser cruel, até maliciosa. Ela fazia pouco caso de seu próprio pai e também de Esther. Ele poderia culpá-la?, Ben-Hur pensou. Iras era uma mulher muito ambiciosa, presa a seu pai idoso por lealdade. Afinal, o que havia para ela fazer em Jerusalém?

Ben-Hur admitiu para si mesmo que Iras também era uma mulher extremamente encantadora. Quando ele afastou a cortina pendurada diante da porta do salão, seu coração acelerou. Um candelabro de sete braços estava no centro da sala, com Iras perto dele, sentada em um divã, de costas para a porta. Seu véu de gaze se moveu um pouco com a corrente de ar quando a cortina saiu do lugar.

Ela não se virou para ele. Não havia nada acolhedor na visão das costas dela. Então, Ben-Hur atravessou a sala e parou diante dela.

“Que a paz esteja consigo, filha de Baltazar.”

“Paz?”, ela disse sem emoção. “Eu não acho que era isso que o herói Ben-Hur estava procurando. Ou… espere. Talvez você não seja um herói.”

A inflexão na voz dela era nova.

“Eu acredito que nunca afirmei ser um herói.”

“Não? Mas você também nunca me contradisse quando *eu* o chamei de heroico”, ela disse. “Depois da corrida de quadrigas, por exemplo.”

Ben-Hur suspirou. Ele passou os olhos pela sala em busca de uma cadeira, mas Iras se levantou.

"Você não precisa se sentar. Eu não vou ficar no mesmo aposento que um covarde. Não. Talvez eu devesse chamá-lo de traidor!"

Ele recuou um passo, surpreso.

"Sim, traidor", ela continuou. "Você me enganou! Aquele homem, o nazareno… você me fez acreditar que ele seria o Rei! Rei dos judeus – não foi isso que você falou?" Ela passou por ele, empurrando-o, e foi até o fim da sala. "Eu pensei que você me entendesse. Eu gosto menos de Roma do que você. Esse homem, você disse, nasceu para ser Rei. Você estava formando um exército para ele!"

"Eu estava. Eu formei", Ben-Hur a interrompeu.

"Não para *aquele* homem!", ela disparou. "Eu o vi hoje, sabe. Meu pai insistiu, frágil como está. A procissão foi impressionante, acho, para quem gosta de ver homens do interior agitando ramos e gemendo. Eu procurei por uma tropa de galileus liderada por um príncipe da Judeia, mas não encontrei nada parecido com isso."

"Eu fiquei preso…"

Ela não o deixou continuar, fazendo um gesto com a mão.

"Na verdade, não vi *nada* impressionante!", ela continuou. "Havia milhares de judeus encardidos com roupas sujas. Algumas eram cinza, outras marrons e algumas podem ter sido brancas algum dia. E o próprio Rei, trotando no dorso de um burro! Parecendo pesaroso, no máximo! Oh, como fiquei desiludida. Não existe glória nenhuma nisso! Onde estão as espadas e as armaduras? Os tambores? Não havia nenhuma bandeira, nenhuma faixa, nem um único estandarte. E você sabe o que seu homem fez quando chegou ao templo?"

"Não, não fiquei sabendo", Ben-Hur respondeu. "Mas fico feliz que você possa me contar."

"Eu estava na entrada. Os pátios estavam cheios de gente. Os sacerdotes, pelo menos, com suas vestimentas, traziam um pouco de esplendor à cena. Mas o seu homem, o nazareno, entrou no templo a pé. Ele olhou um pouco aqui e ali, como qualquer lavrador deslumbrado. Então, sem dizer palavra, sem levantar uma mão, ele apenas seguiu em frente e saiu pelo portão. O que você tem a dizer sobre isso?"

Ela se deixou cair de novo no divã, de costas para ele, e, por um longo momento, Ben-Hur ficou em silêncio.

Ela estava certa, claro, por um lado. Ele conseguiu imaginar a cena conforme ela a descreveu: o nazareno entrando no pátio do templo, olhando para a multidão reunida, as paredes imensas, os mosaicos, as torres, a presença sólida da fé judaica. Ele tinha chamado o lugar de "a casa do meu Pai". E o nazareno viu tudo e foi embora. Foi ver outra coisa. Algo diferente. Novo.

Mas, é claro que não era isso que Iras queria. Ben-Hur olhou para ela outra vez, sentindo-se ao mesmo tempo tolo e aliviado. O que quer que o nazareno tivesse em mente, Ben-Hur sabia que não era nada a que Iras daria valor.

"Estou esperando a sua resposta", ela o lembrou. "Que tipo de rei você tem apoiado esse tempo todo?"

"Eu ainda não sei", ele disse. "Seu pai acredita que ele é o Filho de Deus e que irá governar um mundo que ainda virá, um reino eterno para nossas almas. Simonides, o Sheik Ilderim e eu pensamos como você, que ele planejava derrubar Roma; uma rebelião, como aquelas que o mundo conhece."

"E no que você acredita agora, neste momento?" Ela se virou. Havia curiosidade sincera em seu rosto. "Na fábula? Na história inventada para os crédulos, como meu pai idoso? Eu pensei que você era mais sábio que isso."

"Estou dividido", ele respondeu, com honestidade. "Mas eu vi que o nazareno é capaz de fazer maravilhas. Ele pode moldar o mundo à sua vontade – se ele quiser. Esta é a noite para ele

declarar sua soberania terrena. Mas ele pode estar esperando um tipo diferente de reino.”

“Oh, bobagem!”, ela exclamou. “Não existe nada além do mundo terreno.” Ela se levantou e agitou seu robe. “Messala estava certo a seu respeito desde o início”, ela afirmou, observando-o com atenção para ver sua reação.

Ele arregalou os olhos e sentiu o coração murchar.

“Messala? O que ele tem a ver com isso?”

“Ele é o verdadeiro herói”, ela disse. “Nós nos encontramos em Alexandria. Viramos amantes. Ele foi mandado para Antióquia depois. Aonde ele vai, eu o sigo. Meu pai é tão velho, tão tolo, que eu o convenço a fazer qualquer coisa, como encontrar Messala na Fonte de Castália.” Ela riu quando ficou claro que Ben-Hur entendeu.

“E o Palácio de Idernee?”, ela continuou. “Você nunca descobriu quem contratou aqueles assassinos, não é?”

Ben-Hur começou a sentir a pele arrepiando.

“Você? E Messala?”

Ela assentiu calmamente.

“Ele nunca mais vai andar. Por sua culpa.” Ela atravessou a sala na direção dele, aproximando-se mais e mais. Ele tentou não recuar, mas não conseguiu evitar. Mesmo assim, ela pôs uma mão no ombro dele e subiu pelo pescoço, até chegar à nuca de Ben-Hur. Ela se esticou e o beijou nos lábios, um beijo longo e profundo. “Você pensou que eu poderia ser sua”, ela disse, afinal. “Nunca daria certo. Saiba disso, filho de Hur: Iras, a egípcia, é mulher para um líder poderoso. E esse homem não é você.”

O deslocamento de ar produzido pela saída brusca de Iras fez tremer as luzes do candelabro. Ben-Hur foi na direção do divã, seus joelhos tremendo.

Iras e Messala. O tempo todo. Ele relembrou cada encontro com ela e viu claramente a sombra de Messala. O tempo todo! No Bosque de Dafne, no Pomar das Palmeiras, e até ali, no palácio de sua família! Iras estava vivendo em Jerusalém como os olhos e ouvidos de Messala! Toda a conversa de derrubar Roma… seria uma armadilha? Teria Iras traído Ben-Hur para as autoridades romanas caso ele movimentasse seu exército?

Ela o trairia agora? Um arrepio percorreu sua coluna. É claro que sim, se ela pudesse. Iras não hesitaria. Mas, na noite de todas as noites, com Jerusalém no ponto mais alto de suas festividades, Ben-Hur se sentiu a salvo de Roma. Que ela fosse, se conseguisse. Que ela tentasse abrir caminho pela multidão até chegar à Fortaleza Antônia para encontrar o capitão de uma legião e fizesse a denúncia de que conhecia um traidor. Ela seria ignorada. Os guardas e os soldados do império tinham outras preocupações.

Ele estremeceu. Graças a Deus que ele não tinha mencionado sua família para ela! Ele pensou em dar a boa notícia, compartilhar sua alegria e seu alívio, mas agora isso lhe pareceu imprudente, mesmo em pensamento. “Judah? Você está aqui sozinho?”, disse uma voz de mulher, e ele se virou.

“Desculpe por assustar você”, Esther continuou. “Eu pensei ter ouvido vocês e imaginei que meu pai pudesse ter voltado. O que você está fazendo aqui? Pensei que estaria lá fora, com o nazareno.”

“Estou indo”, ele respondeu. “Mas eu acabei de voltar da…” Ele fez uma pausa e olhou para ela. *Que diferença de Iras!*, ele pensou. A pele dela era branca como leite e seu cabelo castanho tinha um brilho avermelhado, parecendo vivo sob a luz do candelabro. “Venha, sente-se”, ele disse, andando na direção do divã. “Tenho uma notícia espantosa! Minha mãe e minha irmã foram encontradas! Amrah sabia o tempo todo onde elas estavam, mas elas quiseram manter segredo.”

Ele estendeu as mãos e segurou as dela, puxando-a para se sentar ao seu lado. Para surpresa dele, Esther ficou com os olhos cheios de lágrimas.

“Oh, Judah”, ela disse. “Fico tão contente por você! Mas, por que Amrah manteve isso em segredo?”

“Elas tinham lepra”, ele disse, com delicadeza, sem querer chocá-la. “Mas foram curadas pelo nazareno.”

Ela puxou as mãos das dele com a surpresa.

“Naquela noite em que você nos contava a história, Amrah estava sentada do meu lado. E ela ouviu quando você falou nele!”

“Sim, é claro. E então, ela saiu da sala.”

“Ela foi contar para elas.”

“Foi, e então elas se encontraram com o nazareno quando ele estava entrando em Jerusalém! Minha mãe o chamou. E eu vi, Esther, eu vi a doença deixando o corpo delas. Pouco a pouco, elas foram se tornando as mesmas de antes.”

Esther ficou em silêncio por um longo instante enquanto enxugava as lágrimas. Então, ela fez um aceno com a cabeça.

“Que bênção”, ela disse.

“É mesmo. Elas estão em tendas no Vale do Cédron. Dentro de mais alguns dias, elas irão até os sacerdotes no templo, para se purificar, e então virão para cá. Sei que elas irão amar você, Esther”, ele disse, para sua própria surpresa.

“E eu vou amá-las”, Esther disse, corando profundamente. Então, ela levantou-se e desviou o olhar. “Mas você deveria estar lá fora esta noite. O nazareno pode precisar de você.”

“Sim, estou indo.” Ele se levantou e se aproximou dela.

“Então, eu o vejo amanhã.” Ela estendeu a mão para ele. “Fique com Deus esta noite, Judah”, ela disse.

Ele não conseguiu se segurar. Pela segunda vez, naquela noite, no mesmo lugar, seus lábios encontraram os de uma mulher. Mas dessa vez, ele pensou, era a mulher certa.

Capítulo 47

GETSÊMANI

Foi chocante estar na rua de novo. A cabeça de Ben-Hur rodopiava com imagens: Iras, Messala, sua mãe, Esther, Tirzah. O nazareno. Ele tentou se concentrar. O nazareno! Ele precisava saber onde o homem estava naquele momento!

Enquanto ele esteve no palácio de Hur, as multidões da Páscoa tinham se tornado barulhentas. O movimento na rua estreita chegava a um ponto e parava, como água em um riacho bloqueado. Mais à frente, um obstáculo fechava um cruzamento. Ben-Hur esticou o pescoço. Uma procissão? Sim, havia tochas. E um brilho ao lado delas… eram pontas de lanças? Ele começou a empurrar, a abrir caminho em meio à multidão, ignorando as reclamações. Aquelas lanças eram uma afronta; essa era uma festa puramente judaica e os romanos não tinham que levar armas para as ruas.

Ainda assim, lá estavam eles. E com eles, estranhamente, seguiam sacerdotes do templo. De alto escalão, a julgar por suas roupas e barbas. O mais preocupante era que eles estavam *se afastando* do templo, na direção do muro da cidade. Na noite mais sagrada, por quê?

Ele continuou a abrir caminho usando sua altura e sua força, sem piedade, até chegar à frente, onde as chamas reunidas lançavam seu brilho alaranjado nos rostos barbados e sérios – um dos quais lhe era familiar. Era um dos seguidores do nazareno, Judas Iscariotes, andando entre um alto sacerdote e um dos guardas do templo. Ele cambaleava, na verdade, com uma expressão de desespero em seus olhos vidrados.

Ben-Hur tinha parado, chocado, e um homenzarrão com um pesado bastão de madeira o empurrou.

“Isto não é da sua conta”, ele resmungou. “Vá andando.”

Vá andando! Ben-Hur olhou ao redor. Ele estava no limite da cidade, perto da Porta das Ovelhas. Enquanto o grupo passava pela porta aberta, muitos dos homens voltavam para retomar as celebrações. Não haveria música nem carneiro assado nas encostas rochosas a leste da cidade. Os homens que acompanhavam o desfile improvisado eram de dois tipos: a ralé, que não tinha nada melhor para fazer; e o grupo do templo. Ben-Hur diminuiu o ritmo de seus passos e se juntou à parte de trás do grupo. Aonde estavam indo? E por que Judas não estava com o nazareno e os outros discípulos?

Além dos muros da cidade a Lua parecia mais clara, lançando uma luz branca e fria que diminuía o brilho amarelado das tochas e lanternas. Ben-Hur conseguia enxergar a estrada de terra, a encosta árida e algumas oliveiras. Mais à frente, o reflexo prateado de um regato se enfiava por baixo de uma ponte de madeira, e o som dos passos foi sufocado pelo clangor de

dezenas de bastões e lanças. O grupo estava bem armado. Mas, por quê?

Duas estradas que pareciam cicatrizes antigas na encosta se encontravam à frente deles. Um muro no lado alto da intersecção cercava a folhagem escura de um jardim de oliveiras. Havia figuras em pé, junto ao portão. A procissão fez uma parada repentina e tudo ficou em silêncio.

O nazareno ficou à frente de seus discípulos. O luar brilhava com maior intensidade ao redor dele, ou talvez fosse uma ilusão causada por sua roupa branca. De qualquer modo, Ben-Hur não conseguia distinguir nenhum outro rosto que não o de Jesus, que parecia triste. Ele estava absolutamente imóvel, com as mãos largadas dos lados do corpo.

Seria esse o momento, então? Claro que sim! Pelo menos aquele seria um confronto entre Jesus e a autoridade terrena. Ele se declararia agora? *"Eu sou aquele que nasceu Rei dos Judeus."* Ele diria isso, afinal?

Ben-Hur se aproximou. Ele precisava estar pronto; deveria ter feito um plano! E se o nazareno convocasse suas tropas? Ben-Hur olhou para trás, calculando a rapidez com que conseguiria chegar a Bezetha, notificar sua tropa e enviar mensagens para reunir uma legião.

Mas talvez aquele *não* fosse o momento. Talvez o nazareno tivesse um plano diferente. Ben-Hur avaliou a força do inimigo – uma dúzia, talvez duas dúzias de homens com armas. Ele próprio podia dar conta de vários. E os discípulos… eles usariam bastões e lanças se lhes fosse ordenado?

Se lhes fosse ordenado… Por quem? Como soariam essas palavras? Ben-Hur tentou imaginá-las na boca de Jesus: *"Às armas, homens!"*, ou, *"Tragam a legião!"*. Não, assim não; é claro que não.

Mas, talvez… Ben-Hur vasculhou sua mente à procura de ordens plausíveis. *"Ataquem a Fortaleza Antônia com fogo!"*, ou, *"Cerquem o palácio do procurador!"* Não. Aquele homem solitário em pé sob o luar nunca diria essas palavras nem qualquer coisa parecida com elas.

Ainda assim, não era tarde demais. Ben-Hur sabia que ele poderia comandar os homens. Ele conhecia estratégia militar; ele poderia criar um plano que removeria os soldados de capas vermelhas de Jerusalém para sempre! Mas aquele momento angustiante não podia continuar. Os sacerdotes se remexiam e cochichavam uns com os outros. Ele viu as juntas de um romano ficarem brancas no cabo de sua lança, enquanto a tensão continuava a crescer.

Um encantamento, então! Um feitiço, um milagre, qualquer coisa. O nazareno restituía a saúde das pessoas; ele poderia retirá-la. Ele havia restaurado a vida, não poderia também tirá-la? Um raio vindo do céu! Ben-Hur tinha visto isso uma vez a bordo de um navio: um raio que desceu pelo mastro e matou um homem sobre o convés. Agora! Aquele seria o momento! Ou uma peste sorrateira; alguma morte silenciosa, constante, insidiosa que derrubaria aqueles homens como trigo caindo diante da foice! Alguma coisa para acabar com aquele silêncio.

"Quem vocês estão procurando?", veio a voz. Calma, equilibrada, nem um pouco curiosa. O nazareno falava assim com frequência. Era uma voz linda, pensou Ben-Hur. Uma voz calorosa, reconfortante. Até naquele momento.

"Jesus de Nazaré", trovejou o sumo sacerdote.

"Sou eu."

Os discípulos se agitaram atrás dele, segurando-se uns nos braços dos outros. Ele deveria ter dito isso? Um dos outros não deveria ter se apresentado no lugar dele?

Mas não. Lá estava Judas Iscariotes, que emergiu do grupo armado.

"Olá, Senhor", ele disse e beijou a face do nazareno.

"Oh, Judas", Jesus respondeu, a voz pesada de tristeza. "Você traiu o Filho do Homem com um beijo?" Ele olhou para os sacerdotes e guardas. "Se vocês estão me procurando, deixem estes homens irem embora." Ele gesticulou para os discípulos.

Os guardas do templo deram vários passos à frente e, enfim, os discípulos se moveram, tarde demais, mas com vigor. Um deles, de algum modo, tomou a espada de um dos guardas e a agitou

violentamente. Um grito, tumulto, sangue caindo em diversos ombros – a orelha de um servo do templo tinha sido cortada.

Mas Jesus não fugiu. Ao contrário, ele se adiantou e tocou a orelha do homem. Em um instante, ela foi reconstituída. No minuto seguinte, a mão que tinha curado foi amarrada à outra, às costas dele. O nazareno era um prisioneiro.

Ele falou de novo, dessa vez com um toque de rigor:

"Guardem suas espadas na bainha", ele disse para os discípulos atrás de si. "Eu não devo beber do cálice que o Pai me reservou?" Então, sem mudar o tom de voz, ele se dirigiu a seus captores. "Vocês vieram atrás de um ladrão, com espadas e porretes? Todos os dias eu estive com vocês no templo e não levantaram a mão contra mim. Mas, esta é a hora de vocês – quando as trevas reinam."

Trevas, sem dúvida. Algumas das tochas tinham se apagado e várias lanternas foram quebradas, fazendo uma fumaça oleosa se misturar ao ar. Será que a Lua, ainda alta no céu, tinha ficado mais escura? Até o robe de Jesus parecia menos branco, embora pudesse ter se sujado durante a confusão. Ben-Hur olhou para o jardim, mas não conseguiu mais ver os discípulos. Aonde tinham ido?

Enquanto isso, uma procissão se formou para voltar a Jerusalém. A atmosfera de empolgação tinha diminuído. O servo com a orelha restaurada caminhava sozinho atrás, o pescoço e o ombro ainda manchados do seu próprio sangue, com uma expressão de assombro nos olhos. Ben-Hur os observou partir, então tirou seu robe por impulso e o deixou, com seu lenço, no muro do jardim. Vestindo apenas sua túnica de baixo, esperando passar desapercebido, ele seguiu o grupo enquanto atravessavam a pequena ponte de madeira.

Um grupo de nuvens pesadas cobriu a lua e a trilha ficou invisível. Ben-Hur só conseguia imaginar onde Jesus estava pelo amontoado de tochas tremeluzentes. Ele se aproximou para ver o que se passava.

O que tinha acontecido? Como era possível que o nazareno tivesse se submetido ao cativeiro depois de restaurar a orelha do servo? Se ele podia ajudar aquele homem, por que não ajudava a si mesmo? E que conversa de cálice era aquela? Parecia até que ele tinha um plano. Mas se existia algum plano, Ben-Hur pensou, ele não conhecia.

Ben-Hur chegou mais perto. Jesus caminhava no centro do grupo com a cabeça baixa. Alguns passos à frente dele, os sacerdotes murmuraram, agitados, mas Jesus não prestava atenção. Ele tropeçou e quase caiu, mas um guarda o segurou pela corda que amarrava seus pulsos.

De repente, Ben-Hur se lembrou da sensação. Muitos anos atrás, era ele o prisioneiro, atordoado pelo desastre, tropeçando em seus próprios pés em meio a guardas hostis. A lembrança era clara em sua mente: uma agonia feita de desespero e dor. Foi Jesus, lá atrás, que tinha lhe dado esperança! Ele forçou o passo um pouco mais e logo estava andando bem ao lado do nazareno.

O rosto de Jesus estava escondido pelo cabelo e ele não olhou quando Ben-Hur o chamou.

"Mestre!", ele sussurrou.

O grupo chegou a uma bifurcação na estrada e os homens se espalharam por um instante.

"Mestre", Ben-Hur insistiu. "Se eu trouxer homens para resgatá-lo… você aceita nossa ajuda?"

Nenhuma resposta de Jesus.

"Quem é este homem? Ele é um dos seus?", perguntou uma voz enérgica.

Ben-Hur recuou para o meio da multidão, mas ele tinha sido visto.

"Não! É um deles!", outra voz gritou. "Peguem-no; tragam-no conosco!"

Ele se desvencilhou da mão em seu braço e pulou sobre um pé estendido para derrubá-lo. Alguém segurou a saia de sua túnica, mas ele rasgou o tecido na gola, deixando a peça de roupa

para trás e correndo nu pelo campo aberto.
“Peguem-no! Sigam-no!”, alguém gritou, mas uma voz mais forte ecoou por cima do alarido.
“Precisamos levar este homem para Pilatos”, declarou o sumo sacerdote. “Fechem a guarda e não deixem ninguém se aproximar dele. E vamos em frente. Rápido, agora!”
E assim, eles foram. Ben-Hur voltou para o jardim, percorrendo o caminho na escuridão. Ele observou o grupo se afastar e se aproximar das muralhas de Jerusalém. Logo, ele só conseguia ver as tochas, pontos luminosos no escuro, e as vozes silenciaram por completo.
Ele encontrou o muro do jardim e, com o tato, percorreu-o até encontrar seu robe, que vestiu pela cabeça. Então, ficou parado durante algum tempo onde Jesus esteve. Grilos cantavam na vegetação atrás dele e criaturas rastejantes noturnas se moviam pela grama rala. O ar estava absolutamente imóvel.
Ele não conseguia mais ver o grupo ao redor de Jesus. Era provável que já tivessem entrado pela porta de Jerusalém. Não em triunfo dessa vez, ele pensou.
Mas… o triunfo anterior tinha sido real?, Ben-Hur se perguntou. Foi o triunfo de Jesus? Ou uma celebração que ignorou a verdadeira natureza dele? Jesus em cima do burrico não estava muito diferente do Jesus com as mãos amarradas às costas: melancólico, mas determinado.
Seria possível que ele soubesse o tempo todo o que iria acontecer? Ben-Hur meneou a cabeça. O que isso teria de bom? Qual era a vantagem de ir a Jerusalém, visitar o templo e dar esperança às multidões… só para ser preso? Os guardas o levariam para Pilatos e a história de Jesus terminaria, como tantas outras, com Roma no comando.
Quase por hábito, Ben-Hur começou a fazer cálculos. Havia uma legião de galileus dentro e ao redor de Jerusalém; ele poderia reuni-los na cidade e invadir o Palácio de Herodes… Não, ele precisaria de mais homens; o local estaria fortemente guardado. Talvez outra legião fosse necessária; ela poderia ser reunida e trazida para Jerusalém em dois dias…
E o nazareno? Ben-Hur se afastou da cerca em que se apoiava. O nazareno! Ele não queria exércitos. Ele não queria ajuda de nenhum tipo. Algo mais estava acontecendo…
As nuvens tinham saído da frente da lua e uma névoa clara a rodeava. O brilho claro de alguns minutos atrás estava encoberto, mas Ben-Hur conseguiu enxergar o caminho de volta para a Porta das Ovelhas. Ele começou a caminhar e, no trajeto, admitiu para si mesmo que tinha falhado.
Ele tinha falhado. Ou, talvez, todos tinham falhado. Ou entendido mal. Jesus nunca pediu um exército.
Ele pensou no servo, tocando nervoso na orelha que foi cortada e restaurada rapidamente.
Restaurada – como a vida de Lázaro em Betânia. O que Jesus disse, então? “Eu sou a ressurreição e a vida.” O que isso queria dizer? Ben-Hur estava lá quando Lázaro saiu cambaleante de sua tumba e tirou sua mortalha, enquanto as mulheres choravam, tanto de medo quanto de alegria.
O que aconteceu nessa noite foi igual – algo estranho. Mesmo abatido, Jesus estava decidido. Seu trabalho, ou o nome que quisessem dar a isso – seus ensinamentos, sua liderança –, ainda não tinha terminado, enquanto ele era levado por aquela trilha à presença de Pilatos.
E Ben-Hur percebeu, enquanto seguia os passos do nazareno, que ele só podia esperar. Ficar preparado para oferecer ajuda de novo. E de novo… Até ficar claro que o nazareno não precisava mais.

Ben-Hur passou o restante da noite com a mãe e a irmã nas tendas no Vale do Cédron. Ele não tinha sido capaz de enfrentar o Palácio Hur após o confronto em Getsêmani. Como ele faria para contar a Simonides e Baltazar o que tinha acontecido? Como ele conseguiria aguentar o escárnio de Iras? Então, ele dormiu fora da cidade e tinha acabado de acordar quando dois de seus oficiais galileus se aproximaram montados em uma dupla de cavalos desgrenhados.

"Você precisa vir!", um deles exclamou. "O nazareno vai morrer hoje se você não o salvar!"

"*Morrer?*", ele repetiu. "O que aconteceu?"

"Eles o prenderam ontem à noite e o julgaram. Os sacerdotes o consideraram culpado de blasfêmia. Eles o levaram para Pilatos, que tentou não julgar Jesus, mas os sacerdotes e o povo estavam tão decididos, que Pilatos o condenou. Já estão fazendo a cruz!"

"Oh, não!", Ben-Hur exclamou. Ele estalou os dedos para um criado. "O cinto da minha espada e meu escudo. Sele Aldebaran." Ele olhou para os mensageiros. "Isso não pode acontecer. Nós vamos lutar." Tudo parecia tão claro naquele momento! Jesus precisava ser resgatado. Haveria uma multidão no Calvário, mas a cavalo, ele e um grupo seleto de homens poderiam se aproximar, cortar as amarras de Jesus e carregá-lo…

"Não, senhor", um dos galileus interrompeu sua fantasia. "Não podemos lutar."

Ben-Hur ergueu os olhos da fivela do cinto para ele.

"Por quê?'

Os dois galileus trocaram olhares, e o que ainda não tinha falado se manifestou.

"Nós somos os únicos que restaram."

"Como assim? Nós tínhamos centenas de homens!"

"O resto ficou do lado dos sacerdotes. Eles desapareceram." O homem ficou corado por trás da barba.

"Todos eles?" Ben-Hur deixou as mãos caírem dos lados do corpo.

"Todos", eles assentiram.

Desaparecidos, ele pensou. Todos se foram? Os homens que ele havia recrutado. Ele foi de vila em vila para encontrá-los. Ele os adulou e os persuadiu. Ele tinha falado de um novo líder que viria e todos acreditaram nele, treinaram juntos, e Ben-Hur pensou que tinha constituído uma força poderosa e leal. E agora eles se dispersaram? Desapareceram em meio às multidões fervilhantes de Jerusalém?

Mas quem poderia culpá-los? A reação deles era humana. O homem que pregava misericórdia e resignação às massas tinha sido condenado à execução. Era óbvio que seus

apoiadores desapareceriam; eles seriam vistos como traidores. Aqueles que fossem sensatos jogariam fora suas curtas espadas e negariam qualquer conhecimento do nazareno. Mas aqueles dois diante de Ben-Hur eram leais.

“Obrigado por virem me avisar”, ele disse. “Eu vou voltar com vocês.” Alguns minutos mais tarde eles estavam na estrada para Jerusalém enquanto metade do Vale do Cédron continuava nas sombras.

Eles não conversaram. O ar estava frio, então colocaram os cavalos em um trote rápido. O sol dourava os muros da cidade que se aproximava e Ben-Hur refletiu sobre lealdade. Ele não podia culpar os galileus por se dispersarem. Mas ele próprio não se esconderia. Ele sentiu o chamado para testemunhar a morte de Jesus. Ele não contou à mãe e à irmã aonde ia, porque não conseguiria explicar seus motivos.

Talvez ele precisasse estar presente para expiar seu fracasso em proteger o nazareno. Ou quem sabe ele apenas precisasse compreender o que Jesus pretendia o tempo todo. Porque quanto mais perto de Jerusalém ele chegava naquela manhã ensolarada, mais certeza Ben-Hur tinha de que Jesus sempre soube como essa história terminaria. Ele podia ter poder sobre a vida e a morte – ele podia ser o próprio Filho de Deus –, e ainda sim, iria morrer. Hoje. Numa cruz.

* * *

A notícia corria por Jerusalém. Uma execução! Dois ladrões e um agitador de Nazaré. As cruzes já estavam prontas, diziam. Os criminosos estavam a caminho do Calvário. “Rápido, rápido, se você correr vai conseguir vê-los cambaleando e carregando as traves!” Quanta alegria no testemunho da humilhação dos outros!

As ruas logo estavam abarrotadas de gente. Guardas lideravam a procissão com grupos para abrir caminho. As pessoas levavam coisas para atirar nos condenados. As pedras do pavimento tornaram-se escorregadias e os odores fétidos, mas até isso fazia parte da diversão. Um sacerdote pisou em uma folha podre de repolho e escorregou, soltando um ganido – hilariante! A crueldade partilhada inebriava a multidão.

Ben-Hur abria caminho junto às paredes das construções, tentando alcançar a procissão. Que contraste horrível! Há menos de uma semana o nazareno tinha entrado na cidade em júbilo, e agora saía dela, cambaleando, sob um coro de insultos e vaias. O movimento da procissão parou e Ben-Hur viu, por cima das cabeças da multidão, um retângulo estreito de madeira cair. As vozes rugiram. Ele tinha caído! Derrubado pela própria cruz! Estava debaixo dela, com a cara no chão!

Ben-Hur foi seguindo em frente, decidido.

Um judeu robusto se adiantou e pôs a cruz no ombro. O nazareno se levantou e cambaleou para frente. Ben-Hur o viu e se sentiu vazio. Alguém tinha colocado uma coroa de espinhos na cabeça de Jesus e a empurrado para baixo com força, deixando arranhões em sua testa de modo que o sangue escorria para seus olhos. Ele tinha sido espancado. Hematomas recentes manchavam sua pele. Suas mãos e joelhos sangravam por causa da queda. Os ferimentos já eram ruins o bastante, mas além disso choviam insultos sobre ele: pessoais, maliciosos, mentirosos, grosseiros. Ele não dava sinais de ouvir nada disso, nem de sentir dor física. Era do desespero dele que Ben-Hur sentia pena.

Ele tinha visto homens assim nas galés. Aquilo aconteceu com ele mesmo, a vida se resumia à sobrevivência; um passo de cada vez, um dia de cada vez. O único alívio possível viria com a morte.

Jesus morreria. Naquele momento, Ben-Hur entendeu a verdade. O homem que ele tinha admirado e seguido, que tinha dado esperança a tanta gente, estava cambaleando a caminho de uma morte humilhante em público. Ele havia demonstrado, uma vez após a outra, que tinha

poder sobre a morte – mas iria submeter-se a ela.

Era desse cálice que ele tinha falado; o destino que seu Pai lhe reservou.

Ben-Hur sentiu a parede sumir às suas costas e deu dois passos involuntários para trás. Ele olhou ao redor, desorientado; era um pátio pequeno, à sombra de uma casa velha e alta, cujas janelas estavam fechadas. Ele recuou mais dois passos na sombra e se agachou, cobrindo o rosto com as mãos.

Todas as suas esperanças estavam arruinadas. As esperanças de todos, na verdade! Jesus não era o Rei dos Judeus! Ele era um professor que tinha conseguido a inimizade de Roma – e até mesmo dos sacerdotes judeus. Ele morreria por causa de seus ensinamentos e sua liderança. O que aconteceria com seus seguidores? Era certo que também corriam perigo! Mas, sem dúvida, tinham desaparecido, como os galileus. Eles tentariam se salvar.

Mas, mesmo que parte do pensamento de Ben-Hur estivesse refletindo sobre os discípulos, ele não conseguia se esquecer da imagem do rosto de Jesus, enquanto ele marchava, dolorosamente, em meio à multidão. Em absoluta desolação. E resignação. Ben-Hur suspirou profundamente e se levantou. Seria prudente ir embora, mas ele não iria. Ele não podia deixar Jesus morrer cercado de inimigos. Nada jamais lhe pareceu tão urgente. Ele precisava seguir o nazareno até a cruz e testemunhar seu sofrimento. Ele adentrou a aglomeração que se movia lentamente.

Tudo era tão estranho que lhe pareceu natural ver Malluch a seu lado, em meio à multidão. Claro que Malluch estaria ali. Claro que Simonides e Baltazar apareceriam carregados em uma liteira improvisada. Claro que Esther surgiria ao lado deles, com a cabeça coberta, e os olhos vermelhos pelas lágrimas. No pesadelo daquela manhã, o que seria mais provável do que encontrá-los no meio daquelas milhares de pessoas?

Ele acompanhou a procissão ao lado de Esther e bateu no ombro de Malluch, que se virou e inclinou a cabeça para ele. Palavras não eram necessárias. Era natural que Ben-Hur os tivesse encontrado. Que ele estivesse a caminho do Calvário. Era assim que a história do nazareno terminaria, e todos eles se sentiam obrigados a estarem presentes.

Na liteira, Simonides e Baltazar iam deitados, à sombra da cobertura e emudecidos pela aflição. Ben-Hur se inclinou para cumprimentá-los e Baltazar olhou para ele.

“Este é um dia terrível”, o velho sábio disse, um pouco mais alto que um sussurro. “Nós todos iremos nos arrepender disso. Nós vamos matar o Filho de Deus, você sabe.”

Simonides estava de olhos fechados e fez uma careta quando a liteira foi sacudida.

“O que vai ser de nós?”, ele gemeu.

Não havia resposta para isso. Eles seguiram em frente, no ritmo lento da multidão. O sol ficou mais forte. Ben-Hur sentia o suor escorrendo por sua coluna, mas isso não era nada. Não se comparado ao que o nazareno estava sofrendo.

O estado de espírito da multidão havia mudado. O escárnio atrevido sumiu. Os rostos estavam mais sombrios. Enquanto a horda passava pelo portão, veio o silêncio. Antes, a zombaria podia parecer divertida, mas naquele momento, com as colunas das cruzes visíveis, o temor prevaleceu.

“Por que estamos aqui?”, Simonides perguntou. Então, ele respondeu a própria pergunta. “Porque devemos estar, imagino.”

“Eu estive com ele pouco depois que nasceu”, Baltazar respondeu. Ben-Hur teve que se aproximar para ouvi-lo. “Eu sempre o segui, mesmo de longe. Preciso estar presente quando ele morrer.”

“É o mínimo que podemos fazer por ele”, Esther disse, incerta. “Você não acha?”, ela olhou para Ben-Hur.

Ele deu de ombros.

“Não sei. Mas concordo com seu pai. Precisamos ser testemunhas do que vai acontecer

agora.”

* * *

A pequena colina, com a forma de uma caveira e assim chamada em aramaico, estava recoberta de gente, mas no topo, um círculo de soldados romanos mantinha a multidão afastada. O espaço aberto que eles rodeavam era um pouco mais baixo, como se um polegar gigantesco tivesse apertado o topo do monte para criar um anfiteatro natural. Os três homens condenados estavam perto das cruzes, que, por sua vez, estavam ao lado de buracos profundos.

Roma e Jerusalém trabalharam juntas nesse dia. O sumo sacerdote do templo, com suas vestes reluzentes, instruiu o centurião sobre quais homens deveriam executar a sentença de morte.

“Continue”, ele ordenou, em uma voz empostada para alcançar o público. “Eles devem estar mortos e enterrados antes do pôr do sol. Comece com o blasfemo. Se ele é o Filho de Deus, deve conseguir se salvar.”

Um estremecimento sacudiu a multidão. As traves foram colocadas nas colunas das cruzes. Os condenados foram colocados sobre elas com brutalidade, os braços estendidos e os pés cruzados.

“Esther, venha cá”, chamou Simonides. “Não olhe.”

Ela se abaixou e descansou a cabeça no ombro do pai, de modo que suas lágrimas logo molharam o robe dele. Ela nunca falou para o pai que o sentiu estremecer a cada golpe da marreta.

“Levantem-no primeiro”, instruiu Caifás, o sumo sacerdote.

“Virado para que lado?”, perguntou o soldado, como se estivesse falando a respeito de placa informativa.

“Virado para o templo”, Caifás respondeu. “Ele diz que é a casa do pai dele. Quero que ele veja que não prejudicou o templo com suas maluquices.”

A cruz foi erguida com o condenado, carregada alguns passos e largada com um baque no buraco preparado. A carne das mãos rasgou em torno dos cravos, mas Jesus apenas disse:

“Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que estão fazendo”.

Como ele conseguia? Naquele momento, como podia pedir perdão… para seus carrascos?

Quando viu a cruz ser colocada em pé, a multidão rompeu o silêncio. Primeiro uma exclamação de espanto, depois uma comemoração hesitante. Alguém leu a placa pregada acima da cabeça de Jesus: “Rei dos Judeus” e outro repetiu as palavras. Um clamor se seguiu. Talvez numa tentativa de espantar um mau presságio com deboche.

As duas outras cruzes foram erguidas e plantadas, mas ninguém se importava com dois ladrões comuns. Era o homem que tinha feito afirmações grandiosas que precisava ser humilhado. Ele quase os tinha persuadido de que a vida poderia ser diferente! Alguns deles até o tinham escutado, tinham considerado praticar a bondade, a compaixão, a paciência e o perdão. Eles escaparam por pouco! O mundo não funcionava assim. Força, violência e vingança dominavam; é claro que sim! Era aterrorizador saber que alguém pensava diferente. O homem que afirmava isso tinha que ser punido.

As pessoas reunidas ali estavam alarmadas. Algumas tinham medo daquilo em que quase acreditaram, outras tinham medo de vingança – de Deus, de Roma, ou dos dois. Algumas arrependiam-se de seus meses como discípulos, pois havia seguidores do nazareno naquela colina. Quem fazia ideia de onde aquilo os levaria? De qualquer modo, enquanto durou, a ilusão de um novo tipo de vida os tinha atraído tanto!

Então, veio a escuridão, que se espalhou aos poucos entre eles, a luz sendo reduzida um tom após o outro. Rostos sumiram. Silhuetas desapareceram.

“Você está aí?”, Esther sussurrou para o pai, apesar de ainda o estar tocando.

A multidão fez silêncio. Tudo que se podia ouvir eram pés inquietos. Um dos ladrões gemeu. E isso continuou.

Talvez a escuridão tenha diminuído, ou foram os olhos que se adaptaram. Uma hora emendou na outra e eles viram que o público foi diminuindo. Apesar da resistência de Esther, o pequeno grupo se aproximou das cruzes. Baltazar desceu da liteira e insistiu em ajoelhar-se na terra, de frente para o nazareno.

Aos poucos, parte da multidão foi recuperando a confiança e voltou a atormentar Jesus. Até mesmo um dos ladrões gritou com ele.

“Você não é o Cristo? Salve-nos todos!”

Mas o terceiro condenado protestou.

“Este homem não fez nada de errado.” Então, dirigindo-se a Jesus, disse, “Senhor, lembra-te de mim quando entrares no teu Reino”.

Houve um murmúrio, e Simonides ficou tenso. Todos ouviram a resposta de Jesus em sua voz reconfortante:

“Eu lhe garanto: ainda hoje estarás comigo no Paraíso”.

Baltazar emitiu um som e apertou as mãos juntas. Ben-Hur se abaixou e viu que os olhos do velho egípcio estavam fechados, mas lágrimas escorriam por seu rosto. Ele murmurou em uma língua que Ben-Hur não entendia, mas não parecia infeliz.

Acima deles, Jesus gemeu. Os guardas se aproximaram, nervosos, e um deles pegou a túnica de Jesus no chão e a jogou longe. Eles a tinham disputado nos dados, mas as coisas estavam tão estranhas que ninguém queria ficar com a peça. Ele arfou de novo e o ar estremeceu. Todo mundo ficou absolutamente imóvel. Mesmo os que estavam mais longe ouviram quando ele falou.

“Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”

Esther soluçou alto.

Ben-Hur viu uma tigela no chão perto da cruz. Estava cheia de líquido, metade vinho, metade água. Uma esponja estava ao lado, presa na extremidade de uma vara comprida. Era uma medida estranha de misericórdia para com os moribundos.

Jesus precisava saber que não estava esquecido. Ele precisava saber que ainda havia pessoas que se compadeciam dele. Anos antes, ele tinha dado água a um prisioneiro esfarrapado em Nazaré. Ben-Hur pegou a vara e umedeceu a esponja. Ele poderia lhe oferecer isso, um último gesto de bondade.

Mas acima da cabeça dele ecoou um grito terrível. Todos ouviram as palavras:

“Está consumado!”.

Ben-Hur ergueu os olhos para o rosto do homem que morria. Jesus levantou os olhos e por um instante pareceu feliz.

“Pai, nas tuas mãos eu entrego o meu espírito.” E a cabeça dele tombou para o lado.

Ben-Hur deixou cair a vara com a esponja e se afastou da cruz, incapaz de desviar os olhos. *“Pai”*, ele ouvia. *“Pai…”*

Mas Jesus estava morto.

Como se em sinal de protesto, a terra começou a tremer. Onda após onda fazia o solo tremer como água, e os dois ladrões gritaram de suas cruzes. Multidões de espectadores fugiram da colina. A luz tinha voltado no momento em que Jesus morreu, e agora todos podiam ver seu corpo, mas ninguém conseguia ficar perto dele, a não ser um pequeno grupo de pessoas que lamentava sua morte. A mãe do nazareno ajoelhou-se ao pé da cruz com um dos discípulos. Ben-Hur e seu grupo se reuniram ao redor de outro corpo, pois Baltazar morreu no mesmo instante que Jesus. Depois, eles colocaram o corpo do egípcio na liteira e Simonides voltou para Jerusalém com ele.

“Ele era mais sábio do que eu”, Simonides disse. “E acredito que a morte foi sua recompensa.”

Quando eles voltaram ao Palácio Hur, Judah foi aos aposentos de Iras. Ele se sentia obrigado a avisá-la pessoalmente da morte do pai. Mas os aposentos estavam vazios. O único traço que restava dela era um sopro daquele perfume. Ele deixou as janelas bem abertas.

EPÍLOGO

Ben-Hur e Esther se casaram, é claro. Eles decidiram deixar suas lembranças amargas para trás, em Jerusalém, e viver na mansão elegante de Arrius junto ao mar, em Miseno. Ali, Naomi e Tirzah os ajudaram a criar os filhos. A família toda continuou a seguir os ensinamentos do nazareno e fez tudo o que podia para estimular a fé crescente. Como os outros, eles começaram a se chamar de “cristãos”.

Esther não tentou convencer Simonides a se juntar a eles. Ela compreendia que a alegria do pai vinha de seus negócios. Era impossível imaginá-lo prosperando nos amplos e arejados aposentos revestidos de mármore da mansão. Então, a cada ano, ela e Judah se revezavam em viagens pelo mar, até Antióquia. Quase nada mudou na casa junto às docas: os navios continuavam chegando com bandeiras amarelas em seus mastros, para sinalizar as viagens bem-sucedidas. Simonides, envelhecido antes da hora pela sofrida tortura romana, agora parecia eterno. Apenas Malluch ia ficando grisalho e corpulento com o passar dos anos.

Mas, um dia, a vista de Simonides começou a falhar e ele anunciou que iria vender seus navios. Ele pediu que Esther e Judah fossem a Antióquia, onde o ajudaram, durante dias, como os olhos e as mãos de Simonides. Era necessário pagar os marinheiros, vender os animais, despachar cargas e administrar um fluxo constante de detalhes que Esther cuidou com sua habitual calma e competência. Certa manhã, no armazém, Ben-Hur trombou com ela, que estava varrendo com uma vassoura velha, e não pôde evitar de rir.

“Você está igualzinha à primeira vez em que a vi!”, ele exclamou, pegando-a em seus braços.

Ela sorriu para ele.

“Eu acho que esta é a mesma vassoura. Malluch nunca ligou para o chão.”

“Você está triste?”, Ben-Hur perguntou.

“É claro. Mas meu pai, não. Vou tentar seguir o exemplo dele.”

Ele descansou o rosto no cabelo dela.

“Ele é um homem muito corajoso.” Ben-Hur sentiu que ela concordava com a cabeça. Então, ela bateu de leve nas costas dele com o cabo da vassoura.

“Acho que ele pediu que você fizesse alguma coisa”, ela disse. “É melhor você ir.”

“É verdade.” Ele a soltou. “Tenho que ir ver um condutor de camelo. Gostaria que Malluch estivesse por aqui. Eu pediria que ele fosse.”

“Malluch está no fundo do compartimento de carga daquele navio lá fora”, Esther disse. “Você pode trocar de lugar com ele.”

“Não”, Judah respondeu, estremecendo. “Dadas as opções, prefiro os camelos.”

* * *

Aquele foi o último navio a chegar ao cais de Simonides, e, até o fim do dia, a carga de azeite de oliva grego e trigo egípcio tinha sido transferida para o armazém. Enquanto o sol poente emanava uma névoa coral, Ben-Hur, Esther e Simonides sentaram-se juntos no escritório, de onde observavam o navio solitário oscilando no atracadouro. Cada superfície plana daquele aposento estava coberta de tábuas de anotações e pergaminhos, muitos dos quais mantidos embaixo de objetos esquisitos como um pedaço de sândalo, um caco de alabastro ou a bainha de uma adaga cuja lâmina nunca foi usada.

"Até eu estou surpreso", Simonides comentou, olhando ao redor. "Esther, passe para mim aquele pacotinho ali, aquele com o lacre." Enquanto ela procurava o objeto na mesa mais próxima, Simonides continuou. "Eu pensei que tinha o cálculo bem feito na minha cabeça, mas sou muito mais rico do que pensava. E você também, Judah", ele acrescentou com um olhar penetrante. "Eu tinha me esquecido disso até agora", ele disse ao pegar o pacote com a filha. "Um árabe trouxe isto mais cedo e eu o coloquei de lado. Você consegue ler a inscrição?"

"É para Judah", Esther respondeu. "Tem o lacre do Sheik Ilderim." Por um momento, ela admirou a imagem pequena de um cavalo correndo. "Não vejo isto há anos." Ela passou o pacote para o marido, que tocou, delicadamente, com o dedo indicador a cera brilhante, antes de quebrá-la. Ben-Hur leu a carta e levantou uma tira amarelada de papiro tão desbotada que precisou se aproximar da janela aberta para distinguir as palavras. Na luz minguante refletida pelo rio, ele leu a mensagem curta, e seus ombros caíram.

"Más notícias?", Esther perguntou, chegando ao seu lado.

Ele lhe entregou o papiro.

"Sim. Não… não más. Tristes. O Sheik Ilderim, nosso sheik, morreu", ele disse. "Em combate."

"Do jeito que ele queria", Simonides comentou.

"Sim", Ben-Hur concordou. "Os partas reuniram suas tribos para atacar. O jovem Ilderim, filho do nosso sheik, escreve dizendo que retomou o território que seu pai tinha perdido e recapturou os cavalos. Um Ilderim ainda controla o deserto."

Simonides baixou a cabeça.

"Vou sentir falta do pai dele. Foi um bom amigo."

Ben-Hur retornou ao banco ao lado de seu sogro.

"Meu também", ele disse e tomou uma das mãos retorcidas de Simonides nas suas. "Ele me deixou o Pomar das Palmeiras. Como é que ele diz, Esther?"

Esther leu:

"'O oásis perto de Antióquia deverá ser dado para o filho de Hur, que nos trouxe glória na arena da cidade. Deverá pertencer a ele e seus descendentes, para sempre'".

Judah suspirou fundo.

"Você não gostou de receber o oásis?", Simonides perguntou.

"O que eu vou fazer com aquilo?", Judah respondeu. "Não preciso de um oásis."

"Venda-o para o jovem Ilderim", Simonides sugeriu. "É o que eu faria."

"Vender o que para Ilderim?", a voz de Malluch veio da entrada.

"O Pomar das Palmeiras", Esther respondeu. "Deixado para Judah pelo Sheik Ilderim, que morreu em um ataque parta."

"Aposto que Ilderim levou alguns partas com ele", Malluch disse. "É melhor você ler isto antes de decidir qualquer coisa", ele disse a Ben-Hur, estendendo-lhe um pergaminho. "Sinto que tenha chegado tão tarde. Uma caixa na cabine do camareiro quase foi esquecida a bordo."

Mas Ben-Hur já estava lendo. Esther viu o vinco entre as sobrancelhas do marido, que não sumiu quando ele lhe entregou a carta.

“Apenas conte-nos o que ela diz”, Esther sugeriu.

Ele concordou e juntou as mãos. Então, curvou a cabeça, como se estivesse rezando. Ele ficava assim com frequência antes de orar, organizando seus pensamentos e, Esther acreditava, escutando o Senhor.

“Esta carta traz más notícias de Roma”, ele disse. “Ouvimos falar nisso antes de sairmos de Miseno. A comunidade em Roma está crescendo, graças a Deus. São muitos os seguidores lá que vivem de acordo com os mandamentos de nosso Senhor. Mas…”

“Espere”, Simonides o interrompeu. “Nós sabemos o que vai acontecer nessa história. As autoridades romanas começam a caçá-los e proíbem suas reuniões. Talvez até…”

Silêncio. Todos naquele escritório se lembravam das brutalidades impostas a Simonides e Judah.

“Sim. Têm acontecido alguns episódios…” Ele esclareceu: “Tem havido violência”.

“Romanos, violentos”, Simonides exclamou. “Será que as coisas nunca vão mudar?”

Ben-Hur abriu o pergaminho de novo, mas seus olhos não viram a escrita.

“Nero… ele deve estar se sentindo seriamente ameaçado”, ele disse, “para tomar as medidas descritas aqui. Nossos irmãos na capital devem mesmo estar prosperando. E eles devem ser muito fortes em sua fé, para persistirem face a… Mas eles necessitam de lugares para se reunir e orar. Igrejas foram destruídas”, ele explicou, torcendo o pergaminho. “Cultos de devoção são interrompidos e…”

“Não diga mais nada”, pediu Simonides. “Nós entendemos.”

O silêncio dominou o ambiente enquanto os quatro se lembravam da crueldade romana em suas várias formas.

Esther, ansiosa, observava o marido. Os romanos de novo! O perigo nunca acabaria? Eles conseguiriam algum dia esquecer da ameaça imposta pelo império? De tempos em tempos, Judah ainda tinha pesadelos com as galés. Ele acordava ofegante, gritando e se debatendo. E, durante os dias seguintes, ele precisava controlar o nervosismo. Era sua fé, ela imaginava, que o mantinha bondoso, mas ele sempre teria que se esforçar para ficar tranquilo. Ben-Hur tinha visto violência demais na sua juventude.

Ele tamborilava os dedos no pergaminho enquanto pensava.

“Essas duas notícias chegando ao mesmo tempo…”, ele disse. “E se estiverem ligadas? Simonides, você acha que eu conseguiria um bom preço no oásis?”

“Ah, sim”, Simonides disse. “Uma fonte de água magnífica, bem abrigada e tão perto de Antióquia? Um bom preço, sem dúvida.” Ele olhou para Ben-Hur através do quarto que escurecia. “E não se esqueça, Judah, minhas posses em breve serão suas.” Ele silenciou o protesto de Esther. “Vou deixar esta vida feliz e irei me encontrar com sua mãe, minha querida. Eu tenho muita coisa pela frente.” Esther atravessou o escritório e parou atrás da cadeira do pai, para beijá-lo na face. Ele levantou as mãos para cobrir as da filha, que repousavam em seus ombros. “Você vai ter mais do que qualquer homem precisa, Judah. O que vai fazer com tudo isso?”

Ben-Hur se levantou e pegou o pedaço de papiro na mesa em que Esther o tinha deixado. Ele segurou o papiro em uma mão e a carta em outra.

“Deus dá, Deus tira. Talvez o que o Senhor esteja me dando agora seja a resposta a uma oração. Eu e Esther temos nos esforçado para ajudar os seguidores de Jesus em Miseno. Nós damos esmolas; construímos uma casa de oração. Sempre pretendemos e desejamos fazer mais. Não é verdade?” Ele se virou para Esther esperando confirmação. Ela assentiu. “Mas as quantias que eu possuo são muito grandes para serem gastas assim.”

Ele ficou em silêncio por tanto tempo que Simonides se manifestou.

“Conte-nos, então!”, disse seu sogro. “Em que está pensando?”

“Estou pensando em Roma”, Ben-Hur respondeu. “Construída sobre as colinas, com suas

estradas retas e edifícios de mármore. Templos e santuários por toda parte. E debaixo do solo, catacumbas construídas com o mesmo cuidado.” Ele olhou em volta, fitando cada um dos presentes. “Os romanos respeitam os mortos. Para eles, os lugares de sepultamento são sagrados. Não podem ser sagrados também para os romanos que seguem Jesus? Os cristãos não poderiam usar as catacumbas?”

“Malluch, nós precisamos de luz”, Simonides disse. “Os outros não precisam ficar cegos como eu. O que você está querendo dizer, Judah?”

Enquanto Esther e Malluch acendiam as lâmpadas, Ben-Hur explicou.

“Os cristãos necessitam se reunir em segurança. Nós precisamos batizar, adorar, compartilhar o pão *juntos*. Esse dinheiro que eu recebi talvez pudesse ser usado com esse objetivo, criando lugares seguros para nossa fé. Esse dinheiro pode pagar por ferramentas e trabalhadores, guardas e tijolos, homens para fazer projetos e homens para construir túneis.” Ele olhou para Esther. “O que você acha?”

Ela foi até o lado dele.

“Acho que é um plano maravilhoso.”

“Eu também gosto”, disse Simonides. “Tenho prazer em pensar que o meu dinheiro e o valor conseguido com o oásis de Ilderim serão usados dessa forma, em solo romano. Debaixo do solo. Debaixo dos pés deles”, Simonides acrescentou com uma risada.

Judah ficou parado no centro do escritório.

“Sim”, ele disse. “Vale a pena tentar. Às vezes, é tão difícil saber o que é certo.” Ele inspirou fundo e olhou para Esther. “Eu já lhe contei”, ele perguntou a Simonides, “sobre a última vez em que vi Jesus?”. Esther deu um sorriso caloroso para ele.

“Nós todos o vimos juntos”, disse Simonides. “Nós o vimos morrer.”

“Sim, mas eu o vi de novo, depois disso.”

“E nunca me contou?”, Simonides perguntou, espantado.

“Não. Você lembra como foram aqueles dias. Eu só contei para Esther, depois. Foi muito estranho, quase como um sonho.”

“Tanta coisa foi estranha naqueles dias, Judah!”

“Isso é verdade”, Judah começou, enquanto Esther se ajeitava no chão aos seus pés. “Nós tínhamos que enterrar Baltazar, e Iras havia desaparecido. Todo mundo em Jerusalém estava nervoso.”

Simonides assentiu.

“Ninguém se sentia seguro”, ele disse.

“Todos os judeus que foram para a Páscoa voltaram para suas casas”, Ben-Hur continuou. “Os romanos redobraram as patrulhas nas ruas e estavam de olho em todo mundo. Ainda assim, os discípulos de Jesus conseguiram se reunir. Você já ouviu a história?”, ele perguntou para Simonides. “Jesus apareceu para eles dentro de uma sala trancada.”

“Eu conheço essa”, Simonides disse. “E tem mais alguma coisa, não é? Sobre um discípulo que não acreditou que era ele?”

“Tomé”, Esther disse. “Jesus o compreendeu. Ele deixou que Tomé colocasse a mão na ferida em seu flanco. Nós contamos essa história com frequência durante o culto. É tão reconfortante.”

“Para aqueles que precisam de ajuda para acreditar, imagino”, Malluch sugeriu. “Porque é claro que é impossível.”

“Sim. Nós acreditamos no impossível”, Ben-Hur disse. “É um bom modo de dizer isso. Mas é difícil de fazer. Depois de alguns dias em Jerusalém, eu queria… bem, eu senti que precisava encontrar os discípulos. Eu não sabia muito bem por quê. Mas você se lembra, eu tinha gasto todo aquele tempo formando o exército. E então, foi difícil assimilar que todos tínhamos nos enganado.”

“Menos Baltazar”, Esther falou.

“Certo”, Simonides concordou. “Mas ele tinha dons incomuns. O resto de nós via o mundo como sempre foi, um mundo de poder e violência, e nos preparamos para isso. Baltazar sabia, desde o começo, que seria algo novo.”

“Eu continuei pensando em armas e estratégias militares”, Ben-Hur disse. “Mesmo depois do Getsêmani, quando Jesus permitiu que o capturassem. Eu não podia deixar de acreditar que nós poderíamos resgatá-lo à força. Mas…” Ele suspirou. “Roma tinha me ensinado a pensar com o foco na vingança. Só que a mensagem de Jesus não era essa. Eu demorei mais do que a maioria para compreender.”

“A maioria de nós precisa aprender essa lição muitas e muitas vezes”, Esther disse.

Judah concordou.

“De qualquer modo, depois de alguns dias, eu fui para a Galileia. Eu queria ver como os discípulos estavam vivendo. Eu pensei que poderia aprender alguma coisa com eles. Ou, talvez, ouvir algumas das palavras que o Senhor disse quando apareceu para eles. Era noite, quando eu cheguei. Fui até a praia, pensando que eles poderiam estar lá. Afinal, eles eram pescadores. Pensei que seriam atraídos pela água e, de fato, quando cheguei à praia, tinha um barco saindo. Eu consegui reconhecer alguns deles: Pedro, Tiago e João. Eles estavam pescando. Eu me sentei na beirada e fiquei observando. Foi reconfortante. A noite estava linda. As estrelas tão brilhantes! Eu conseguia ver até o barco, embora estivesse em águas profundas. Dava para ver que não estavam pegando nenhum peixe. Eles jogavam a rede, recolhiam e jogavam de novo. Ninguém parecia decepcionado.”

“Às vezes, apenas fazer algo rotineiro já é reconfortante”, disse Simonides.

“Veio a alvorada. Eles estavam voltando, e, então, viram alguém! Eu percebi quando todos se dirigiram a ele, embora o sol ainda não tivesse nascido. Ele perguntou, ‘Algum peixe?’; eles responderam, ‘Não, nenhum’. Ele disse, ‘Joguem a rede do lado direito do barco e vão encontrar alguns’, e é claro que foi o que eles fizeram. A rede se encheu de imediato, tanto que eles mal conseguiram puxá-la para o barco. Quando chegaram à praia, eu corri para ajudá-los, e nós tivemos muito trabalho para retirar os peixes, que eram dos mais lindos”, Judah acrescentou. “O homem era Jesus”, ele continuou. “Nós todos o reconhecemos de imediato. Eu percebi que os discípulos sentiram o mesmo que eu: tranquilizados. Ele tinha voltado! Ele nos amava; a todos nós. Até eu, embora não fosse um deles. E ele iria nos liderar. De algum modo.”

O escritório permaneceu em silêncio, enquanto os outros esperavam que ele continuasse.

“Uma fogueira foi acesa e havia pão fresco e quente. O Senhor disse: ‘Venham comer o desjejum’, e nós fomos. Nós limpamos peixes e os assamos. Era uma manhã magnífica, nunca vou me esquecer disso. A brisa parou e a superfície da água virou um espelho, refletindo o céu. Foi como se estivéssemos sentados dentro de uma cúpula de luz, por cima e por baixo. Jesus nos serviu. Ele falou; ele nos tocou. As feridas dos cravos continuavam lá, mas ele não parecia sentir dor. Todo mundo se sentia bem.” Ele inspirou fundo. “Então, Pedro lhe fez a pergunta. É a pergunta que repetimos sem parar: *O que devemos fazer agora?* Estou lhes contando esta história porque eu dei a resposta errada durante boa parte da minha vida. Mas agora eu tento fazer o que Jesus disse, da melhor forma que eu posso. Ele disse para Pedro, e para todos nós: ‘Alimente meus cordeiros. Cuide das minhas ovelhas. Siga-me’.”

Posfácio

6 de abril de 1862 foi o pior dia na longa e agitada vida de Lew Wallace.

Esse foi um dia trágico para milhares de famílias americanas: quase vinte e quatro mil soldados do Norte e do Sul foram mortos ou feridos em um campo de batalha pantanoso no sudoeste do Tennessee, perto de uma igreja chamada Shiloh.

E foi um dia desastroso para os comandantes desses soldados, que descobriram o quão destrutiva seria aquela guerra. Batalhas anteriores à Guerra Civil tinham envolvido grupamentos menores de homens armados; em Shiloh, duas forças imensas se encontraram, provocando morte e destruição em escala monumental, e então se separaram aos pedaços, sem nenhuma vantagem clara para qualquer um dos lados. Morreram ali mais soldados do que em todas as batalhas norte-americanas anteriores somadas. Aqueles que acreditaram que a guerra entre os estados pudesse ser resolvida em um confronto decisivo tiveram que mudar de ideia depois da Batalha de Shiloh.

Lew Wallace nunca superou aquele dia. Quando o sol nasceu ele era o mais jovem major-general do Exército da União, uma figura esguia e arrojada montada em um cavalo baio alto. Ele comandava, com confiança e entusiasmo, uma divisão de reserva com oito mil homens. Ao anoitecer, quando suas tropas encharcadas finalmente se juntaram aos regimentos surrados e dizimados que lutaram o dia todo, ele soube que seu comandante, Ulysses S. Grant, estava furioso. Às 9h Grant ordenou que Wallace trouxesse sua divisão para reforçar o flanco da União.

E Wallace… bem, Wallace e seus homens só chegaram bem depois das 18h, deixando as forças de Grant expostas, exaustas e à beira de uma retirada.

A batalha durou mais um dia, e a União prevaleceu (por pouco), mas o

número de baixas fizeram manchete no Norte e no Sul. Como pôde a União ter se atrapalhado daquela forma?

Grant tinha uma resposta: era culpa de Wallace.

Wallace tinha uma réplica: as ordens de Grant não foram claras.

Esses eram os pontos de vista dos dois homens após a batalha, e nenhum deles deu o braço a torcer por mais de 20 anos. Até que novas evidências surgiram, e Grant cedeu, admitindo que talvez Wallace estivesse com a razão.

A essa altura, em meados da década de 1880, era de se pensar que Lew Wallace não estivesse mais preocupado com isso. Ele era mais rico e célebre do que jamais poderia ter imaginado. Mas, até o dia de sua morte, Lew sentia que sua honra tinha sido manchada, e ele era um homem que se importava profundamente com esse conceito antiquado.

Em muitos aspectos, na verdade, Lew nasceu um tantinho tarde demais, e viveu em descompasso com sua época. Por toda a vida ele buscou o exótico, o pitoresco, o perigo, em um período em que a vida norte-americana ficava cada vez mais estável, previsível e monótona. No fim, o anseio de Lew por atos gloriosos fez sua fortuna de um modo que ele não poderia ter previsto. Assim como o episódio de Shiloh. E, talvez o mais estranho de tudo, também o proporcionou um encontro casual num trem.

Esse último fato aconteceu em setembro de 1876, quase 15 anos após a Batalha de Shiloh. Os anos entre os dois eventos foram confusos para Lew. Ele foi afastado de seu posto logo após a batalha; meses se passaram até que ele voltasse a liderar tropas em combate. E apesar do sucesso em Fort Donelson e Monocacy, ele não foi mais promovido. (Essa foi, na verdade, uma boa decisão por parte do comando da União: como soldado, Lew era inclinado à insubordinação e impulsivo.) Como era advogado na vida civil, ele serviu nos júris militares que julgaram os assassinos de Abraham Lincoln e do comandante de Andersonville, o infame campo de prisioneiros confederado. Então veio um período confuso em que Lew foi para o México formar e treinar um exército

rebelde para combater os franceses, que tinham ocupado o país em uma ilegítima investida colonial. Lew retornou falando espanhol, mas afundado em dívidas, tendo sido ludibriado em relação a armamentos e provisões para forças que nunca se materializaram.

Finalmente as aventuras acabaram. Lew teve que se estabelecer em Crawfordsville, Indiana, em um escritório de advocacia monótono que deve ter lhe dado a sensação de fracasso. Lá estava ele – um homem que fugiu de casa aos 12 anos para participar de uma guerra mexicana; um homem que levantou seis regimentos de tropas do estado de Indiana e os convenceu a treinar e a se vestir como zuavos argelinos, com jaquetas curtas e pantalonas folgadas, tudo em nome da eficiência militar; o filho do sexto govenador de Indiana e cunhado do décimo terceiro –, defendendo casos em tribunais apertados de cidades pequenas, no esforço de pagar as consideráveis dívidas que tinha com seu cunhado banqueiro.

Por outro lado, ele tinha uma esposa bonita e inteligente, com um senso de humor mordaz; um filho atencioso e o melhor hobby que poderia ter um homem que precisava fugir da rotina diária. Lew Wallace, em seu tempo livre, escrevia romances.

Nisso, como em sua personalidade, Lew estava fora de sintonia com seu tempo. A década de 1870 foi o período do realismo na ficção americana. Os romances da moda faziam os leitores mergulharem na pobreza urbana e no sofrimento dos imigrantes, com personagens e diálogos encontrados na vida cotidiana. Lew, por sua vez, tinha pesquisado e escrito um épico sobre a conquista do México por Hernán Cortés, em 1519, incluindo linguagem de sonoridade arcaica. The Fair God (O Deus justo) foi publicado em 1873 e foi bem recebido, embora não tenha sido bem-sucedido a ponto de permitir a Lew abandonar o escritório de advocacia. De qualquer modo, ficou claro para ele que seu hábito de escrever ficção era construtivo, pois lhe proporcionava uma fuga da labuta legal, que era o que pagava as contas da família Wallace. Ele gostava tanto de pesquisar quanto de escrever e, depois de The Fair God, acabou escrevendo uma novela sobre os reis magos. Lew não era um homem religioso, mas, nos Estados Unidos dos anos 1870, de certa forma, os Evangelhos faziam

parte da cultura de todos. Lew, o viajante, o caçador de aventuras, ficou fascinado pelos três homens de fés distintas que saíram de seus lares distantes para seguir uma estrela em busca do Redentor da humanidade. Era algo que ele mesmo poderia ter feito.

Em 1876, Lew já tinha quase 50 anos. Era um homem saudável, mas estava envelhecendo. O que mais a vida teria para ele? Quanto tempo mais ele conseguiria aguentar os tribunais poeirentos do interior, com um juiz mascando tabaco e réus de péssima higiene, para no fim do dia embolsar seus honorários e enfrentar a desconfortável viagem de volta para casa – e uma série interminável de dias semelhantes?

Não é de admirar que ele tinha planejado comparecer à reunião do grupo de veteranos Boys in Blue, em Indianápolis, em setembro daquele ano. Haveria discursos e música, possivelmente bebidas e uma marcha pelas belas ruas do centro. Haveria uma campanha política, o que interessava a Lew, embora suas próprias campanhas para o Congresso, em 1868 e 1870, não tivessem dado em nada. Ele apoiava Rutherford B. Hayes, o candidato republicano à presidência, e a reunião contaria com um discurso de Robert Ingersoll, o mais impressionante orador dos Estados Unidos nessa época.

Isso pode soar estranho hoje, mas Robert Ingersoll era um superastro em 1876. Antes da televisão, antes do rádio, antes de músicas serem gravadas, apresentações ao vivo eram uma importante forma de entretenimento, e, acredite ou não, os norte-americanos compareciam em massa para escutar homens fazendo discursos. Lendo-se o trabalho de Ingersoll hoje, pode-se dizer que o homem tinha mesmo muito jeito com as palavras. Mais do que isso, ele possuía um ponto de vista notável, pois era o agnóstico mais conhecido da América.

Ele era também um provocador nato. Um de seus passatempos favoritos era envolver estranhos em debates a respeito da divindade de Cristo, que ele negava com veemência. Por acaso, Ingersoll estava no trem que Lew Wallace tomou para a reunião dos Boys in Blue, em 19 de setembro de 1876. Ingersoll convidou Lew para ir à sua cabine privada e, enquanto o

trem sacudia sobre os trilhos a caminho de Indianápolis, os dois homens começaram a conversar.

Basicamente, Ingersoll desmontou Lew. Ele acreditava em Cristo? Sim. Por quê? Ele não sabia. Ele tinha lido os Evangelhos? Umm… uma parte. Ele acreditava mesmo naqueles milagres? Umm… talvez. Por quê? Lew acreditava mesmo que Jesus tinha levantado dos mortos? Toda aquela bobagem sobre Lázaro, morto há três dias e já se decompondo… como um homem instruído pode acreditar numa coisa dessas?

Lew não sabia. Ele percebeu que não sabia muita coisa. E aquela conversa com Ingersoll o havia constrangido. A fé era uma questão vital naquela época, e, embora Lew não fosse de ir à igreja, ele reconhecia a importância fundamental do Cristianismo. Como podia ele, um homem curioso e instruído, ter chegado à sua idade sem refletir com seriedade sobre a sua fé?

Então, sendo como era, decidiu pesquisar o assunto, o que significava escrever um livro a respeito. Na verdade, Lew percebeu naquela noite, enquanto caminhava pelas ruas tranquilas de Indianápolis em direção à casa de seu irmão, que ele já tinha começado esse livro. O que era sua novela sobre a viagem dos reis magos se não o início de um romance sobre Jesus? Ele já tinha escrito sobre a Natividade e teria que terminar, por motivos óbvios, com a Crucificação. O material intermediário traria à vida o mundo antigo em que Jesus viveu – e o próprio nazareno. O desafio e o prazer da empreitada viriam da invenção de personagens e acontecimentos que personificassem os conflitos do mundo antigo. O poder e a grandeza do Império Romano em seu ápice acabariam sendo representados por Messala, o jovem romano privilegiado, enquanto a população judaica oprimida da Judeia seria personalizada pelo jovem príncipe Judah Ben-Hur. A ação do romance se concentraria nos anos anteriores à a pregação de Jesus e durante ela, e levaria Ben-Hur à presença do Salvador.

Um fator que tornou Ben-Hur popular foi a evidente fé de Lew. Ele escreveu sobre Jesus e seus ensinamentos com autêntica reverência e

conduziu os leitores à presença imaginada do Senhor. Outro componente foi a devoção de Lew aos romances de aventura antiquados. Ben-Hur não seria famoso hoje sem a corrida de quadrigas e a batalha naval. O ódio declarado entre os ex-amigos Messala e Judah Ben-Hur empurra a trama para frente.

Mas há outro elemento que confere força emocional a Ben-Hur. O momento crucial da história, quando o herói, Judah, é tirado do conforto da Jerusalém de sua infância, é um acidente. Judah derruba uma telha da cobertura do palácio da família Hur e fere uma autoridade romana. A reação imediata e violenta destrói o mundo de Judah, separando-o de sua família e o transformando em escravo. É o seu desejo de reencontrar seus entes queridos que move o restante do livro – junto com sua sede de vingança.

Tudo isso é ficção, claro. Lew Wallace nunca chegou perto de uma galé romana, e com sua amada esposa e o filho Henry formava uma família unida e feliz. Mas Lew sabia o que eram afronta e injustiça. O desejo ardente de Judah Ben-Hur de reparar os danos sofridos em sua juventude reflete a luta vitalícia de Lew para limpar seu nome de uma acusação injusta – a desgraça de Shiloh. Através de Judah, ele imaginou a vingança que queria infligir a seus inimigos, os covardes burocratas militares que se recusavam a limpar seu nome. Há violência real em Ben-Hur, e nosso devoto herói judeu viola os mandamentos várias vezes ao matar com grande empenho. Com certeza, são a vergonha e a raiva de Lew que motivam Judah a aproximar imprudentemente sua quadriga da de Messala nos últimos momentos da célebre corrida. Assim como é a crença de Lew que faz Ben-Hur, no fim do livro, abandonar, relutante, seus planos de violência para aceitar um tipo diferente de Salvador.

Lew Wallace fez a pesquisa para Ben-Hur e escreveu o livro em seu tempo livre. O mais surpreendente é que o processo todo levou apenas quatro anos, que foram bastante agitados para ele, pois o encontro com Ingersoll marcou o início de uma nova era em sua vida. Depois da decisiva reunião dos Boys in Blue, Lew tirou uma licença do seu escritório de advocacia em Crawfordsville para se dedicar com vigor à

campanha de Rutherford B. Hayes, de modo que a política acabou por tirá-lo de Indiana. Era prática comum naquela época recompensar os aliados de campanha com cargos no governo. Mas Lew não era dos primeiros da lista de Hayes, pois foi só em 1878 que ele, afinal, ofereceu-lhe um posto, e um bem modesto: Lew poderia, se quisesse, tornar-se governador do turbulento e violento território do Novo México.

O salário era pequeno, e o trabalho, perigoso: o Novo México era um território quase sem lei naquela época, com facções de criminosos se enfrentando na Guerra do Condado de Lincoln. Pior ainda – para Susan Wallace, pelo menos – eram as condições primitivas de Santa Fé, a capital do território. Mas Lew precisava de uma aventura, e Susan era mais corajosa do que deixava transparecer; e os Wallace então ocuparam o amplo Palácio Real de um andar, construído em 1610 e que não passou por muitas melhorias depois disso. Lew fez inimigos logo que chegou. Aquele era, afinal, o Oeste Selvagem, onde se vivia de arma em punho, e ele estava lá para restaurar a lei e a ordem. O fora da lei mais famoso era Billy the Kid, que ameaçou de morte o General Wallace. Susan ouviu de uma amiga que ela e Lew nunca deveriam deixar as cortinas abertas, à noite, em quartos com luzes acesas, pois era provável que um criminoso descontente atirasse neles.

E quando Lew não estava prendendo Billy the Kid ou tentando apaziguar facções de boiadeiros rivais, ele virava a noite escrevendo Ben-Hur. De fato, ele terminou a primeira versão e a copiou inteira à mão usando tinta roxa. Em março de 1880 ele tirou uma folga de seu posto para entregar pessoalmente o manuscrito à editora Harper & Brothers, em Nova York.

O livro foi aceito, mas com ressalvas. O modesto sucesso de The Fair God e a notoriedade de Lew ajudaram o editor a decidir pela publicação, mas ele tinha reservas quanto a um romance em que Jesus Cristo aparecia como personagem. Não importava que a representação fosse reverente, nem que o autor só tivesse dado para Jesus diálogos tirados diretamente dos Evangelhos, a Harper & Brothers estava preocupada que Ben-Hur: uma história dos tempos de Cristo pudesse ser um livro blasfemo. Apesar disso, eles assumiram o risco, e o livro foi lançado em 12 de novembro

de 1880, pronto para o Natal.

Os instintos políticos de Wallace não eram dos melhores, principalmente no caso da Batalha de Shiloh, mas ele teve o bom senso de enviar cópias de Ben-Hur para alguns de seus amigos que ocupavam altos cargos na administração federal. Acontece que um deles era James Garfield, o presidente eleito, que prometeu ler quando tivesse tempo. Por incrível que pareça, Garfield cumpriu a promessa alguns meses depois. O presidente conseguiu ler o romance de 550 páginas em seis dias e, devido à força da sensível descrição do Oriente Médio feita por Lew, ofereceu-lhe o cargo de embaixador dos Estados Unidos junto ao Império Otomano. O salário seria três vezes o que Lew recebia no Novo México.

O que seria bom, já que as vendas de Ben-Hur foram decepcionantes – os direitos autorais referentes aos primeiros sete meses de vendas somaram menos de 300 dólares. Levando em conta os anos gastos na criação do romance, aqueles eram rendimentos acanhados. Pouco tempo depois, Lew escreveria para o filho Henry especulando que os direitos somados de The Fair God e Ben-Hur poderiam alcançar mil dólares por ano, se ele tivesse sorte.

Mas, de certa forma, ele escrevia seus romances como um hobby. A vívida imaginação de Lew fazia com que suas extensas pesquisas funcionassem como verdadeiras viagens. Ele costumava dizer que seus personagens eram seres vivos para ele, pois falavam, agiam, tinham vontade própria, e, embora ele amasse alguns, detestava outros.

Hoje é possível que nós encaremos Ben-Hur de outra forma. Com o que sabemos da vida de Lew Wallace, podemos ver que as maiores preocupações do autor foram incorporadas a essa que acabou sendo sua obra-prima. Estão presentes não apenas o choque e a vergonha relativos à Batalha de Shiloh, mas também sua reverência pelas mulheres, sua idealização da família, sua preocupação perpétua com dinheiro – e até mesmo sua luta com as questões de vingança e perdão. Lew viveu seus anos de formação como soldado. A violência estava gravada na sua definição de masculinidade, e ele deu esse atributo ao seu herói, Judah

Ben-Hur.

Essas também eram as preocupações de muitos outros norte-americanos dessa época, e isso deve ter contribuído para o progressivo sucesso de Ben-Hur. Em 1880, o país estava se debatendo com o processo de reconciliação entre Norte e Sul, tentando deixar para trás o legado amargo da guerra, assim como Judah tem que aceitar que a liderança de Jesus não será por meio de violência, mas de paz e redenção. Também em 1880, a Era Industrial seguia a todo vapor, e a riqueza começava a ser respeitável – até glamorosa. Lew Wallace arrancou seu herói do conforto do palácio de um príncipe mercante e o jogou no ambiente brutal de uma galé romana, para depois dotar Judah com uma fortuna não conquistada – ou melhor, duas fortunas. E em um país onde a escravidão era uma lembrança recente demais para muitos cidadãos, um herói que tinha sido escravo dava uma nova percepção – ainda que indireta – das condições horríveis da escravidão.

Como podemos ver agora, Ben-Hur: uma história dos tempos de Cristo tinha tudo: aventura para quem buscava entretenimento, sentimentalismo para as mulheres, uma fábula do tipo "da pobreza à riqueza" e até romance. As descrições, embasadas em sua meticulosa pesquisa, traziam imagens vibrantes do Oriente Médio para leitores que nunca viram nem veriam uma palmeira.

O que diferenciou Ben-Hur, contudo, foi o cerne da ideia original de Lew Wallace: a aceitação da divindade de Jesus. Os quatro anos de pesquisa e escrita convenceram Lew de que o agnóstico Robert Ingersoll estava errado. Lew acreditava, e Ben-Hur demonstrava isso. As cenas da Natividade e da Crucificação eram o trabalho de um cristão convencido. Escrevê-las como parte de uma obra maior de ficção era um risco enorme, e os leitores a princípio se prepararam para ficar chocados. Mas a sinceridade de Wallace era evidente. Não havia nenhuma intenção de ofender os devotos, e estes não podiam se ofender.

Mas isso não significa que os críticos gostaram do livro. Eles debocharam da linguagem extravagante e da trama antiquada. Algumas

dessas críticas mais severas devem ter machucado Lew, que, já no fim de 1883, tinha recebido um total de apenas 2.800 dólares em direitos autorais por Ben-Hur.

Mas a essa altura ele já desfrutava havia vários anos de uma renda mais confortável como embaixador dos EUA em Constantinopla – e de uma vida mais exótica do que o garoto sonhador de Indiana jamais poderia ter imaginado. Ele e Susan viajaram extensamente pela Europa e por todo o Oriente Médio; Lew pôde até verificar pessoalmente a precisão de suas descrições em Ben-Hur e anunciar, feliz, que todas estavam corretas. Ele conseguiu também cultivar uma relação cordial com o Sultão Abdul Hamid II, soberano do ruinoso Império Otomano. Esse foi um interlúdio gratificante e estimulante, e quando os Wallace retornaram aos Estados Unidos, Lew esperava uma aposentadoria tranquila da advocacia e a liberdade para se concentrar em seu próximo romance.

Mas seu maior sucesso o aguardava, pois Ben-Hur tinha engrenado. Apesar das críticas e das fracas vendas iniciais, o romance encontrou seus leitores através da propaganda boca a boca. A moda literária podia ser de histórias realistas da sociedade contemporânea, mas as descrições pitorescas do mundo antigo feitas por Lew conquistaram fãs e mais fãs. E o mais importante: seu maior risco literário tinha valido a pena. Tomar a ousada decisão de retratar Jesus em um romance poderia ter afastado o público cristão, dominante nos Estados Unidos do século XIX. Mas aconteceu o contrário; esses leitores foram conquistados. Lew começou a receber cartas emocionadas de leitores que se sentiram tocados e comovidos, cuja fé foi renovada pelo Jesus retratado em Ben-Hur. Pastores recomendaram o livro para suas congregações. Muitos norte-americanos nunca tinham lido um romance antes: ficção era considerada não apenas perda de tempo, mas algo pior, uma representação da falsidade. Isso tornava a maioria dos romances moralmente suspeitos, mas a religiosidade de Ben-Hur e seu apego à doutrina cristã colocaram a obra a salvo de uma reprovação religiosa.

* * *

Lew Wallace voltou de Constantinopla no outono de 1885. Seis meses depois, seu retrato estampou a capa da revista nacional Harper’s Weekly. Pelo resto de sua vida ele seria uma celebridade norte-americana, um dos primeiros autores estelares.

Foi uma incrível mudança de rumo, desde sua fase mais crítica, apenas dez anos antes. Em 1876, quando encontrou Robert Ingersoll naquele trem, Lew estava diante do que parecia ser um futuro deprimente, marcado pelo trabalho como advogado, que ele chamava de “abominável”, e por problemas financeiros para os quais não via saída. Pior, para o aventureiro ardente que era, parecia que as aventuras da vida tinham acabado. Parecia que, dali em diante, os encontros de veteranos seriam sua única fonte de emoção.

Só que, conforme as vendas de Ben-Hur cresciam ano a ano, também se ampliavam as oportunidades. Revistas e editores de livros aceitavam qualquer coisa que saísse da pena de Lew, ou de Susan, sua mulher. Ele foi contratado para escrever a biografia de campanha do futuro presidente Benjamin Harrison. Não só a remuneração pelos direitos autorais começou a entrar, como também as dívidas de seus maus negócios no México foram pagas, e Lew pôde começar a poupar. Ele saiu em turnês literárias e falou para públicos de milhares de pessoas. Seus temas eram “México e os mexicanos”, “Turquia e os Turcos, com vislumbres do harém” e, claro, Ben-Hur. Ele leu a sequência da corrida de quadrigas em Siracusa, Nova York, para oito mil pessoas. Sua turnê, que se estendeu por pouco menos de seis meses, rendeu-lhe quase 12 mil dólares (aproximadamente 300 mil em valores atualizados).

Na turnê, Lew encontrou uma legião interminável de leitores que queriam lhe dizer o quanto Ben-Hur tinha significado para eles. Aqueles que não conseguiram ver o autor pessoalmente escreveram para ele: alcoólatras que pararam de beber, jovens que se reconciliaram com a família, céticos que voltaram para a igreja de sua juventude. Alguns leitores faziam questão de que ele soubesse que tinham achado o romance empolgante demais para largar a leitura – o velho nêmesis de Lews, o ex-Presidente Grant, devorou o livro em 30 horas. A editora

Harper & Brothers fez diversas reimpressões e, em 1886, Ben-Hur era um grande best-seller. Era o livro de que todo mundo falava. Famílias liam em voz alta uns para os outros; era recomendado nas escolas dominicais; senhoras cultas vestiam figurinos e interpretavam esquetes e tableaux inspirados na obra.

Não demorou para que Ben-Hur fosse mais que um livro. Na década de 1880 muitos best-sellers foram adaptados para o palco. O próprio Lew, com seu gosto pelo teatro, tinha escrito uma peça que acabou publicando (mas que nunca conseguiu que fosse produzida). Pedidos de permissão para adaptar Ben-Hur começaram a chegar já em 1882, mas a princípio Lew recusou. Ele estava preocupado que o tom reverente de seu romance não fosse preservado – afinal, o teatro era, por definição, uma mídia mais melodramática que o livro. Finalmente, Lew produziu um libreto para uma produção de tableau que foi encenada com sucesso em toda a América. Uma série de cenários pintados era acompanhada de leituras do romance e breves interlúdios musicais, incluindo uma sequência de dança exótica.

Em 1899, a tecnologia teatral chegou ao nível que Ben-Hur exigia, e começaram as negociações para a produção de uma adaptação completa, que só poderia ser encenada em teatros maiores e mais sofisticados. Lew, que tinha administrado tão mal seu dinheiro quando quase não tinha nenhum, agora havia conseguido fazer um bom negócio, ficando com o controle criativo e a maior fatia dos lucros. Era dele a vantagem na hora de negociar: Ben-Hur era, àquela altura, o romance mais vendido de todo o século XIX (ultrapassando facilmente, apenas vinte anos depois de lançado, A cabana do Pai Tomás, de 1852). Lew também fez questão de um recurso incomum: Jesus não podia ser interpretado por um homem. Em vez disso, Cristo seria representado por um poderoso feixe de luz.

Os efeitos especiais da produção de 75 mil dólares na Broadway eram impressionantes. O cenário consistia de múltiplas camadas de tecido e construções complexas. Destroços dos navios da batalha naval caíam em alçapões no palco, e a corrida de quadrigas era encenada em uma esteira com cavalos de verdade. Os animais ensaiaram durante seis semanas, e o

primeiro a conseguir andar na esteira foi um cavalo árabe de 3 anos chamado Monk, de propriedade do próprio Lew. 20 anos mais tarde, quando a produção foi encerrada, Monk era o único membro do elenco original ainda no espetáculo. Charles Frohman, um importante produtor de teatro nos dois lados do Atlântico, assistiu a um dos últimos ensaios e comentou ao sair que "o público norte-americano jamais vai aceitar Cristo e uma corrida de cavalos no mesmo espetáculo".

É claro que Frohman estava errado. Ele tocou exatamente no ponto que tornou Ben-Hur um grande sucesso: o público norte-americano, na verdade, não se cansava de ver Cristo e uma corrida de cavalos no mesmo espetáculo. Ou, mais precisamente, de ver Cristo e uma corrida de cavalos retratados com extrema honestidade no palco e no livro. E, embora a produção na Broadway tenha sido um enorme sucesso, foram os shows itinerantes que tornaram Ben-Hur um nome familiar. Se os romances eram considerados mortalmente suspeitos entre os grupos religiosos mais rigorosos, as peças teatrais eram ainda mais escandalosas. Atuar – colocar-se em exibição por dinheiro – era tido como algo perto demais da prostituição. Ainda assim, devido ao conteúdo inspirador e ao tratamento reverente de Cristo, Ben-Hur era aceitável. De fato, como aconteceu com o livro, os líderes das igrejas estimulavam suas congregações a ver o espetáculo. Caravanas especiais eram organizadas para levar espectadores de cidades pequenas às cidades em que a peça era apresentada. Em 1904, uma produção de Ben-Hur foi exibida na Feira Mundial de St. Louis, enquanto versões da corrida de quadrigas apareciam no Barnum & Bailey Circus e no Pasadena Tournament of Roses. A versão teatral do romance de Lew ficou em cartaz por 20 anos nos Estados Unidos, e estima-se que tenha sido vista por 20 milhões de espectadores.

Era natural que essa exposição toda vendesse muitos livros. Os espectadores – ou aqueles que apenas tinham ouvido falar na peça – ficavam ansiosos para ler a história. Em 1908, Ben-Hur tinha vendido perto de um milhão de cópias em capa dura, e a rede de lojas Sears, Roebuck and Co. fez à Harper & Brothers um pedido sem precedentes: um milhão de exemplares de uma edição mais barata, que deveria custar

apenas 48 centavos de dólar. Foi a maior encomenda de um único título até então.

Lew não viveu para saber disso, nem para desfrutar da longevidade da versão teatral do seu romance. Ele morreu de câncer no estômago em 1905, e as bandeiras do Capitólio do Estado de Indiana ficaram a meio-mastro durante um mês inteiro. O projeto arquitetônico da grande Sala das Estátuas no Capitólio federal dos Estados Unidos estava sendo elaborado, e cada estado pôde indicar dois de seus cidadãos ilustres para serem imortalizados em mármore na rotunda. Indiana escolheu Lew – o único escritor do grupo. A figura de mármore mostra Lew em sua farda da Guerra Civil, e a sóbria base de granito o identifica apenas como "Soldado. Escritor. Diplomata".

O único filho de Lew e Susan, Henry Lane Wallace, havia muito administrava os negócios envolvendo Ben-Hur, um trabalho de período integral. Uma preocupação constante era resguardar os direitos autorais. Na década de 1880 as preocupações diziam respeito aos tableaux ou às leituras de excertos acompanhadas de "projeção de diapositivos"; já na época da morte de Lew a ameaça vinha de uma nova forma de arte: o cinema. Um filme, de certa forma primitivo, de 1908 apresentava uma corrida de quadrigas filmada em uma praia de Nova York e cenas internas com atores usando figurinos da Metropolitan Opera. A indústria cinematográfica era tão nova que os produtores não se sentiram obrigados a comprar os direitos de adaptação de Ben-Hur. Foi um erro enorme. Henry Wallace juntou forças com a editora de longa data de Lew, mais os produtores da versão teatral de Ben-Hur, e processaram a produtora do filme.

Foi uma situação sem precedentes: a produtora da película, a Kalem Company, afirmou que o filme, na verdade, fazia propaganda do livro e da peça. Após três anos de recursos, o caso chegou à Suprema Corte, e a equipe de Wallace venceu. Kalem teve que pagar 25 mil dólares mais despesas judiciais, e o caso Ben-Hur estabeleceu que a proteção dos direitos autorais se estendia às adaptações para o cinema.

Não que a ideia de Kalem estivesse errada – Ben-Hur era obviamente perfeito para o cinema. Mas Henry Wallace queria esperar a tecnologia cinematográfica evoluir antes de vender os direitos. Parte do apelo do livro de seu pai era seu potencial de grande espetáculo; Henry precisava ter certeza de que o filme faria justiça ao livro. Em 1919, afinal, depois de esperar mais de uma década, ele vendeu os direitos por 600 mil dólares (quase 8,5 milhões em valores atualizados). Uma das condições originais de Lew foi mantida: Jesus não podia ser interpretado por um ator– a presença dele era inferida por uma mão, um pé ou uma pegada.

O filme levou sete anos para ser concluído e sua produção custou 4 milhões de dólares, o que fez dele a película mais cara do cinema mudo. O estúdio, MGM, acabou perdendo 1 milhão de dólares com a empreitada, mas o projeto rendeu tanto prestígio que a empresa se deu por satisfeita. Ainda assim, a vida útil de um filme mudo era curta, e, já em 1930, a versão em preto e branco de Ben-Hur (com Ramón Novarro estrelando como Judah) parecia estranha e ultrapassada. Foi na década de 1930, também, que o livro de Lew finalmente saiu das listas de best-sellers dos Estados Unidos, sendo substituído por outra saga histórica envolvente, E o vento levou, de Margaret Mitchell.

Ben-Hur continuou sendo um nome familiar na América, não apenas devido às milhões de cópias do livro nas prateleiras em todo o país, mas também por causa da série de produtos que levavam esse nome. Eles iam de seguro de vida a farinha de trigo, de charutos a bicicletas, de perfume a cercas. A empresa de mudanças Ben Hur continua na ativa, e os temperos Ben-Hur podem ser comprados com facilidade pelo site eBay. O livro de Lew tinha alcançado um público imenso paralelamente ao crescimento da cultura de consumo nos Estados Unidos. Anunciantes e publicitários perceberam que era bom ligar seus produtos a Ben-Hur, criando associações positivas na cabeça do público. Sabonetes e produtos para o cabelo faziam referência à mulher fatal egípcia Iras (interpretada no filme mudo, por incrível que pareça, por uma loira platinada). Bicicletas, carros, arreios, trenós e até óleo e gasolina eram vinculados à corrida de quadrigas. A empresa de barracas Ben-Hur foi bastante astuta, embora haja uma grande diferença entre uma barraca de camping e o

acampamento nômade que aparece no romance.

Quando chegou a década de 1950, a tecnologia cinematográfica tinha avançado bastante, mas o público do cinema estava sendo seduzido pela televisão. Era natural que Hollywood respondesse com o que a TV ainda não podia oferecer: épicos grandiosos e coloridos. A MGM novamente voltou sua atenção a Ben-Hur, e o imenso sucesso que resultou da nova adaptação, estrelada por Charlton Heston, quebrou todos os recordes: custo de produção, vendas antecipadas de ingressos, indicações ao Oscar. O filme faturou perto de 40 milhões de dólares no primeiro ano e foi relançado comercialmente em 1970. Desde então, as TVs o retransmitem com frequência, apesar da duração de 213 minutos.

E agora, mais de cinquenta anos depois, Ben-Hur volta às telonas, tirando proveito das inovações tecnológicas no cinema e retomando a história original de dois jovens com passados distintos, fazendo escolhas distintas. E de um terceiro homem, Jesus, cujo papel na Terra em nada se assemelha aos dos outros dois, mas que influencia a decisão final de Judah Ben-Hur, este obstinado herói.

Agradecimentos

Meu sobrinho Tom Burns me falou para ler o original de *Ben-Hur*. Então John Kilcullen da LightWorkers Media fez alguma mágica e me apresentou para Mark Burnett e Roma Downey, produtores executivos da magnífica nova versão do filme.

Agradeço a minha agente Emma Sweeney por seus conselhos sensatos, a Jan Miller e Lacy Lynch da Dupree/Miller & Associates por encontrarem o lar certo para o projeto.

Sou profundamente grata à equipe da Tyndale House: Karen Watson e Jan Stob no departamento de aquisições; Dean Renninger e Nicole Grimes no departamento de arte; Ruth Pizzi pelos mapas; Caleb Sjogren, Danika King e Sarah Mason Rische, incríveis editores de texto; Midge Choate, que nos manteve dentro da programação; Cheryl Kerwin e Katie Dodillet pela divulgação. Adorei principalmente trabalhar com a editora Erin Smith, que foi meticulosa, bem-humorada, persistente e inacreditavelmente rápida.

O General Lew Wallace Study and Museum em Crawfordsville, Indiana, foi um recurso importante para nosso livro, e assim somos todos gratos ao diretor Larry Paarlberg e à diretora associada Amanda McGuire.

Richard Bayles, como apenas mais um exemplo da sua generosidade, em uma conversa casual, me deu o final.

Meu marido, Rick Hamlin, foi, como sempre, infinitamente encorajador, compreensivo e prático. Eu dependo de muitas maneiras do bom senso dele.

E meu pai, William Wallace, um escritor como seu bisavô Lew, apaixonado pela história americana, teria ficado emocionado ao ver este livro.